



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
Departamento de Letras e Artes  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**  
**MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS - MEL**

**JAN CARLOS DIAS DE SANTANA**

**“TODOS OS CAMINHOS LEVAM A FEIRA DE SANTANA”:  
UMA VIAGEM SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ESTUDO DOS  
PRONOMES-OBJETO NO PORTUGUÊS URBANO FALADO**

Feira de Santana, BA  
2014

**JAN CARLOS DIAS DE SANTANA**

**“TODOS OS CAMINHOS LEVAM A FEIRA DE SANTANA”:  
UMA VIAGEM SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ESTUDO DOS  
PRONOMES-OBJETO NO PORTUGUÊS URBANO FALADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Pitombo Teixeira

Feira de Santana, BA  
2014

## Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

S223t Santana, Jan Carlos Dias de  
“Todos os caminhos levam a Feira de Santana”: uma viagem sociolinguística para o estudo dos pronomes-objeto no português urbano falado / Jan Carlos Dias de Santana. – Feira de Santana, 2014.  
211 f. : il.

Orientadora: Eliana Pitombo Teixeira.

Mestrado (dissertação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2014.

1. Sociolinguística. 2. Linguística – Variação. 3. Português – Fala – Feira de Santana, BA. I. Teixeira, Eliana Pitombo, orient.  
II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801(814.22)

**JAN CARLOS DIAS DE SANTANA**

**“TODOS OS CAMINHOS LEVAM A FEIRA DE SANTANA”:  
UMA VIAGEM SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ESTUDO DOS  
PRONOMES-OBJETO NO PORTUGUÊS URBANO FALADO**

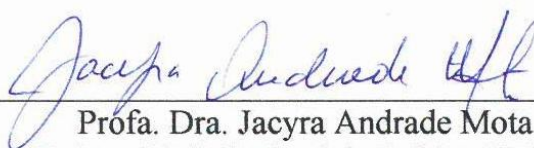
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovado em 13 de março de 2014.



---

Profa. Dra. Eliana Pitombo Teixeira  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS  
(Orientadora)



---

Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota  
Universidade Federal da Bahia - UFBA



---

Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Aos meus pais, Josenaldo e Vanilda,  
por me ensinarem a acreditar que dias melhores sempre virão;

aos meus familiares e amigos queridos,  
por estarem sempre ao meu lado aqui, ali, em qualquer lugar;

ao colega Átila Matos (*in memoriam*),  
por ter me despertado o interesse pelo estudo do *objeto nulo*;

aos feirenses e àqueles que se *feirensizaram*,  
assim como eu,

dedico esta dissertação.

## AGRADECIMENTOS

Para a realização desta viagem sociolinguística, pude contar com a presença de várias pessoas durante todo o trajeto feito. São tantos agradecimentos e tão especiais que começarei pelos “agradecimentos linguísticos”.

À Profa. Dra. Eliana Pitombo, orientadora querida e minha “mãe-acadêmica”. Obrigado por me iniciar e me guiar pelos caminhos da pesquisa sociolinguística! Sempre atenciosa, dedicada, cuidadosa, paciente e generosa. Nos meus momentos mais críticos, foi também carinhosa, compreensiva e solidária.

À Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida, sou infinitamente grato por ter me acolhido no Projeto A Língua Portuguesa Falada no Semiárido Baiano, acreditando na minha capacidade e contribuindo muito para o meu amadurecimento acadêmico. Obrigado pelo apoio no momento que mais precisei e pela contribuição no exame de qualificação.

À Profa. Dra. Jacyra Mota (UFBA), agradeço pelo interesse por meu trabalho e pelos sábios comentários na minha banca de qualificação.

À Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira que fez uma leitura cuidadosa do texto e trouxe grandes contribuições, mostrando-me mais caminhos que poderia (e deveria!) seguir. Agradeço pelas críticas construtivas e valiosas sugestões!

À Universidade Estadual de Feira de Santana, lugar que eu amo, obrigado por ter me proporcionado fazer parte mais uma vez da sua história, além do crescimento pessoal e profissional.

À Coordenação e Vice-Coordenação do Mestrado em Estudos Linguísticos (MEL), agradeço pelo efetivo apoio nas viagens de congressos, por serem solícitos, atenciosos e, inclusive, pelos “assustadores” *e-mails* com os lembretes de prazos a cumprir.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pela concessão da bolsa, que me permitiu dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos professores do MEL, Dra. Carla Luzia Carneiro Borges, Dra. Hely Dutra Cabral Fonseca, Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz, Dra. Maria Helena Besnosik (carinhosamente, profa. Malena) e Dra. Palmira Heine, agradeço pelos ensinamentos no curso de Mestrado.

À Profa. Dra. Denise Dias Gomes e Profa. Dra. Mariana Fagundes de Oliveira, em especial, agradeço pelo exemplo de profissionalismo e humanidade.

À funcionária Caroline Nunes (ou simplesmente Carol) do MEL, que sempre atendeu minhas solicitações com atenção e, sobretudo, delicadeza.

A todas as minhas colegas do MEL, sou muito grato pelo compartilhar da caminhada. Em especial, agradeço a Aline Santos, Luziane Amaral, Roseane Almeida, Soliane Souza e Graciely Macêdo, pelas parcerias nos trabalhos, pela companhia em vários congressos e por dividirmos não somente dúvidas, angústias e dificuldades, como também nossos conhecimentos, muitas conquistas e alegrias dentro e fora da “colmeia”. Obrigado, Abelhinhas, por serem pacientes com o Zangão ao longo desses dois anos de convivência!

À Aline, também disponho um agradecimento especial pela amizade genuinamente sincera e pelo *valioso gesto* ao me ajudar na organização das tabelas e gráficos.

Aos alunos da disciplina de estágio LET 111 – Língua Portuguesa XI, que se dedicaram aos estudos junto comigo para compreendermos alguns dos fenômenos morfossintáticos da língua portuguesa contemporânea, a fim de tornar mais dinâmico e funcional o ensino da gramática da língua portuguesa (ou seria brasileira?). Foi uma grande honra ter estes estudantes de Letras (Cristiane, Messias, Joseilda, Jusilene, Thayse e Luciene) como companheiros de viagem durante um período da pesquisa.

À Bibliotecária Gerusa Maria Teles de Oliveira, da Biblioteca Central Julieta Carteadó, agradeço imensamente pela compreensão ao realizar inúmeros empréstimos especiais e, inclusive, por abonar as minhas suspensões por atraso na devolução de livros.

Quanto aos “agradecimentos extralinguísticos”, agradeço a Deus, que com sua onipresença e grande poder renovava as minhas forças para superar os tantos obstáculos que pareciam impossibilitar a concretização de cada etapa da pesquisa e até mesmo de conclusão do curso.

Ao meu pai (Meu Dom Quixote) e minha mãe (Minha Fênix), sou muito grato pelas doses diárias de amor e de bons exemplos. Aprendi que se deve enfrentar as dificuldades com coragem e otimismo, sem jamais perder a fé. Agradeço também pelo apoio e incentivo que me são dados em qualquer “viagem” que eu faça.

À Família Dias e Família Santana, agradeço por me transmitirem muitos valores preciosos, por me apoiarem ao me verem sempre trilhando pelos caminhos do bem, fazendo-me sentir uma pessoa muito especial, e por compreender as minhas ausências.

A TODOS OS MEUS AMIGOS E AMIGAS, agradeço pela saudável e agradável amizade. Sem contar com a ajuda e compreensão de vocês, cada um a sua maneira, esta conquista não seria alcançada. Em especial, agradeço a Ariana, Eduardo (Toinho), Eduardo, Gilberto (Beto), Iann, Jairo, João Vitor (Vitão), Janivam, Maria Juliana, Mayane, Nil<sup>2</sup>, Natalie, Rita, Thomaz, Vânia, Victor e Wedson pelo apoio nos períodos de desalento, pelos *sms* solidários, pelos momentos de descontração, por tolerarem meus “devaneios” linguísticos, pelas inestimáveis ajudas durante a pesquisa e pelos incentivos: “Você vai conseguir!” / “Tu consegue!”

Enfim, reforço, aqui, os sinceros agradecimentos de um pesquisador *ainda* incipiente, a quem cabe toda a responsabilidade pelos eventuais erros e/ou omissões nesta dissertação.

## RESUMO

Nesta dissertação, desenvolvo um estudo sociolinguístico sobre o uso dos pronomes-objeto no português urbano falado, visando a observar quais os fatores que o condicionam. Empiricamente, faço uma descrição e análise das ocorrências dos pronomes objetos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas na função de complemento direto e indireto tendo como *corpus* as variedades popular e culta da cidade de Feira de Santana-BA. Para tal, adoto a Teoria da Variação e Mudança Linguística com base na proposta de que a variação na língua é motivada por fatores linguísticos e sociais (Labov, 1972). Fundamento-me nas definições atestadas pela Gramática Tradicional e em pesquisadores que apontam situações reais de uso sobre o tema pesquisado. São consideradas amostras de fala de três faixas etárias (faixa 1 (25 a 35 anos), faixa 2 (45 a 55 anos) e faixa 3 (a partir de 65 anos)) distribuídas em dois níveis de escolaridade (ensino fundamental e ensino superior completo) e sexo/gênero. O *corpus* analisado é composto por 24 entrevistas do tipo DID – Diálogos entre Informante e Documentador, sendo 12 para cada variedade linguística, pertencentes ao *Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*. Foi observado que coexistem estratégias na realização dos complementos verbais (clíticos, formas tônicas, pronomes lexicais, SNs/SPs e objeto nulo), permitindo encontrar evidências de processo de variação e, no que refere à 3ª pessoa, a preferência pelo objeto nulo, tanto no falar popular como no culto, já mostra uma tendência à mudança.

Palavras-chave: Pronomes-objeto. Primeira, segunda e terceira pessoas. Clíticos. Objeto nulo. Variação e mudança linguística.

## ABSTRACT

In this dissertation, I develop a sociolinguistic study on the use of the null object in urban spoken Portuguese in order to observe the factors that condition such use. Empirically, I make a description and an analysis of the occurrences of 1<sup>st</sup>, 2<sup>nd</sup> and 3<sup>rd</sup> persons object pronouns in the function of direct and indirect object based on a *corpus* which comprises popular and standard varieties of Portuguese spoken in Feira de Santana, Bahia. To reach this goal, I adopt the Theory of Language Variation and Change based on the assumption that linguistic change is motivated by linguistic and social factors (Labov, 1972). I base this study on definitions attested by Traditional Grammar and researchers that link real use situations on the topic searched. I consider speech samples of three age groups 1 (25-35 years), 2 (45-55 years) and 3 (from 65 years) distributed into two levels of education (primary and higher full education) and gender. The *corpus* consists of 24 interviews DID type - Dialogues between Informant and Documenter, 12 for each linguistic variety. The samples are part of *Língua Portuguesa no Semiárido Baiano Project*. It was observed coexisting strategies in expressing the verbal complements (clitics, tonic forms, lexical pronouns, NPs/SPs and null object), which permit to find evidence of change process. In relation to 3rd person, the preference for the null object, both in popular and standard varieties, already shows a tendency to change.

Keywords: Personal pronouns. First, second and third persons. Clitics. Null object. Variation and change.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Densidade demográfica da cidade de Feira de Santana no período de 1940 a 2010 .....	32
<b>Quadro 2.</b> Casos e pronomes da 1ª e 2ª pessoas do Latim Fonte: adaptado de Berge (1973) .....	44
<b>Quadro 3.</b> Transformações dos pronomes de 1ª pessoa .....	46
<b>Quadro 4.</b> Transformações dos pronomes de 2ª pessoa .....	46
<b>Quadro 5.</b> Casos e pronomes da 3ª pessoa do Latim e suas transformações .....	47
<b>Quadro 6.</b> Pronomes pessoais Fonte: Almeida (1961) .....	49
<b>Quadro 7.</b> Pronomes pessoais Fonte: Bechara (1975) .....	50
<b>Quadro 8.</b> Pronomes pessoais Fonte: Cegalla (1981) .....	51
<b>Quadro 9.</b> Pronomes pessoais Fonte: Cunha (1970) .....	52
<b>Quadro 10.</b> Pronomes pessoais Fonte: Rocha Lima (1978) .....	53
<b>Quadro 11.</b> Pronomes pessoais Fonte: Said Ali (1965) .....	53
<b>Quadro 12.</b> Pronomes pessoais atuais Fonte: Câmara Jr. (1970) .....	60
<b>Quadro 13.</b> Caracterização dos Informantes .....	86
<b>Quadro 14.</b> Distribuição dos clíticos de OD de 1ª e 2ª pessoas .....	113
<b>Quadro 15.</b> Distribuição das formas nominativas de OD de 1ª e 2ª pessoas .....	116
<b>Quadro 16.</b> Comparação das ocorrências de OD e OI de 1ª e 2ª pessoas .....	120
<b>Quadro 17.</b> Distribuição dos clíticos de OI de 1ª e 2ª pessoas .....	121
<b>Quadro 18.</b> Distribuição das formas tônicas de OI de 1ª e 2ª pessoas .....	125
<b>Quadro 19.</b> Distribuição das formas nominativas de OI de 1ª e 2ª pessoas .....	127
<b>Quadro 20.</b> Distribuição dos clíticos de OD de 3ª pessoa no <i>corpus</i> .....	131
<b>Quadro 21.</b> Distribuição das formas nominativas de OD de 3ª pessoa no <i>corpus</i> .....	136

<b>Quadro 22.</b> Distribuição das formas de SP anafórico no <i>corpus</i> .....	147
<b>Quadro 23.</b> Sistema pronominal em uso no português urbano falado em Feira de Santana-Ba .....	154

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> Cômputo geral da rodada clítico <i>x</i> objeto nulo de OD de 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> pessoas .....	112
<b>Gráfico 2.</b> Cômputo geral da rodada clítico <i>x</i> pronome lexical de OD de 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> pessoas .....	115
<b>Gráfico 3.</b> Cômputo geral da rodada clítico <i>x</i> objeto nulo de OI de 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> pessoas .....	121
<b>Gráfico 4.</b> Cômputo geral da rodada clítico <i>x</i> forma tônica de OI de 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> pessoas .....	125
<b>Gráfico 5.</b> Cômputo geral da rodada clítico <i>x</i> pronome lexical de OI de 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> pessoas .....	127
<b>Gráfico 6.</b> Cômputo geral da rodada objeto nulo <i>x</i> clítico de OD de 3 <sup>a</sup> pessoa .....	131
<b>Gráfico 7.</b> Cômputo geral da rodada objeto nulo <i>x</i> pronome lexical de OD de 3 <sup>a</sup> pessoa .....	136
<b>Gráfico 8.</b> Cômputo geral da rodada objeto nulo <i>x</i> SN anafórico de OD de 3 <sup>a</sup> pessoa .....	141
<b>Gráfico 9.</b> Cômputo geral da rodada objeto nulo <i>x</i> SP anafórico de OI de 3 <sup>a</sup> pessoa.....	147

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Distribuição geral das variantes de OD de 1ª e 2ª pessoas .....	111
<b>Tabela 2.</b> Ocorrências do clítico de OD de 1ª e 2ª pessoas em função da faixa etária na rodada objeto nulo <i>x</i> pronome lexical .....	116
<b>Tabela 3.</b> Ocorrências do clítico de OD de 1ª e 2ª pessoas em função da escolaridade na rodada objeto nulo <i>x</i> pronome lexical .....	117
<b>Tabela 4.</b> Ocorrências do clítico de OD de 1ª e 2ª pessoas em função do sexo/gênero do falante na rodada objeto nulo <i>x</i> pronome lexical .....	118
<b>Tabela 5.</b> Distribuição geral das variantes de OI de 1ª e 2ª pessoas no <i>corpus</i> .....	120
<b>Tabela 6.</b> Ocorrências do clítico de OI de 1ª e 2ª pessoas em função do gênero do discurso na rodada clítico <i>x</i> objeto nulo .....	123
<b>Tabela 7.</b> Ocorrências do clítico de OI de 1ª e 2ª pessoas em função do tipo de verbo na rodada clítico <i>x</i> objeto nulo .....	124
<b>Tabela 8.</b> Ocorrências do objeto nulo de OI de 1ª e 2ª pessoas em função da transitividade verbal na rodada clítico <i>x</i> forma tônica .....	126
<b>Tabela 9.</b> Ocorrências do clítico de OI de 1ª e 2ª pessoas em função da transitividade verbal na rodada clítico <i>x</i> forma tônica .....	126
<b>Tabela 10.</b> Ocorrências do clítico OI de 1ª e 2ª pessoas em função do tipo de verbo na rodada clítico <i>x</i> pronome lexical .....	128
<b>Tabela 11.</b> Ocorrências do clítico de OI de 1ª e 2ª pessoas em função da transitividade verbal na rodada clítico <i>x</i> pronome lexical .....	128
<b>Tabela 12.</b> Distribuição geral das variantes de OD de 3ª pessoas no <i>corpus</i> .....	130
<b>Tabela 13.</b> Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa e função do traço semântico do antecedente na rodada objeto nulo <i>x</i> clítico .....	132
<b>Tabela 14.</b> Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função da estrutura sintática da frase na rodada objeto nulo <i>x</i> clítico .....	132
<b>Tabela 15.</b> Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do tempo e modo verbais na rodada objeto nulo <i>x</i> clítico .....	133
<b>Tabela 16.</b> Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do sexo/gênero do informante na rodada objeto nulo <i>x</i> clítico .....	134

<b>Tabela 17.</b> Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do traço semântico do antecedente na rodada objeto nulo <i>x</i> pronome lexical .....	137
<b>Tabela 18.</b> Ocorrências de objeto nulo de 3ª pessoa em função do paralelismo formal na rodada objeto nulo <i>x</i> pronome lexical .....	137
<b>Tabela 19.</b> Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função da concretude do antecedente na rodada objeto nulo <i>x</i> pronome lexical .....	139
<b>Tabela 20.</b> Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do tipo de oração na rodada objeto <i>x</i> pronome lexical .....	140
<b>Tabela 21.</b> Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do paralelismo formal na rodada objeto nulo <i>x</i> SN anafórico .....	141
<b>Tabela 22.</b> Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do traço semântico do antecedente na rodada objeto nulo <i>x</i> SN anafórico .....	142
<b>Tabela 23.</b> Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do tipo de oração na rodada objeto nulo <i>x</i> SN anafórico .....	143
<b>Tabela 24.</b> Distribuição geral das variantes de OI de 3ª pessoa no <i>corpus</i> .....	146
<b>Tabela 25.</b> Ocorrências de objeto nulo de OI de 3ª pessoa em função do tempo e modo verbais na rodada objeto nulo <i>x</i> SP anafórico .....	148
<b>Tabela 26.</b> Ocorrências de objeto nulo de OI de 3ª pessoa em função do tipo de verbo na rodada objeto nulo <i>x</i> SP anafórico .....	149
<b>Tabela 27.</b> Ocorrências de objeto nulo de OI de 3ª pessoa em função do gênero do discurso na rodada objeto nulo <i>x</i> SP anafórico .....	150
<b>Tabela 28.</b> Ocorrências de objeto nulo de OI de 3ª pessoa em função da transitividade verbal na rodada objeto nulo <i>x</i> SP anafórico .....	151

## SUMÁRIO

<b>O ROTEIRO DA VIAGEM: CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>1 PONTO DE PARTIDA: CAMINHANDO POR TERRAS FEIRENSES .....</b>	<b>21</b>
1.1 “CONHECENDO FEIRA DE SANTANA”: DADOS HISTÓRICOS .....	21
1.2 “OLHARES SOBRE A CIDADE, A PRINCESA DO SERTÃO” .....	26
<b>1.2.1 O processo de urbanização feirense e a sua população .....</b>	<b>26</b>
1.3 “A PAISAGEM URBANA E O HOMEM”: ALGUNS ASPECTOS SOBRE O CONTATO LINGUÍSTICO EM FEIRA DE SANTANA .....	37
<b>2 PONTO DE APOIO: OS PRONOMES PESSOAIS NA LÍNGUA PORTUGUESA ..</b>	<b>44</b>
2.1 DO LATIM AO PORTUGUÊS: BREVE HISTÓRICO DOS PRONOMES PESSOAIS .....	44
2.2 O QUADRO PRONOMINAL NO BRASIL .....	48
<b>2.2.1 O que diz a literatura gramatical sobre os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas .....</b>	<b>49</b>
<b>2.2.2 A natureza do fenômeno estudado: algumas particularidades no uso dos pronomes- objeto direto e indireto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas no português brasileiro .....</b>	<b>55</b>
2.3 CLÍTICOS, FORMAS TÔNICAS, PRONOMES LEXICAIS, SNs/SPs E OBJETO NULO .....	64
<b>2.3.1 Os pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas .....</b>	<b>64</b>
2.3.1.1 Função acusativa .....	64
2.3.1.2 Função dativa .....	67
<b>2.3.2 Os pronomes-objeto de 3ª pessoa .....</b>	<b>68</b>
2.3.2.1 Função acusativa .....	68
2.3.2.2 Função dativa .....	74
<b>3 BAGAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b>	<b>77</b>
3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA .....	77
3.2 DADOS DA PESQUISA .....	85
<b>3.2.1 O <i>corpus</i> linguístico .....</b>	<b>85</b>
<b>3.2.2 A seleção dos dados .....</b>	<b>87</b>
<b>3.2.3 Variáveis analisadas .....</b>	<b>89</b>
3.2.3.1 Os pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas .....	90
3.2.3.1.1 <i>Variáveis linguísticas</i> .....	90
3.2.3.1.2 <i>Variáveis sociais</i> .....	97
3.2.3.2 Os pronomes-objeto de 3ª pessoa .....	98
3.2.3.2.1 <i>Variáveis linguísticas</i> .....	98
3.2.3.2.2 <i>Variáveis sociais</i> .....	105

<b>4 O “SOTAQUE SINTÁTICO” DO FALAR FEIRENSE: A DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>109</b>
4.1 QUANTIFICAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DOS PRONOMES-OBJETO DE 1ª, 2ª E 3ª PESSOAS E AS VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE RELEVANTES .....	109
4.2 PORTUGUÊS POPULAR <i>VERSUS</i> PORTUGUÊS CULTO: O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DA COMUNIDADE DE FALA ESTUDADA .....	110
<b>4.2.1 Os pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas</b> .....	<b>110</b>
4.2.1.1 Função acusativa .....	110
4.2.1.2 Função dativa .....	118
<b>4.2.2 Os pronomes-objeto de 3ª pessoa</b> .....	<b>129</b>
4.2.2.1 Função acusativa .....	129
4.2.2.2 Função dativa .....	145
4.3 “VOU-ME EMBORA”: ALGUMAS OBSERVAÇÕES .....	152

<b>CONCLUINDO A VIAGEM E EM BUSCA DE OUTROS CAMINHOS</b> .....	<b>156</b>
--	------------

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>158</b>
--------------------------	------------

## APÊNDICE

<b>APÊNDICE A</b> - “A cidade ontem e hoje: ruas, praças, estradas, becos e avenidas” .....	<b>169</b>
---	------------

## ANEXOS

<b>ANEXO A</b> - Caracterização Territorial .....	<b>182</b>
<b>ANEXO B</b> - Divisão Geo-Econômica de Feira de Santana .....	<b>183</b>
<b>ANEXO C</b> - Região Metropolitana de Feira de Santana - População .....	<b>184</b>
<b>ANEXO D</b> - População Residente do Subdistrito da Mangabeira por Bairros, Sexo e Faixa Etária no Município de Feira de Santana, Bahia – 2010 .....	<b>185</b>
<b>ANEXO E</b> - População Residente do Subdistrito Pampalona por Bairros, Sexo e Faixa Etária no Município de Feira de Santana, Bahia – 2010 .....	<b>187</b>
<b>ANEXO F</b> - População Residente do Subdistrito Santana, por Bairros, Sexo e Faixa Etária no Município de Feira de Santana, Bahia – 2010 .....	<b>189</b>
<b>ANEXO G</b> - População Residente do Subdistrito Santo Antonio por Bairros, Sexo e Faixa Etária no Município de Feira de Santana, Bahia – 2010.....	<b>193</b>
<b>ANEXO H</b> - População Residente do Subdistrito Subaé por Bairros, Sexo e Faixa Etária no Município de Feira de Santana, Bahia – 2010.....	<b>195</b>
<b>ANEXO I</b> - População, Área, Densidade Demográfica e Taxa de Crescimento Anual por Bairros no Município de Feira de Santana, Bahia 2000 /2010 .....	<b>197</b>
<b>ANEXO J</b> - Estatísticas Populacionais .....	<b>198</b>
<b>ANEXO K</b> - População Residente por Faixa Etária e Sexo Segundo os Distritos no Município de Feira de Santana, Bahia – 2010 .....	<b>199</b>
<b>ANEXO L</b> - População Residente, por Deslocamento para Trabalho ou Estudo no Município de Feira de Santana, Bahia – 2000 .....	<b>200</b>
<b>ANEXO M</b> - População Residente por Sexo, Cor e Raça no Município de Feira de Santana, Bahia 1980 – 2010 .....	<b>201</b>

<b>ANEXO N</b> - Emigrantes Internacionais, por Sexo, Segundo os Países Estrangeiros de Destino no Município de Feira de Santana, Bahia – 2010 .....	202
<b>ANEXO O</b> - População Residente, por Lugar de Nascimento de sexo no Município de Feira de Santana, Bahia 1970/2000 .....	206
<b>ANEXO P</b> - População Residente Alfabetizada e Não Alfabetizada, Segundo a Faixa Etária no Município de Feira de Santana, Bahia – 2000 .....	209
<b>ANEXO Q</b> - Matrícula Inicial por Série no Ensino do Pré - Escolar, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação Especial e Educação de Jovens d Adultos Segundo a Dependência Administrativa no Município de Feira de Santana, Bahia – 2006 .....	210

## O ROTEIRO DA VIAGEM: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É necessário definir uma opção de abordagem para realizar uma viagem. Ao planejar esta, tive o cuidado de organizar o itinerário. Optei por manter o foco nos fenômenos de variação e mudança que caracterizam a dinâmica das línguas, objetivando verificar o emprego dos pronomes-objeto de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas porque muitos estudos que são feitos sobre o português brasileiro têm mostrado seus distintos usos<sup>1</sup>. Alguns desses pronomes possuem baixa produtividade na fala, outros foram recategorizados, além do surgimento de novas estratégias para representá-los. Ao fazer essa constatação, também observei a possibilidade de o falante não usar um objeto direto ou indireto, apagando-o<sup>2</sup>.

Conseqüentemente, surgiram-me questionamentos que precisavam ser respondidos, sendo o principal deles: quais seriam os contextos que inibem ou favorecem a realização e o apagamento do pronome-objeto no português falado? E foi este questionamento inicial que acabou culminando no desenvolvimento desta dissertação. Abaixo, aloco alguns paradigmas existentes referentes ao uso variável na posição de objeto de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas:

Zé me viu ~ Zé viu eu

Zé o matou ~ Zé matou ele ~ Zé matou o homem ~ Zé matou Ø<sup>3</sup>

Zé perguntou a mim ~ Zé perguntou a eu

Zé te ama ~ Zé ama você ~ Zé lhe ama

Zé sorriu pra ti ~ Zé sorriu pra você

Zé lhe falou ~ Zé falou pra ele

Zé saiu conosco ~ Zé saiu com a gente

Zé nos encontrou ~ Zé encontrou nós ~ Zé encontrou a gente

<sup>1</sup> A Gramática Tradicional utiliza a terminologia *pronome oblíquo* para aqueles que desempenham a função de objeto e *pronome reto* para os que desempenham a função de sujeito. Neste estudo, utilizo as terminologias *pronome-objeto* e *pronome-sujeito* quando me refiro às respectivas funções.

<sup>2</sup> Quando me referir a este fenômeno, utilizarei a terminologia *objeto nulo*, a mesma adotada por Cyrino (1996), visto que alguns autores empregam a terminologia *categoria vazia*.

<sup>3</sup> Utilizo esse símbolo para indicar o apagamento do objeto, seguindo Câmara Jr. (1997 [1970]) que, ao tratar sobre a estrutura da língua portuguesa, chama de *morfema zero* a ausência ou a não realização fonética de um morfema e faz uso de Ø para representá-lo, opondo-o ao morfema de plural cujo símbolo é /S/.

Desse modo, viu-se a necessidade de investigar quais fatores condicionam esses usos, principalmente, no que diz respeito aos contextos de ocorrências de objeto nulo. No entanto, onde poderia ser realizado esse estudo? Pelo fato de a cidade de Feira de Santana, localizada no Estado da Bahia, ser um expressivo centro comercial urbano, ela foi a comunidade de fala escolhida como destino desta viagem. “Com um bom planejamento, essa assimilação começa antes mesmo do embarque, com o conhecimento prévio sobre a cultura e a história do destino a ser visitado.”<sup>4</sup> Por isso, no capítulo 1, intitulado *Ponto de partida: caminhando por terras feirenses*, procuro entender a sua história de ocupação e formação social a partir do forte e constante processo migratório e, conseqüentemente, dos contatos linguísticos que sem dúvida são estabelecidos nessas terras por pessoas que vêm de diferentes lugares do Brasil. Atento para o acelerado processo de desenvolvimento econômico que a cidade passou nas últimas décadas, originando um grande cenário propício para todo tipo de venda, compra ou troca, inclusive no seu “mercado linguístico”<sup>5</sup>.

Outra etapa da viagem é fazer um pequeno estudo sobre o que pode ser visto de interessante no local de destino. Por conta disso, no capítulo 2, intitulado *Ponto de apoio: os pronomes pessoais na língua portuguesa*, exponho um breve panorama histórico dos pronomes pessoais do Latim ao Português. Depois, mostro algumas abordagens de gramáticos e estudiosos sobre o sistema pronominal brasileiro e apresento alguns resultados de pesquisa que já trataram sobre o uso dos pronomes como complemento direto e indireto.

O que levar na bagagem? Para garantir que a viagem fosse mais eficiente, carreguei a punho a Teoria da Variação e Mudança Linguística. No capítulo 3, intitulado *Bagagem teórico-metodológica*, discorro sobre os pressupostos básicos considerados, a partir dos principais conceitos desenvolvidos por essa teoria. Mostro as diretrizes metodológicas que foram seguidas, apresentando o passo a passo da arrumação, do que foi levado em consideração, ou seja, o que “combinasse” ou não com o que seria feito. Apresento o *corpus* linguístico, o perfil dos sujeitos que serviram de informantes e os critérios da seleção dos dados. “A pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível,”<sup>6</sup> por essa razão, foram aventadas algumas hipóteses. “É preciso encarar o fato de que, mesmo nas pesquisas quantitativas, a subjetividade do pesquisador está presente. Na escolha do tema, no roteiro de

---

<sup>4</sup> CAMPOS, Mari (2012, p. 15).

<sup>5</sup> A esse respeito sugiro a leitura de Pierre Bourdieu (1994).

<sup>6</sup> GOLDENBERG, Mirian (1999, p. 11).

perguntas, na bibliografia consultada e na análise do material coletado, existe um autor, um sujeito que decide os passos a serem dados.”<sup>7</sup>

“Nada costuma ser tão atraente numa viagem quanto às peculiaridades cotidianas, tornando-se ainda mais interessante devido à heterogeneidade do destino.”<sup>8</sup> Então, como toda viagem tem a sua singularidade, no capítulo 4, intitulado *O “sotaque sintático” do falar feirense: a descrição e análise dos resultados*, delinco as peculiaridades dos feirenses quanto à realização dos pronomes-objeto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas. Exponho o resultado da seleção estatística das variáveis mais relevantes que influenciam no uso do clítico (para 1ª e 2ª pessoas) e do objeto nulo (para 3ª pessoa), visto que considereei essas variantes como regra de aplicação do fenômeno ora estudado. Teço algumas considerações sobre o atual sistema pronominal usado pelos feirenses.

Depois desse capítulo, concluo a dissertação com as considerações finais, trazendo à baila os resultados obtidos sobre o uso do pronome-objeto no português urbano feirense, destacando os aspectos de maior relevância na sistematização do fenômeno variável estudado.

Assim, consegui realizar esta viagem sociolinguística.

---

<sup>7</sup> Ibid., p. 14.

<sup>8</sup> CAMPOS (2012, p. 15).

# Capítulo 1

Salve ó terra formosa e bendita  
Paraíso com o nome de Feira  
Toda cheia de graça infinita  
És do norte a princesa altaneira

Bem nascida entre verdes colinas  
Sob o encanto de um céu azulado  
Ao estranho tu sempre dominas  
Com o poder do teu clima sagrado

Sorridente como uma criança  
Descuidosa da sua beleza  
Do futuro és a linda esperança  
Terra moça de sã natureza

Poetisa do branco luar  
Pelas noites vazias de agosto  
Fiandeira que vive a fiar  
A toalha de luz de sol posto

De Santana és a filha querida  
Noite e dia por ela velada  
E o teu povo tão cheio de vida  
Só trabalha por ver-te elevada

Georgina Erismann,  
*Hino à Feira* (1928)

## 1 PONTO DE PARTIDA: CAMINHANDO POR TERRAS FEIRENSES

Neste capítulo, procuro entender o processo de formação das bases que possibilitaram Feira de Santana se tornar um expressivo centro urbano. Por meio de uma síntese de sua evolução histórica, do seu grande desenvolvimento econômico e descrição da atual realidade, mostro a configuração sócio-histórica feirense, buscando responder a pergunta: *O que faz a feira, Feira?*<sup>9</sup>

### 1.1 “CONHECENDO FEIRA DE SANTANA”: DADOS HISTÓRICOS

No sentido de viabilizar a colonização no Brasil, foi adotado o sistema de Capitânicas Hereditárias. A partir disso, D. João III ordenou a demarcação em capitânicas das terras brasileiras que iam de Pernambuco até o rio da Prata, sendo, logo após, expedidas as cartas de doação aos capitães donatários, dando-lhes amplos poderes (exercidos sempre em nome do Rei) e a incumbência de prestar contas da vida social, política e econômica da Colônia. De acordo com Celeste Pacheco Andrade (1990):

Nas cartas de doação de capitânicas, a Coroa portuguesa cedia ao donatário um número de léguas de terra permitindo-lhe, inclusive, jurisdição civil e criminal. Constava ainda atribuir-lhe poder para tomar posse da terra, usufruir das suas rendas e de todas as coisas compreendidas na doação. (ANDRADE, 1990, p. 22)

Nesse contexto, e ainda com o objetivo de distribuir o solo brasileiro, foi normatizado o regime de Sesmarias, consistindo este no principal sistema agrário no Brasil Colonial por causa da concessão do uso da terra, sendo uma exigência a obrigatoriedade do seu cultivo. Nesse período, os sertões ainda estavam despovoados e isso poderia causar “grandes prejuízos” ao desenvolvimento da Colônia. Então, nas primeiras décadas do século XVI, as terras do sertão da Bahia começaram a ser apossadas por Francisco Dias d’Ávila e Antônio Guedes de Brito, dois bandeirantes que se tornaram sesmeiros e latifundiários notáveis, por transformarem suas propriedades de terra em grandes léguas de extensão e por serem bons pecuaristas (ANDRADE, 1990).

---

<sup>9</sup> Trata-se esta pergunta de uma analogia que faço ao título do famoso livro *O que faz o Brasil, Brasil?*, do antropólogo Roberto Damatta. Nesse texto, ele mostra o que é mais peculiar no cotidiano brasileiro e eu aqui revelo aspectos da história, da cultura, das paisagens e dos costumes feirenses.

Na Capitania de Paraguaçu, havia a *sesmaria dos Tocós* e, em 1609, parte dela foi concedida a Antônio Guedes de Brito. Provavelmente, em 1619, a outra parte, que englobava terras e campos de Itapororocas, Jacuípe e Água Fria, foi concedida, a João Lobo Mesquita, fazendeiro do Recôncavo. Em meados do século XVII, por volta do ano de 1650, o desbravador e povoador João Peixoto Viegas adquiriu essa sesmaria quase que inexplorada, começando a instalar fazendas e currais de gado (GALVÃO, 1982).

Com a sua fixação nos campos de Itapororocas, João Peixoto Viegas construiu a primeira casa e a primeira capela do local, essa em homenagem a São José. Por ali, passava uma estrada percorrida por boiadeiros e gados trazidos do sertão baiano, do Piauí, Minas Gerais, Goiás e regiões circunvizinhas, fazendo com que o lugarejo se desenvolvesse e se povoasse mais com a chegada de novas famílias. A partir da crescente entrada de pessoas e caravanas de tropeiros, houve um aumento do prestígio político bem como religioso de São José das Itapororocas, instalando-se pequenas feiras livres e de gado. Depois do falecimento do seu fundador e patriarca da família Peixoto Viegas, algumas fazendas suas foram vendidas e doadas, sendo que uma vasta extensão da sesmaria foi revertida à Coroa Portuguesa, que redistribuiu a terra para outras pessoas, a fim de incrementar mais povoamento e o desenvolvimento na região (MORAIS 1998, 2004).

Uma dessas fazendas estava localizada a três léguas ao sul do Arraial de São José das Itapororocas e se chamava *Fazenda Olhos d'Água* porque as terras eram circundadas de mananciais que têm por denominação “olhos d'água”. Depois da concessão, ela passou a ter como seus donos o casal católico Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão<sup>10</sup>, que ali se alojaram no início do século XVIII, entre 1705 e 1710, alterando o seu nome para *Fazenda Sant'Anna dos Olhos d'Água* e construíram uma capela<sup>11</sup> em devoção a Senhora Sant'Anna, tornando-se um ponto de encontro de moradores daquela e de outras localidades que

---

<sup>10</sup> Em alguns registros históricos, encontra-se também a denominação Ana Brandoa, uma alteração popular para Brandão. Ademais, segundo Galvão (1982, p. 27): “Os Brandões e Barbosas de Araújo são velhos troncos radicados no Recôncavo Baiano; estes, a São Francisco do Conde e aqueles, ao Iguape.” Não sendo o casal de descendência genuinamente portuguesa como muito se fala por aqui.

<sup>11</sup> De acordo com Kátia Mattoso (1992, p. 137), “a capela [...] era uma instituição de caráter religioso, feita para expressar a piedade de seus fundadores, que destinavam as rendas de certa área territorial para a construção e conservação de um templo”. Essa construção se deu em 1732, ou seja, quase cem anos depois de João Peixoto Viegas ter fundado o lugarejo de São José das Itapororocas e foi nomeada *Capela Sant'Anna dos Olhos d'Água*. A partir dos dados historiográficos consultados, compreendi que ela foi construída no Alto da Boa Vista, a 100 braças em quadra de terras do casarão-sede da fazenda (local onde atualmente estão as praças Mons. Galvão e Padre Ovídio) e não onde hoje é o bairro Olhos d'Água (local onde ainda se preserva o casarão), como muitos pensam.

professavam o catolicismo para realizarem orações e outras atividades religiosas (POPPINO, 1968; MORAIS, 1998; CARMO, 2009).

Ao redor dessa fazenda, ficavam algumas propriedades que tinham as suas culturas de mandioca, milho, fumo, feijão, algodão, cana de açúcar e seus criatórios de bovino, ovino, suínos e que também expunham as suas mercadorias à venda em feirinhas. Na primeira metade do século XVIII, em 1732, desenvolveu-se uma feira semanal, na fazenda Sant'Anna dos Olhos d'Água, pelas redondezas da capela. A fazenda era atravessada por uma das principais estradas da região, conhecida como *Estrada Real* ou *Estrada das Boiadas*, o fluxo de pessoas que viajavam a pé e de “vaqueiros encourados” que levavam o gado para ser vendido em Cachoeira, Santo Amaro e Salvador era muito grande<sup>12</sup>. Tais vaqueiros conduziam as boiadas que vinham de regiões circunvizinhas e do alto sertão da Bahia de modo que muitos deles costumavam parar a fim de descansar ou até pernoitar nas proximidades da nova capela e alguns tropeiros até traziam mercadorias de outros Estados para serem vendidas. Assim sendo, o local passou a ser mais frequentado devido ao dinamismo econômico com a oferta de produtos agrícolas e, principalmente, pecuários; inclusive, proprietários de outras fazendas apareciam para comercializar seus produtos ou apenas iam “resolver os seus negócios”. Isso fez com que se formasse uma grande feira livre (ANDRADE, 1990; MORAIS, 1998, 2004; CARMO, 2009).

Mediante o crescimento da *feira de Sant'Anna dos Olhos d'Água*, no Alto da Boa Vista, o povoamento ao redor da *Capela de Sant'Anna dos Olhos d'Água* foi iniciado. Barracos feitos de taipa ou massapê e cobertos de palha começaram a ser construídos, por conta disso, o lugarejo recebeu o nome de *Arraial da Feira de Sant'Anna dos Olhos d'Água*, ainda em meados do século XVIII, e “a população da área não seria tão rarefeita como se pensa.” (GALVÃO, 1982, p. 29).

No início do século XIX, a localidade já se tornou conhecida por ser “um entreposto comercial de vida própria” e considerada “o maior arraial da paróquia de São José das Itapororocas” (POPPINO, 1968, p. 21), passando para a categoria de *povoado* em 1819. Surgiu, assim, um povoado humilde com casas de barro e chão de terra batida e a iluminação

---

<sup>12</sup> Segundo Carmo (2009, p. 120), essas estradas, na verdade, “não passavam de meros caminhos que apenas permitiam o tráfego de pessoas a pé ou em lombos de animais, a passagem de boiadas e de carros-de-boi, utilizados principalmente no transporte de cargas, que perdurou até 1917.” A primeira “estrada carroçável” foi construída no período de 1859 a 1861, ligando a cidade feirense a Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, e, no período de 1917 a 1938, por incentivo do Estado, do município de por particulares, foram construídas muitas novas “estradas de rodagem”, possibilitando uma maior circulação de pessoas e mercadorias entre Feira de Santana e cidades circunvizinhas. Depois, com o “sistema de rodovias”, foi possível chegar até outras localidades dentro e fora da Bahia (POPPINO, 1968).

feita com velas, candeeiros de querosene ou lamparinas. As ruas eram pequenas e tortuosas e havia apenas duas praças: a da Matriz e a do Comércio, era desprovida de infraestrutura básica, mas a sua situação geográfico-econômica impulsionou o seu crescimento a ponto de (em 1833, por meio de um decreto imperial) o povoado passar a categoria de *vila*, com a criação de uma sede correspondente a uma área de 12.000 km<sup>2</sup>, desmembrada da freguesia de São José das Itapororocas e, conseqüentemente, independente do município de Cachoeira. Recebeu o nome de *Villa do Arraial da Feira de Sant'Anna*, além do título de *Empório do Sertão Baiano*. Ela cresceu mais que os povoados já existentes na época e até mesmo que o primeiro da região, o povoamento de São José das Itapororocas<sup>13</sup> (FREITAS, 1998; CARMO, 2009).

O destaque político, econômico e social que a localidade desfrutava na província da Bahia era tanto que despertou o interesse da Família Imperial em conhecê-la. O Imperador D. Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina, com a sua comitiva em uma excursão pelas províncias do Norte, passaram por terras feirenses entre os dias 6 e 7 de novembro de 1859. Assim, tendo a sua localização próxima a Salvador e como base econômica o comércio – venda/compra do gado, de produtos agrícolas e alimentícios de regiões diversas – o governo imperial, em 1873, eleva a vila à categoria de *cidade*, com o nome de *Cidade Comercial de Feira de Sant'Anna*.

Este registro dá a entender que a organização urbana feirense, na segunda metade do século XIX, já se mostrava com “ares de cidade grande” e não se tratava de um “lugar comum” entre as outras cidades baianas,

[...] é uma cidade adiantada, limpa, de ruas espaçosas, excelentes edifícios, grande casa da Câmara, bonitinho e asseado quartel-cadeia; está embelezada com bonitas, modernas e perfeitamente sortidas casas comerciais, açougues higienicamente preparados em tudo superiores aos da nossa capital, decentes repartições públicas, dois hotéis, teatro, etc. (AGUIAR, 1979 apud SANTOS, 2008, p. 24)

A então cidade apresentou características próprias, divergindo da realidade da época, constituindo-se em um centro coletor e distribuidor de bens. O crescente ritmo de desenvolvimento da então cidade exigiu a construção de mais praças e de ruas largas, nas quais começaram a ser instaladas casas comerciais em grande quantidade, para atender à

---

<sup>13</sup> É interessante salientar que esse lugar, que deu origem à história da cidade em estudo e do seu povo, hoje é um dos seus distritos. O nome de São José das Itapororocas foi trocado para Maria Quitéria, em 1938, como forma de homenagem a essa mulher nascida no sítio do Licurizeiro (1792?), uma pequena propriedade lá localizada, porque ela foi uma militar brasileira, reconhecida como heroína da Guerra da Independência e patronesse do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro. Para muitos de seus conterrâneos, é a Joana d'Arc brasileira.

população que crescia somada à chegada de baianos, brasileiros e estrangeiros que passaram a adotá-la como moradia (FREITAS, 1998; CARMO, 2009). Ela deixou de ser uma “cidadezinha esquecida [e desconhecida!] no longínquo sertão silencioso / Cidadezinha distante, perdida nesse sertão sem fim...”.<sup>14</sup>

No início do século XX, a cidade começou a ficar mais urbanizada, recebendo projeto de arborização e passando a ter calçamento feito com paralelepípedos e uma iluminação, contando com 120 lâmpadas, feita por um motor dinamarquês. Ela ganhou uma agência do Banco do Brasil e recebeu a ilustre visita, em 1919, do jurista Ruy Barbosa que, proferindo um discurso, a apelida de *Princesa do Sertão*<sup>15</sup>. Em 1927, foi inaugurada a Escola Normal, que visava a formação de professores, transformando-se em um verdadeiro “orgulho feirense” por movimentar mais a cidade economicamente e por preparar “mestres para o sertão”. No Governo de Getúlio Vargas, os decretos estaduais de números 7.479 e 7.566, de 23 de junho e 8 de agosto de 1931, respectivamente, simplificaram o nome da cidade para *Feira*. Esta denominação, todavia, foi modificada, mais uma vez, para o atual topônimo de *Feira de Santana*<sup>16</sup>, a partir da vigência do decreto estadual nº. 11.089, de 30 de novembro de 1938<sup>17</sup> (MORAIS, 1998).

Durante as décadas de 1920, 1930 e 1940, Feira de Santana passou por mais uma série de transformações nas “feições agrárias” que ainda possuía, modernizando-se. No mês de abril de 1937, a cidade realizou a primeira festa de Micareta do Brasil. Em 1957, encanou-se a água que era captada da Lagoa Grande e sistema de iluminação foi melhorado. Durante os anos 40, 50 e 60, o processo de desenvolvimento cultural e econômico foi ainda maior. A partir dos anos 70, iniciou-se a industrialização com o Centro Industrial de Feira de Santana (CIFS) e o Centro Industrial do Subaé (CIS) (FREITAS, 1998). Essa implementação de indústrias e o seus ganhos de infraestrutura fizeram a cidade ter, em pleno século XXI,

---

<sup>14</sup> Trecho do poema *Canção para uma cidadezinha desconhecida*, escrito em 1928 (cf. BOAVENTURA, M. E., 1990).

<sup>15</sup> Esse apelido se propaga até hoje e outras personalidades também já deram outros apelidos, como o historiador Pedro Calmon (“Porta Áurea da Bahia”); a heroína Maria Quitéria (“Cidade Patriótica”); Padre Ovídio de São Boaventura (“Cidade Escola”); a poetisa Georgina Erismann (“Cidade Formosa e Bendita”); o presidente Jânio Quadros (“Cidade Progresso”). Atualmente, também é denominada de “Portal do Sertão” (CARMO, 2009).

<sup>16</sup> “Feira” devido à característica marcante do comércio semanalmente realizado durante o seu surgimento, sendo o elemento primordial para o desenvolvimento da cidade até os dias atuais, e “Santana”, sofrendo uma aglutinação de Santa Ana, porque era, e ainda é, a padroeira da localidade. Antes de o nome ser padronizado, ao longo de sua história possuía várias grafias: Feira de Santa Ana, Feira de Santa Anna, Feira de Sanct’Ana e Feira de Sant’Ana (CARMO, 2009).

<sup>17</sup> No entanto, é muito comum ouvir por aqui pessoas chamando esta cidade somente por Feira, como se fosse um apelido carinhoso.

características benéficas e maléficas de muitas capitais brasileiras, no que tange à educação, desigualdade social, segurança, infraestrutura etc, conforme mostrarei mais adiante.

No entanto, esse intercâmbio de atividades econômicas, iniciado na pecuária e hoje com os pólos industriais, incentiva o crescimento local e a sua vinculação com o restante do país, fazendo com que a cidade de Feira de Santana ganhe típicas características de um grande centro urbano e ostente a posição de “Capital Regional”, “Metrópole Interiorana” e “Capital do Interior Nordestino” (cf. Anexos A, B e C).

## 1.2 “OLHARES SOBRE A CIDADE, A PRINCESA DO SERTÃO”

De acordo com Roberto Lobato Corrêa (1989),

o espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se [...] no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura extensão. (CORRÊA, 1989, p. 7)

Feira de Santana se enquadra perfeitamente nessa caracterização. No seu espaço urbano, vê-se o fluxo de pessoas e de veículos associados às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos diários entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, às idas aos cultos religiosos ou para compras no centro da cidade ou em lojas e supermercados do bairro, às visitas aos parentes e amigos, aos passeios no *shopping* e parques (CORRÊA, 1989). É do que tratarei em detalhe na próxima subseção.

### 1.2.1 O processo de urbanização feirense e a sua população

Feira de Santana se desenvolveu, assim como a maior parte das cidades brasileiras, sem um planejamento prévio, no entanto, essa cidade “foi construída com inteligência. Seu traçado é quase perfeito. Isto não foi difícil devido ao imenso planalto que se apresentou aos primeiros construtores” (SAMPAIO, 1977 apud CARMO, 2009, p. 150). Até o final do século XVIII, a “mancha urbana” se limitava ao núcleo central da fazenda e assim permaneceu até o

final do século XIX. Essa configuração mudou porque, como já mencionei anteriormente, ao lado da feira livre semanal surgiu uma feira de gado por conta da grande quantidade de boiadas e vaqueiros que transitava pela região. Assim, a venda de gado na Fazenda Sant´Anna dos Olhos d´Água foi se consolidando como a mais movimentada e acabou superando a feira de Capuame (atual Dias d´Ávila), que era a feira de gado mais importante do Estado, e a feira livre ficou sendo mais procurada do que a de São José (FREITAS, 1998).

Em 1835, ou seja, dois anos depois da ascensão do povoado à condição de vila, o censo revelou o seguinte resultado: Feira – 2.872 habitantes / São José – 2.682 habitantes; e a vila não parou de progredir enquanto São José estacionou (cf. PINTO, 1971). A posição geográfica tem uma influência determinante nessa questão porque a região está localizada, favoravelmente, entre o sertão e a costa, refletindo-se na economia porque se tornou um entreposto comercial, demandando um consumo local cada vez maior de gado e de variados produtos agrícolas (POPPINO, 1968).

Até o final do século XIX, quando a vila foi elevada à categoria de cidade, a população já contava com aproximadamente 4.000 habitantes e o espaço crescia e se expandia. Na região da fazenda, originou-se o *Bairro Olhos d´Água* e a área central aumentou por intermédio da grande feira livre e da feira do gado. O centro era formado principalmente em torno da *Rua Direita*<sup>18</sup>, *Rua do Meio*, *Rua de Cima*, *Rua de Baixo*, *Praça do Comércio*, *Praça da Matriz*, *Rua de Aurora*, *Rua Senhor dos Passos*, *Praça da Igreja dos Remédios* e os diversos becos que as interligavam. A partir desse núcleo, ao oeste, surgiu o *Bairro do Tanque da Nação* e, em direção ao norte e noroeste, surgiram o *Bairro do Minadouro* e o *Bairro do Sobradinho*, acompanhando a Estrada das Boiadas (FREITAS, 1998).

Para ilustrar o início do século XX, busquei as “memórias particulares” do escritor feirense Eurico Alves Boaventura, assim como os registros de outros autores me permitiram observar algumas transformações ocorridas em Feira de Santana durante o seu processo de urbanização.

Nesse tempo [entra as décadas de 1910 e 1920] a Feira de Santana não passava de agradável alegoria [...]. Mudaram-se os tempos. [...] Dinamismo, vida nova, movimento e movimento. Nunca se poderá dizê-la *Cidade do Silêncio e da Melancolia*. Foi-se esse tempo... Carros, autocaminhões, ônibus sacolejando a paisagem, grita de buzinas vigorosas, alto-falantes desmentem esta legenda. Que coisa diferente!... Edifícios que sobem vaidosos [...] Feira de Santana não é só a balança do gado, nem a roça de algodão, nem o trapiche de fumo. [...] Feira de Santana é mais do que isto tudo. / Embeleza-se a cidade. Seria melhor que se dissesse quase renova a cidade vigorosamente. Foi sempre bonita, desde nascença. Mas, vez ou outra, há um cochilo na elegância da cidade. Nem sempre a beleza, nem sempre o sentido de estesia estão presentes nas construções que se levantam nas ruas

<sup>18</sup> “É a Rua Direita ironicamente a mais zigzagueante de todas.” (BOAVENTURA, 2006, p. 48).

novas. Mal que não é só nosso, diga-se logo. Nas outras cidades da Bahia, na sua própria Capital, estão sendo construídos monstrenços de cimento [...]. Falta-nos o gosto, falta-nos a noção de elegância para tais construções. [...] a nossa paisagem [deveria] permanecer sertaneja [...].

Na velha paisagem sertaneja, Feira de Santana sempre foi um claro sorriso de tranquilidade. De chofre, porém, transforma-se a cidade sossegada e se movimentava. De uma hora para outra. E mal se consegue atualmente passar pela Praça João Pedreira, a do Comércio, com tanto carro estacionado nos dois lados e outros em movimento atribulado. (BOAVENTURA, 2006, p. 102 / 84, grifo meu)

A cidade começou a passar por mudanças que alteraram o seu perfil. O aparecimento de carros, novas ruas e estradas sendo construídas, mais casas erguidas e a instalação da luz elétrica para o “clareamento noturno” fizeram com que a cidade sofresse um deslocamento, cujas paisagens ainda “a mantinham no limiar entre o urbano e o rural [...]” (OLIVEIRA, 2010, p. 88). Foram contínuas as intervenções nas “feições urbanas” de Feira de Santana e “a organização espacial da cidade, contudo, estava vinculada diretamente com a pecuária e com o comércio de gado, atividades que contribuíram significativamente para o seu crescimento, com reflexo direto no seu processo de urbanização” (CARMO, 2009, p. 144).

A partir das décadas de 1930 e 1940, a cidade vivenciou um processo mais acelerado de mudanças, uma verdadeira “dilatação” do espaço urbano, “dando-lhe dimensão metropolitana [...] porque essa cidade é a cabeça de uma região, é a porta de entrada e saída de uma civilização sertaneja do couro”.<sup>19</sup> Houve a construção de rodovias pelos Governos Estadual e Federal, a fim de encurtar distâncias e obter a redução de custos com transportes de mercadorias entre a Capital e o interior do Estado com outras regiões do país. Dessa maneira, Feira de Santana se consagrou no mais dinâmico entreposto comercial do interior da Bahia e maior entroncamento rodoviário do Norte-Nordeste brasileiro<sup>20</sup>. Foi construída a Bahia-Feira (posteriormente chamada de BR 324), rodovia que no interior da cidade recebe o nome de Avenida Presidente Dutra, proporcionando um desenvolvimento urbano ao longo de sua via com construções habitacionais e comerciais (FREITAS, 1998).

A evolução urbana a leste se deve principalmente à transferência do Terminal Ferroviário, localizado antes na Praça da Matriz, porque isso atraiu a população para a área

<sup>19</sup> Observação da Feira “orgulhosa e próspera” e de “raízes sertanejas” feita por Jorge Amado no Suplemento do *Diário de Notícias* (26.3.1967) (cf. Posfácio de Juraci Dórea in BOAVENTURA, 2006, p. 244).

<sup>20</sup> Sobre esse desenvolvimento da cidade, destaco a seguinte passagem que me chamou atenção durante as leituras: “Veio a estrada de rodagem. Cachoeira perdeu o fascínio de entreposto entre o sertão e a Capital. [...] Hoje, se não tiver cuidado, vai-se atropelado à hora dos inúmeros auto-ônibus lotados de gente, de gente que só vive em Salvador (Salvador, já não se diz mais Bahia...) Transporte de meia em meia hora! E o povo vai e volta sem mais aquele mistério, sem mais aquele encanto, e sem aquele prestígio que traziam os que chegavam da Bahia antigamente ou que para lá se partiam. Banal uma capital atualmente. *A nossa Cidade já é a capital de uma região.*” (BOAVENTURA, 2006, p. 72-73, grifo meu).

onde se desenvolveu o *Bairro Ponto Central*. A ferrovia influenciou a formação do *Bairro do Tomba*, ao sul, quando pessoas passaram a se instalar naquela região margeando a estrada de ferro (FREITAS, 1998). As novidades sobre o crescimento dessa cidade iam longe e isso passou a atrair uma intensa marcha de pessoas decididas nela morar.<sup>21</sup>

Um cenário diversificado vai se consolidando na cidade com seus novos traços, paisagens e, também, a cultura local vai se modificando em suas formas e configurações. O feirense vai se adaptando às mudanças e buscando se familiarizar com “os novos rostos” que vê. Os motivos da migração são os mais variados possíveis, e certamente, “perseguindo dias melhores para si e para os seus, pois a Feira de Santana [...] é, para todos, o *Eldorado*, onde se faz até milagres” (ALMEIDA, 2000, p. 203, grifo do autor).

Ao falar sobre a vida urbana da cidade, Grazyelle Reis dos Santos (2008) diz:

Na década de 1950, ora as novas estradas que atravessavam Feira de Santana, ora as novas arquiteturas que realçavam sua paisagem, ou ainda o movimento mais apressado, os hábitos mais ousados, o centro nervoso da vida urbana e o fervilhar de suas atividades econômicas, políticas e culturais, aspectos confirmavam ser este um tempo inusitado, marcado pelo nascimento de um novo *ethos* social, logo se tornaram assuntos corriqueiros em notícias e crônicas da *Folha do Norte*<sup>22</sup>, que buscavam registrar a sintonia fina de uma época. (SANTOS, 2008, p.26, grifos da autora)

Novos prédios foram construídos: Estádio Municipal (1953), Ginásio Estadual (1957), Escola de Menores (1957), Hospital D. Pedro de Alcântara (1957), Cine Santanópolis (1958), Lions Clube (1958), Banco do Nordeste (1958), Biblioteca Municipal (1962), Matadouro Frigorífico e Currais Modelo (1962), Clube de Campo Cajueiro (1964), Ginásio Municipal (1966), Museu Regional (1967), Parque de Exposição (1967), Fórum (1967), Estação Rodoviária (1967), Casa de Saúde Santana (1968) e a paisagem feirense se modificou com outras tantas construções. Esse crescimento no cenário arquitetônico da cidade exigiu

<sup>21</sup> Devido a essa “prosperidade feirense”, circulou até uma notícia, antigamente, de que existia uma localidade no interior, “lá no norte”, onde se abençoava da seguinte maneira: “Abença, inhá, Fulana! / Deus te leve para Feira de Santana!” (sic.) (BOAVENTURA, 2006, p. 85).

<sup>22</sup> O primeiro jornal que surgiu em Feira de Santana se chamava “O Feirense” e começou a circular em 1862. Depois, surgiram “Nacional” (1863), “O Comercial” (1869) e muitos outros que tiveram longa ou curta duração. Os jornais mais expressivos na cidade foram “Folha do Norte” (1909), “Folha da Feira” (1932) e “Feira Hoje” (1970). Atualmente, a cidade possui o “Jornal Noite/Dia” (2000), o “Tribuna Feirense” (1999), “Folha do Estado” (1995), além de contar com a circulação de diversos jornais de fora e ainda com publicações do já centenário “Folha do Norte”. Há o famoso *site* Acorda Cidade, além de *blogs* jornalísticos, trazendo notícias diárias. Quanto à imprensa falada, existem emissoras de rádio de frequência AM/FM e o canal de televisão “TV Subaé”.

determinadas mudanças de caráter urbanístico em sua infraestrutura como a construção de um complexo Centro de Abastecimento, de uma rede de transmissão de energia e redes de esgoto. Nas áreas centrais, também foram executados projetos de ampliação, pavimentação e higienização de ruas, sendo também reformadas e construídas algumas praças (SANTOS, 2008).

Vicente Deocleciano Moreira (1996, p. 208) aponta que esse “processo de urbanização acelerada e a transformação de valores e aspectos físicos de Feira de Santana culminaram com o fim da maior feira livre do Nordeste, cujas características persistem em parte desde metade do século XVIII.” Essa grande feira livre era realizada às terças-feiras, depois foi mudada para os domingos e, por fim, a sua realização ficou definida para os dias de segunda-feira (mas era dificultoso controlar o movimento que ia da sexta-feira, quando os feirantes começavam a chegar à cidade e passavam a comercializar as suas mercadorias já no sábado). A sua transferência para o Centro de Abastecimento, em janeiro de 1977, por Decreto Municipal, gerou profundas discussões entre autoridades políticas, feirantes, proprietários de casas comerciais e outros núcleos da população, mesclando opiniões favoráveis e desfavoráveis.

A feira livre ocupava aproximadamente 8km<sup>2</sup> da área urbana pela qual uma média de 6 mil pessoas, da cidade ou de diversos municípios baianos, transitavam. A sua arrumação englobava a Praça João Pedreira (antiga Praça do Comércio e atual Praça da Bandeira) com a venda de bananas, carne do sol e toucinho; a Rua Marechal Deodoro na qual acontecia da feira de móveis; no final da Getúlio Vargas havia a compra e venda de madeiras; no interior do Mercado Municipal eram vendidos carnes frescas. Além dos feirantes, existiam os violeiros, repentistas, atores circenses e os camelôs com os seus mais variados artigos, tendo como pontos de venda, e de apresentação, os passeios públicos da cidade, também atraindo muitas pessoas (cf. Figuras de 06 a 11, no Apêndice).

O principal motivo dessa mudança foi realmente promover a “modernização” do centro da cidade, acabando com a “beleza e a poesia da feira” (p.302) que, aos olhos de muitos, não passava de um local cujos aspectos eram: falta de higiene, trânsito caótico, crescente número de pessoas em pouco espaço e abuso de alguns feirantes ao instalar as suas barracas na porta de bancos, lojas e até de residências (para se obter uma melhor compreensão da história da feira livre desta cidade, sugiro a leitura de um conjunto de textos do Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana (cf. MOREIRA, 1984, 1986a, 1986b, 1988, 1992a, 1992b, 1994, 1996, 1997, 1998)).

A parte leste da cidade continuou crescendo com o surgimento dos bairros *Kalilândia*, *Estação Nova*, *Brasília* e *Chácara São Cosme*. A população desse último bairro citado é de origem predominantemente pernambucana porque o dono da chácara sempre acolhia os seus conterrâneos vindos de Pernambuco<sup>23</sup>. Além dos pernambucanos, chegaram cearenses, paraibanos, alagoanos e também outros baianos de regiões variadas. Por conta desse grande afluxo de migrantes na cidade, foi instalado o Sistema de Integração do Migrante, abrigando esses “chegantes” e criando uma ponte de confiança e de proximidade entre eles, a Administração Pública e os cidadãos feirenses. Nesse local, foi constituído o *Bairro SIM* (FREITAS, 1998).

Feira de Santana continuou a se desenvolver, recebendo incentivos “para o progresso” e “para o bem-estar da sociedade feirense”. À medida que algumas obras eram concluídas, outras eram iniciadas para o incremento da cidade e isso aumentou admiravelmente a sua relevância no Estado e, inclusive, no país. Transcrevo o seguinte comentário de um jornalista publicado na *Folha do Norte*:

O que impressiona ao chegar em Feira de Santana é o aspecto dinâmico, envolvente, que empolga o visitante. O seu progresso está atingindo um nível que nenhuma cidade do interior bahiano possui (sic) atualmente. De cidade pacata, tranquila que era, – aspecto comum a toda cidade sertaneja – se viu colhida as vértices do desenvolvimento que a atinge agora de maneira surpreendente. As casas se multiplicam, as ruas se prolongam, o tráfego se intensifica, os caminhões e ônibus de toda a parte, do norte e do sul do País, a gente de todos os quadrantes aqui se encontram no azafama de um trabalho construtivo que demonstra bem o que a Feira de Santana será num futuro próximo. (*Folha do Norte*, 16 de agosto de 1952, p. 4 apud SANTOS, 2008, p. 33)

Por conta desse panorama feirense, no final da década de 1950, quando o Brasil passava por um processo de homogeneização do desenvolvimento industrial para amenizar as diferenças regionais, potencializou-se a sua industrialização. Assim, inicia-se na década de 1960 um “surto industrial”, atingindo o seu ápice na década de 1970. A cidade entrou em um processo de crescimento industrial, sendo revitalizado o Centro Industrial de Feira de Santana e construído o Centro Industrial Sudaé, para a instalação de empresas locais, nacionais e multinacionais (SANTOS, 2008; CARMO, 2009).

---

<sup>23</sup> Raul Freire da Silva, dono da chácara, vendia ou alugava casas e até distribuía pequenos lotes de terra. Ele soube investir no bairro, fundando o Clube Recreativo, abrindo casas comerciais e pequenas fábricas de móveis rústicos e possibilitando uma infraestrutura básica aos moradores. Por conta da sua grande influência na constituição desse bairro, iniciando-se em 1957, ele recebeu o título de “Cidadão Feirense”.

A urbanização entre os anos 1960, 1970, 1980 e 1990 se expandiu em todas as direções da cidade. É construído um anel de contorno rodoviário (a Avenida Contorno) para facilitar o intenso tráfego de veículos que transportam mercadorias, evitando a sua circulação no centro urbano. Na proximidade dessa Avenida, apareceram bairros populares mais afastados do centro como o *Campo Limpo*, *Parque Ipê* e *Novo Horizonte*; outras áreas entre o anel de contorno e o centro foram transformadas em bairros de classe média, como o *Muchila* e *Santa Mônica*. O adensamento da população resultou na expansão dos bairros *Capuchinhos*, *Eucalipto*, *Jardim Cruzeiro*, *Cruzeiro*, *Calumbi*, *Rua Nova*, *Baraúna* e *Barroquinha*. Também foram sendo construídos vários conjuntos residenciais para atender o crescimento urbano e tentar corrigir os problemas de habitação<sup>24</sup> (FREITAS, 1998).

O índice demográfico feirense aponta que a cidade passou por um crescimento acelerado, conforme exposto no quadro abaixo:

ANOS	POPULAÇÃO RESIDENTE		
	TOTAL	URBANA	RURAL
1940	83.268	19.660	63.608
1950	107.205	34.277	72.928
1960	141.757	69.884	71.873
1970	187.290	131.720	55.570
1980	291.504	233.905	57.599
1991	406.447	348.973	56.875
2000	480.949	431.730	49.219
2010	556.642	510.637	46.005

**Quadro 1.** Densidade demográfica da cidade de Feira de Santana no período de 1940 a 2010. Fonte: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA, 2012.

<sup>24</sup> Atualmente, a cidade de Feira de Santana possui 44 bairros. Na distribuição espacial, alguns bairros são remanescentes de invasões, outros estão nas chamadas áreas nobres ou tradicionais e também existem algumas áreas que são ocupadas tanto por famílias de alto poder aquisitivo quanto por população de baixa renda, havendo, assim, uma grande heterogeneidade (cf. Anexos D, E, F, H e I).

Entre 1940 e 1950, a população da cidade quase duplicou. Já em 1960, a população passou a ser mais do que o dobro da registrada em 1950<sup>25</sup>. Até a década de 1960, o crescimento populacional foi decorrente das migrações por conta da atividade comercial (feira livre e feira do gado) e o fator que influenciou no crescimento das migrações posteriores, principalmente entre 1960 e 1970, foi o “fenômeno da industrialização”. Nesse período, além da instalação do CIS, o que funcionou como um agente modelador foi a instalação da Faculdade de Educação de Feira de Santana, em 10 de abril de 1968. Depois, transformada na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), isso em 27 de abril de 1976. Tanto a UEFS quanto o CIS se tornariam pólos de desenvolvimento regional e atração de profissionais liberais, empresas, pesquisadores, professores, estudantes etc.<sup>26</sup>

Sendo o comércio a principal força econômica feirense desde suas origens, conforme abordei aqui, tornou-se o responsável por grande parte de seu Produto Interno Bruto (PIB). A indústria, que vem em segundo lugar porque a cidade ainda mantém as tradições comerciais muito fortes, é responsável por uma parcela importante do PIB municipal por possuir milhares de fábricas espalhadas em algumas localidades da cidade e em três grandes pólos industriais: CIFS, CIS Tomba e CIS BR 324 (estando prestes a receber o CIS Norte). A indústria de Feira de Santana é bem diversificada e se destaca na produção de diversos produtos dos tipos: alimentícios, material de transporte, materiais elétricos, produtos mecânicos, químicas, utensílios domésticos, móveis, têxtil, vestuário, máquinas/equipamentos, autopeças, bebidas, papel/papelão e até aeronáutico (FREITAS, 1998).

Quanto à agricultura, esta é responsável por apenas uma pequena parcela da economia da cidade, visto que a população rural é pequena, no entanto, produz uma quantidade significativa de produtos. A produção de rebanho bovino figura entre as cinco maiores do Brasil em volume de negócios, fazendo-me crer que é devido a sua forte vocação pecuária presente desde a sua fundação. Outra característica da economia feirense, desde a segunda metade do século XX, é a confluência da produção e distribuição de bens e serviços, transformando-se num eixo básico da região e expandindo suas atividades até as áreas do agreste, recôncavo e semiárido baiano. Com uma economia diversificada, Feira de Santana é

---

<sup>25</sup> De acordo com Poppino (1968), os dados referentes à população de Feira de Santana até o ano 1950 não são tão confiantes devido à redução de 75% da área do município por perdas de alguns distritos que se emanciparam e também pela ausência de recenseamentos constantes, no entanto, sempre houve um crescimento ascendente entre os números (tanto que, no período de 1940, a cidade ocupou o 5º lugar entre os municípios da Bahia em população). Os anexos J e K trazem estatísticas populacionais mais detalhadas.

<sup>26</sup> Cf. Anexo L.

uma cidade de constante geração de emprego, renda e de grandes oportunidades de negócios em variados setores de atividades econômicas, principalmente no imobiliário, comercial, industrial e educacional (FREITAS, 1998, CARMO, 2009).

Tendo em vista esse crescimento, foram tomadas novas iniciativas de reelaboração da paisagem urbana e outro aspecto de modernização dado à cidade foi a construção de grandes avenidas retilíneas, como a Maria Quitéria, Getúlio Vargas, João Durval Carneiro (antiga Av. Anchieta) e João Falcão, tangenciando as antigas ruas tortuosas. Foram estabelecidas propostas para corrigir as distorções, ordenar e disciplinar o uso e ocupação do solo urbano, dividindo a cidade em zonas, tais como comercial, residencial, industrial e zona mista (simultaneamente comercial/residencial) (FREITAS, 1998).

Atualmente, a cidade já conta com 510.635 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa do Estado da Bahia e a primeira do interior nordestino<sup>27</sup>. A população feirense é bastante diversificada etnicamente em decorrência das correntes migratórias advindas de muitas regiões do país desde a sua formação. De acordo com informações do Anuário Estatístico de Feira de Santana (2012, p. 159), a maior parte é considerada parda (seguida dos que se declaram brancos, os negros e amarelos<sup>28</sup>). Os pardos e os brancos feirenses descendem dos portugueses, seguidos dos holandeses e espanhóis. Esses são contados por causa da migração de pernambucanos e de baianos de regiões mais interioranas que são redutos dessa descendência. A partir das décadas de 1970, com o processo de industrialização, aumentou o número de migrantes vindos de todas as regiões do Brasil, contribuindo com o aumento da miscigenação.

Supõe-se que população negra/afrodescendente feirense é originária, especialmente, do Recôncavo Baiano, porque era lá que se concentrava boa parte dos africanos trazidos para o país durante a escravidão. A população indígena é muito pequena e em Feira não há comunidades dessa etnia, assim como existem as comunidades quilombolas, sendo que a maior parte dos descendentes de índios que passou a morar na cidade veio, principalmente, para estudar na UEFS, depois da implantação de um programa de políticas de ação afirmativa no Ensino Superior, e são originários do norte da Bahia. É importante frisar que, nos últimos anos, houve também um aumento significativo da entrada da população asiática, resultado da

---

<sup>27</sup> Dentro das estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Feira de Santana é também a cidade mais populosa do interior do Norte, Centro Oeste e Sul do Brasil; é a sexta maior cidade interiorana do país, ficando atrás apenas de Campinas, Ribeirão Preto, São José dos Campos, Sorocaba (SP) e Uberlândia (MG); sua população é mais numerosa do que nove capitais brasileiras: Aracaju (SE), Boa Vista (RR), Cuiabá (MT), Florianópolis (SC), Macapá (AP), Palmas (TO), Porto Velho (RO), Rio Branco (AC) e Vitória (ES).

<sup>28</sup> Cf. Anexo M.

imigração chinesa, coreana e japonesa, na cidade devido à comercialização de produtos variados, destacando-se principalmente os eletrônicos, vindo de seus países.<sup>29</sup>

Boa parte da população de Feira de Santana não nasceu nela e, como já mencionado neste capítulo, isso se deve ao forte fluxo migratório resultado da posição privilegiada e do crescimento econômico em todos os setores da economia que atraiu e continua atraindo um grande número de pessoas de localidades várias de todo o país e do exterior (cf. Anexos N e O). Nas origens do povoamento, foram os comerciantes de gado e algumas famílias que viajavam de norte a sul do Brasil os primeiros a se estabelecerem na cidade, logo depois vieram as centenas de milhares de grupos de migrantes (sobretudo do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Alagoas) que, ao se dirigirem para São Paulo, muitos acabaram ficando em Feira de Santana a fim de “prosperar”<sup>30</sup>. Também vieram muitos migrantes baianos e, mais tardiamente, por aqui chegaram migrantes de outras regiões do país, destacando-se os paulistas, mineiros, cariocas, goianos e gaúchos. Eles formaram e continuam formando a população feirense, visto que essa “cidade-mãe” não para de receber “novos moradores”, até mesmo de outras partes do mundo. “E aquela gente, até então desconhecida, *feirensezou-se*” (BOAVENTURA, 2006, p. 84, grifo do autor).

Para Gessiene Oliveira Caldas (1998):

Feira, pela sua extensão urbana acelerada, rompeu os limites do planejamento oficial, crescendo na dimensão do seu potencial econômico, agregador, inclusive, e principalmente, de população. [...] O incremento industrial e a melhoria das estradas que cruzam o município, verificado [...] contribuiu para o crescimento de Feira de Santana. [...] Esta condição espacial de “Cidade-Entroncamento” transformou a cidade em um importante centro de apoio aos transportes, tornando-a um lugar de transbordo de carga e de passageiros, que passando por Feira, também resolviam se instalar, devido à rede rodoviária que convergia para esta cidade. [...] Portanto, foram os aspectos locais e geográficos, impulsionados por fatores humanos, associados a processos econômicos, políticos, ideológicos e culturais [...] que transformaram essa cidade no estágio em que hoje ela se encontra. (CALDAS, 1998, p. 83, grifo da autora)

O crescimento de Feira de Santana não pode ser somente associado à adoção dos avanços e novidades, do desenvolvimento econômico e aumento da população. Saliento que,

---

<sup>29</sup> Observei no Anuário Estatístico que, tratando-se de emigrantes africanos, o IBGE registrou no Censo 2010 os seguintes dados: 9 pessoas oriundas da África do Sul, 30 pessoas de Angola e 10 pessoas de outros países da África (ANUÁRIO..., 2012, p. 204). Não foi possível controlar, por meio desses dados, a entrada de emigrantes negros/afrodescendentes de outras nacionalidades em Feira de Santana. Nesse mesmo Censo, apenas 1.118 pessoas declararam possuir descendência indígena e foi registrado o número de 31 pessoas oriundas de países da Ásia.

<sup>30</sup> Estes migrantes que vinham de outros estados do Nordeste eram chamados generalizadamente de *nortistas* pelos feirenses.

agregado a isso, vieram “cenas de incivilidade”. Todo processo de mudança acaba deixando a marca negativa do esquecimento, gerada pelo dito “progresso”. Dessa maneira, a historiadora Zélia Jesus de Lima (1994) afirma que “Feira de Santana não foge à regra do Brasil, país que não tem Memória. Sua preocupação está centrada no desenvolvimento da indústria, do grande comércio, da modernidade. [...] o ritmo das inovações ocorridas na cidade coloca em risco o resgate de sua própria identidade [...]” (LIMA, 1994, p. 206). Alguns patrimônios (arquitetônicos e artísticos) passam por profundas reformas ao invés de restaurações, ou são demolidos para dar lugar a novas construções, outros locais ficam abandonados ou simplesmente desaparecem.<sup>31</sup> A esse respeito, com as obras de saneamento e de “embelezamento” para as melhorias urbanas, a cidade de Feira enfrentou esse problema (e ainda enfrenta!) no decorrer de suas mudanças, como evidencio por meio deste registro abaixo:

Traziam as ruas, certas, nome popular bem interessante. [...] Além da Rua de Cima e de Baixo definindo duas zonas da urbe, pela Rua Direita espalhavam-se os mais líricos apelidos em ruas, vielas e betesgas. E não havia estas tais de repartições que estivessem a mudar os agradáveis brincalhões apelidos das ruas e dos becos [Rua de Aurora, Rua do Meio, Rua do Najé, Rua do Sol, Rua do ABC, Rua das Aleluias, Rua do Minadouro, Rua dos Remédios, Rua do Fogo, Rua da Estação, Rua da Linha de Ferro, Rua do Padre, Rua da Usina, Rua da Caiera, Beco do Mocó, Beco da Esteira, Beco do Velhaco, Beco do Bom e Barato, Beco do França, Beco do Regis, Beco do Amor, Beco do Recreio]. Nome de rua deve ser como é de gente: não se muda atoamente [...]. (BOAVENTURA, 2006, p. 87)

O processo de mudança foi transformando Feira de Santana, desaparecendo alguns locais, sendo construídos novos e, de ruas pequenas e tortas, surgiram ruas retas além de longas e largas avenidas, a cidade “riscadinha de eletricidade” vai se transformando em uma “urbe tecnológica”. No século XXI, Feira enfrenta outros problemas de “cidade grande”. Devido ao seu grande centro industrial, é inevitável que os ventos conduzam material poluente das indústrias para a área urbana, provocando doenças na população; os sistemas de drenagem e esgoto não são eficazes e assim acabam poluindo rios e lagoas; o setor informal do trabalho se constitui pela mão de obra não absorvida pelo setor formal no espaço urbano-industrial; as “faixas verdes” de proteção ambiental não dão o suporte suficiente à estrutura da cidade (FREITAS, 1998).

A maior parte dos bairros da cidade é servida por rede elétrica (COELBA), abastecimento de água (EMBASA) e telefonia móvel e fixa, exceto nas periferias mais distantes (muitas dessas formadas por ocupações/invasões mais recentes). Quanto ao sistema

---

<sup>31</sup> Cf. Figuras de 01 a 06; de 16 a 29; de 32 a 39; de 42 a 57, no Apêndice.

de transporte urbano público, ainda existe muita precariedade na qualidade dos veículos e em relação ao tamanho da frota que não é compatível com o tamanho da população e da cidade, dando margem ao aparecimento de transportes irregulares no atendimento local. Além disso, o preço da passagem é considerado muito caro, considerando-se a grande parcela da população de baixa renda. Ainda faltam pavimentação e rede pública de esgotamento sanitário em algumas ruas. Em época de chuvas intensas, é comum o alagamento de vias públicas pelo fato de boa parte da cidade ser plana e não apresentar um alto grau de saturação do solo. Isso faz com que as águas pluviais não encontrem escoamento e se acumule, dificultando a locomoção de pessoas e veículos. Outros aspectos que se estabelecem de forma problemática no centro e em alguns bairros, por exemplo, são: frequentes engarrafamentos e acidentes de trânsito, lâmpadas queimadas em postes, policiamento e sistema de limpeza pública precários (CALDAS, 1998).

Em linhas gerais, como pude descrever, Feira de Santana se transformou no principal centro urbano, político, educacional, tecnológico, econômico, imobiliário, industrial e comercial do interior da Bahia (e um dos principais do Nordeste, exercendo influência sobre centenas de municípios da região). É inegável que esse crescimento só tende a aumentar, até mesmo por conta da “função catalisadora” que a cidade possui. O que se espera é que o espaço urbano da cidade sirva melhor à “vivência e sobrevivência” dos feirenses e daqueles que a adotam para morar.

### 1.3 “A PAISAGEM URBANA E O HOMEM”: ALGUNS ASPECTOS SOBRE O CONTATO LINGUÍSTICO EM FEIRA DE SANTANA

Por meio dos escritos de Boaventura (2006), é possível extrair um trecho no qual o autor se pronuncia sobre a firme presença de migrantes na cidade por causa do próspero crescimento feirense:

[...] metamorfoseava-se a velha cidade provinciana, em lenta sugestão de Capital minúscula. [...] operou-se repentina transformação aqui na vida urbana. Como seguro petardo de progresso da noite para o dia, o comércio sacudiu a cidade. Ondas e mais ondas de nortistas, de nordestinos, sobretudo, de nordestinos bem intencionados, por aqui batiam. E aqui e ali burburinho de sombras saltando de paus-de-arara de auto-ônibus de longe, de muito longe. A maioria dos que pulavam dos carros se enquista na cidade, se ajeita no comércio. Acomoda-se depois, na sociedade, em tudo. Vira até doutor. [...] Viraram muitos dos chegantes bons comerciantes [...]. Casaram-se muitos aqui. Têm esposas da terra outros tantos. E esposas da terra filhas dos nortistas. Tem filhos da terra. Falam rosado nos bancos. Agitou-se a cidade. E os velhos patronímicos conhecidos, Carneiro, Dias de

Carvalho, Macedo, Simões, Portugal, Caribé, Alves Boaventura, Ramos, Rabelo de Figueiredo, Bahia, Santos Silva, Ferreira de Oliveira, Barbosa, Mendes da Costa, Marques Cerqueira, Martins da Silva estão agora caminhando ao lado de outros cognomes recentes e bem diferentes, vindo de lá de longe. E estendem-se bem aqui. [...] Quem é? É um pernambucano. Belo palacete! É de um paraibano. Bela loja! É de um cearense. Bem sortido armazém! É de um alagoano. Bela chácara esta de outro nortista... Reaprende-se aqui a corografia brasileira, a evocação do lugar de origem de tanta gente, que aqui veio endinheirar-se, ajudar a enriquecer de novo a velha paisagem. (BOAVENTURA, 2006, p. 84-85)

A partir dessa observação feita pelo autor supracitado, é cabível dizer que a história de Feira de Santana é uma história de contatos linguísticos porque houve a convivência e mistura de populações quando a cidade começou a crescer devido à urbanização e uma rápida expansão industrial. A partir da década de 1950, passou-se a receber um número cada vez maior de pessoas da zona rural do próprio município como também de diversas regiões do Estado e, principalmente, do Nordeste brasileiro, como mostrado na seção anterior. “Instalase, então, [...] um processo de diglossia, onde atuam duas forças antagônicas: por um lado, o padrão tradicional de redução flexional da própria língua, exacerbado pela situação de contato entre dialetos diferentes; por outros, a pressão do prestígio da norma culta [...]” (BORTONIRICARDO, 2005, p. 33).

De acordo com Norma Lucia Fernandes de Almeida (2005), essa grande interação entre falantes de diversas variedades rurais e urbanas do português interferiu significativamente na formação/configuração de uma variedade linguística no território feirense. Assim sendo, o contato entre indivíduos com diferentes modos de falar foi uma motivação externa que possivelmente acabou gerando uma variedade popular urbana, apresentando algumas particularidades.

Decorre desse processo o declínio dos vernáculos que se transformam em dialetos urbanos de classe baixa, acentuando-se provavelmente a estratificação vertical da língua. Ao se radicar na zona urbana, o indivíduo egresso de zonas rurais ou urbanas percebe mais facilmente a estigmatização que recebem os itens lexicais e expressões mais salientes de sua fala regional. Por isso tende a substituí-las por sinônimos de cunho urbano. Entretanto, os padrões fonológicos básicos, que se interseccionam com a sintaxe, com a supressão de sufixos flexionais, favorecidos pela própria deriva da língua, se mantêm, pois, na sua maioria, estão presentes também em modalidades urbanas populares (ou até na variedade-padrão) da língua. (BORTONIRICARDO, 2005, p.33-34)

O historiador Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira (2000) mostra que, em um determinado período na cidade, houve um movimento em que se pregava um novo padrão de comportamento entre os feirenses contra as heranças da cultura negra, dos vaqueiros e de

outras formas de ação que lembrassem o passado pastoril da cidade com a exclusão daquilo que fosse indesejável às novas formas de sociabilidade. Isso acabou gerando um sentimento de repulsa aos “nortistas”, chegando até a circularem comentários maldosos em jornais da cidade, como este abaixo escrito de um jornalista para um poeta:

Meu caro Aloísio  
 [...] a população sofreu uma extraordinária mudança.  
 Há nortistas e nortistas com todos os sotaques e todas as peixeiras  
 Este é o alvorecer da segunda metade do século na província com o pernesticismo  
 da capital.  
 (1951 – Hugo Navarro)<sup>32</sup>

É possível deduzir que esse constante recebimento de migrantes, em sua grande maioria oriundos de zonas rurais do Nordeste, acabou causando uma certa intolerância aos seus sotaques e aos usos linguísticos característicos de seus falares, sendo uma afronta aos “padrões civilizados” da Princesa do Sertão o fato de que “Outra já era a linguagem ouvida pelos cantos de rua, no meio das praças, no campo-do-gado, até mesmo na então heráldica e orgulhosa Avenida Senhor dos Passos. Elogiavam-se ou saudavam-se os arrivistas com expressões envoltas de poeira quente [...]” (BOAVENTURA, 2006, p. 84).

A esse respeito, é observado que

a difusão do modo burguês de vida europeu nas cidades mais ricas resultou na transformação das relações cidade-campo. Distanciou-se a civilização urbana diretamente influenciada pelos costumes europeus da civilização rústica. As cidades assumiram uma posição de clara superioridade diante das cidades menores, vilas e áreas urbanas. Seus habitantes, independentemente de *status* social, consideravam-se superiores às populações do campo. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1978 apud BORTONI-RICARDO, 2011, p. 32)

Tânia Alkmin (2012, p. 42) frisa que no preconceito linguístico “julgamos não a fala, mas o falante e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social”. A partir disso, lanço as mesmas perguntas feitas por Almeida (2005, p.79): “Que conseqüências lingüísticas pode ter havido a partir desse contato de tantos falantes oriundos da zona rural do Estado da Bahia e até de outros estados? Será que o dialeto urbano de Feira de Santana sofreu muitas influências dos dialetos rurais e vive-versa?”.

---

<sup>32</sup> Extraído de Almeida (2005, p. 78).

Considerando essa mútua influência entre variedades urbanas e rurais que ocorreram no Brasil, Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005) não caracteriza o português brasileiro como uma dicotomia rural/urbano, concebendo-o como um *continuum* de urbanização que se estende desde as variedades rurais mais isoladas até a variedade urbana culta. Ela postula a existência de dois tipos de regras variáveis ao longo desse *continuum* rural-urbano, ou seja, as regras contínuas (traços que estão presentes na fala de praticamente todos os brasileiros a depender do grau de formalidade empregado na fala) e as regras descontínuas (traços que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas e que são estigmatizadas na sociedade urbana hegemônica).

Como já foi mostrado, a vida e cultura feirenses foram alteradas a partir do processo de urbanização e industrialização, e isso ocasionou um processo (socio)linguístico de transformação dos dialetos rurais brasileiros aqui chegados nas variedades urbanas popular e culta. Atentando a esse tipo de contexto, concordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 92) quando propõe o conceito de *rurbano* “para definir populações rurais com razoável integração com a cultura urbana e populações urbanas com razoável preservação de seus antecedentes rurais” e ressalta que “há de se observar, todavia, que todo processo de *ajustamento lingüístico e cultural* do migrante à vida urbana é lento e que as variáveis lingüísticas de seu dialeto seguem cursos evolutivos diferenciados” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 102, grifo meu), como, provavelmente, aconteceu em terras feirenses.

Assim sendo, pelo fato de os limites entre o urbano e rural serem muito tênues, havendo o *continuum* rurbano, teoriza Almeida (2005) que talvez já não houvesse mais aquele “típico vernáculo rural” (quicá ele ocorresse somente em situações muito específicas ou como uma variedade linguística utilizada pelos mais velhos). Neste caso, Feira de Santana possuiria uma variedade linguística formada a partir do contato de distintos dialetos nordestinos, não existindo uma língua cheia de arcaísmos e com variados processos fonético-fonológicos porque isso não é frequentemente encontrado no português popular urbano.

Quanto ao português culto, como Feira de Santana era considerada uma “província com o pernosticismo da Capital”, era bem provável que essa norma linguística, correspondente às camadas mais escolarizadas da sociedade, tentasse seguir como padrão a língua e “as boas maneiras” dos modelos inspirados em Salvador e de outros grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, que, por sua vez, eram usuários mais prováveis do português europeizado, importado de Portugal.

Para Dante Lucchesi (2008),

A subserviência lingüística não é apenas reflexo de um lastimável estado de espírito de submissão cultural e ideológica da elite brasileira aos moldes da dominação das grandes potências imperialistas, desde o século XIX até os dias atuais. Revela, sobretudo, um absoluto desprezo pelas coisas da terra e pela cultura nacional e popular. A adoção de um padrão normativo estranho à realidade lingüística do país integra um projeto elitista de poder e de exclusão social, no qual a grande maioria da população do país deve ficar fora dos centros de decisão política e da distribuição da riqueza nacional, até porque “nem sequer sabe falar o idioma pátrio”. O outro lado da moeda desse elitismo lingüístico é o pesado estigma social que recai sobre as variantes lingüísticas mais notáveis da fala popular brasileira. (LUCCHESI, 2008, p. 158, grifos do autor)

No entanto, considerando a interação entre os falantes de normas lingüísticas distintas, é pertinente afirmar e compreender que houve uma troca de traços entre as variedades popular e culta. Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004, p. 99) salienta que essas normas não deixam de se influenciar mutuamente “num entrecruzar-se de possibilidades que justifica a afirmativa de heterogeneidade social do português do Brasil”. Então, nesse contexto de diversas alterações do português brasileiro, e analisando a realidade sócio-histórica feirense, é bem provável que se encontre no português urbano feirense traços do *continuum* rural-urbano em relação ao tema deste estudo.

Em suma, deixo aqui algumas impressões da comunidade lingüística estudada, “[...] cidade que Deus e os vaqueiros presentearam o nosso Estado [...]” (BOAVENTURA, 2006, p. 101) e encerro este capítulo com as palavras do artista feirense Carlos Pitta (s/d):

Todos os caminhos levam a Feira de Santana/  
o bem e o  
mal passam em Feira de Santana/  
a estação orbital passa  
em Feira de Santana/  
o rio que vai pro mar passa em  
Feira de Santana/  
o touro do sertão passa em Feira de  
Santana/  
passa o pente no cabelo/  
passa o dedo pelo  
anel/  
passa o camelo na agulha/  
passa a rosa pelo  
mel/  
passa a estrela matutina/

passa a festa que é junina/  
passa o meio do mundo/  
passa o disco pelo céu/  
todos os caminhos levam a Feira de Santana/  
o trem já passou/  
passaram Domingos e Ana/  
passou o meio da  
feira/passou por Feira de Santana/  
passou o rei do  
baião/  
passou a sorte da cigana/  
micareta tá na  
cara/  
passa por Feira de Santana/  
o *blue* da  
encruzilhada/  
passa por Feira de Santana/  
o começo da estrada /  
passa por Feira de Santana, todos os caminhos  
passam por Feira de Santana<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Canção-poema *Todos os caminhos levam a Feira de Santana* (cf. PITTA, s/d). Disponível em: <<http://letras.mus.br/carlos-pitta/todos-os-caminhos-levam-a-feira-de-santana/>>.

# Capítulo 2

Como os homens foram obrigados a falar muitas vezes das mesmas coisas num mesmo discurso e fosse monótono repetir sempre as mesmas palavras, inventaram certos vocábulos para substituir esses nomes, sendo por isso denominados pronomes.

Antoine Arnauld & Claude Lancelot,  
*Gramática de Port Royal* (1660)

## 2 PONTO DE PARTIDA: OS PRONOMES PESSOAIS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Inicialmente, exponho, neste capítulo, um breve panorama histórico dos pronomes pessoais desde sua fonte latina até o português. Depois, mostro algumas abordagens de gramáticos e estudiosos do sistema pronominal brasileiro. Por fim, apresento alguns resultados de pesquisas sociolinguísticas que já trataram sobre o uso dos objetos direto e indireto.

### 2.1 DO LATIM AO PORTUGUÊS: BREVE HISTÓRICO DOS PRONOMES PESSOAIS

No sistema de pronomes do Latim, havia formas específicas para representar o falante (1ª pessoa) e o ouvinte (2ª pessoa), porém não existia uma forma específica que levasse em consideração no sistema de pronomes pessoais uma 3ª pessoa, fora do eixo falante-ouvinte, quer seja do singular ou do plural, como ilustra o quadro abaixo:

<b>1ª pessoa</b>		
CASOS	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	Ego	nos
Genitivo	Mei	nostri ou nostrum
Dativo	Mihi	nobis
Acusativo	Me	nos
Ablativo	a me / mecum	a nobis / nobiscum [noscum]
<b>2ª pessoa</b>		
CASOS	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	Tu	vos
Genitivo	Tui	vestri ou vestrum
Dativo	Tibi	vobis
Acusativo	Te	vos
Ablativo	a te / tecum	a vobis / vobiscum [voscum]

**Quadro 2.** Casos e pronomes da 1ª e 2ª pessoas do Latim Fonte: adaptado de Berge (1973, p. 60)

Dessa forma, não havendo na língua latina um pronome específico que caracterizasse a 3ª pessoa, “a flexão verbal indicava quando o sujeito não era nem o ouvinte nem o falante, e a especificação desse sujeito era feita pelo respectivo nome substantivo ou por um pronome

demonstrativo” (CÂMARA JR., 1979, p. 91). Para tanto, aproveitou-se o demonstrativo *ille* para essa função de pronome pessoal, como mostrarei mais adiante, e conforme ressalta Maurer Jr. (1959, p. 105), “a maior inovação da língua vulgar consistiu na criação de um pronome pessoal para a 3ª pessoa<sup>34</sup>.”

Quanto à 1ª pessoa, a forma *ego*, com a síncope do “g”, transformou-se em *eo*, originando, depois do alteamento da vogal “o”, o pronome *eu*. Houve a manutenção do acusativo *me* exercendo também a função de dativo. O *mihi* resultou em *mim* depois do processo diacrônico de apócope e nasalização progressiva provocada pelo “m” inicial. A forma latina *mecum*, formada do ablativo *me* + *cum*, transformou-se em *meço* e, depois, em *migo*. Da forma *a me*, vieram as formas *a mim* / *para mim* / *de mim*. Para José Leite de Vasconcellos (1926), em *migo* houve a influência da forma *mi*, embora José Joaquim Nunes (1930) diga que no latim vulgar já ocorresse a forma *micum* (apud COUTINHO, 1969, p. 253). A evolução natural da preposição latina *cum* originou a sílaba final *-go* de *migo*, fazendo com que os falantes do português arcaico reforçassem a palavra com a mesma preposição, o que resultou na forma atual *comigo*<sup>35</sup>.

No plural, as formas nominativa e acusativa permaneceram iguais ao Latim, apenas havendo divergência fônica entre elas no português, sendo que o “o” do nominativo *nós*, segundo Coutinho (1969), resultou da influência de *nosso*. Permaneceu, no português, a forma *nos* exercendo a sua função prioritária de acusativo bem como de objeto indireto. Já sendo originado da forma *nobiscum*, a palavra sincopada *noscum* resultou em *nosco* empregado com o reforço da preposição *com*. Da forma *a nobis*, vieram as formas *a nós* / *para nós* / *de nós*. Coloquei mais detalhadamente, no quadro a seguir, as transformações ocorridas com pronomes de 1ª pessoa:

---

<sup>34</sup> Declara o autor que, a princípio, além da forma *ille*, mais de um demonstrativo também devia ser aproveitado para esse mesmo fim, o que explicaria os vestígios do pronome *ipse* na mesma função em algumas inscrições latinas. Possivelmente, ele era (ou passou a ser) pouco empregado, caindo em desuso, e o *ille* tinha (ou passou a ter) um emprego mais geral, fixando-se na língua.

<sup>35</sup> As outras formas *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* provêm do Latim *tecum*, *secum*, *nobiscum/noscum* e *vobiscum/voscum*, respectivamente, que eram também palavras compostas pela preposição *cum* e das flexões pronominais latinas. Segundo Mattos e Silva (1989, p. 231), no português arcaico, essas formas vêm outra vez acompanhadas da preposição *com* além do uso dessa preposição nas formas *-go* ou *-co* na sílaba final e isso demonstra que certos vocábulos latinos acabaram perdendo a forma e o próprio significado etimológico na sua passagem para as línguas românicas. É importante salientar que há registros de muitos escritores antigos usando *migo*, *tigo*, *nosco*, *sigo* e consideram-se esses pronomes como formas pelonásticas (ex: *comigo* = *com* + *mi* + *go* = *cum* + *me* + *cum*; *contigo* = *com* + *ti* + *go* = *cum* + *te* + *cum*; *convosco* = *com* + *vos* + *co* = *cum* + *vobis* + *cum*; etc.).

CASOS	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	ego > eo > eu	nos > nós
Genitivo	mei > de mim	nostrum ou nostri > de nós
Dativo	mihi > mi > mim	nobis > nós
Acusativo	me > me	nos > nos
Ablativo	mecum > mego, migo > comigo	nobiscum > noscum > nosco > conosco

**Quadro 3.** Transformações dos pronomes de 1ª pessoa

No quadro dos pronomes de 2ª pessoa, o *tu* manteve-se sem alteração. O dativo *ti* vem da forma apocopada do *tibi*. O *te* manteve-se como acusativo, passando a atuar também como objeto indireto. Da forma *a te*, vieram as formas *a ti / para ti / de ti*. A forma *contigo* originou-se do ablativo *tecum*, que se modificou de *togo* para *tigo*, talvez por influência de *ti*, segundo Leite de Vasconcellos (1926), embora J. J. Nunes (1930) também afirme que já coexistisse a forma *ticum* (apud COUTINHO, 1969, p. 254). Quanto às formas plurais, o nominativo e o acusativo permaneceram iguais ao Latim, ocorrendo apenas uma diferença fônica entre elas no português, sendo que o “o” do nominativo *vós*, segundo Coutinho (1969), acusa a influência de *vosso*. Assim como o acusativo *nos*, a forma *vos* pode exercer também a função de objeto indireto. Da forma *a vobis*, vieram as formas *a vós / para vós*. Depois da síncope, transformando *vobiscum* em *voscum*, originou-se a forma *vosco*, que também foi justaposta à preposição *com* no português, dando forma ao pleonástico *conosco*. No quadro abaixo, esquematizei as transformações dos pronomes da 2ª pessoa:

CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	tu > tu	vos > vós
Genitivo	tui > de ti	vestrum ou vestri > de vós
Dativo	tibi > ti	vobis > a vós/vos
Acusativo	te > te	vos > vos
Ablativo	tecum > tego, tigo > contigo	vobiscum > voscum > vosco > convosco

**Quadro 4.** Transformações dos pronomes de 2ª pessoa

Como já mencionei anteriormente, no Latim não havia um pronome pessoal de 3ª pessoa, empregando-se um outro para fazer esse papel e o uso desse pronome poderia figurar tanto como sujeito quanto como complemento. Com a sua utilização constante, deu-se origem ao pronome sujeito *ele/ela*, assim como a forma *illu[m]* deu origem ao pronome objeto *o* (com seus traços morfossintáticos de gênero) e originou, também, a forma dativa *lhe*. O quadro

abaixo, adaptado a partir de Augusto Magne (1919) e de Damião Berge (1973), pode aclarar como estava representada a 3ª pessoa no Latim a partir do pronome definido demonstrativo e sua transformação para o Português:

CASOS	PRONOMES
SINGULAR	
Nominativo	ille > elle > ele / illa > ella > ela
Dativo	illi > eli > li > lhi > lhe
Acusativo	illu[m] > elo > lo > o / illa[m] > ela > la > a
PLURAL	
Nominativo	illi > elle > eles / illae > ella > elas
Dativo	illis > elis > lis > lhis > lhes
Acusativo	illos > elos > los > os / illas > elas > las > as

**Quadro 5.** Casos e pronomes da 3ª pessoa do Latim e suas transformações

Sobre os estágios de transformações das formas nominativas *ille/illa*, podemos dizer que *ele/eles* e *ela/elas* não provieram diretamente do Latim, mas foram sendo formadas analogicamente. No português arcaico, ainda existiram as formas *el*, *ello*, *elho*. Quanto ao dativo *illi*, apresentam-se as formas intermediárias *li*, *le*, *lly*, *lhi* até aparecer *lhe*. O plural *lhes* foi formado por analogia dentro do idioma. Considerando as transformações sofridas pelas formas do caso acusativo, as formas do plural formaram-se dentro da língua por analogia e temos que:

A queda do *e-* explica-se pelo carácter proclítico desta palavra em função de artigo, já que a origem é a mesma; a do *-l-* se verificou em razão de se ter tornado intervocálico: *louva-lo* > *louva-o*. O pronome arcaico *lo* ainda se conserva nas formas verbais terminadas em *-r*, *-s*, *-z*: *amar-lo* > *amallo* > *amá-lo*, *dizer-lo* > *dizello* > *dizê-lo*, *fez-lo* > *fello* > *fê-lo*. Nas formas verbais terminadas em *-m*, o *l* sofre influência dessa nasal, transformando-se por assimilação em *n*; *ouviramlo* > *ouviram-no*, *amaramlo* > *amaram-no*. (COUTINHO, 1969, p. 255, grifos do autor)

Em linhas gerais, os pronomes pessoais “chegaram” ao Português derivados do Latim, sobretudo do Latim vulgar, passando por transformações fonéticas, morfológicas e até mesmo alterando de função e valor, no caso do demonstrativo *ille*, que passou a pronome pessoal com o seu valor dêitico enfraquecido por ganhar um valor anafórico. É importante salientar que o termo *dêixis* denota a noção de *apontar* ou *indicar* e pode ser aplicado a determinadas

categorias (pessoa, espaço e tempo) ou a formas linguísticas que as expressam (pronomes pessoais e demonstrativos, advérbios de lugar e de tempo etc.). Esse mecanismo é essencial ao funcionamento da língua, no entanto a dêixis pessoal não é regida pelos mesmos princípios que caracterizam a dêixis espacial e temporal.

Os pronomes de 1ª e 2ª pessoas são “por excelência” formas dêíticas porque “se situam na dimensão pragmática da linguagem e funcionam como indicadores dos participantes de um ato de fala: *eu* se define em termos de elocução e se identifica pelo discurso que o contém; *tu* só existe em relação ao *eu* que o designa.” Ou seja, esses pronomes identificam os referentes remetendo a uma fonte para que o significado seja preenchido e tal fonte se localiza naquela situação na qual o enunciado é pronunciado. Em relação aos pronomes de 3ª pessoa, pode-se dizer que o seu valor dêítico é bem menor porque, na maior parte das vezes, eles se referem aos nomes com os quais se associam, não sendo referentes em si mesmos. A sua fonte já foi proferida dentro do próprio discurso (e costuma-se chamar essa relação de *anáfora*).

Em contrapartida, há casos em que “a forma *ele* costuma ser usada sem um antecedente exposto, reportando-se a alguém que só a situação discursiva é capaz de determinar”, preservando, assim, o seu valor dêítico, como um demonstrativo, presente em sua origem (cf. MONTEIRO, 1994, p. 46-54, grifos do autor). Depois de as formas *ele(s)* e *ela(s)* terem sido inseridas no quadro dos pronomes pessoais, com o enfraquecimento da sua relação dêítica, houve o seu largo uso como referente anafórico na função de sujeito e isso o “licenciou” para também ser usado como recurso anafórico de complemento verbal.

## 2.2 O QUADRO PRONOMINAL NO BRASIL

Trago aqui algumas exposições feitas por gramáticos que seguem um viés mais tradicional, a exemplo de Almeida (1961), Bechara (1975), Cegalla (1981), Cunha (1970), Rocha Lima (1978) e Said Ali (1965), a fim de observar como o quadro pronominal brasileiro é por eles abordado. Além de buscar mostrar como esses gramáticos apresentam os pronomes pessoais, procuro verificar como eles tratam o emprego desses pronomes, como ilustram os seus “manuais do bom falar e do bem escrever”.

### 2.2.1 O que diz a literatura gramatical sobre os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas

De acordo com o “gramático-mor” Napoleão Mendes de Almeida<sup>36</sup> (1961), em sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*<sup>37</sup>, o pronome pessoal é o que, ao mesmo tempo em que substitui o nome de um ser, põe esse nome em relação com a pessoa gramatical, havendo três posições representadas por pronomes, denominados pronomes pessoais. O que representa a pessoa que fala, isto é, a primeira pessoa gramatical, é *eu*; a primeira com que falamos é representada por *tu*, que se denomina pronome da segunda pessoa gramatical; o pronome *ele* (ou *ela*) representa a terceira pessoa gramatical, ou seja, a pessoa de que falamos. Todas essas pessoas têm os seus plurais: *nós*, *vós* e *eles* (ou *elas*), respectivamente.

Os pronomes pessoais são divididos em retos e oblíquos, de acordo com o *caso*, ou seja, de acordo com a função sintática que exercem na oração. Os pronomes retos são os que têm por função representar o sujeito do verbo da oração, já os oblíquos são os que exercem função complementar, representando o complemento do verbo.

Destaco a seguinte observação de Almeida:

*Eu e tu flexionam-se em mim e ti quando regimes de preposição: de mim, de ti, por mim, por ti. Se a preposição for com, a forma será comigo, contigo. Eles, nós e vós funcionam também como regimes de preposição: dele, por ele, de nós, por vós, entre eles, entre nós, em vós. Se a preposição for com, a construção será com ele, conosco, convosco [...].* (ALMEIDA, 1961, p. 172, grifos do autor)

Delineio o quadro, abaixo, seguindo o autor:

PRONOMES PESSOAIS		
Pessoa Gramatical	Retos	Oblíquos
Singular 1ª 2ª 3ª	Eu tu ele/ela	me, mim, migo te, ti, tigo o, a, lhe, se, si, sigo
Plural 1ª 2ª 3ª	nós vós eles/elas	nos, nosco vos, vosco os, as, lhes, se, si, sigo

Quadro 6. Pronomes pessoais

Fonte: Almeida (1961, p. 172)

<sup>36</sup> Refiro-me a ele dessa maneira não pelo fato de ser o primeiro gramático brasileiro, mas considerando a sua figura influente de “entendedor” da língua portuguesa e pela grande repercussão que tem a sua gramática, seja com posicionamentos contra ou a favor.

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, Evanildo Bechara (1975) diz que os pronomes pessoais designam as três pessoas do discurso: 1ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural); 2ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural); e 3ª pessoa: *ele, ela* (singular), *eles, elas* (plural). As formas *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas*, que funcionam como sujeito, se classificam retas. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo, que funciona como complemento e pode apresentar uma forma átona ou forma tônica.

O autor salienta que ao contrário das formas átonas, as tônicas estão sempre “presas a preposição”, neste caso, “se a preposição é *com*, há as formas *comigo, contigo, consigo, conosco, convosco*, e não: *com mim, com ti*, etc. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós* quando estes pronomes tônicos vêm seguidos de *mesmos, próprios, todos, outros* ou oração adjetiva” (BECHARA, 1975, p. 95, grifos do autor).

Ilustro com o quadro a seguir:

PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
	átonos (sem prepos.)	tônicos (com prepos.)
Singular: 1ª pessoa: eu 2ª pessoa: tu 3ª pessoa: ela, ela	me te lhe, o, a, se	mim ti ele, ela, si
Plural: 1ª pessoa: nós 2ª pessoa: vós 3ª pessoa: eles, elas	nos vos lhes, os, as, se	nós vós eles, elas, si

**Quadro 7.** Pronomes pessoais

Fonte: Bechara (1975, p.95)

Segundo Domingos Paschoal Cegalla (1981), em sua *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, os pronomes pessoais são palavras que substituem os nomes e representam as pessoas do discurso. Para o autor, as pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais, como também considera) são: 1ª pessoa – a que se fala: *eu, nós*; 2ª pessoa – a com quem se fala: *tu, vós*; e 3ª pessoa – a de quem se fala: *ele, ela, eles, elas*. Também é apresentada a subdivisão dos pronomes como *retos* e *oblíquos*, enfatizando que “os pronomes retos funcionam, em regra, como sujeitos da oração, e os oblíquos, como objetos ou complemento” (CEGALLA, 1981, p. 113).

Depois, ele aborda sobre a acentuação dos pronomes oblíquos, informando que estes se dividem em tônicos (*mim, ti, si, comigo* etc) e átonos (*me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos* e *vos*). Ressalta que sendo associados a verbos terminados em *-r, -s* ou *-z*, os pronomes *o, a, os, as*, assumem as antigas formas *lo, la, los, las*, caindo aquelas consoantes e associados a

verbos terminados em ditongos nasal (-am, -em, -ão, -õe), os pronomes ficam com as formas *no, na, nos, nas*. É posto que os pronomes *migo, tigo, sigo, nosco, vosco*, do português antigo, se combinaram com a preposição *com*, originando as formas: *comigo, contigo, consigo, conosco e convosco*.

Cegalla (1981) exemplifica com o seguinte quadro dos pronomes pessoais:

PESSOAS DO DISCURSO	PRONOMES RETOS	PRONOMES OBLÍQUOS
	<i>Função subjetiva</i>	<i>Função objetiva</i>
1ª pessoa singular	eu	me, mim, comigo
2ª " "	tu	te, ti, contigo
3ª " "	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o,
1ª " plural	nós	a
2ª " "	vós	nos, conosco
3ª " "	eles, elas	vos, convosco
		se, si, consigo, lhes, os, as

**Quadro 8.** Pronomes pessoais

Fonte: Cegalla (1981, p. 113)

Na *Gramática do Português Contemporâneo*, Celso Cunha (1970) caracteriza os pronomes como pessoais por eles denotarem as três pessoas gramaticais, tendo a capacidade de indicar “*quem fala* = 1ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural); *com quem fala* = 2ª pessoa *tu* (singular), *vós* (plural); *de quem se fala* = 3ª pessoa: *ela, ela* (singular), *eles, elas* (plural)” (CUNHA, 1970, p. 200, grifos do autor). O autor diz que, quanto às funções, as formas do pronome pessoal podem ser retas e oblíquas, sendo estas quando nelas se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto) e aquelas quando funcionam como sujeito da oração. Quanto à acentuação, ele distingue os pronomes pessoais em átonos e tônicos, sem maiores explicações sobre as suas formas. Depois, prende a sua atenção sobre as formas como os pronomes oblíquos *o* e *a* podem aparecer na linguagem. O quadro, a seguir, reproduz o que foi mostrado pelo autor:

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Quadro 9. Pronomes pessoais

Fonte: Cunha (1970, p. 200)

Para Carlos Henrique da Rocha Lima (1978), em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, os pronomes pessoais “são palavras que representam as três pessoas do discurso, indicando-as simplesmente, sem nomeá-las” (p.98). Explica que a primeira pessoa, aquela que fala, denomina-se *eu*, com o plural *nós*; a segunda, *tu*, com o plural *vós*, é a com quem se fala; e a terceira é *ele* ou *ela*, com os respectivos plurais *eles* ou *elas*, que é a pessoa ou coisa de que se fala. Nomeia de *subjativos* ou *retos* os pronomes que servem de sujeito na oração e, aos que desempenham o papel de complemento do verbo, nomeia-os de *objetivos* ou *oblíquos*. Estes possuem formas átonas e tônicas, sendo que “as primeiras são partículas inacentuadas, que se colocam antes ou depois do verbo, [...] as segundas vêm sempre regidas de preposição” (p. 99).

Diz que as formas *o, a, os, as* são utilizadas em referência a um substantivo, que completa o sentido da frase sem vir precedido de preposição. Já as formas *lhe, lhes* representam substantivos regidos das preposições *a* ou *para*. Sem se alongar muito na explanação sobre as funções e formas dos pronomes, Rocha Lima (1978) ressalta que há outras cinco formas que, combinadas com a preposição *com*, apresentam-se como vocábulo único. São elas: *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco*.

As formas de pronomes pessoais, conforme o autor mostra, são as seguintes:

<b>PRONOMES PESSOAIS</b>	
1ª pessoa	singular: <i>me</i> (forma átona); <i>mim</i> (forma tônica) plural: <i>nos</i> (forma átona); <i>nós</i> (forma tônica)
2ª pessoa	singular: <i>te</i> (forma átona); <i>ti</i> (forma tônica) plural: <i>vos</i> (forma átona); <i>vós</i> (forma tônica)
3ª pessoa	singular: <i>o, a, lhe, se</i> (formas átonas); <i>ele, ela, si</i> (formas tônicas) plural: <i>os, as, lhes, se</i> (formas átonas); <i>eles, elas, si</i> (formas tônicas)

Quadro 10. Pronomes pessoais

Fonte: Rocha Lima (1978, p.99)

Conforme Manuel Said Ali (1965), na *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*, os pronomes pessoais também denotam as três pessoas do discurso, ou seja, a pessoa que fala ou 1ª pessoa; a pessoa com quem se fala ou 2ª pessoa; e a pessoa ou coisa de que se fala ou 3ª pessoa. Elas podem estar no singular ou no plural, sendo que a terceira pessoa tem, além de número, formas distintas de expressar o masculino e o feminino. Os pronomes *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles e elas* são utilizados como sujeitos da oração e são as formas retas. As formas oblíquas servem de complemento e se dividem em átonas e tônicas, empregando-se estas últimas com preposições. O autor destaca que “se a forma oblíqua for regida de *com*, diz-se: *comigo, contigo, conosco*, em lugar de *com mim, com ti, etc.*” e que “as formas *me, te, lhe, lhes, nos, vos* combinam-se com *o, a, os, as* dando *mo, to, lho, no-lo, vo-lo, ma, ta, etc.*” (SAID ALI, 1965, p.51, grifos do autor).

Ele organiza o seguinte quadro:

	<b>Formas Retas</b>	<b>Formas Oblíquas</b>	
		Não preposicionadas	Preposicionadas
Singular: 1ª pessoa	Eu	me	mim
2ª pessoa	tu	te	ti
3ª pessoa	ele, ela	lhe, o, a	ele, ela
Plural: 1ª pessoa	nós	nos	nós
2ª pessoa	vós	vos	vós
3ª pessoa	eles, elas	lhes, os, as	eles, elas

Quadro 11. Pronomes pessoais

Fonte: Said Ali (1965, p.51)

Em suma, observei que os gramáticos consultados adotam posicionamentos semelhantes ao tratar sobre pronomes pessoais, não deixando de perceber que eles mostram a língua como um sistema homogêneo e invariável, talvez isso se deva ao intrínseco papel que

esses autores têm: “o de ensinar a norma gramatical padrão”. Pude evidenciar que eles apenas codificam o idioma, prescrevendo o uso padrão dos pronomes. Os gramáticos ditam as normas que representam o ideal da expressão correta e ilustram as gramáticas com frases de grandes obras literárias, textos científicos, discursos formais etc. Todos eles indicam que as pessoas gramaticais são três, sendo elas definidas a partir do discurso. No entanto, um ponto que também merece ser observado diz respeito à noção de *pessoa*.

Émile Benveniste (1995 [1966]) traz uma discussão sobre os pronomes, considerando uma disparidade a classificação tradicional de pessoa porque é colocado em um mesmo plano os pronomes *eu*, *tu* e *ele*. De acordo com o autor,

[...] uma característica das pessoas “eu” e “tu” é a *unicidade* específica: o “eu” que enuncia, o “tu” ao qual “eu” se dirige são cada vez únicos. “Ele”, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos – ou nenhum. [...] Uma segunda característica consiste em que “eu” e “tu” são inversíveis: o que “eu” define como “tu” se pensa e pode inverter-se em “eu” e “tu”. Nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas duas pessoas e “ele”, uma vez que “ele” em si não designa especificamente nada nem ninguém. [...] a “terceira pessoa” é a única pela qual uma *coisa* é predicada verbalmente. (BENVENISTE, 1995 [1966], p. 253, grifos do autor)

O autor defende que essas três formas não são homogêneas, designando que somente o *eu* e o *tu* indicam as pessoas do discurso porque *eu* é aquela pessoa que exprime a ocorrência discursiva e *tu* é a pessoa a quem o discurso é dirigido. A forma *ele* é sobre quem ou o que é o discurso, referente a uma infinidade de sujeitos ou coisas. Então, Benveniste (1995 [1966]) classifica o *ele* como “não-pessoa” e enfatiza que essa forma permite realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma “pessoa” específica como as duas primeiras pessoas fazem. “É preciso ver que a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu*, *tu*, *ele*, abole justamente a noção de ‘pessoa’. Esta é própria somente de *eu/tu*, e falta em *ele*” (BENVENISTE, 1995 [1966], p. 277-278, grifos do autor).

Conforme é percebido, há uma distinção bastante marcada entre as duas primeiras pessoas e a terceira. Ao tratar sobre a natureza dos pronomes, Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1979), José Lemos Monteiro (1994) e Sírio Possenti (2002) seguem o posicionamento de Benveniste sobre essa questão. Câmara Jr (1979) considera que o sistema de pronomes pessoais em português é a rigor dicotômico. De uma parte, há a antiga estrutura latina com – *eu*, *tu*, *nós*, *vós*; de outra parte, a série de 3ª pessoa com a estrutura nominal de feminino em –*a* e plural em –*s*. Os primeiros se referem às pessoas que participam ativamente da comunicação e o segundo substitui um substantivo no contexto linguístico que, por sua vez, refere-se a

qualquer coisa que é assunto passivo da comunicação (CÂMARA JR., 1979, p. 93).

Para esse autor supracitado, os pronomes de 1ª e 2ª pessoas continuam com a estrutura latina de formas independentes para o singular e plural e de ausência da categoria de gênero. Já o pronome de 3ª pessoa concorda em gênero e número com o substantivo que substitui. Afirma Monteiro (1994, p. 33-35) que essa noção de pessoalidade se estende inapropriadamente a elementos que não participam do ato discursivo e complementa que essa noção deveria ser aplicada somente a quem fala e a quem ouve, ou seja, a 1ª e a 2ª pessoas porque a 3ª pessoa possui a natureza e funções diferentes e tanto se reporta a seres vivos como a coisas ou abstrações. Ele ainda observa, de forma sagaz, que o fato de a tradição gramatical não adotar essa percepção do linguista francês, não indica que ela desconheça essa questão de que a noção de pessoa é própria somente de *eu* e *tu*, inexistindo na forma *ele* porque as gramáticas, em geral, denominam de “impessoais” (ou seja, não pessoais) os verbos que somente são conjugados na 3ª pessoa.

Possenti (2002, *on line*) segue em consonância com essas ideias apresentadas e expõe que as formas *eu* e *tu* (junto com o *você*, o autor insere também esta forma para a 2ª pessoa) se referem àquele que fala e àquele a quem a fala é dirigida, não substituindo nomes. Complementa que essas formas não tem marca de gênero nem plural (exceto o *vocês*), podendo ser empregadas tanto por/para homens e mulheres. A forma *ele* pode ser flexionada quanto ao gênero e número (*ele, eles; ela, elas*) e não é uma pessoa do discurso (isto é, não participa da conversa, embora possa ser assunto dela e se refere a humanos, animais e objetos).

Finalizo esta seção tratando sobre essa diferença que opõem os pronomes, quanto à noção de *pessoalidade*, por observar, indo de acordo com Dalto (2002), que isso pode refletir em seus comportamentos quando em função de objeto.

### **2.2.2 A natureza do fenômeno estudado: algumas particularidades no uso dos pronomes-objeto direto e indireto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas no português brasileiro**

Na consulta às gramáticas, atentei ao fato de alguns autores tecerem pequenos comentários ou criticar veementes os chamados *barbarismos*, *brasileirismos*, *desvios da norma* ou *mau uso da língua* ao tratarem sobre o emprego dos pronomes porque eles chamam a atenção para o uso cotidiano dos pronomes no português brasileiro ditando o que deve ser evitado. Além de mostrar o que dizem esses gramáticos tradicionais, demonstro, aqui, o que expõem alguns linguistas a partir de uma visão mais descritivista do português brasileiro,

esboçando a verdadeira configuração dos pronomes-objeto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, principal foco deste estudo, ao sistematizarem a estrutura e o funcionamento da língua.

Quando o quesito é colocação pronominal, há casos em que o uso dos clíticos de complemento direto e indireto pode ser “contrariado”, como já bem ressaltam alguns gramáticos puristas que reservam um espaço em seus manuais para falarem sobre esse “desvio” da língua portuguesa. Estas observações, mesmo possuindo uma carga preconceituosa, já fazem, de certa forma, uma descrição da língua.

O próprio Napoleão de Almeida assume que “no Brasil, até mesmo entre doutos, comete-se na conversação o comezinho erro de dar para objeto direto o pronome do caso reto (caso nominativo, caso sujeito), ouvindo-se a cada passo solecismos como estes: ‘Só vejo *ele* de tarde’ – ‘Olhe *ele* ali’ ” (ALMEIDA, 1961, p. 155, grifos do autor). Sobre os pronomes-objeto *o* e *lhe*, o gramático pontua que não podem ser usados indiferentemente porque a forma *o* jamais poderá funcionar como complemento indireto e a forma *lhe* jamais como direto. Ele complementa: “Comete erro gravíssimo quem diz: ‘Eu *lhe* vi’, porque o verbo *ver* é transitivo direto, e, portanto, o oblíquo deve ser *o*. Da mesma forma, erra enormemente quem diz: ‘Eu *o* obedeco’, porque o verbo *obedecer* é transitivo indireto, e, portanto o oblíquo deve ser *lhe*” (ALMEIDA, 1961, p. 158, grifos do autor).

Também é comentado sobre os casos em que o pronome objeto desempenha a função de sujeito. Isso se dá com os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar*, *ouvir*, *sentir*, *ver*, etc. e quando estes verbos têm como objeto outros verbos no infinitivo. O gramático alerta que, nesses casos de *sujeito acusativo*, não se deve deixar enganar e atribuir aos pronomes função de objeto por aparecem na forma dita oblíqua. Ele enfatiza: “São portanto erradas as construções: ‘Fiz *ele* entrar – ‘Vi *elas* sair’ – Deixei *ele* passear’ – ‘Viu *eu* entrar’, em vez de: ‘Fi-*lo* entrar’ – ‘Vi-*as* sair’ – ‘Deixei-*o* passear’ – ‘Viu-*me* entrar’ ” (ALMEIDA, 1961, p. 160, grifos do autor).

Em suas considerações, Cunha (1970) comenta que “na fala vulgar e familiar do Brasil é muito freqüente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em frases do tipo: Vi *ele*; Encontrei *ela*. Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta nos trovadores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada” (CUNHA, 1970, p. 209, grifos do autor). O autor reconhece que o emprego das formas *você* e *o senhor* (*a senhora*) se estende, no cotidiano, não só nas funções de sujeito, mas também nas de objeto (direto e indireto), substituindo frequentemente as correspondentes átonas *o*, *a* e *lhe*. Cita como exemplos: “Não vi *você* ontem” (= Não *o* vi ontem); “Vou dar *a você* um livro” (= Vou dar-*lhe* um livro); “Quería servir *o senhor* muito bem” (= Quería servi-*lo* muito bem);

“Comprei uma bolsa para *a senhora*” (= Comprei-*lhe* uma bolsa) (CUNHA, 1970, p. 211, grifos do autor). Ao abordar sobre o emprego do pronome objeto como sujeito de um infinitivo, o gramático apenas compara a semelhança entre as frases “Mandei *que ele saísse* / Mandei-*o sair*” e elenca outras como “Deixe-*me falar* / Mandam-*te entrar* / Fez-*nos sentar*” sem dá grandes explicações e não tece comentários sobre esse uso no dia a dia (CUNHA, 1970, p. 216).

O que foi mostrado de Almeida (1961) e Cunha (1970) resume, de maneira geral, o que a maioria dos autores de gramáticas normativas faz: descreve uma variedade da língua pouco usada e contribui para uma construção ou perpetuação de estigmas em relação a certas formas e usos, quando não as ignoram. Anteriormente à publicação dessas gramáticas, já havia sido realizados estudos descritivos sobre as particularidades brasileiras, mas por questões de ordem política, histórica e cultural, esses gramáticos prestigiam a norma do Português Europeu, tornando-se esta uma “agência padronizadora” da norma oficialmente adotada no Brasil. Apresento, a partir de agora, as três primeiras obras que descrevem o português brasileiro no início do século XX, a saber: *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920); *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922); e *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934).

Em seu livro, Amaral (1920) descreve uma língua popular do interior de São Paulo. Afirma que o emprego do *tu* é puramente enfático, ligando-se a formas verbais da 3ª pessoa: “*tu* bem sabia” / “*tu* vai” / “*tu* disse” – , e que, excepcionalmente, ouve-se o *vós*. Relata que as formas *a gente* e *você* são muito usadas e revela que os casos conhecidos como oblíquos *nos* e *vos* têm emprego muito restrito porque, na maior parte das vezes, são preferidas as formas *pra nós* e *pra você* (AMARAL, 1920, p. 56). Adiante, o autor traz mais informações, comentando que os pronomes *ele* e *ela* podem ser objeto direto: “peguei *ele*” / “enxerguei *elas*” – , e ressalta que “este fato é um dos mais generalizados pelas diversas regiões do país” porque o pronome *o/a* “perdeu toda a vitalidade, aparecendo quase unicamente encravado em frases ossificadas” (AMARAL, 1920, p. 59, grifos do autor). Sobre o uso do clítico *lhe*, ele declara:

De *lhe* só usam os caipiras referido à pessoa com quem se fala. Assim, dizem eles, dirigindo-se a alguém: - *Eu já le falei, fulano me afianço que le escrevia*, i. é, “eu já *lhe* falei” (ao senhor, a você), “fulano me assegurou que *lhe* escrevia” (a você, ao senhor). Pode-se dizer, pois, que o pronome *lhe*, conservando a sua função de pronome da “terceira” pessoa *gramatical*, só se refere, de facto, à “segunda” pessoa *real*. Aludindo a um terceiro indivíduo, o caipira dirá: *Eu já decrarei p’ra ele. Fulano me garantiu que escreveu p’ra ele*. (AMARAL, 1920, p. 59, grifos do autor)

Ao tratar sobre o emprego de formas pronominais nominativas, observa que, quanto à construção “Não quer bem *a eu*”, é possível que se encontre no Norte do país porque, em São Paulo, o caipira diz “Não qué bem *eu*”, sem preposição, e que a regra, quando se trata da primeira pessoa, é usar os pronomes oblíquos: “Não *me* qué”, “não *me* obedece”, “não *me* visitô” (AMARAL, 1920, p. 60). Marroquim (1934) planeia o seu estudo a partir da língua falada em Alagoas e Pernambuco por considerar os seus usos linguísticos idênticos, devido às formações históricas e étnicas. Na seção destinada aos pronomes, o autor revela que os pronomes mais usados no tratamento cotidiano, em ordem decrescente, são: *tu*, *você* e *vós* e que, pela hibridização das flexões verbais, a 2ª e 3ª pessoas têm uma só forma: “*tu vai / você vai*”. O verbo também é conservado na 3ª pessoa do singular com a forma *vós*. Ele revela que: “*nos* e *vos* não são empregados pelo povo. *Nos* é substituído por *a gente*; *vos* por *vocês*. *Contigo* é forma desconhecida; *comigo* é pouco usada. É mais frequente ouvir *cum eu*, *cum tu* ou *cum você*, e também – o que é mais usual – *mais eu*, *mais tu*, *mais você*” (MORROQUIM, 1934, p. 113, grifos do autor).

Depois, acrescenta o autor que existe uma predominância no uso das formas nominativas dos pronomes sobre as outras com flexões causais. De acordo com ele:

[...] o caso nominativo domina sobre os demais, e, para obedecer a essa inclinação sintática, o matuto modifica a frase com o fim de evitar o emprego do pronome flexionado. O nominativo exige menos esforço de interpretação; indica diretamente a pessoa gramatical; é mais instintivo que os casos oblíquos. Isso justifica a sua preferência. [...] Houve uma padronização bem natural, em face da simplicidade dos nominativos, junto aos demais casos, simplicidade que facilitou a analogia e encaminhou o uso para o caso reto, apesar de a preposição atrair o pronome para o oblíquo. E surgiram, assim, construções como: – *de eu*, *a eu*, *com nós* [...] *a ele*, *dele*, *com ele*. (MARROQUIM, 1934, p. 171-171)

Quanto ao pronome objeto como sujeito de infinitivo, Marroquim (1934) mostra que, também nesses casos, há uma tendência para o uso das formas nominativas. O autor defende a ideia de que a necessidade de clareza na fala pode fazer com que se empreguem as formas *ele* / *ela* em relação aos pronomes átonos de 3ª pessoa *o*, *a*, *os*, *as* e afirma: “Esse emprego é geral em todo o Brasil. É construção que dificilmente será extirpada do falar brasileiro, pois atingiu todas as classes sociais. Terá de entrar na gramática, a não ser que [...] ela deixe de ser a codificadora dos fatos da linguagem” (MARROQUIM, 1934, p. 176-177). Ele cita Eduardo Carlos Ferreira ao dizer que o uso do clítico acusativo diminuiu na pronúncia brasileira e que certas frases de uso frequente, tais como *vi-o*, *via-a*, *eu o vi*, *ouvi-o*, *ouvi-a*, *eu o ouvi* se tornam “obscuras ou ambíguas”, então, “urgido pela lei suprema da linguagem, que é a clareza, remove o povo a dificuldade lançando mão, por instinto ou atavismo, do uso arcaico

do pronome reto: *vi elle, vi ella, ouvi elle, ouvi ella, eu ouvi elle*” (MARROQUIM, 1934, p. 179, grifos do autor). Acrescenta que a forma nominativa de 1ª pessoa também aparece em função de complemento direto e ilustra com estes exemplos: “Solte elle e *mate eu* / Muita gente fica louca *vendo eu* mettido em questão / Ficou passada de dó de *vê nós* no cativeiro / Pra *botá nós* n’uma escola”, ressaltando que ou se emprega o *nós* posposto ou o “coletivo” *a gente* e que o plural da 2ª pessoa é sempre *vocês*.

Ainda explanando sobre os pronomes objetos, o autor informa que o *lhe* é empregado em função de complemento direto e indireto, colocando como ressalva: “A dualidade das formas *lhe* e *o* para uma só relação gerou a confusão no seu emprego. A linguagem usual encontrou o remédio na especialização. *Lhe* passou a indicar a 2ª pessoa e *o* a 3ª: Eu *lhe* vi = eu vi *você* / Eu *o* vi = eu vi *ele*” (MARROQUIM, 1934, p. 184, grifos do autor).

É notável que as explicações tanto de Amaral quanto de Marroquim demonstram que foram feitas significativas pesquisas de campo, a fim de buscar explicar as distintas vertentes da língua portuguesa<sup>38</sup>. Os trabalhos dos três autores merecem reconhecimento pelo fato de terem superado as condições da época sem muitas “informações linguísticas” e desenvolvido essas reflexões sobre o português brasileiro, mesmo, em alguns momentos, deixando transparecer determinadas expressões ou colocações que hoje soam como preconceito linguístico. Na época, talvez, não elas carregassem essa carga semântica. O que destaca de Nascentes (1922) são trechos cujas explicações apontam para uma possível consciência do autor sobre o processo de variação e mudança da língua:

[...] o que hoje nos afigura abuso e extravagância, é amanhã norma aceita e benvinda. [...] o que hoje é considerado errôneo, daqui a séculos será uma linguagem castiça onde por sua vez novos solecismos hão de surgir porque [...] sempre haverá uma classe que fale bem e outra que se exprima menos bem. [...] As línguas alternam-se com a mudança de meio e o nosso modo de falar diverge e há de divergir, em muitos pontos, da linguagem lusitana. Muitas são já as diferenças atuais, que passam despercebidas por não haver um estudo feito neste sentido. (NASCENTES, 1922, p. 107/144)

Avançando pelos estudos que trazem uma descrição linguística do português brasileiro quanto aos pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, cito Câmara Jr. (2004 [1972], p. 96) que, ao tratar do pronome *ele* (e suas variantes de feminino e plural) na função de complemento direto, explana que este uso é um dos seus traços mais característicos e “de todos os níveis sociais no

<sup>38</sup> Cito mais detalhadamente partes do trabalho desses dois autores pelo mérito que tem Amaral por ter realizado uma primeira obra de descrição linguística no Brasil e Marroquim, pelo seu trabalho datar de 1934, já realiza um trabalho mais bem elaborado e trazendo mais informações de cunho científico. Ao Nascentes, não o desmerecendo, teço-lhe apenas algumas considerações logo mais adiante.

Brasil; só o evitamos em certas situações nas quais aquele que fala sente toda sua responsabilidade de homem instruído e, mesmo assim, ele não chega sempre a eliminá-lo de todo”.

Em outro estudo realizado, Câmara Jr. (1997 [1970]), primeiramente, faz a sua descrição dos pronomes assim como encontramos nas Gramáticas Normativas<sup>39</sup>, no entanto, o autor enfatiza que “tal quadro é, a rigor, puramente teórico; e em nenhuma região da língua portuguesa ele se realiza exatamente” (CÂMARA JR., 1997 [1970], p. 119). Com isso, ele reconhece as mudanças no uso dos pronomes e acrescenta que a primeira grande modificação foi a perda de *vós* como plural exclusivo de *tu*, havendo a possibilidade de marcar o ouvinte pela forma *você* e *senhor(a)* com o verbo na 3ª pessoa. O autor nota que a adoção de *você* introduz a forma *te* ao lado de *o*, *a*, ou *lhe*, e assim aquela forma fica intercambiável com estas duas. O *lhe* foi deslocado (com a mesma amplitude de *me* e *te*) para forma correspondente a *você* e *o senhor*. Na 3ª pessoa, são eliminadas *o*, *a* e *lhe* (no plural *os*, *as* e *lhes*) em proveitode *ele* (-a, -s) em qualquer função na frase. As formas da 2ª pessoa *tu*, *te*, *ti*, *contigo* persistem com finalidade puramente estilística, ao lado de *você* (cf. CÂMARA JR., 1997 [1970], p. 120). Disso, resulta o seguinte quadro:

P1: eu ; me ; mim ; comigo
P2: você ; o senhor (fem. a senhora) ; o (fem. a), lhe tu ; te ; ti ; contigo
P4: nós ; conosco
P5: Primeira série de P2 + /S/
P3: ele (-a) ; o (-a), lhe
P6: P3 + /S/

**Quadro 12.** Pronomes pessoais atuais Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 120)

O linguista expõe este quadro configurando uma nova formulação dos pronomes adotados nas línguas escrita e falada, tomando como base o dialeto culto do Rio de Janeiro. Outra estratégia na realização do objeto, tanto direto quanto indireto de 3ª pessoa, é a retomada do antecedente por meio de um sintagma nominal (SN). Não encontrei registros nas gramáticas consultadas que a mencionassem como uma estratégia de pronominalização. Recorrendo à Linguística Textual, podemos dizer que este mecanismo que envolve a repetição do mesmo item lexical ao longo do texto é classificado por Ingedore Villaça Koch (1989) de coesão textual<sup>40</sup>, pois se trata de um processo de sequencialização que assegura (ou torna

<sup>39</sup> O autor inova, de certa forma, ao tratar as pessoas do sistema pronominal, tanto aquelas usadas como sujeito de um verbo quanto como complemento, por P1, P2, P3, P4, P5 e P6.

<sup>40</sup> Parto do princípio de que texto se trata de uma manifestação linguística escrita ou falada dotada de sentido.

recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual. Ressalto que, além dessa recuperação ser feita pela reiteração do mesmo item lexical, pode haver a substituição por um nome cognato, mantendo a relação semântica, como mostrado nos seguintes exemplos:

(1)<sup>41</sup> Toda manhã, Zé leva sua *filha* para a creche e no final do dia ela vai buscar a *menina*.

(2) Ela entregou a encomenda a Zé e depois de tanta recomendação ainda disse a Zé que não dormisse até seus pais chegarem.

A substituição das palavras *filha* e *Pedro* por *menina* e *Pedro* nas frases assegura coesão lexical e garante simultaneamente “identidade referencial” porque designa a mesma informação dita anteriormente. Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1989) afirma que essa estratégia é bastante expressiva porque funciona como um drible do falante para não usar o clítico em função substitutiva, considerado mais rebuscado, nem o pronome lexical avaliado socialmente como negativo. Então, repete-se o SN.

Outra estratégia na retomada dos complementos, e que é o principal foco deste trabalho, é quando a pronominalização cede vez ao apagamento. Porém, a sua forma, nessa relação anafórica, é facilmente identificável no contexto da fala, uma vez que o ouvinte já tenha sido apresentado a uma forma antecedente que foi anaforizada. Desse modo, além dos clíticos acusativos ou dativos e dos pronomes lexicais, regidos ou não por preposição, e dos SNs anafóricos, há o emprego da categoria vazia, conhecida, também, por *objeto nulo*. Ressalto que não possuindo o mecanismo de anáfora da 3ª pessoa, o que “facilitaria” o seu apagamento, busco verificar os possíveis contextos de apagamento dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas em suas relações dêiticas. Sônia Cyrino (1994) observa que

independentemente de qual seja a correta representação da categoria vazia em oposição de objeto, o chamado “objeto nulo” sempre tem um antecedente, sempre faz referência a um NP, seja no discurso anterior, seja na situação (dêitico). O objeto nulo é mais um recurso das línguas para se referir a um elemento já mencionado. (CYRINO, 1994, p.15)

---

<sup>41</sup> Os exemplos (1), (2), (3), (4) e (5) foram criados para ilustração.

Para melhor observação das realizações do objeto nulo, exemplifico, abaixo:

(3) Eu aprendi sozinho a andar pelas ruas da cidade. Ninguém  $\emptyset$  ensinou.

[apagamento da forma *me* → 1ª pessoa]

(4) Cheguei atrasado, professora, e não vou  $\emptyset$  dar uma desculpa.

[apagamento da forma *te* → 2ª pessoa]

(5) Aos domingos, me encarrego de comprar *o jornal* para entregar  $\emptyset$  a meu pai.

[apagamento do antecedente *o jornal* → 3ª pessoa]

Nas frases acima, houve uma supressão de termos facilmente subentendidos. Para a Linguística Textual, seria, então, uma substituição por zero, omitindo-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado facilmente recuperáveis pelo contexto (cf. KOCH, 1989). A própria gramática normativa também denomina esse recurso linguístico de *elipse*, e define: É uma espécie de economia das palavras (cf. CEGALLA, 1981). Em estudos sobre o português brasileiro, tal recurso é denominado objeto nulo, uma forma não estigmatizada,

vem *co-ocorrendo* e *concorrendo* com outras formas realizadas foneticamente – como sintagmas nominais e pronomes objetos, por exemplo. Neste sentido, é possível interpretar essa ausência de preenchimento tanto do ponto de vista sintagmático – na medida em que se estabelece uma relação significativa entre o antecedente e o apagamento e essa relação serve de critério para que se determine ou não um dado como objeto nulo – quanto do ponto de vista paradigmático – já que a forma vazia, encontrada na função de objeto, se opõe às formas plenas e compõe, juntamente com essas, um paradigma de formas capazes de desempenhar a função de objeto [...]. (DALTO, 2002, p. 35-36, grifos meus)

Cyrino (1996) atesta que o objeto nulo já ocorria em variação com o clítico no português do século XVI, estendendo-se a outros contextos a partir do século XIX e seu uso se intensificou na variedade brasileira. A autora registra que os clíticos da 3ª pessoa são os que apresentam maior grau de desaparecimento, propiciando o esvaziamento da posição do objeto. Ela lança a hipótese de que a origem do objeto nulo estaria relacionada à queda do desse clítico que passa a ocorrer por conta da mudança na sua colocação, havendo uma preferência pela posição proclítica, ocorrendo de forma generalizada, e o clítico *o* teria sido o primeiro a ser atingido, em sentenças do tipo: “João *o* tinha visto”. A partir do século XIX,

observam-se ocorrências do pronome lexical nessa função e isso foi se acentuando ao longo do século XX.

Emílio Pagotto (1996) aborda sobre o processo de mudança na posição dos clíticos pronominais no português brasileiro, procurando relacionar esse fato ao próprio desaparecimento, como apontado por Cyrino (1996). O autor constata que, com verbos simples, o clítico fica sempre anteposto ao verbo: “Maria viu-*me* > Maria *me* viu” -, e que em construções envolvendo dois verbos, a próclise ocorre ao segundo verbo: “Maria pode encontrar-*me* hoje / Maria pode-*me* encontrar hoje > Maria pode *me* encontrar hoje”. Este último contexto constitui uma grande inovação no português brasileiro e “os clíticos que restaram mais fortemente no sistema são clíticos neutros em relação à concordância: *lhe*, *me*, *te* se se deseja trabalhar com a hipótese de sobrevivência de tais elementos em PB. É plausível supor então que as mudanças havidas colocaram a sobrevivência dos clíticos em jogo.” (PAGOTTO, 1996, p. 201, grifos do autor).

Jairo Nunes (1996) reforça a ideia de que o sistema inovador do português brasileiro abriu caminho para duas novas construções que passam a substituir a construção com o clítico de 3ª pessoa, ou seja, construções com o objeto nulo e com o pronome lexical. De acordo com ele:

Com a inexistência de aquisição dos clíticos acusativos de terceira pessoa por uma geração de falantes, construções com esses clíticos tornaram-se menos freqüentes no ambiente linguístico. Isso, por sua vez, forneceu combustível adicional para que as gerações subseqüentes que já tinham adquirido um sistema com cliticização da esquerda para direita também não adquirissem esses clíticos. Assim, em pouco mais de um século depois que a mudança na direção de cliticização teve início, os clíticos acusativos de terceira pessoa vêem-se ameaçados de extinção no português brasileiro. A obsolescência das antigas construções com clíticos, então, abriu caminho para a expansão das construções com objeto nulo e para a introdução de construções com pronome tônico na posição de objeto. (NUNES, 1996, p. 220)

Portanto, considerando o que foi visto nesta seção, posso dizer que essas não são “desleixadas maneiras de se expressar”, como dizem alguns gramáticos, e sim, realizações de estratégias linguísticas em um processo de reconstrução, em uma forma lógica e sistematizada, de um antecedente por essas categorias citadas. Como a língua sofre mudanças, muito do que é prescrito na gramática normativa, em um conjunto de regras, já não é mais usado por seus falantes, por isso descrever uma língua é identificar as formas variáveis de expressão existentes. Em alguns livros, manuais ou gramáticas descritivas, já vem sendo proposto uma nova distribuição no quadro do sistema pronominal brasileiro. Deixando de representá-lo totalmente aos moldes do português europeu, admitindo-se “legalmente” as alterações ocorridas, como o desuso do *vós*, a inserção do *você* e *a gente*, o uso do *lhe* como

complemento direto, o uso de pronomes-sujeito em função de objeto e até apontar a possibilidade de substituição das formas plenas pelo apagamento.

Após essa reflexão, espero que os resultados encontrados nesta pesquisa contribuam para a discussão dos fenômenos linguísticos em variação e mudança no português brasileiro, sobretudo no que tange aos pronomes pessoais. Na próxima seção, reúno alguns trabalhos que já trataram sobre o tema, no que se refere ao uso dos pronomes-objeto de 1ª, 2ª e 3ª de pessoas na língua falada.

## 2.3 CLÍTICOS, FORMAS TÔNICAS, PRONOMES LEXICAIS, SNs/SPs E OBJETO NULO

A observação da língua é o principal caminho para que haja uma maior adequação entre a realidade linguística e a sua sistematização nas gramáticas. No uso cotidiano, os pronomes oblíquos são expressos de diferentes maneiras, como evidenciado na seção anterior. Aqui exibo o resultado de algumas pesquisas que já trataram desse fato linguístico e que me serviram como referência para verificar, em variedades do PB, como se distribuem os clíticos, formas tônicas, pronomes lexicais, SNs/SPs anafóricos e objeto nulo de 1ª, 2ª e 3ª pessoas.

### 2.3.1 Os pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas

#### 2.3.1.1 Função acusativa

Cristiane Dias Lima Dalto (2002) descreve o comportamento dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas em função de objeto direto nos dialetos de Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre. Os *corpora* foram compostos por 72 entrevistas, sendo vinte e quatro de cada cidade, e foi levantado um total de 2191 dados, distribuindo-se: 915 para FLP, 596 para CTB e 680 para POA. As variáveis sociais controladas foram: cidade, sexo dos informantes (masculino e feminino), escolaridade (primário, ginásio e secundário) e faixa etária (25 a 50 anos e a partir de 50 anos). A pesquisadora considerou como regra de aplicação o objeto nulo e observou os seguintes resultados para a amostra de Florianópolis: variável *tipo de interlocução* (discurso relato de terceiros 55% (.69); variável *pessoa* (1ª pessoa 29% (.54)); variável *transitividade verbal* (verbo transitivo direto e indireto 36% (.58) e verbo transitivo indireto 26% (.51)); variável *tipo de verbo* (*dicendi* 46% (.65)); variável *tempo e modo verbais* (pretérito

imperfeito 39% (.67), presente do indicativo 26% (.52) e infinitivo 20% (.50); variável *escolaridade* (ginásio 28% (.57) e secundário 29% (.52).

Quanto à amostra de Curitiba: variável *tipo de interlocução* (discurso relato de terceiros 62% (.67)); variável *pessoa* (1ª pessoa 28% (.64)); variável *transitividade verbal* (verbo transitivo indireto 15% (.70) e verbo transitivo direto e indireto 29% (.58)); variável *gênero de discurso* (argumentação 28% (.57)); variável *tipo de verbo* (*dicendi* 33% (.64)). Por fim, a amostra de Porto Alegre: variável *pessoa* (1ª pessoa 32% (.60)); variável *gênero de discurso* (argumentação 40% (.65)); variável *transitividade verbal* (verbo transitivo indireto 30% (.60) e verbo transitivo direto e indireto 33% (.56)); variável *tipo de verbo* (*dicendi* 39% (.6)); variável *tempo e modo verbais* (pretérito imperfeito 33% (.63), presente do indicativo 33% (.54) e pretérito perfeito 29% (.51)); variável *faixa etária* (faixa I (25 a 50 anos) 32% (.55)).

Juvanete Ferreira Alves Brito (2010) realiza uma pesquisa com os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas como complementos diretos na comunidade rural de Piabas, localizada no município de Caem-BA. No levantamento das ocorrências de 1ª pessoa, a autora registrou a realização do objeto direto através dos clíticos, dos pronomes plenos e objeto nulo. Quanto às variáveis sociais, foram considerados a faixa etária (faixa I (de 20 a 30 anos), faixa II (de 40 a 60 anos), faixa III (acima de 70 anos)) e o gênero (masculino e feminino). No total, foram encontradas 92 ocorrências desses pronomes, distribuídos desta forma: 77 ocorrências de realização da 1ª pessoa: 54 ocorrências de clítico (70%), 11 de pronome lexical (14%) e 12 de objeto nulo (16%); 15 ocorrências de realização da 2ª pessoa: 7 ocorrências de clítico (47%), 5 de pronome lexical (33%) e 3 de objeto nulo (20%).

Considerando os resultados encontrados na 1ª pessoa, a autora faz estas considerações sobre as variáveis: *número do SN objeto* (na 1ª pessoa do singular, o clítico *me* (85%) é mais realizado em relação às formas *eu* (7%) e objeto nulo (8%); no plural, o pronome lexical (39%) e o objeto nulo (39%) são mais usados)); *tempo verbal* (uso neutro do clítico e do objeto nulo entre os dois fatores, ou seja, tanto em formas simples (66% e 17%) quanto em formas complexas (77% e 13%)); *tipo de oração* (tanto em oração principal/absoluta quanto em coordenada/subordinada o uso do clítico foi equilibrado, com (78%) e (62%), respectivamente, o objeto nulo foi mais favorecido em orações subordinadas, 24% contra 7%); *presença/ausência de sujeito* (a presença parece condicionar o uso clítico 64% e o pronome lexical (21%)). Nas variáveis sociais: *faixa etária* (faixa I (73%) e faixa III (78%) apresenta índices semelhantes no uso do clítico; faixa II apresenta uma porcentagem

intermediária (53%)); *gênero* (há um leve favorecimento do uso dos clíticos na fala dos homens (79%) e (65%) para o uso com as mulheres).

Nos pronomes de 2ª pessoa, foi registrado: *número do SN objeto* (não houve ocorrência de clítico no plural); *tempo verbal* (uso mais frequente do clítico tanto nas formas simples quanto complexas); tipo de oração (favorecimento do uso do clítico nas orações principais/absolutas (66%)); *presença/ausência de sujeito* (há favorecimento do clítico quando o sujeito está presente; quando o sujeito está ausente, a preferência é pronome lexical, no caso *você*). Nas variáveis sociais: *faixa etária* (há preferência pelo pronome lexical *você* em detrimento de *te* e objeto nulo e ocorre variação somente na faixa II, sendo que não foram registradas ocorrências de objeto nulo na faixa I e nem de pronome lexical na faixa III; *gênero* (tanto homens quanto mulheres realizam mais o clítico de 2ª pessoa, contudo, há um leve favorecimento do uso dos clíticos na fala das mulheres (60%).

Gilce de Souza Almeida (2009) realizou um estudo sobre as formas que representam o objeto direto de segunda pessoa em Salvador, com base em amostras de fala coletada de 36 informantes de ambos os sexos, possuindo nível fundamental ou nível superior e dentro da seguinte faixa etária: faixa I (de 25 a 35 anos), faixa II (de 45 a 55 anos) e faixa III (de 65 a 75 anos). Nos dados, a autora encontrou um total de 682 ocorrências, distribuindo-se assim: 251 ocorrências de *lhe* (37%), 247 de *te* (36%), 141 de objeto nulo (21%) e 43 de *você* (6%), sendo que estes dois últimos foram excluídos da análise.

As variáveis que condicionam o uso de *lhe* por *te* são: *paralelismo discursivo* (quando o *lhe* ocorre em uma sequência discursiva, existe grande possibilidade de que seja repetido na estrutura seguinte 85% (0,88)); *tipo de discurso* (o discurso relatado próprio 75% (0,84) e o discurso relatado de outra pessoa 75% (0,79) favorecem significativamente o uso do *lhe* acusativo); *monitoramento da fala* (a forma *lhe* revelou ser usada em situações em que se requer maior atenção à fala 54% (0,61), especializando-se como variante de estilo [+monitorado]); *faixa etária* (mostrou ser significativa, apontando a conservação do *lhe* entre os falantes mais velhos (75 a 85 anos), com 82% (0,84), o uso de *te* entre os mais jovens (25 a 35 anos) e na faixa II (45 a 55 anos), houve neutralidade na escolha das formas); *sexo do informante* (o uso de *lhe* se manteve entre os homens 68% (0,74) e esse uso foi pouco evidente entre as mulheres, que preferiram a variante *te*).

### 2.3.1.2 Função dativa

Em se tratado da pesquisa realizada por Berlinck (1996) sobre o objeto indireto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, foi alertado pela autora que o clítico dativo não em recebido um tratamento específico, assim como os pronomes da 3ª pessoa. Neste estudo, ela parte do princípio que o desuso do clítico de 3ª pessoa e o aumento do uso do pronome lexical e do objeto nulo para expressar o objeto direto também trouxeram implicações na realização do indireto. A autora utilizou uma amostra de fala informal de jovens universitários de Curitiba e estabelece três variantes: pronome objeto, sintagma preposicionado (SP) e objeto nulo. No tratamento aos dados, ela descarta os casos do objeto nulo e analisa somente as sentenças com complemento indireto preenchido e constata que houve uma maior preferência para o uso dos clíticos (83% para a 1ª pessoa e 78% para a 2ª pessoa). Considerando os SPs, a autora destaca que a forma [*para* + SN] se sobressai nos casos analisados (90%) e as outras ocorrências (10%) estão relacionadas ao uso [*a* + SN]. Ou seja, há uma predominância da preposição *para* e uma significativa redução da *a*. Os resultados com a 3ª pessoas são mostrados mais adiante.

Conforme já mencionado, a pesquisa de Dalto (2002) buscou analisar as ocorrências do objeto nulo nas três capitais do Sul do Brasil, tanto na função de complemento direto quanto indireto. No entanto, ao invés de ela fazer rodadas separadas com cada tipo de complemento e suas respectivas variantes, dentre elas o objeto nulo, foi realizada um só rodada controlando o *tipo de objeto* com uma variável, sendo que os fatores foram objeto nulo e objeto preenchido. Considerando isso, informo que essa variável foi selecionada para as três cidades pesquisadas e o fator objeto indireto foi apontado como o que mais se mostra propício ao apagamento. Os resultados do apagamento do complemento indireto nas respectivas cidades são: Florianópolis 36% (.59), Curitiba 29% (.59) e Porto Alegre 35% (.58).

Na pesquisa sobre a variação entre os pronomes *mim/eu* na posição de complemento verbal, Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque, Renata Lívia de Araújo Santos e Solyany Soares Salgado (2006) não coletaram os seus dados por meio de entrevistas pelo fato de este tipo de variação ocorrer em contextos muito específicos, então fizeram observações de conversas espontâneas e informais no campus UFAL em Maceió e em vários locais da cidade de Atalaia. O controle foi feito apenas quanto à escolaridade e sexo do informante.

A partir do *corpus* pouco representativo, as autoras puderam inferir que a forma nominativa *eu* pode assumir em determinados contextos a mesma função de complemento

verbal da forma oblíqua *mim*, contradizendo o que se prescreve na GT. Quanto à variável *sexo do informante*, as autoras puderam comprovar que as mulheres têm uma maior consciência ao *status* social das formas linguísticas, percebendo a predominância no uso de variantes padrão do tipo *Você sempre disse que não votaria em mim / Cala boca e diz logo pra mim*. Já os homens fizeram um maior uso de sentenças como *E você vem dizer isso a eu? / Comprou pra eu*.

Quanto à variável *escolaridade*, não foram encontradas diferenças significativas. De acordo com as observações feitas, tanto os informantes universitários quanto os que não são utilizaram equilibradamente as variantes analisadas, constatando que a variável *sexo* se destaca mais, como no *corpus* analisado da fala alagoana, sendo as mulheres mais conservadoras.

### 2.3.2 Os pronomes-objeto de 3ª pessoa

#### 2.3.2.1 Função acusativa

Um clássico estudo sobre os pronomes complementos é o de Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1989). Ela realizou uma análise de amostras de fala natural de paulistanos através de entrevistas e da linguagem veiculada na televisão (episódio de novelas e programas de entrevistas). Os informantes foram divididos quanto à escolaridade (1º grau completo ou incompleto, 2º e 3º graus) e à faixa etária (de 22 a 33 anos, de 34 a 46 anos, acima de 46 anos).

Como resultado, a autora mostra que, em frases simples, o uso do clítico é de baixa frequência em situações informais, ocorrendo o contrário em relação ao pronome lexical. Porém, tratando-se de frases complexas, “a dificuldade em usar corretamente o clítico nessas estruturas por parte daqueles que dizem saber usá-lo quando *necessário* garante a manutenção do pronome lexical no sistema e sugere uma provável vitória na luta travada entre as duas variantes” (DUARTE, 1989, p. 32, grifo da autora). De acordo com a escolaridade dos informantes, foi registrada uma ausência absoluta de clíticos na fala dos jovens de 1º grau e um aumento gradativo nos outros níveis e o contrário quanto ao uso do pronome lexical, pois há uma queda dessa estratégia quando aumentam a *escolaridade* e a *faixa etária*. Em seus dados, a autora verifica que o objeto nulo já se encontra em estágio de implementação no

sistema linguístico, estando condicionado, também, pelo *traço semântico* [- animado] do objeto e aos fatores considerados. Conforme foi observado em Duarte (1989), no falar paulistano, há uma inserção considerável do objeto nulo.

Edson Domingos Fagundes (1997) realizou uma pesquisa envolvendo as três capitais do sul do país (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), trabalhando com uma amostra de 72 entrevistas (24 gravações para cada cidade). Os informantes selecionados se distribuíam entre homens e mulheres e pertenciam a duas faixas etárias (de 25 a 50 anos ou de mais de 50 anos), possuindo um dos três níveis de escolaridade delimitados: primário, ginásio e segundo grau. Foram registradas 978 ocorrências de objeto direto anafórico. Como resultado, foram encontrados cinco fatores que condicionam a realização do objeto nulo na região Sul, sendo um de caráter linguístico e quatro de caráter social.

O traço *animacidade do referente* foi tido como o único fator linguístico que favorece a ausência de preenchimento do objeto. O traço [+ animado] do referente favorece a ocorrência de pronome lexical, com peso relativo de (.33) e o [- animado] indica preferência dos falantes pelo objeto nulo, com (.64). O primeiro fator social foi a *localidade*. De acordo com os dados, o uso do objeto nulo em relação ao pronome lexical segue a mesma direção nas cidades pesquisadas, pois Florianópolis tem peso relativo (.69), Porto Alegre possui (.61) e Curitiba (.67). Em relação ao fator *gênero/sexo*, pode-se perceber que a diferença entre pronome lexical e objeto nulo foi mínima nas duas variantes, pois o peso relativo foi de .50 para ambas.

Quanto ao fator *idade do informante*, a faixa etária A (de 25 a 50 anos) apresentou-se significativa para a realização do objeto nulo apenas para Porto Alegre, com peso relativo de (.51), enquanto que em Curitiba e Florianópolis há uma clara preferência pelo uso dos pronomes lexicais, com (.63) e (.56), respectivamente, por falantes daquela idade. Os falantes com mais de 50 anos (faixa etária B) de Curitiba e Florianópolis preferem o objeto nulo, com (.62) e (.60), respectivamente; e os de Porto Alegre realizam mais o pronome lexical, com (.51). Ao analisar a *escolaridade*, considerando os pesos relativos, percebeu-se que os falantes do nível 3 (segundo grau) têm preferência pelo pronome lexical, com o peso de (.54); no nível 2 (ginásio), a preferência é pelo objeto nulo, com (.53), e o nível 1 (primário) apresenta valores distribuídos igualmente, sendo .50 para ambas as variantes.

Maria Cristina Vieira Figueiredo Silva (2004) investigou a frequência de preenchimento do objeto direto anafórico de 3ª pessoa no dialeto rural afro-brasileiro, focalizando as variantes categoria vazia e pronome lexical. Os dados foram extraídos das comunidades baianas Helvécia, Rio de Contas, Cinzento e Sapé. Foram selecionados 24

informantes (sendo seis de cada comunidade), com idade entre 20 a 40 anos (faixa I); 41 a 60 anos (faixa II); acima de 60 anos (faixa III), analfabetos ou semialfabetizados, gênero masculino e feminino e que tivessem realizado ou não viagens para fora da comunidade.

Na análise dos dados, a autora seguiu a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Quanto aos resultados, o total de dados coletados no *corpus* soma 1755 ocorrências, envolvendo a categoria vazia (1267 ocorrências – 72%), pronomes lexicais (213 ocorrências – 12%), SNs anafóricos (275 ocorrências – 16%) e não foi encontrado nenhuma ocorrência de clítico acusativo. A autora considera na análise apenas os casos de categoria vazia (CV) e pronome lexical (PL).

Foram selecionadas as seguintes variáveis linguísticas: *condicionamento semântico do objeto* (obtendo a CV 97% (.68) para traço [- animado] e o PL 35% (.80) para o [+ animado]); *paralelismo discursivo* (obtendo a CV 80% para antecedentes nulos e o PL 53% para antecedentes preenchidos); *estrutura sintática da frase* (obtendo a CV 80% (.62) para as estruturas OD(SN) + SP(OI/LOC) e o PL 34% (.66) para as estruturas OD(SN) + PRED e 61% (.74) para OD(SN) + S); *referencialidade do objeto* (obtendo a CV 95% (.64) para o traço [- referencial] e o PL 26% (.65) para o traço [+ específico/+ referencial]); *presença/ausência do sujeito* (obtendo a CV 88% (.55) para a ausência e o PL 17% (.56) para a presença); *forma verbal* (obtendo a CV 89% (.66) e 83% (.58) para o pretérito imperfeito e perfeito, respectivamente, e o PL 14% (.61) para o presente do indicativo); *posição da ocorrência em relação ao antecedente* (obtendo a CV 92% (.65) para oração coordenada sindética e 86% (.61) para oração subordinada e o PL 25% (.80) para oração coordenada assindética). Quanto às variáveis sociais, mostraram-se mais relevantes para o condicionamento das variantes analisadas: *gênero* (obtendo o sexo feminino 86% (.58) para a realização do CV, enquanto que o PL foram mais realizados pelos homens, com 15% (.58)); *faixa etária* (o uso da CV é bem expressivo nas três faixas em consideração ao PL, sendo assim distribuído: faixa I (73%), faixa II (70%) e faixa III (74%)).

Isabel dos Santos Magalhães Gomes e Elisângela Gonçalves (2007) analisaram a realização do objeto direto anafórico em Vitória da Conquista, a fim de verificar como tal uso se configuraria, elegendo como variantes o clítico, o pronome lexical e a categoria vazia. O *corpus* desse estudo se constitui de dados orais de 10 conquistenses, controlando-se as faixas etárias 1 (15-25 anos), 2 (26-45 anos) e 3 (acima de 50 anos); o nível de escolaridade (nível fundamental e nível superior); gênero (masculino e feminino). Com um total de 100 dados, registrado um percentual de 64% para a realização do objeto nulo, 22% para o pronome lexical e 14% para o clítico. Mesmo o objeto nulo representando o maior número de

ocorrências, as pesquisadoras elegeram o pronome lexical como regra de aplicação, contrapondo-o com as outras duas variantes.

Das variáveis que condicionam o uso, destacaram-se: *tempo verbal* (obtendo o fator *pretérito perfeito* 38% e peso relativo de (0.75)), *forma verbal* (ficando a *locução verbal com infinitivo* com 28% e peso relativo de (0.57)), *tipo de oração* (com o fator *oração reduzida de infinitivo* registrando 28% e peso relativo (0.62)). Ficou constatado uma maior relevância para a variável *nível de escolaridade*, obtendo o fator *nível fundamental* mais destaque com 35% e peso relativo de (0.78), evidenciando uma maior probabilidade de os falantes com nível superior usarem as variantes objeto nulo e clítico, respectivamente.

Dermeval da Hora e Cristiane da Silva Baltor (2007) descrevem o comportamento do objeto direto anafórico em João Pessoa, analisando os fatores linguísticos e sociais que privilegiam o uso de uma variante em função da outra. Não revelando quantos informantes foram considerados e o sexo do informante, a escolaridade (nenhuma ou nível superior) e a faixa etária (faixa 1 – 15 a 25 anos; faixa 2 – 26 a 49 anos; faixa 3 – 50 anos ou mais) foram controlados. Os autores informam que 367 ocorrências foram levantadas, considerando as quatro possibilidades de realização do complemento: 13 ocorrências do clítico acusativo (CA), 82 do sintagma nominal pleno (SN pleno), 102 do pronome lexical (PL) e 170 do objeto nulo (ON).

Por causa do baixo número de ocorrências, o clítico foi retirado da rodada geral e, a partir de uma rodada ternária, os fatores selecionados se distribuem assim: animacidade do antecedente (obteve o PL 53% (.90) para o traço [+ animado] e o SN pleno 37% (.55) e o ON 62% (.42) para o traço [- animado]); função sintática do antecedente (o ON obteve 62% (.54) para a função sintática de complemento verbal, o PL 63% (.70) para a de sujeito e o SN pleno não obteve peso relativo); estrutura sintática da oração (o ON obteve 53% (.53) para estruturas simples (OD), o PL 39% (.51) para as estruturas mais complexas (OD + PRED) e o SN pleno não obteve resultado; forma verbal (obteve o ON 63% (.50) para as locuções verbais com infinitivo, o SN pleno 40% (.57) para infinitivo e o PL não obteve resultado satisfatório).

Quanto às variáveis sociais: anos de escolarização (obteve o PL 42% (.52) para os falantes com nenhuma escolarização, o SN pleno 34% (.50) para os falantes universitários e o ON não obteve peso relativo, mas a porcentagens mostram um uso relativamente equilibrado entre os falantes com nenhuma escolarização e os universitários, com 44% e 53%, respectivamente); faixa etária (o PL obteve 40% (.64) para os falantes com a faixa etária de 26

a 49 anos, o ON 62% (.52) para os falantes de 15 a 25 anos e SN pleno não teve resultado satisfatório.

Alves Brito (2010) realizou uma pesquisa em que estuda os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, conforme citei na subseção 2.3.1.1, também investiga a realização do objeto direto de 3ª pessoa na comunidade rural de Piabas, localizada no município de Caem-BA. Na amostra, foram encontradas 573 ocorrências de realização do objeto anafórico distribuídos desta forma: 389 de objeto nulo (68%), 140 de SNs (24%), 44 de pronome lexical (8%) e nenhuma ocorrência de clítico acusativo. Para não descartar dados, a autora fez a sua análise a partir da rodada binária objeto nulo  $x$  presença do objeto (SNs + pronome lexical) As variáveis sociais foram as mesmas consideradas com os outros pronomes anteriormente: faixa etária e gênero.

As variáveis selecionadas como condicionantes dessa variação, levando em consideração a realização do objeto nulo são: *tipo de oração* (tanto as orações principais (62%) quanto às orações subordinadas e coordenadas sindéticas (72%) demonstraram favorecer o apagamento do objeto); *traço semântico do antecedente* (como houve um grande número de ocorrências do objeto nulo, os dados demonstraram uma distribuição equiparada entre os traços semânticos: 71% para [- animado] e 64% [+ animado], no entanto, a ideia de que os antecedentes [- animados] favorecem mais o uso do objeto nulo é comprovado nos dados); *faixa etária* (o objeto nulo é a variante mais realizada pela faixa I (78%), seguido pela faixa II (64%) e faixa III (55%) - isso dá margem para se pensar em uma mudança linguística na comunidade estudada, mas ressalto que a autora não traz os pesos relativos para complementar os resultados ora apresentados).

Jacilene da Silva Souza (2011) buscou analisar quais estratégias são utilizadas na retomada anafórica quanto ao objeto anafórico no português de Angola. Foram levantados 64 dados na fala de informantes de ambos os sexos, sendo 10 analfabetos (ou com pouca escolaridade) e 9 com nível superior concluído ou em curso. Ela estabeleceu como variáveis sociais: escolaridade, sexo, faixa etária e língua materna.

Como resultado, constatou que, na realização do objeto direto de 3ª pessoa, o objeto nulo é a estratégia mais utilizada com 38 ocorrências (61%), seguida do clítico (27%), do SN lexical (11%) e do pronome nominativo (1%), obtendo 27, 11 e 2 ocorrências, respectivamente. Foram selecionados as seguintes variáveis: *escolaridade* (os universitários que menos favorecem a ausência do pronome na retomada do referente pelos angolanos, sendo que os não escolarizados mostraram uma preferência pelo uso do objeto nulo, com peso relativo de (.86), enquanto os de nível superior apresentaram peso relativo de (.19). A *estrutura da sentença*, a estrutura simples (V+OD (SN) favorece as ocorrências de objeto

nulo, com peso relativo de (.60), e a estrutura complexa (V+OD (SN) + SP (OI/LOC) ) teve o peso relativo de (.23). Quanto ao fator *animacidade do referente*, as retomadas anafóricas eram apagadas com mais frequência quando o referente possuía um traço semântico [-animado].

Kennedy Jamestony de Carvalho e Souza e Cláudia Roberta Tavares Silva (s/d) desenvolveram uma pesquisa tendo como temática o emprego de estratégias de pronominalização do objeto direto de 3ª pessoa na língua falada do município de Serra Talhada e do seu distrito Bernardo Vieira, ambos localizados no sertão pernambucano. Para a realização da análise, foram analisados dados linguísticos coletados de 36 informantes (24 de Serra Talhada e 12 de Bernardo Vieira), estando divididos da seguinte maneira: grau de escolaridade (nível fundamental e nível médio); gênero (feminino e masculino); faixa etária (de 15 a 25 anos e de 26 a 49 anos) e posição geográfica (Serra Talhada e o distrito Bernardo Vieira).

Foram coletados 191 dados, estando distribuídos da seguinte maneira: em Serra Talhada, foram computadas 108 ocorrências no que tange às variantes do objeto direto (não houve casos com o clítico acusativo (0%), 13 casos com o pronome lexical (12,1%), 58 casos com a categoria vazia (53,7%) e 37 casos com o sintagma nominal (34,2%). São 83 dados referentes ao distrito de Bernardo Vieira (nenhuma ocorrência com o clítico acusativo (0%), 42 do pronome lexical (50,6%), 35 da categoria vazia (42,1%) e 6 do sintagma nominal (7,3%). Logo, foi observado que os falantes não utilizam com frequência o clítico acusativo nas duas comunidades de fala.

Os autores encontraram os seguintes resultados, cabendo aqui salientar que eles fizeram apenas uma rodada ternária, sem gerar os pesos relativos. As variáveis linguísticas selecionadas foram: *forma verbal* (houve mais ocorrências de preenchimento do objeto com o tempo simples tanto no distrito Bernardo Vieira (81,9%) quanto em Serra Talhada (75%)); *estrutura sintática* (as formas simples (V+OD) favorecem o preenchimento na posição de objeto em Bernardo Vieira (49,4%) e em Serra Talhada (52,7%)); *traço semântico do antecedente do objeto* (no distrito, foi usado mais o pronome lexical para o traço [+ animado] com 60%, seguido da categoria vazia (37,1%) e em Serra Talhada foi diferente: quando o traço do antecedente do objeto é [+ animado], há uma maior frequência de os falantes apagarem o objeto (57,8%), vindo, em segundo lugar, o sintagma nominal (26,5%).

Quanto às variáveis extralinguísticas: *faixa etária* (os falantes da faixa etária 2 (de 26 a 49 anos), tanto de Bernardo Vieira quanto de Serra Talhada, realizaram mais o preenchimento do objeto com o pronome lexical com 53,7% e 46,3% respectivamente, vindo em seguida a

faixa 1 (de 15 a 25 anos) que usaram mais o apagamento); *gênero* (no distrito, as mulheres tendem mais a apagar o objeto ou usar o sintagma nominal (61,4%) enquanto os homens usaram mais o pronome lexical (38,6%) e Serra Preta mostrou um uso mais equilibrado com 54,6% do sexo masculino em relação a 45,4% do feminino quanto ao uso do preenchimento); *escolaridade* (os falantes com nível fundamental preenchem mais o objeto tanto em Bernardo Vieira (69,8%) quanto em Serra Talhada (56,4%), no geral).

### 2.3.2.2 Função dativa

Evidencio agora os resultados referentes à 3ª pessoa em relação à pesquisa de Berlinck (1996), já mencionada na subseção 2.3.1.2. A autora parte do princípio que o desuso do clítico acusativo de 3ª pessoa e o aumento do uso do pronome lexical e do objeto nulo para expressar o objeto direto trouxeram implicações na realização do indireto. Ela compôs uma amostra a partir da fala informal de universitários curitibanos e analisa os complementos indiretos sob a forma de um pronome objeto e sintagma preposicionado (SP). Constatou que houve uma recusa quanto ao clítico (3%) e, em contrapartida, houve uma maior tendência para o uso do SP anafórico. É alertada a importância de se controlar o traço semântico do objeto indireto. Ao avaliar a correlação entre a variante e a animacidade do referente do complemento, foi verificada uma associação do traço [+ animado] ao uso do pronome objeto e do [- animado] ao SP. Ela mostra ser o traço [+ animado] o mais característico do complemento indireto, no entanto, ressalta que ocorrências do tipo [- animado] podem figurar essa categoria.

Fagundes (1997) além de ter analisado o uso do objeto direto nas três capitais do Sul, como já exposto acima, também verificou as ocorrências do objeto indireto com o mesmo *corpus*. Os dados referentes às ocorrências somam em 300, sendo 48 para Curitiba, 96 para Porto Alegre e 156 para Florianópolis. Como resultado, foram encontrados 5 fatores que condicionam a realização do objeto nulo na região Sul, sendo 1 de caráter linguístico e 4 de caráter social.

No tocante ao traço *animacidade do referente*, os dados demonstram que há maior probabilidade de ocorrências de objeto indireto nulo com o traço [- animado], com peso relativo de (.90) e no traço [+ animado] do referente, houve um número maior ocorrências de pronome lexical, com (.52). Quanto às ocorrências em função do fator *localidade*, os falantes de Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre tendem a usar mais os pronomes lexicais, com o

peso relativo de (.86), (.87) e (.86), respectivamente. Constatou-se, no que se refere ao *gênero/sexo do informante*, que os homens tendem a usar mais o objeto nulo. Analisando por cidade, foi constatado que os falantes do gênero masculino de Curitiba e Porto Alegre utilizam ainda mais essa variante.

Ao serem consideradas as ocorrências das realizações do objeto indireto em função do fator *idade do informante*, obtiveram-se pesos relativos que indicam uma maior probabilidade de ocorrência de pronome lexical nos informantes de 25 a 50 anos, com (.53) e os informantes com mais de 50 anos tendem a usar mais a forma nula, com (.56). Os dados relativos ao fator *nível de escolaridade* mostram maior probabilidade de os falantes com primário (nível 1) e com ginásio (nível 2) utilizarem a forma nula, com (.54) e (.58), respectivamente. Já os falantes com escolaridade segundo grau apresentam um uso expressivo do pronome lexical, com (.68).

Procurei mostrar uma descrição do fenômeno estudado a partir de alguns trabalhos acadêmicos realizados com amostras de língua falada, a fim de apresentar um panorama com informações sobre o uso *real* dos complementos direto e indireto de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas, contrapondo à visão descontextualizada de gramáticos normativistas e condizendo o que revelavam os estudos dialetológicos e sociolinguísticos sobre essa variação no português brasileiro, mostrados nas subseções 2.2.1 e 2.2.2 deste estudo. No próximo capítulo, apresento os fundamentos teórico-metodológicos que norteiam este estudo.

# Capítulo 3

[...] o indivíduo falante só pode ser entendido como um produto de uma história social única e do cruzamento dos padrões linguísticos de todos os grupos sociais e categorias que definem esse indivíduo [...]. Nesse sentido, indivíduo não existe como um objeto linguístico. No entanto, cada indivíduo apresenta um perfil pessoal do uso comparativo dos recursos disponibilizados pela comunidade de fala.

William Labov,  
*Principles of linguistic change* (2001)

### 3 A BAGAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo, falo sobre a Sociolinguística Variacionista, apresentando os seus pressupostos teóricos básicos, que me nortearam, bem como as diretrizes metodológicas, que foram seguidas na realização desta pesquisa. Apresento, também, os materiais utilizados e o perfil dos sujeitos que serviram de informantes para a análise do português falado na comunidade linguística ora estudada.

#### 3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure (1916)<sup>42</sup>, a Linguística passou a ser definida como *o estudo científico da linguagem humana*. Esse estudo da linguagem foi dividido em duas partes: língua (*langue*) e fala (*parole*), no entanto, Saussure elegeu a língua como o objeto específico de estudo da Linguística porque a sua primeira preocupação foi lançar as bases dessa nova ciência, definindo o seu objeto e encontrar apontando os seus métodos. Para ele, a tarefa da Linguística seria, até então, “delimitar-se e definir-se a si própria” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 37), a fim de criar autonomia e de se afirmar perante as outras ciências.

Ao distinguir *langue/parole*, Saussure conceituou a *língua* como um “sistema de signos” de natureza homogênea e a *fala* como a realização individual da língua. Dando ênfase à língua “em si mesma e por si mesma” nos fatos da linguagem, ele excluiu a fala do campo de estudo da Linguística por avaliá-la como não sistemática, desconsiderando, assim, as “forças sociais” que exercem os seus efeitos sobre a língua (SAUSSURE, 2012 [1916]).

No âmbito da pesquisa linguística, Saussure, Leonard Bloomfield e Noam Chomsky, e também alguns de seus seguidores, dentro de suas respectivas correntes, ignoravam a relação entre língua e aspectos de cunho social e cultural, desprezando a variação e a heterogeneidade. Os linguistas dirigem a sua atenção para o estudo do sistema linguístico, levando em conta os seus diferentes tipos de relações e as suas regras de funcionamento,

---

<sup>42</sup> Saussure era mestre da Universidade de Genebra (Suíça) e o *Cours de linguistique générale* se trata de uma obra póstuma que é resultado das anotações de seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye. A publicação teve dificuldades porque, na época, não se pôde ter auxílio dos manuscritos para a reconstrução das aulas, no entanto, ela se transformou em um marco para a Linguística que se conhece hoje. Esse linguista suíço ficou conhecido desde então como o pai da Linguística moderna (cf. ORLANDI, 2005).

assim, além do estruturalismo saussuriano, surgiram correntes teóricas como o descritivismo formalista, funcionalismo e gerativismo. No entanto, as posições de, os estudiosos supracitados imprimiram um caráter associal ao pensamento teórico no estudo da linguagem, por considerar o sistema linguístico em abstrato. Eles não deram a devida atenção ao fato de a linguagem ser influenciada pelos falantes em seu entorno social<sup>43</sup> (LÓPEZ MORALES, 1977; SCHLIEBEN-LANGE, 1977 [1958]).

Em se tratando da relação entre linguagem e sociedade, dentre as tentativas pioneiras de especificar o conteúdo e alcance da Sociolinguística, o primeiro é William Bright. Por iniciativa sua, 25 pesquisadores se reuniram na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, de 11 a 13 de maio de 1964, para a *Sociolinguistic Conference*, a fim de examinar os objetivos dessa disciplina. Foram vários temas abordados dentro dessa área. Entre os especialistas que apresentaram comunicações, listam-se: Henry Hoeningwald, John Gumperz, Einar Haugen, Raven McDavid Jr., William Labov, Dell Hymes, John Fisher, William Samarim, Paul Friedrich, Andrée Sjoberg, José Pedro Rona, Gerald Kelley e Charles Ferguson (LÓPEZ MORALES, 1977; CALVET, 2012 [1993]).

Posteriormente, em 1966, Bright compila essas comunicações apresentadas e publica *Sociolinguistics: proceedings of the UCLA Sociolinguistic Conference*. Ele frisa, na introdução da obra, que “[...] uma das maiores tarefas da sociolinguística é demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é livre, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas”, acrescentando que “[...] os sociolinguistas rompem incisivamente com uma tendência linguística: a de tratar as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em sua estrutura”. Por fim, afirma que “é precisamente a *diversidade linguística* o objeto da sociolinguística.” Nesse texto, ele assinala as “dimensões” da Sociolinguística, destacando que essa diversidade linguística pode ser determinada ou condicionada por três fatores: a identidade do falante; a identidade do ouvinte; o contexto da situação comunicativa (BRIGHT, 1974, p.18-19, grifo meu).

O termo *sociolinguística* apareceu pela primeira vez no título do trabalho *A projection of socio-linguistics: the relationship of speech to social status*, de Haver C. Currie, em 1952,

---

<sup>43</sup> É importante salientar que, já na década de 1930, os dialectólogos passaram a identificar os seus informantes nos questionários, considerando a idade e o nível de escolaridade, começando, assim, a incorporar informações sociais a seus trabalhos.

segundo López Morales (1993), e foi se alicerçando como corrente na década de 1960, sendo uma resposta aos modelos teóricos que consideravam a língua como um sistema invariável<sup>44</sup>.

Nesse modelo sociolinguístico, estudam-se as relações entre sistemas, usos linguísticos e fatos sociais. A manifestação da língua é o objeto a ser observado, a fim de mostrar que a linguagem tem um funcionamento dinâmico, possuindo um sistema que articula o comportamento linguístico e o social. É bem certo que a existência de diferentes grupos sociais corresponde a um uso variável da língua.

Assim, a Sociolinguística busca descrever e explicar o uso da língua, analisando os fenômenos linguísticos a partir de situações reais de comunicação. A partir desse ramo da Linguística, é possível confirmar ideias antes ignoradas, como por exemplo: o fato de que a língua é heterogênea e de que essa heterogeneidade pode ser sistematizada; de que regras condicionam o comportamento dos falantes em suas interações (estilística, avaliação subjetiva) e que existem fatores extralinguísticos que influenciam no uso da língua (classe social, faixa etária, sexo/gênero, escolaridade etc).

Dois estudos que se destacaram no domínio da Sociolinguística foram realizados por William Labov, centrando-se na fala de um ponto de vista social e não individual. No primeiro, ele observou a avaliação social no modo de articular o primeiro elemento dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard (1963) e o segundo tratou sobre a estratificação social no uso do /r/ em posição pós-vocálica na cidade de Nova York (1966), pois ele queria mostrar que fatores sociais incidem sobre as línguas. A partir dos resultados desses estudos, Labov comprova que a heterogeneidade presente na língua é sistemática (LABOV, 2008 [1972]).

Em 1968, surgiu uma proposta a partir de Uriel Weinreich juntamente com Marvin Herzog e o próprio Labov quando eles postularam uma série de princípios sociolinguísticos acerca das relações variáveis, desenvolvendo uma teoria que atribuía valores sociais às regras linguísticas, cujas estruturas variantes revelavam certos padrões de regularidade. Com efeito, estabelecem uma *teoria da mudança linguística*, trazendo as conclusões alcançadas sobre um estudo de linguística histórica a respeito da mudança em comunidades linguísticas contemporâneas. Escrito entre os anos de 1966 e 1968, o *Empirical foundations for a theory*

---

<sup>44</sup> A forma *socio-*, em Sociolinguística, evidencia claramente a relevância dada ao contexto social no qual a língua é produzida, mesmo insinuando a ideia de que possa haver uma teoria ou prática linguística que não seja social, conforme é salientado logo na introdução do livro *Sociolinguistic patterns*, de William Labov (1972). De certa forma, o termo *sociolinguística* foi cunhado frisando, especialmente, a relação entre contexto social e diversidade linguística.

*of language change* trouxe uma nova abordagem aos estudos sociolinguísticos. Foram os resultados alcançados por Labov em Martha's Vineyard e em Nova York, as descobertas de Herzog sobre a dialetologia do ídiche no norte da Polônia e o Atlas linguístico e cultural dos judeus asquenazes criado por Weinreich que serviram de base empírica para a fundamentação dessa nova abordagem (LABOV, 2008 [1972]).

Essa iniciativa foi o ponto de partida para a investigação sobre a dinâmica da mudança nas línguas decorrente de fenômenos variáveis e esses linguistas norte-americanos podem ser considerados como os precursores dos princípios teóricos formulados para o estudo da mudança. Entretanto, Labov propôs um modelo de descrição e análise mais específico para os fenômenos da variação e mudança linguísticas, trazendo pressupostos teóricos e orientações metodológicas mais bem alicerçados e evidenciando a influência dos fatores sociais atuantes na língua. Assim, esse modelo ficou conhecido como *Sociolinguística Variacionista* (também chamado de *Teoria da Variação e Mudança Linguística*).

Enfatizou Labov que a estrutura linguística é intrinsecamente heterogênea, sendo, inclusive, necessária para o funcionamento real de qualquer língua. Comprova-se isso porque o indivíduo é capaz de codificar e decodificar essa heterogeneidade (LUCCHESI, 2004, p. 171). Não se tolera mais a ideia de “variação livre” para tentar explicar as diferenças encontradas na fala de uma comunidade.

Dentro da perspectiva sociolinguística, *comunidade de fala* (ou *comunidade linguística*) é um conjunto de pessoas que interagem, em meio às diversas redes comunicativas, compartilhando as mesmas normas em relação aos usos linguísticos, para se transmitir informações e estabelecer/manter contatos sociais. Assim,

a depender do alcance e dos objetos de um trabalho de natureza sociolinguística [pode-se] selecionar e descrever comunidades de fala como a cidade de New York ou a cidade do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belém. Ou o povo ianimâmi, que vive no Estado do Amapá. Ou, ainda, as comunidades dos pescadores do litoral do Estado do Rio de Janeiro, da Ilha do Marajó, dos estudantes de Direito, dos *rappers* etc (ALKIMIM, 2012, p. 34).

Em qualquer comunidade linguística, empregam-se diferentes modos de fala e a isso se dá o nome de *variedade linguística*. O modelo teórico de Labov busca verificar as variações que ocorrem na língua, sendo que o principal objetivo é analisar e descrever as formas linguísticas usadas em uma comunidade porque as pessoas podem falar a mesma coisa de modo diferente a pessoas distintas e em diversas situações, ainda que o conteúdo do que elas digam até aconteça ser o mesmo. Essas formas em variação são denominadas de *variantes*

*linguísticas* e são idênticas em seu valor referencial ou de verdade, porém opostas em sua significação social e/ou expressiva. *Variável linguística* é o conjunto de variantes (LABOV, 2008 [1972]).

Durante muito tempo, pensou-se em variações livres, todavia Labov percebeu que a língua é um sistema dinâmico porque está condicionada a *fatores internos* (que remetem à estrutura da língua) e a *fatores externos* (sociais). Dessa forma, é fundamental avaliar a importância de cada um desses fatores condicionantes, visto que a heterogeneidade da língua não é aleatória e sim ordenada por um conjunto restrições linguísticas e sociais. Mas nem todos os fatos da língua estão sujeitos a variação por existirem regras gramaticais categóricas. Como enfatizam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), no sistema linguístico, o número de regras categóricas é inferior às regras variáveis, no entanto, são essas que devem ser explicadas para se compreender que as estruturas variantes, muito mais do que as invariantes, revelam padrões de regularidades e podem ser sistematizadas.

Como os fenômenos de mudança decorrem de um estado de variação anterior ao qual a língua esteve sujeita, a perspectiva laboviana assume que a variação e a mudança linguística estão estreitamente relacionadas. Labov argumenta que toda mudança linguística pressupõe variação, mas nem tudo o que varia resulta em mudança. É o caso da variação estável e, com base em dados empíricos, o pesquisador pode identificar padrões/estágios de mudança linguística em progresso, como também os fatores que favorecem ou desfavorecem o seu desenvolvimento na língua. O teórico notou que a mudança linguística não é uma constante, isto é, ela pode simplesmente interromper-se, trocar de direção, completar-se ou seguir novos rumos (LABOV, 2008 [1972]).

Por isso, no estudo da mudança, deve-se levar em consideração algumas questões gerais que foram sistematizadas por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e apresentadas como os cinco problemas:

1. O problema dos fatores condicionantes (*constraints problem*): deve-se definir quais as possíveis condições que favorecem ou restringem a mudança. Os próprios autores sugerem “que um possível objetivo para uma teoria da mudança é determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 121).

2. O problema da transição (*transition problem*): deve-se descrever a “trilha” pela qual passa a língua nos estágios intermediários da mudança, ou seja, definir e analisar o percurso/processo pelo qual a mudança se realiza.

Entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B. [...] A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta (WEINREICH; LABOV; HERZOG (2006 [1968], p. 122).

3. O problema do encaixamento (*embedding problem*): deve-se resolver as questões relativas à natureza e à extensão do encaixamento. Reforça Labov (2008, [1972, p.193]) que “o principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre elementos do sistema lingüístico e entre esses elementos e o sistema não-lingüístico de comportamento social.”

4. O problema da avaliação (*evaluation problem*): deve-se averiguar como os membros da comunidade de fala avaliam os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua porque “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança lingüística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 124). Labov ressalta que as atitudes e aspirações gerais dos informantes com o seu comportamento lingüístico e as suas reações subjetivas aos valores da própria variável lingüística podem alterar/modificar o processo de estruturação da língua, reconhecendo, assim, o papel do indivíduo frente à mudança e, principalmente, perante a própria língua (LABOV, 2008, [1972]).

5. O problema da implementação (*actuation problem*): deve-se analisar as razões pelas quais uma mudança ocorre em certa língua e em determinado momento, observando o que a influenciam. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]):

uma mudança lingüística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Este traço lingüístico está assumindo uma certa significação social [...] Uma vez que a mudança lingüística está encaixada na estrutura lingüística, ela é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. Tal generalização não tem ainda de instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade normalmente intervém antes que o processo se complete. Novos grupos entram na comunidade de fala de tal modo que uma das mudanças secundárias se torna primária. [...] O avanço da mudança lingüística rumo à completação pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social. Por fim, a completação da mudança e a passagem da variável para o *status* de uma constante se fazem acompanhar pela perda de qualquer significação social que o traço possuía (WEINREICH; LABOV; HERZOG (2006 [1968], p. 124-125).

Ainda sobre o processo de mudança, Labov (2008 [1972]) o considera como um processo dividido em três fases: origem, propagação e realização completa. Para esse teórico,

a *origem* da mudança ocorre no momento em que o uso de uma das inúmeras variantes possíveis está restrito a um pequeno grupo. Já na fase da *propagação*, há um número maior de falantes que a utilizam, começando, assim, um grande contraste de uso com a antiga. Na *realização completa* da mudança, uma variante alcança sua regularidade mediante a eliminação de outra(s) forma(s) que compete(m) com ela.

Para a Sociolinguística Variacionista, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. Como Labov adota a ideia de que nem toda variação na estrutura língua desencadeia uma mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, cabe, portanto, ao pesquisador identificar/interpretar os dados linguísticos, notando quais são os fatores de ordem estrutural e/ou de ordem social envolvidos nesse processo, para ter uma visão mais clara sobre a língua e sobre o seu fenômeno estudado em específico.

Como sabemos, a Sociolinguística depende da observação do comportamento humano e a pesquisa é feita através de registros da fala de indivíduos pertencentes a uma determinada comunidade de fala para que se investigue a variável linguística em foco. Esse modelo teórico implica numa metodologia específica a ser empregada, com a finalidade de sistematizar um fenômeno linguístico, e o próprio Labov deu o suporte necessário desenvolvendo-a e aprimorando-a por meio de suas pesquisas, conforme tracejarei agora.

O principal foco é o *vernáculo*, que, para Labov, é a língua falada em situações naturais de interação social, ou seja, quando a mínima atenção é prestada ao uso da língua pelo falante. Ele deixa isso bem claro quando diz que pretende investigar a linguagem falada tal como ela é utilizada pelos membros de uma sociedade na vida cotidiana, veículo de comunicação com o qual discutem com seus parceiros, brincam com seus amigos e enganam seus inimigos (LABOV, 2008 [1972] ).

Antes de iniciar a investigação, o pesquisador precisa responder a algumas questões que guiarão o trabalho empírico para que não ocorram problemas em alguma fase posterior, como por exemplo: *Qual o objeto de estudo?*, *Qual o tipo de comunidade de fala?*, *Quais as características dessa comunidade?*, *Quantos informantes serão precisos para a constituição da amostra?*, *Como entrar em contato com os informantes?*. Essas e outras perguntas serão necessárias para que se organize o esboço da pesquisa e as entrevistas sejam gravadas. Então, como coletar o vernáculo? Primeiro, tentando minimizar o efeito negativo da presença do pesquisador na hora da coleta dos dados e, segundo, buscando criar situações naturais de comunicação linguística. Esse é um problema que Labov chama de *paradoxo do observador*, pois o que se pretende é registrar como as pessoas falam espontaneamente quando não estão

sendo observadas por um entrevistador, contudo esta sua presença pode afetar o estilo de fala (LABOV, 2008 [1972]).

Tal efeito pode ser neutralizado através de algumas orientações metodológicas sugeridas por Labov, que incluem: evitar a palavra *língua* durante a conversa; formular um roteiro de perguntas e, em momentos estratégicos, instigar o informante a relatar experiências pessoais vividas porque essas narrativas o deixarão mais envolvido com o que estão falando, despreocupando-se com as formas linguísticas empregadas.

Seguindo esse modelo de entrevista laboviana e já dispondo de registros gravados e transcritos, o próximo passo é a codificação dos dados. Com isso, será feita uma seleção dos fatores que podem influenciar a seleção das variantes. Tais fatores podem estar ligados a contextos linguísticos ou não, como faixa etária, sexo/gênero, escolaridade, localidade, nível socioeconômico do falante, e serão codificados para serem submetidos a uma análise quantitativa.

O tratamento estatístico nas pesquisas sociolinguísticas serve para verificar com que frequência cada fator pode interferir nas escolhas feitas pelos falantes, porque se leva em consideração o resultado dos cálculos do uso das variantes e o peso relativo de cada um. Essa quantificação das ocorrências de cada variante é que faz com que a linha de pesquisa também seja conhecida como *Sociolinguística quantitativa*.

Conforme Naro (2003, p. 16), “o problema central que se coloca para a Teoria da Variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição”. Para tanto, há programas computacionais, como o VARBRUL 2S e o GoldVarb, versão em Windows do primeiro, que fornecem suporte estatístico, gerando frequências absolutas e relativas de ocorrência de cada grupo de fatores.

Neste estudo, a análise estatística dos dados está submetida ao Programa GoldVarb 2001 (cf. SANKOFF, 1990), realizando-se rodadas binárias para que os *pesos relativos* dos fatores pudessem ser calculados. Os valores podem variar de 0 a 1 e os pesos inferiores a 0,5 são interpretados como desfavorecedores em relação ao uso da variável estudada, já os pesos relativos maiores que esse número são considerados como favorecedores. Além disso, outras informações importantes são dadas pelo programa e aqui considerarei também apenas o *input*.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Gregory Guy e Ana Zilles (2007) definem que o peso relativo de um fator é um valor calculado, com base em um conjunto de dados, que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto e o peso é “relativo” ao nível geral de ocorrência da variante modelado a partir da frequência de uso. O *Input* representa o

A interpretação dos resultados é a última fase da pesquisa, quando já se têm em mãos as informações necessárias, os dados quantificados. Cabe ao pesquisador analisá-los de acordo com a teoria sociolinguística e a sua própria sensibilidade diante do fenômeno estudado. É importante salientar que o programa computacional, por meio dos percentuais e dos pesos relativos, seleciona os grupos de fatores mais estatisticamente significativos e elimina os demais.

Em geral, esses são alguns aspectos teórico-metodológicos de uma pesquisa sociolinguística que trago como bagagem neste estudo. Na próxima seção, caracterizo melhor outros aspectos empregados na pesquisa.

## 3.2 DADOS DA PESQUISA

### 3.2.1 O *corpus* linguístico

A fim de obter os dados necessários para esta pesquisa, utilizei algumas entrevistas já gravadas com moradores de Feira de Santana. Tais entrevistas pertencem ao banco de dados do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*, sob responsabilidade de Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide Carneiro, professoras-pesquisadoras da Universidade Estadual de Feira de Santana. As gravações foram feitas por bolsistas e voluntários do projeto, entre os anos de 2008 a 2012, seguindo todo o rigor metodológico da pesquisa sociolinguística, como visto na seção acima. A duração média de cada uma varia de 45min a 60min.

Tais entrevistas são do tipo DID, ou seja, Diálogo entre Documentador e Informante, podendo aparecer, ocasionalmente, Circunstantes. As faixas etárias selecionadas foram: de 25 a 35 anos; de 45 a 55 anos e a partir de 65 anos. Elegi, para a pesquisa, quatro informantes de cada faixa etária, sendo dois homens e duas mulheres. O total é de 24 informantes, que estão divididos nas amostras *Português Popular* (com 12 feirenses filhos de feirenses e/ou migrantes, - todos com a escolaridade de zero a cinco anos) e *Português Culto* (com 12 feirenses com Nível Superior e filhos de feirenses e/ou migrantes). O quadro a seguir oferece uma melhor visão da estratificação do *corpus*:

---

nível geral de uso de determinado valor da variável dependente (para maiores esclarecimentos, consulte o Glossário da referida obra).

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Ocupação</b>
( Faixa etária I )				
C.A.	M	26 anos	Ens. Fund. I	Pedreiro
P.M.C.	M	35 anos	Ens. Fund. I	Jardineiro
L.C. C.	F	31 anos	Ens. Fund. I	Dona de casa
I.	F	33 anos	Ens. Fund. I	Diarista
C.A.A.L.	M	25 anos	Ens. Superior	Historiador
W.C.G.	M	33 anos	Ens. Superior	Policial
P.L.O.	F	26 anos	Ens. Superior	Enfermeira
T.L.S.M.	F	30 anos	Ens. Superior	Administradora
( Faixa etária II )				
J.P.S.	M	45 anos	Ens. Fund. I	Pintor
F.A.C.	M	50 anos	Ens. Fund. I	Entregador de recibos
M.M.	F	50 anos	Ens. Fund. I	Dona de bar
R.S.	F	54 anos	Ens. Fund. I	Empregada doméstica
J.A.R.R.	M	53 anos	Ens. Superior	Professor universitário
J.C.P.S.	M	55 anos	Ens. Superior	Professor de química
E.C.	F	45 anos	Ens. Superior	Professora de redação
E.S.R.P.	F	48 anos	Ens. Superior	Professora universitária
( Faixa etária III )				
I.A.S.	M	72 anos	Ens. Fund. I	Pedreiro
B.	M	80 anos	Analfabeto	Pedreiro e carpinteiro
F.O.C.	F	70 anos	Ens. Fund. I	Agricultora aposentada
C.	F	76 anos	Ens. Fund. I	Merendeira
J.D.	M	66 anos	Ens. Superior	Artista plástico e professor
S.	M	69 anos	Ens. Superior	Contador e economista
F.	F	67 anos	Ens. Superior	Pedagoga
M.S.P.C.	F	68 anos	Ens. Superior	Jornalista

**Quadro 13.** Caracterização dos Informantes

### 3.2.2 A seleção dos dados

Para a pesquisa, foram selecionadas sentenças contendo as possíveis realizações dos objetos direto e indireto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, sendo elas: clítico, forma tônica, pronome lexical, SN anafórico, SP anafórico e apagamento do objeto. Contudo, foram descartadas para a quantificação estruturas nas quais fossem encontrados:

- a) Verbos pronominais – porque são tipos de verbo cujo pronome é inerente à sua estrutura, não havendo variação:

(6) INF<sup>46</sup>: O meu é A. e o cara era outa lá, não *me* lembro mais, só *me* lembro só que o nome era igual. (Inf.C.A.,M,I,PP)

- b) Expressões cristalizadas – porque são frases/construções fixas que estão consagradas pelo uso e pouco (ou dificilmente) podem sofrer variação:

(7) INF: [...] a gente amanhecia o dia na rua sem medo de assalto, sem medo de nada. Hoje não, hoje você, durante o dia, tá andando na rua sofre assaltado, imagine de noite, na micareta então, deve ser aí um Deus *nos* acuda. (Inf.S.,M,III,PC)

(8) INF: Até amanhã A. . Deus *te* acompanhe. [dirigindo-se à empregada] (Inf.F.,F,III,PC)

- c) Redobro do clítico – porque se trata de uma co-ocorrência do pronome oblíquo átono com formas oblíquas tônicas ou com pronomes lexicais:

(9) INF: “Vó, *me* dá esse boneco *pra mim*.” [reportando-se a uma fala da neta] (Inf.C.,F,III,PP)

---

<sup>46</sup> Legenda: INF: Informante; DOC: Documentador; CIRC: Circunstante; M (masculino); F (feminino); I, II, III (faixa etária); PP (português popular); PC (português culto); [init]: texto ininteligível; { } : transcrição duvidosa; [...] trecho retirado para simplificação do exemplo.

- d) Objeto nulo indeterminado ou ambíguo – porque não é possível resgatar o antecedente que foi apagado ou é de interpretação dúbia:

(10) INF: A polícia vai depois de duas, três hora de relógio, ela vai. Esse mesmo que mataram, o véi, o cara começou a bater, segundo tava no bar, o pessoal  $\emptyset$  disse que começaram a bater no véi, era cinco hora da tarde. Quando vieram pegar o cara, era seis hora da tarde.  
(Inf.C.A.,M,I,PP)

- e) Dativo ético – porque o clítico não desempenha função sintática, sendo apenas um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala:

(11) INF: Eu sei que eu *me* parei lá e quando cheguei, diz aque a mulher do véi tava doente, que era pra mim ir pra casa da mãe dele, da mãe de J. Lá foi eu pra lá, fiquei lá.  
(Inf.F.,F,III,PC)

- f) Dativo de posse – porque o clítico está sendo usado na sentença com sentido possessivo:

(12) O que mais *me* chamou atenção é... a possibilidade que a apessoa tem de mudar de vida, de... de... de direcionar pra outra coisa, de evoluir, de... de seguir os exemplos [...]  
(Inf.W.C.G.,M,I,PC)

- g) *Lhe* acusativo – porque não estaria sendo empregado como pronome de 3ª pessoa:

(13) INF: O dinheiro é bom né? Mas nem pra tudo. Por que o dinheiro não traz felicidade, traz pra uns, pra outros não por que a gente realmente... pa gente ter saúde, a gente tem que, tem que se manter, mas dinheiro demais não presta. Tem que ter o dinheiro só pro nosso limite, até o limite da gente. Tendo o dinheiro, passando o limite da gente, já não presta, aí pode ter certeza que já vai ter gente com ambição, já vai ter gente com olho grande! Já vai querer gente *lhe* matar e por aí vai.

(Inf.I.,F,I,PP)

- h) *Lhe* dativo de 2ª pessoa – porque não estaria sendo empregado como pronomes de 3ª pessoa:

(14) INF: Nunca ouvi falar isso não.

DOC: É? Diz que ali era o hospital.

INF: Não, nunca ouvi não.

DOC: Daquela região ali da...do Alto do Cruzeiro.

INF: Eu vou *lhe* dizer uma coisa: pode ser até que seja, mas eu nunca ouvi falar não. E eu conheço o Cruzeiro há muitos ano. [tosse] Muitos ano! [tosse] Já morei de junto daqueles povo ali.

DOC: Hum!

(Inf.B.,M,III,PP)

Foram encontrados casos de objeto nulo indeterminado ou ambíguo, e percebi, também, um uso variável já com o apagamento do pronome em estruturas com verbos pronominais e impressionantemente não foi registrado o pronome *lhe* para a terceira pessoa nas amostras de fala urbana feirense, nas variedades popular e culta. Esses tipos de estruturas foram descartados para as rodadas no programa estatístico, no entanto, não deixarei de fazer, posteriormente, algumas considerações sobre a recategorização da forma *lhe* como referência à 2ª pessoa.

### 3.2.3 Variáveis analisadas

Através das variáveis independentes, pode-se analisar o fenômeno linguístico observado porque é no controle da interação de fatores linguísticos e de fatores sociais que é possível ver como se comporta a variação quanto ao fenômeno estudado. As variáveis linguísticas que considerei nesta pesquisa foram selecionadas a partir do resultado de outras pesquisas realizadas sobre o tema como também a partir da avaliação dos contextos de ocorrências dos pronomes-objeto nas amostras feirenses. Quanto às variáveis sociais, como faço uso de entrevistas pertencentes ao Projeto *A Língua Portuguesa Falada no Semiárido Baiano*, os inquiridos foram selecionados do banco de dados considerando critérios como idade, escolaridade e sexo/gênero.

É importante salientar que o fenômeno variável pode ser regulado pela influência mútua desses dois tipos de grupos de fatores ou pode ser regulado apenas por forças internas do sistema linguístico ou por fatores sociais. Somente se verifica isso no final da pesquisa,

depois do tratamento estatístico dos dados, quando da descrição do fenômeno, corroborando ou refutando as hipóteses estabelecidas para cada variável.

### 3.2.3.1 Os pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas

#### 3.2.3.1.1 Variáveis linguísticas

Para a função de objeto direto (OD) com os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, considere como variável dependente: clítico, pronome lexical e objeto nulo. Mostro aqui alguns exemplos dessas variantes:

#### ✓ clítico

(15) INF: É... eu canso de dizer a minha mãe que se eu for pra o meu filho metade da mulher, da mãe que ela é pra mim, eu já *me* considero com um dever cumprido. (Inf.P.L.O.,F,I,PC)

(16) INF: [...] Então depende muito da pessoa, é por isso que eu disse anteriormente que o estudo técnico *nos* prepara pa uma... desempenhar uma função, mas não pa vida, po relacionamento não, entendeu? (Inf.J.P.S.,M,II,PP)

(17) INF: Qualquer hora dessa vou *te* convidar pra você ir lá, viu? [dirigindo-se ao documentador] (Inf.P.M.C.,M,I,PP)

#### ✓ pronome lexical

(18) INF: [...] ele não queria deixar *eu* entrar e ele praticamente me derrubou do ônibus [...]. (Inf.E.S.R.P.,F,II,PC)

Não houve ocorrência da 2ª pessoa.

## ✓ objeto nulo

(19) INF: É, atualmente, o que mais me marcou foi um filme lançado há pouco tempo, um filme nacional chamado *O cheiro do ralo* com Selton Mello.

DOC: Hum.

INF: É, e outro que é com...Selton Mello também, *Aro do Mundo*, são dois filmes lançados recentemente. Então, falamos de que  $\emptyset$  marcou. (Inf.C.A.A.L.,M,I,PC)

(20) DOC: Tá bom, professor. Quero agradecer pelo senhor ter concordado em participar da pesquisa, contribuindo com a entrevista.

INF: Espero ter  $\emptyset$  ajudado.

(Inf.J.A.R.R.,M,II,PC)

Já para a função de objeto indireto (OI) com os pronomes de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas, considereirei como variável dependente: clítico, forma tônica, pronome lexical e objeto nulo. Ilustro com alguns exemplos dessas variantes:

## ✓ clítico

(21) INF: Uma benção de Deus. Meu filho V. é a graça que Deus *me* deu. Muito retado, pense em um menino retado, pense minha senhora num menino retado, é V. (Inf.L.C.C.,F,I,PP)

(22) INF: [...] eu já falei pro próprio irmão dele: “Tenho nada a ver, não foi meu parente, mas eu *te* digo uma coisa: teu irmão no bairro que eu moro não pisa não. Dento da área que eu moro, ele não pisa não.” [narrativa de uma situação vivida com discurso reportado a outrem] (Inf.C.A.,M,I,PP)

## ✓ forma tônica

(23) INF: [...] teve um dia que eu chamei a Coordenadora Pedagógica e a Diretora, e aí falei pra elas a realidade daquela turma, o que nós poderíamos fazer para melhorar aquela realidade, né, aí a Diretora olhou *pra mim* e disse assim: “É, você tá sendo paga, se vire, se vire pra dar conta.” E aí eu fiquei nessa escola assim quatro meses. (Inf.E.C.,F,II,PC)

## ✓ pronome lexical

(24) INF: Meu pai se chama N., né? Minha mãe, Deus já levou. Mas minha mãe também em vida, os dois era um amor de pessoa. Deu uma boa educação *pra gente*.  
(Inf.P.M.C.,M,I,PP)

## ✓ objeto nulo

(25) INF: [...] Primeira vez, ela mudou o... o meu nome ou o meu número. Colocou o número do cara, tudo do cara, aí o cartão recusou, quando ligou não... os contato não deu ...

DOC: Sei.

INF: ...aí ela  $\emptyset$  perguntou se meu número do cartão era esse, eu falei que não [...]  
(Inf.C.A.,M,I,PP)

(26) INF: Fica um pouco difícil de  $\emptyset$  explicar. [dirigindo-se ao documentador]  
(Inf.I.,F,I,PP)

As variáveis independentes foram definidas, principalmente, a partir dos trabalhos de Dalto (2002) e de Mendes (2009). Exibo a variável juntamente com a hipótese a ela associada:

## 1. Pessoa Gramatical

- a) 1ª pessoa do singular
- b) 2ª pessoa do singular
- c) 1ª pessoa do plural
- d) 2ª pessoa do plural

Pressuponho que no dialeto urbano feirense, o uso do clítico seja mais frequente na primeira pessoa do singular devido ao seu caráter dêitico. Além disso, o falante pode utilizar como estratégia de esquiva o apagamento uma vez que a variação *me ~ eu* seja estigmatizada por caracterizar um falar rural, como em *o carro me busca ~ o carro busca eu*. Quanto a primeira pessoa do plural e às duas formas de segunda pessoa, suponho que seja mais frequente o uso do pronome lexical possivelmente por comportarem as formas de caráter

nominal *você / a gente* que concorrem com as formas *tu / te* e *nós / nos*, assim como o pronome nominativo *ele* pode ser empregado em sentenças do Português Brasileiro como um acusativo de 3ª pessoa, inibindo o seu apagamento.

Penso que, quando se trata de OI, os feirenses tendem a apagar os clíticos, mesmo esses sendo formas homônimas dos objetos diretos, ou realizariam somente a outra forma conservadora tanto da primeira quanto da segunda pessoa do singular e plural porque o pronome está “preso” ao verbo por uma preposição, o que dificultaria o seu apagamento. No entanto, podem ser registrados usos de pronome sujeito *eu / tu / nós*, além das formas *você* e *a gente*, com a função de OI, devido à não flexão de caso.

## 2. Tipo de Oração

- a) Absoluta e primeira coordenada
- b) Coordenada não inicial
- c) Principal
- d) Subordinada

Ao eleger essa variável, busco investigar se o tipo de oração condiciona o uso das variantes de OD e OI, porque as orações com estruturas mais complexas (as subordinadas completivas, adverbiais e relativas) podem favorecer a presença ou o apagamento do clítico porque se tratam de construções que exigem maior atenção dos falantes, principalmente em se tratando do preenchimento do OI que seria menos marcado.

## 3. Tempo e Modo verbais

- a) Presente do Indicativo
- b) Pret. Perfeito do Indicativo
- c) Pret. Imperfeito do Indicativo
- d) Pret. Mais-que-perfeito do Indicativo
- e) Futuro do pretérito do Indicativo
- f) Futuro do Indicativo
- g) Presente do Subjuntivo
- h) Pret. Imperfeito do Subjuntivo
- i) Pret. Mais-que-perfeito do Subjuntivo

- j) Futuro do Subjuntivo
- k) Imperativo
- l) Infinitivo
- m) Gerúndio

Pretendo observar qual expressão de tempo e modo e as formas nominais do verbo, conforme estabelecidos pela Gramática Normativa, condicionam os contextos de variação a partir da ideia de que as formas simples favoreçam o apagamento do clítico. Assim, as formas compostas e as perífrases inibiriam a realização do objeto nulo porque o clítico estaria preso à estrutura verbo auxiliar + clítico + verbo principal. É importante salientar que em casos como esse, foi considerado o tempo do verbo auxiliar<sup>47</sup>.

#### 4. Tipo de Verbo

- a) Benefativo (que implica transferência de algo para outrem: dar, pedir, doar, entregar, pagar etc.)
- b) Verbalizador ou Verbo suporte (que forma uma lexia com seu OD (*ter* medo = temer, *causar* dano = danificar, *abrir* falência = falar etc.)<sup>48</sup>)
- c) *Dicendi* (que remete à comunicação verbal de um conteúdo a outrem: dizer, contar, ensinar etc.)
- d) *Faciendi* (que indica uma ação feita para outrem: fazer algo para alguém, resolver para, receber etc.)
- e) Existencial (que denota a existência ou ausência de algo ou alguém que cabe a outrem: ter algo (para alguém), faltar algo (para alguém) etc.)
- f) De condução (que remete ao transporte ou à remessa de algo para outrem: levar, encaminhar, trazer, botar etc.)

---

<sup>47</sup> Em relação ao tempo futuro, além de levar em consideração a forma sintética conforme é estabelecida pelas Gramáticas Normativas, segui também no levantamento dos dados a classificação trazida na pesquisa de Josane Oliveira (2006) que mostra a reestruturação no sistema de modo, tempo e aspectos verbais na expressão do futuro, apresentando seis variantes, a saber: a forma de futuro simples; a forma de presente; forma com verbo *ir* no presente + infinitivo; forma com verbo *ir* no futuro + infinitivo, forma com o verbo *haver* no presente + *de* + infinitivo e a forma com o verbo *haver* no futuro + *de* + infinitivo.

<sup>48</sup> Sigo a terminologia dada por Francisco da Silva Borba (1990), em seu Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil, quando classifica que esse é um tipo de verbo que, “numa construção complexa, é mero suporte de categorias e indica que o verdadeiro verbo (= núcleo do predicado) está no radical de seu complemento” (p. 21).

- g) De transferência (que indica a outorga/liberação de algo para outrem: deixar, distribuir, caber etc.)
- h) Cognitivo (pensar, raciocinar, idealizar etc.)
- i) Estativo (estar, querer, ser etc.)
- j) Sensitivo (sentir, emocionar, ver, ouvir etc.)
- k) Ação/movimento/processo/evento (andar, comer, fazer, escutar etc.)

Considero esse grupo a fim de observar qual tipo de verbo condiciona a presença dos clíticos de OD e OI, visto que os verbos benefativo, *dicendi*, *faciendi*, de condução e de transferência exerceriam maior influência por se configurarem como bitransitivos ou ocorrerem como transitivos indiretos nas construções mais complexas como V + OD (SN) + OI (SN), V + OD (S) + OI (SN), V + OD + OI (S) que “exigiriam” uma maior marcação dos objetos para o seu sentido ficar completo.

## 5. Transitividade Verbal

- a) Verbo Transitivo
- b) Verbo Bitransitivo

Optei por essa variável na tentativa de verificar o comportamento do clítico em relação à transitividade verbal. Deduzo que um verbo transitivo direto e indireto (bitransitivo) favoreça mais o apagamento do OD quando ele for um clítico porque, numa estrutura frasal mais complexa do tipo V + OD (SN) + OI (SP), o falante feirense marcaria preferencialmente o OI e o OD se este for um sintagma nominal.

No entanto, penso que um verbo transitivo direto e indireto (bitransitivo) também favoreça o apagamento do OI na construção do tipo V + OD (SN) + OI (SP), principalmente se ele for o clítico *lhe* e se OD estiver sendo marcado por um sintagma nominal.

## 6. Presença/Ausência do sujeito

- a) Presença
- b) Ausência

Elegi esta variável a fim de verificar se o fato de o sujeito estar presente ou não na frase condicionaria no preenchimento ou apagamento do objeto porque é uma tendência atual do português brasileiro preencher a posição de sujeito e apagar o objeto.

## 7. Tipo de Interlocução

- a) Discurso para o entrevistador (o informante se dirige ao entrevistador)
- b) Discurso reportado do informante (o informante reproduz a sua própria fala em outra situação)
- c) Discurso reportado de terceiros (o informante reproduz a fala de outrem)
- d) Discurso para circunstante (o informante conversa com alguém que não seja o entrevistador)

Considerarei essa variável porque pressuponho que em um contexto de discurso reportado ou em uma conversa paralela com alguém durante a entrevista, que não seja o documentador, o informante dispense uma menor atenção à sua fala, favorecendo o apagamento dos objetos OD e OI e não a presença do clítico.

## 8. Gênero do Discurso

- a) Narrativa (narra-se alguma situação vivida)
- b) Argumentação (expressa-se opinião sobre algum tema abordado)
- c) Receita (diz-se como fazer algo)
- d) Explicação (procura-se explicar especificamente algum ponto ao entrevistador)
- e) Outros

Escolhi essa variável por deduzir que o OD e OI nulos podem ocorrer com maior frequência em contexto de narrativa, porque o informante se preocupa preferencialmente com

os fatos e as situações que narra e não com a forma como fala, diferentemente do que pode acontecer em uma argumentação, explicação e até mesmo ao ensinar uma receita. Por conta disso, esses gêneros podem inibir o apagamento do objeto.

### 3.2.3.1.2 Variáveis sociais

No modelo teórico da Sociolinguística Variacionista, como expus na seção 3.1 deste capítulo, não se pode deixar de considerar a estrutura social porque ela também pode condicionar a realização de uma ou de outra variante dentro do processo de variação e mudança linguística. Assim sendo, para observar o encaixamento social quanto à representação do acusativo e do dativo de 1ª e 2ª pessoas, foram delimitadas as seguintes variáveis sociais: Variedade linguística, Faixa etária e Sexo/Gênero.

Optei, para este estudo, analisar o fenômeno variável em dois polos do dialeto feirense, o Português Popular e o Português Culto. As pesquisas sociolinguísticas evidenciam uma relação direta entre o nível de escolaridade e o uso de estruturas linguísticas socialmente prestigiadas ou não. Pretendo testar essa variável para confirmar a hipótese de que o mínimo contato com a escola influencia na escolha da variante considerada como estigmatizada. Desse modo, deduzo que os falantes da norma popular empreguem com uma maior frequência formas nominativas como estratégia de realização do OD e OI, ou seja, usem *eu, tu, você, a gente, com eu, com tu, com a gente, para eu, pra tu, a você* etc.

Quanto aos falantes da norma culta, defendo a ideia de que eles, por possuírem mais anos de escolarização, são capazes de melhor lidar com as formas consideradas conservadoras, como clíticos e formas tônicas, para a realização tanto do OD quanto do OI, tais como *me, te, nos, comigo, contigo, conosco, para mim, a mim* etc. Em relação ao uso do objeto nulo, julgo que os falantes da norma popular, por possuírem menor grau de escolarização, estariam pouco hábeis a lidar com as estruturas como os clíticos e as formas tônicas, resultando numa maior frequência de apagamento do objeto. Não descartando a ideia de que “os informantes com maior grau de escolarização – portanto mais expostos à normatização proporcionada pela escola e hipoteticamente capazes de melhor lidar com as estruturas como *clíticos pronominais*, dessa forma, aptos a usá-los com maior frequência – tendem a usar uma forma não-marcada, o *objeto nulo*”, conforme é dito por Dalto (2002, p. 112-113, grifos da autora).

Ao considerar as faixas etárias de 25 a 35 anos, de 45 a 55 anos e a partir de 65 anos, busco observar em qual faixa se concentra cada variante, a fim de verificar se a comunidade se encontra diante de uma variação ou mudança em progresso em relação ao preenchimento ou apagamento dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas. Devido ao fato de essa ser uma estratégia que se inseriu mais recentemente no PB, deduzo que a encontrarei com maior frequência na fala dos jovens e os mais velhos estariam utilizando mais as outras variantes, ou seja, preenchendo o OD e OI.

Ao considerar o Sexo/Gênero do falante, lanço a hipótese de que as mulheres sejam mais conservadoras quanto ao uso dos pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas, partindo da ideia de que os homens realizem mais o objeto nulo enquanto as mulheres apresentem maior tendência ao uso das outras estratégias para realização dos pronomes-objeto porque elas, na maior parte das vezes, são mais afetadas pelos padrões que regem o comportamento social e a boa postura que lhes cobram também reflete na forma como emprega a língua. Neste caso, as mulheres são mais “sensíveis” ao prestígio social atribuído às formas linguísticas, no entanto, não se deve estabelecer um padrão quanto a isso. Como é sabido, o comportamento linguístico também pode ser analisado não perdendo de vista os papéis sociais desempenhados pelos homens e pelas mulheres em suas comunidades, ou seja, correlacionando com a realidade sociocultural que os envolve.

A seguir, elenco as variáveis consideradas para a codificação dos pronomes de 3ª pessoa.

### 3.2.3.2 Os pronomes-objeto de 3ª pessoa

#### 3.2.3.2.1 *Variáveis linguísticas*

Para a função de OD com os pronomes de 3ª pessoa, considere como variável dependente: clítico, pronome lexical, SN anafórico e objeto nulo. Apresento aqui alguns exemplos dessas variantes:

## ✓ clítico

(27) DOC: [...] vamos supor que o senhor esteja falando com *ele* [o sobrinho] diretamente.

INF: Sobre é... incentivá-**lo** ao estudo?

DOC: Sim.

INF: Eu gostaria de... de dizer a ele, que ele não se ausentasse do estudo como eu por que é... realmente o diploma facilita muito a vida da pessoa. (Inf.J.P.S.,M,II,PP)

## ✓ pronome lexical

(28) INF: [...] tinha *um professor* lá... até por sinal um professor bom, agora era terrível (ininteligível), porque lá era... o nome dele era B. e a turma ia para lá, mas muitos ficava temendo *ele* porque ele era sisudo mesmo... aquele jeito meio... ele era severo, né? (Inf.I.A. S.,M,III,PP)

## ✓ SN anafórico

(29) INF: [...] eu entrei no ônibus sem *o bilhete* e ele queria que eu entregasse *o bilhete* [...]. (Inf.E.S.R.P.,F,II,PC)

## ✓ objeto nulo

(30) INF: Ah, eu adoro fazer bolo de aipim!

DOC: Então explique pra mim como é que eu vou fazer o bolo de aipim.

INF: Se você for fazer diretamente do aipim, você descasca *o aipim*, rala  $\emptyset$  todinho, cõa  $\emptyset$ , é um processo [...] (Inf.L.C.C.,F,I,PP)

Para a função de OI com o pronome de 3ª pessoa, considere como variável dependente: SP anafórico e objeto nulo. Friso que não foram registradas ocorrências do *lhe* dativo. A seguir, estão alguns exemplos das variantes analisadas:

## ✓ SP anafórico

(31) INF: [...] eu cheguei de viagem, parei em casa, aí eu cheguei e falei *a ele* [...]. (Inf.C.A.,M,I,PP)

(32) INF: *Meu pai*, se pudesse, nenhum filho saía de casa, aí ele agora resolveu reformar todos os quartos da casa e eu fui perguntar *pra ele*: “Porque reformar os quartos? Nós estamos nos dias de sair de casa, né?” “Pros netos”.

(Inf.T.S.L.M.,F,I,PC)

✓ objeto nulo

(33) INF: Aí eu... eu perguntei *a ele* [referindo-se ao dia no qual conheceu o atual marido] se eu podia dar... dar nele um beijo de Feliz Ano Novo e ele disse que podia. Eu não sei o que deu em minha cabeça. Eu agarrei, dei  $\emptyset$  um beijo na boca.  
(Inf.P.L.O.,F,I,PC)

Decidi testar as mesmas variáveis linguísticas consideradas para os pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas, tais como tipo de oração, tempo e modo verbais, tipo de verbo, transitividade verbal, tipo de interlocução e gênero do discurso. Pelo fato de os pronomes de 3ª pessoa terem um comportamento diferente, atuando como anafóricos, decidi testar também outras variáveis independentes mais específicas. Elas foram definidas considerando-se principalmente os trabalhos de Duarte (1989), Cyrino (1993), Monteiro (1994), Fagundes (1997), Silva (2004), Freire (2005) e Santana (2010). Listo a seguir as variáveis e as hipóteses a elas associadas:

1. Tipo de Oração

- a) Absoluta e primeira coordenada
- b) Coordenada não inicial
- c) Principal
- d) Subordinada

Ao elegeer essa variável, pretendo investigar se o tipo de oração condiciona o uso das variantes de OD e OI de 3ª pessoa, pressupondo que as orações subordinadas favoreceriam o apagamento do clítico porque se tratam de construções mais complexas e que exigem maior atenção dos falantes, principalmente se levar em consideração o preenchimento do OI que seria menos marcado.

2. Tempo e Modo Verbais

- a) Presente do Indicativo
- b) Pret. Perfeito do Indicativo
- c) Pret. Imperfeito do Indicativo
- d) Pret. Mais-que-perfeito do Indicativo
- e) Futuro do pretérito do Indicativo

- f) Futuro do Indicativo
- g) Presente do Subjuntivo
- h) Pret. Imperfeito do Subjuntivo
- i) Pret. Mais-que-perfeito do Subjuntivo
- j) Futuro do Subjuntivo
- k) Imperativo
- l) Infinitivo
- m) Gerúndio

Pretendo averiguar se a escolha do objeto nulo estaria condicionada a uma determinada expressão de tempo e modo e das formas nominais do verbo, conforme é prescrito pela Gramática Normativa. No tocante ao tempo futuro, considero as mesmas observações feitas na nota 47 desta dissertação (cf. p. 94).

### 3. Tipo de Verbo

- a) Benefativo (que implica transferência de algo para outrem: dar, pedir, doar, entregar, pagar etc.)
- b) Verbalizador ou Verbo suporte (que forma uma lexia com seu OD (*ter* medo = temer, *causar* dano = danificar, *abrir* falência = falir etc. )<sup>49</sup>)
- c) *Dicendi* (que remete à comunicação verbal de um conteúdo a outrem: dizer, contar, ensinar etc.)
- d) *Faciendi* (que indica uma ação feita para outrem: fazer algo para alguém, resolver para, receber etc.)
- e) Existencial (que denota a existência ou ausência de algo ou alguém que cabe a outrem: ter algo (para alguém), faltar algo (para alguém) etc.)
- f) De condução (que se remete ao transporte ou à remessa de algo para outrem: levar, encaminhar, trazer, botar etc.)
- g) De transferência (que indica a outorga/liberação de algo para outrem: deixar, distribuir, caber etc.)
- h) Cognitivo (pensar, raciocinar, idealizar etc.)
- i) Estativo (estar, querer, ser etc.)

---

<sup>49</sup> Ver nota 48, página 94.

- j) Sensitivo (sentir, emocionar, ver, ouvir etc.)
- k) Ação/movimento/processo/evento (andar, comer, fazer, escutar etc.)

Analiso esse grupo a fim de observar qual tipo de verbo mais condiciona o apagamento do OD e OI. Suponho que os verbos de benefativo, *dicendi*, *faciendi*, de condução e de transferência também exerçam maior influência para a não realização do OD e OI por conta da sintaxe mais complexa nas orações V + OD (SN) + OI (SN), V + OD (S) + OI (SN), V + OD + OI (S). O apagamento do objeto ficaria mais restrito em estruturas simples (SVO) com os outros tipos de verbos, o que favoreceria mais o uso do clítico, pronome lexical e do SN anafórico.

#### 4. Transitividade Verbal

- c) Verbo Transitivo
- d) Verbo Bitransitivo

Escolhi essa variável tentando verificar o comportamento do objeto nulo em relação à transitividade verbal. Penso que um verbo transitivo direto e indireto (bitransitivo) favoreça mais o apagamento do OD porque, numa estrutura frasal mais complexa do tipo V + OD (SN) + OI (SP), seria marcado o OI porque o OD já havia sido marcado/mencionado no discurso.

#### 5. Tipo de Interlocução

- a) Discurso para o entrevistador (o informante se dirige ao entrevistador)
- b) Discurso reportado do informante (o informante reproduz a sua própria fala em outra situação)
- c) Discurso reportado de terceiros (o informante reproduz a fala de outrem)
- d) Discurso para circunstante (o informante conversa com alguém que não seja o entrevistador)

Considerarei essa variável porque pressuponho que, no contexto de discurso reportado durante a entrevista, o informante dispense uma menor atenção à sua fala, favorecendo o apagamento dos objetos OD e OI.

## 6. Gênero do Discurso

- a) Narrativa (narra-se alguma situação vivida)
- b) Argumentação (expressa-se opinião sobre algum tema abordado)
- c) Receita (dá-se uma receita)
- d) Explicação (procura-se explicar especificamente algum ponto ao entrevistador)
- e) Outros

Escolhi essa variável por deduzir que o OD nulo pode ocorrer com maior frequência em contexto de narrativa e de receita, porque o informante se preocupa preferencialmente com os fatos e as situações que narra e não com a forma como fala ou como dá uma receita, diferentemente do que pode acontecer em uma argumentação, explicação. O apagamento do OI também seria mais frequente em contextos de narrativas porque o falante estaria mais relaxado.

## 7. Traço semântico do antecedente

- a) [+ animado]
- b) [- animado]

Levei em consideração o traço semântico [ $\pm$  animado] porque está evidenciado que a maior parte de realização da estratégia dos OD e OI nulos de 3ª pessoa é com antecedentes [-animados]. Então, o meu propósito é observar a aplicação dessa variável, tendo como hipótese que, quanto à ocorrência de objeto nulo, os falantes feirenses também fazem essa associação entre o antecedente e o referente.

## 8. Concretude do antecedente

- a) Concreto
- b) Abstrato

Ainda considerando um condicionamento semântico, creio que também há influência na escolha do referente pelo falante quanto à concretude do antecedente. A hipótese é a de que os antecedentes abstratos favorecem o apagamento do objeto enquanto que os concretos são

retomados por meio de uma das outras estratégias, como os pronomes lexicais ou SNs anafóricos.

#### 9. Posição de ocorrência em relação ao antecedente

- a) Próximo
- b) Distante

Suspeito o objeto nulo seja a estratégia mais utilizada quanto menor for a distância do OD ou OI, a partir da relação entre a posição do antecedente e a ocorrência do referente, porque, quanto maior ela for, penso que o informante usaria outras estratégias como o pronome lexical, o SN anafórico e até mesmo o próprio clítico para fazer a referência anafórica justamente pelo fato de este se encontrar mais distanciado do antecedente e o falante, inconscientemente, querer retomá-lo explicitamente para o ouvinte. Considerarei como “próximo” da primeira à terceira referência após a menção do antecedente e como “distante” da quarta referência em diante.

#### 10. Paralelismo linguístico

- a) Ocorrência isolada
- b) Primeira ocorrência de uma série
- c) Igual à forma anterior
- d) Diferente da forma anterior

Controlo o paralelismo porque deduzo que o contexto mais próximo possa condicionar a escolha da mesma variante para as ocorrências seguintes. A inserção dessa variável ocorreu por causa da ideia de Scherre (1998) de que marcas explícitas levam a marcas explícitas e zeros (marcas menos explícitas) levam a zeros. Suponho que o objeto nulo seja utilizado mais em série porque, quando se trata de uma realização isolada, haveria pouca possibilidade de o falante apagar uma única ocorrência dentro do contexto. Nesse caso, o falante tenderia a usar como estratégia para a referência anafórica um pronome lexical, SN anafórico ou até mesmo um clítico.

### 11. Estrutura Sintática da Frase

- a) V + OD (SN)
- b) V + OD (S)
- c) V + OI (SP)
- d) V + OD (SN) + Predicativo
- e) V + OD (S) + Predicativo
- f) V + OD (SN) + OI (SP)
- g) V + OI (SP) + OD (SN)
- h) V + OD (S) + OI (SP)

Testo esta variável porque parto da hipótese de que as estruturas cujo objeto esteja ligado a outros argumentos favorecem mais o seu apagamento porque se trata de uma estrutura mais complexa e em estruturas mais simples, como em a, b e c, o falante tenderia a realizar o objeto naquele contexto da conversa.

### 12. Presença/Ausência do sujeito

- c) Presença
- d) Ausência

Elegi esta variável a fim de verificar se o fato de o sujeito estar presente ou não na frase condicionaria no preenchimento ou apagamento do objeto porque é uma tendência atual do português brasileiro preencher a posição de sujeito e apagar o objeto.

#### 3.2.3.2.2 *Variáveis sociais*

Também considero os fatores sociais ao controlar o condicionamento das variantes na realização do OD e OI de 3ª pessoa. Conforme é evidenciado na seção 3.1 deste capítulo, quando trato sobre o modelo teórico adotado neste estudo, esses fatores também agem sobre a variação, por conta disso, não se pode deixar de considerá-los a fim de ver a sua influencia na realização de uma ou de outra variante no processo de variação e mudança linguística. Assim sendo, para observar o encaixamento social quanto à representação do acusativo e do dativo de 3ª pessoas, foram delimitadas as estas variáveis sociais: Variedade linguística, Faixa etária e Sexo/Gênero do falante.

Como analiso o fenômeno variável em dois polos do dialeto urbano feirense, o Português Popular e o Português Culto, suponho que os falantes da norma popular empreguem o pronome lexical com uma maior frequência. Quanto aos falantes da norma culta, defendo a ideia apresentada por Duarte (1989), considerando que eles realizam mais o SN anafórico por ser uma estratégia de esquiva do falante para não querer usar o clítico nem o pronome lexical porque este é estigmatizado socialmente, incidindo uma carga negativa sobre tal uso e aquele é considerado mais rebuscado/pedante<sup>50</sup>. No entanto, creio que os feirenses com nível superior tenderiam a usar ainda mais o objeto nulo em concorrência com o SN anafórico porque recorrer a esta variante pode soar, em determinados contextos, como uma redundância por parte do falante. Por isso, é bem verdade dizer que “a noção de variante estigmatizada muda conforme o contexto” (DUARTE, 1989, p.32).

Sigo esta definição para as faixas etárias: 25 a 35 anos; 45 a 55 anos e a partir de 65 anos. Procuo observar como as variantes se concentram em cada faixa porque um uso muito elevado de uma variante inovadora na fala de jovens pode indicar uma mudança em curso. Como o objeto nulo é uma variante que se inseriu mais tardiamente no PB, em comparação não só ao clítico como também às outras variantes inovadoras muito usadas (o pronome lexical e o SN anafórico), acredito que encontrarei mais ocorrências dessas variantes na fala dos mais velhos<sup>51</sup>.

Em relação ao Sexo/Gênero, é sabido que as mulheres tendem a usar mais a variante padrão por serem mais conservadoras que os homens. Assim sendo, a minha hipótese é a de que, no dialeto feirense, elas tenderiam a usar mais o clítico por ser esta a forma prescrita na gramática do português. No entanto, dentro de uma comunidade linguística, no caso de estarem em concorrência mais de uma forma de prestígio, as mulheres passariam a utilizar a forma mais inovadora. Desse modo, em se tratando da variação no uso do OD e OI anafóricos, o objeto nulo e o SN anafórico seriam as estratégias menos estigmatizadas, ao contrário do pronome lexical, o que se permite dizer que dentre essas duas variantes, o objeto

---

<sup>50</sup> O valor que pode ter sido atribuído ao SN anafórico e ao objeto nulo condiz com a noção de prestígio encoberto (*covert prestige*) (LABOV, 2008 [1972]). Os traços linguísticos que são mais aceitos socialmente acabam sendo usados por falantes da norma culta, mesmo que essa forma nem sempre corresponda à norma padrão, nesse sentido, a expressão linguística usada pelos falantes do português culto adquire um prestígio encoberto na comunidade de fala.

<sup>51</sup> Pelo escasso uso de *lhe* dativo de 3ª pessoa, considerei a forma tônica (*a ele/ a ela*) como a única variante padrão do OI para a análise.

nulo não estaria sendo interpretado como variante estigmatizada pelos informantes do sexo feminino, concorrendo, assim, com os clíticos.

A seguir, no próximo capítulo, apresento os resultados da pesquisa obtidos a partir do processamento estatístico dos dados que foram codificados de acordo com os as variáveis linguísticas e sociais mostradas nesta seção. Os dados foram submetidos ao programa computacional GoldVarb 2001, sendo possível, assim, observar a distribuição das ocorrências, porcentagens e pesos relativos.

# Capítulo 4

Os pronomes arrumam-se como podem – antes ou depois, embaixo ou em cima, e muitas vezes nem entram na frase – são pequeninos e as palavras grandes não os deixam entrar.

Monteiro Lobato,  
*O colocador de pronomes* (1924)

## 4 O “SOTAQUE SINTÁTICO” DO FALAR FEIRENSE: A DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, descrevo e analiso o “sotaque sintático” dos feirenses quanto à realização dos objetos direto e indireto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas. As ocorrências das variantes foram levantadas e codificadas de acordo com os grupos de fatores linguísticos e sociais estabelecidos, sendo submetidos ao Programa GoldVarb. Mostro o resultado da seleção estatística das variáveis mais relevantes para o condicionamento do uso do objeto nulo, visto que considerei essa variante como regra de aplicação no *corpus* estudado. Apresento os números, percentagens e os pesos relativos com o apoio de tabelas e gráficos para serem melhor visualizados.

### 4.1 QUANTIFICAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DOS PRONOMES-OBJETO DE 1ª, 2ª E 3ª PESSOAS E AS VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE RELEVANTES

Este estudo busca analisar a variação no uso dos pronomes-objeto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, verificando como ela está configurada no português urbano de Feira de Santana. Como mostrado no capítulo anterior, o *corpus* é composto por 24 entrevistas (12 do português popular e 12 do português culto) que fazem parte do banco de dados do Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano. Depois do levantamento das ocorrências, tomando conhecimento de quais variantes eram usadas pelos feirenses, foi feita a codificação dos dados a partir da relação das variáveis testadas. Eles foram submetidos ao Programa GoldVarb separadamente, ou seja, por variedade linguística, por esta ser ideia inicial da pesquisa.

Com os resultados em mãos, observei que, em algumas rodadas, pela pouca quantidade de dados, não houve fatores selecionados pelo programa estatístico. Nas rodadas em que obtive resultados satisfatórios, notei que algumas variáveis selecionadas do português popular coincidiram com as do português culto que foram selecionadas, ficando resultados parecidos. Por conta disso, decidi refinar a análise, amalgamando os dados das duas variedades linguísticas e fazer uma única rodada, considerando o uso geral dos pronomes-objeto no desempenho linguístico dos falantes feirenses. Ressalto que, devido a essa redistribuição dos dados, inseri o *nível de escolaridade* como mais uma variável social a ser testada e considerei o clítico como regra de aplicação nas rodadas com os pronomes de 1ª e 2ª pessoas e o objeto nulo como regra de aplicação para a 3ª pessoa, como será mostrado a seguir.

## 4.2 PORTUGUÊS POPULAR *VERSUS* PORTUGUÊS CULTO: O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DA COMUNIDADE DE FALA ESTUDADA

Quantifiquei o total de 1111 dados, estando assim distribuídos: 154 ocorrências de objeto direto de 1ª e 2ª pessoas e 580 ocorrências de objeto direto de 3ª pessoa (doravante OD); 226 ocorrências de objeto indireto de 1ª e 2ª pessoas e 151 ocorrências de objeto indireto de 3ª pessoa (doravante OI), extraídos do português popular e culto feirenses, sendo 12 amostras de fala de cada variedade linguística.

### 4.2.1 Os pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas

#### 4.2.1.1 Função acusativa

Encontrei três possibilidades de uso para a realização do OD de 1ª e 2ª pessoas no *corpus* analisado. Os exemplos abaixo ilustram tais realizações:

✓ clítico

(34) DOC: Como foi que a senhora conheceu o seu marido?  
INF: [...] Umas prima minha *me* apresentou [...] (Inf.L.C.S.,F,I,PP)

✓ pronome lexical

(35) INF: [...] E tem também o pessoal de lá da direção que não olha *a gente* assim com discriminação, né? Olha *a gente* assim como que todo mundo são igual, né? Não tem esse negócio que um é melhor que o outro não. Aqui, olha *a gente* de igual pa igual (Inf.P.M.C.,M,I,PP)

✓ objeto nulo

(36) INF: A região... centro-oeste é que... *me* impressionou [...] Muitos rios de águas cristalinas  $\emptyset$  impressiona pela beleza natural. [...] o próprio rio São Francisco, as cidades ribeirinhas como Barra, Xique-xique, Juazeiro, Paulo Afonso, elas  $\emptyset$  impressionam também pela beleza do rio e pela cultura localizada ali.

DOC: Hum-hum.

INF: Mas, a cidade ribeirinha que mais *me* impressionou foi Barra, porque foi um pólo educacional que serviu a toda àquela região e ao encontro de dois rios, um rio de águas cristalinas com o rio São Francisco. (Inf.J.A.R.R.,M,II,PC)

A tabela abaixo mostra a distribuição das variantes:

VARIANTES	Clítico	Pronome Lexical	Objeto Nulo	TOTAL
Ocorrências	117	27	10	154
%	76%	18%	6%	100%

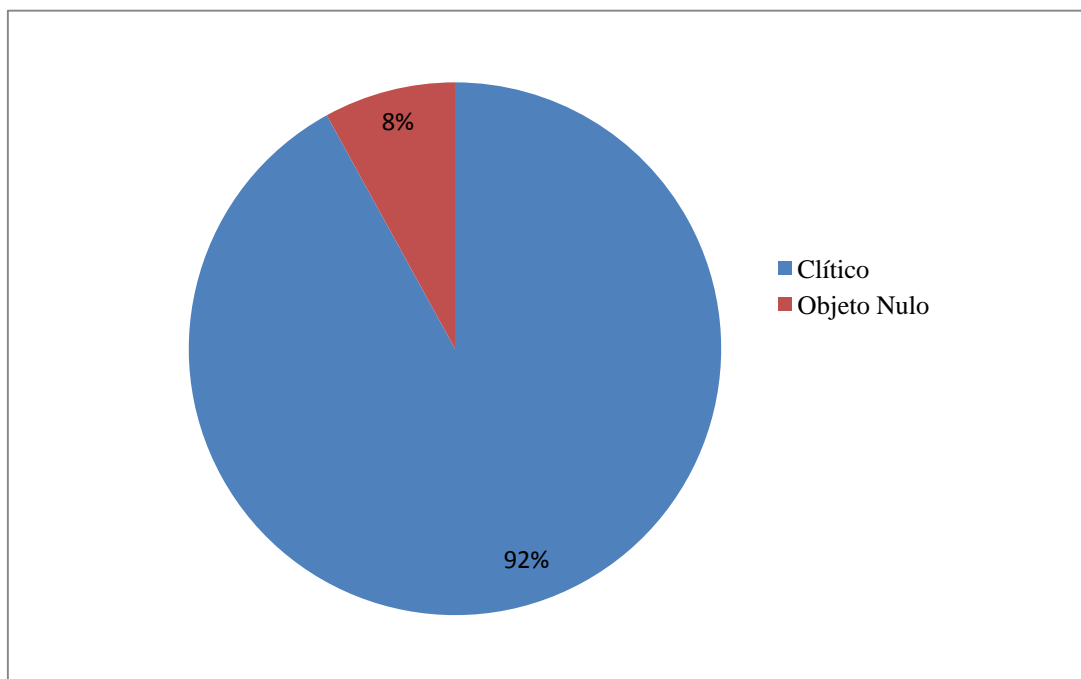
**Tabela 1.** Distribuição geral das variantes de OD de 1ª e 2ª pessoas

O clítico é a estratégia mais utilizada, com 76% das ocorrências, seguido do pronome lexical (18%) e, por último, o objeto nulo (6%). Percebi que o uso das formas *me*, *te* e *nos* foram mais recorrente no *corpus* devido ao seu caráter dêitico porque servem como um recurso de modo direto de identificação dentro da situação discursiva, sem algum tipo de relação com referente, como acontece com os clíticos anafóricos. Por conta dessa característica, os falantes utilizam o clítico com frequência ou passam a utilizar formas nominativas para preencher a função de OD em seus enunciados, outro aspecto que dificulta o apagamento dessas formas de 1ª e 2ª pessoas.

A partir do resultado geral, mostrado na Tabela 1 mais acima, realizei duas rodadas binárias para saber o que favorece o uso do clítico em competição com o pronome lexical e com o objeto nulo.

## CLÍTICO X OBJETO NULO

Confrontei as variantes *clítico* e *objeto nulo* com o finalidade de observar qual variável condicionaria o preenchimento do objeto no falar feirense. A seguir, exponho o resultado:



**Gráfico 1.** Cômputo geral da rodada clítico x objeto nulo de OD de 1ª e 2ª pessoas

Por conta do baixo número de ocorrências do objeto nulo (8%), não houve nenhuma variável selecionada nessa rodada e o uso do clítico de 1ª e 2ª pessoas na função de complemento direto foi quase categórico no *corpus* (92%), principalmente da forma *me*. Isso se deve a fatores pragmático-discursivos: na entrevista sociolinguística, o informante é estimulado a falar de si mesmo. Na comunidade estudada, nos casos em que os informantes se dirigiam ao documentador, ou quando se tratava de um discurso reportado, usaram o *lhe* no lugar do *te*. Destaco, inclusive, um trecho de uma entrevista em que a informante T.L.S.M. demonstra incerteza quanto ao uso desses dois clíticos:

(37) DOC: Você fez o curso que sempre teve vontade?

INF: Nem foi eu que escolhi, foi minha mãe.

DOC: Ah...

INF: Eu tinha mandado uma procuração pra ela pra me inscrever no vestibular, na época eu morava em Salvador.

Ela pegou e me ligou: “**Te** inscrevo, **lhe** inscrevo pra quê?”

Eu falei: “Qualquer coisa.” Ela foi. Aí eu pedi pra ser de noite porque como eu queria trabalhar, né? (Inf.T.L.S.M.,F,IPC)

Essa variação condiz com o resultado da pesquisa realizada por Almeida (2009), mostrando o uso cada vez mais frequente do clítico de 3ª pessoa para se dirigir ao falante. Os clíticos ficaram assim distribuídos:

CLÍTICOS	Ocorrências
<i>me</i>	94
<i>te</i>	2
<i>lhe</i>	12
<i>nos</i>	9
<b>TOTAL</b>	117

**Quadro 14.** Distribuição dos clíticos de OD de 1ª e 2ª pessoas

Foram encontradas 94 ocorrências da forma *me* como OD em sentenças do tipo:

(38) INF: Ele bebia, mas *me* respeitava muito. O que eu dissesse era igual a um pai pa ele e ele era mais velho. Mas, o que eu dissesse, ele aceitava (Inf.B.,M,III,PP)

Registrei apenas 2 ocorrências do *te* como OD. A que destaco aqui é o informante se dirigindo ao documentador.

(39) INF: Qualquer hora dessa vou *te* convidar pra você ir lá, viu?  
[dirigindo-se ao documentador] (Inf.P.M.C.,M,I,PP)

O clítico *lhe* aparece com bastante frequência no *corpus* analisado, no entanto, atuando como complemento direto de 2ª pessoa, tanto no português popular quanto no culto. Saliento que esse uso não é exclusivo do falar feirense, sendo empregado em outros dialetos brasileiros, inclusive, isso já foi sinalizado nas primeiras descrições do português brasileiro, conforme mostrado na subseção 2.2.2 deste estudo. Mostrei, também, na subseção 2.3.1.1, os seus contextos de uso a partir dos resultados da pesquisa realizada por Almeida (2009).

Abaixo, exemplifico esse uso do *lhe* acusativo, referentes à 2ª pessoa, retirados do *corpus* a partir de contextos em que houve uma interação entre o informante e documentador ou discurso reportado:

(40) DOC: Você que foi estudante da UEFS, né? E agora trabalha aqui como é que você assim.. a... a... estabilidade que a UEFS tem, né, enfrentando alguns problemas, agora com risco de greve, como é que você vê essa instituição?

INF: Eu acho que a universidade, a UEFS, é uma universidade MUITO boa, muito boa mesmo. Eu costumo dizer que a UEFS é uma mãe.

DOC: Hum, hum.

INF: Mas ela é uma mãe pros alunos daqui. É uma universidade acolhedora, é uma universidade que *the* estimula a estudar, *the* estimula a tá inserido no mercado. Eu acho a universidade que na verdade acaba *the* incentivando a ser um bom profissional.

(Inf.T.L.S.M.,F,I,PC)

(41) INF: O primeiro vestibular de enfermagem, eu fiz e aí eu passei em segundo lugar.

DOC: Legal.

INF: E aí teve o primeiro dia de aula que é aquela Aula Magna, num sei o quê.

DOC: É. [ri]

INF: Que num tem aula coisa nenhuma. Aí no segundo dia de aula, está eu na sala... aí chega uma pessoa lá e {faz}: “P.?!”. Eu fiquei queta. “P. L.?!” Eu fiz: “Sou eu”.

DOC: [Ri].

INF: Aí “Ah, é porque o diretor está *the* chamando”. {Eu digo}: “Ah, meu Deus, né possível! Até aqui! Eu não fiz nada! Eu acabei de chegar, eu não fiz nada!”

DOC: Perseguição!

INF: Pois é. Aí quando eu cheguei lá, ele: “Não, eu queria *the* parabenizar porque você passou em segundo lugar, num sei o quê”.

(Inf.P.L.O.,F,I,PC)

A forma *nos* como OD também foi encontrada no *corpus*, totalizando 10 ocorrências:

(42) INF: [...] já tinha empresa que *nos* procuravam e ofereciam emprego antes de formar [...]. (Inf.J.A.R.R.,M,II,PC)

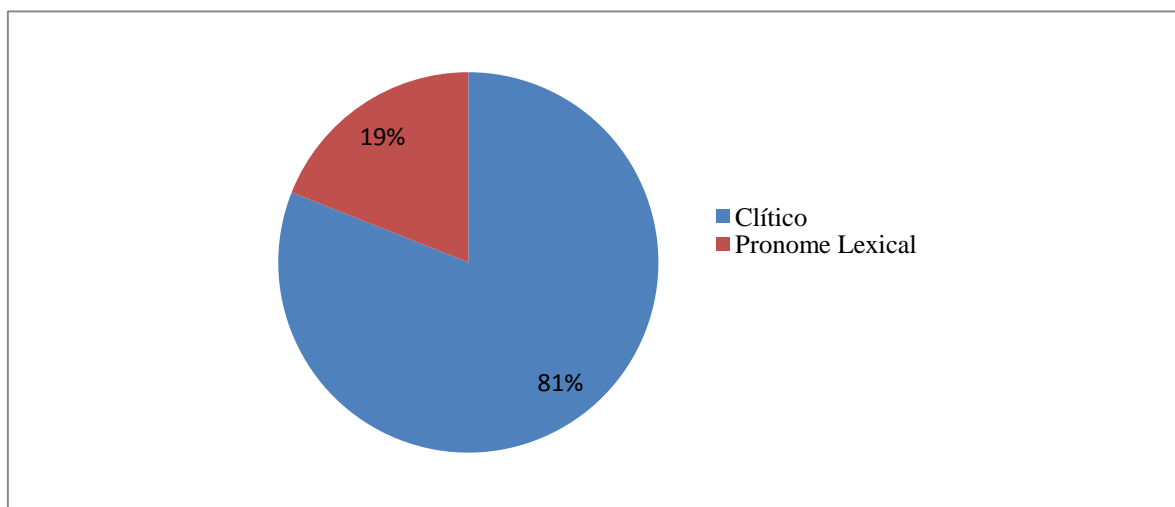
Apesar da baixa frequência, foi possível verificar a possibilidade de apagamento dos clíticos de 1ª e 2ª pessoas na função de complemento direto, assim como mostra a pesquisa de Dalto (2002), realizada nas três capitais do Sul, e de Brito (2010), na comunidade rural de Piabas, mesmo numa frequência bem inferior ao uso do clítico. Em um contexto de ocorrência do objeto nulo no *corpus*, a informante narra uma situação hipotética entre o seu esposo, que é dono de um bar, e o documentador e diz:

(43) INF: Se ele abrir seis horas da manhã e dar o horário, vamos dizer oito hora da noite, ele fechar e *você* chegar aqui e *você* disser assim: “Bote a cerveja todinha pra fora aí que eu vou usar... que eu vou coisar.” Ele não  $\emptyset$  despacha. (Inf.M.M.,F,II,PP)

A informante apaga o pronome *te* se dirigindo ao documentador e esse apagamento não compromete o entendimento. Veja que a referência à segunda pessoa do discurso foi feita anteriormente pela forma *você*, que é usada para inserir o documentador naquele contexto discursivo, posicionando-o na figura de ouvinte, neste caso, não seria um *você* indeterminado. Interpretei o verbo *despachar* no sentido de *atender*, tornando-o transitivo direto. Se estivesse no sentido *stricto* de *despachar mercadoria*, o verbo passaria a ter uma configuração de transitivo indireto e o pronome *te* não seria mais um OD, sendo possível a construção ‘Ele não [te] despacha [a cerveja]’. Diante do exposto, os resultados dessa rodada binária apontaram para o grande uso dos clíticos de 1ª e 2ª pessoas pelos feirenses, sendo o uso do objeto nulo muito limitado.

#### CLÍTICO X PRONOME LEXICAL

Nesta rodada, confrontei as variantes *clítico* e *pronome lexical* para observar qual variável condicionaria o uso de *me*, *te*, *lhe* e *nos* como pronome objeto pelos feirenses. Abaixo, exibio o resultado:



**Gráfico 2.** Cômputo geral da rodada clítico x pronome lexical de OD de 1ª e 2ª pessoas

Conforme o gráfico acima, os falantes feirenses usaram mais o clítico (81%) que o pronome lexical (19%) e a tabela abaixo esquematiza quais formas foram encontradas no *corpus*:

<b>FORMAS NOMINATIVAS</b>	<b>Ocorrências</b>
<i>eu</i>	7
<i>a gente</i>	20
<b>TOTAL</b>	27

**Quadro 15.** Distribuição das formas nominativas de OD de 1ª e 2ª pessoas

Como condicionantes do clítico, foram selecionadas as variáveis sociais *faixa etária*, *escolaridade* e *sexo/gênero do falante*, como mostro a seguir:

<b>Faixa Etária</b>	<b>CLÍTICO N / % / PR</b>
faixa I (de 25 a 35 anos)	58/81 / 71% / .25
faixa II (de 45 a 55 anos)	34/37 / 91% / <b>.79</b>
faixa III (a partir de 60 anos)	25/26 / 96% / <b>.82</b>
Significância 0, 050	Input 0,813

**Tabela 2.** Ocorrências do clítico de OD de 1ª e 2ª pessoas em função da faixa etária na rodada clítico x pronome lexical

A Faixa III e Faixa II foram mais relevantes na realização do clítico, conforme está exposto na tabela acima, com peso relativo de (.82) e (.79), respectivamente. Quanto à Faixa I, foi percebido um uso mais frequente dos pronomes lexicais, corroborando, assim, a hipótese anteriormente levantada de que os falantes mais jovens do português urbano feirense utilizariam as formas nominativas com maior frequência em suas falas.

Conforme foi mostrado no Quadro 16, registrei somente construções com as formas *eu* e *a gente* no *corpus*. Em se tratando da segunda pessoa, não houve registros da forma *tu* como pronome lexical de OD quando o falante se dirigia ao documentador nem mesmo quando ele reproduzia a sua fala ou a de terceiros em alguma situação, mesmo o tutear sendo muito comum na cidade estudada.

A forma *você* como OD também não foi registrada no *corpus*, embora saibamos que a variação *te ~ você* seja muito frequente atualmente no português brasileiro. Justifico a ausência dessas formas no *corpus* por conta do tipo de entrevista sociolinguística realizada nos inquiridos. A fim de mostrar que esta variação é muito recorrente na comunidade

linguística estudada, apresento, abaixo, alguns usos percebidos e anotados, aleatoriamente, quando os ouvi em determinadas situações pela cidade:

- (44) “Ele disse que vem aqui buscar **tu** na Uefs.” [homem se dirigindo a uma mulher]
- (45) “Menina, ele não esperava **tu** na festa e tu foi mesmo. Sua cara nem arde, fia. Cara de pau!” [duas mulheres conversando em um grupo de amigos]
- (46) “Ele não disse se ia levar **tu** na viagem pro Rio.” [entre dois rapazes]
- (47) “Eu encontro **tu** onde?” [adolescente falando ao celular]
- (48) “Tô tentando agradar **você**.” [rapaz falando ao celular]
- (49) “Eu tava olhando **você** e pensando: Que grávida mais linda!” [uma idosa se dirigindo a uma jovem grávida]
- (50) “Vou convidar **vocês** pra minha formatura.” [uma mulher se dirigindo a outras]
- (51) “Você abandonou o cachorro. Ele vai morder **você**.” [homem falando para uma criança]
- (52) “Procurei **vocês** na biblioteca e não achei.” [mulher falando ao celular]

Conforme mostrei na seção 2.2.2, essa variação *te ~ tu* e *te ~ você* já foi sinalizada nas primeiras descrições do português brasileiro e faz parte do repertório linguístico do feirense. Precisam-se criar outras metodologias para melhor registrá-las na pesquisa sociolinguística e desenvolver estudos sobre o uso dessas formas no português aqui falado.

A outra variável selecionada como condicionante do uso do clítico *versus* o pronome lexical foi a escolaridade, apresentada na tabela abaixo:

<b>Escolaridade</b>	<b>CLÍTICO N / % / PR</b>
baixa/nenhuma	52/70 / 74% / .23
ensino Superior	65/74 / 87% / <b>.76</b>
Significância 0,050	Input 0,813

**Tabela 3.** Ocorrências do clítico de OD de 1ª e 2ª pessoas em função da escolaridade na rodada clítico x pronome lexical

A partir do *corpus* aqui analisado, ficou evidente que os falantes representantes do português culto são os que mais favorecem o uso do clítico, com peso relativo de (.76). Assim sendo, em determinadas situações, há uma tendência menor para o uso de pronome lexical, como neste caso:

(53) INF: [...] chegou um período que a diretora do colégio ela queria excluir *eu* e minha irmã da bolsa e deixar só o meu irmão.  
(Inf.W.C.G.,M,I,PC)

A última variável selecionada foi o sexo/gênero do falante, conforme ilustra a tabela abaixo:

<b>Sexo/gênero do falante</b>	<b>CLÍTICO N / % / PR</b>
masculino	64/79 / 81% / <b>.65</b>
feminino	53/65 / 81% / .31
Significância 0,050	Input 0,813

**Tabela 4.** Ocorrências do clítico de OD de 1ª e 2ª pessoas em função do sexo/gênero do falante na rodada clítico x pronome lexical

O fator gênero masculino foi considerado como o mais relevante quanto ao uso do clítico entre os falantes do português urbano feirense, com peso relativo de (.65). Esse resultado mostra que os homens estão sendo mais conservadores ao utilizar a variante clítico em relação às mulheres. Com isso, posso supor que elas estão sendo mais inovadoras por utilizarem com maior frequência as formas nominativas e o objeto nulo como complemento de 1ª e 2ª pessoas no falar feirense urbano. A seguir, passo para a análise dos complementos indiretos.

#### 4.2.1.2 Função dativa

Nas entrevistas analisadas com amostras do português falado popular e culto, encontrei quatro possibilidades de uso para a realização do OI de 1ª e 2ª pessoas pelos feirenses, assim como as pesquisas sociolinguísticas descrevem. Os exemplos abaixo ilustram tais realizações:

## ✓ clítico

(54) INF: [...] quando eu queria brigar, ele nem *me* dava ousadia. Hoje em dia ele mora em Salvador, trabalha lá em Salvador, mas a gente tem sempre contato. (Inf.P.L.O.,F,I,PC)

(55) DOC: Uma sobremesa assim gostosa que a senhora sabe fazer?

INF: Uma gelatina de abacaxi.

DOC: É fácil fazer gelatina?

INF: Com a receita, tudo fica fácil, né?

DOC: Como é que eu faço essa gelatina?

INF: “Só to *te* dando umas dicas. Mexe direitinho, bota na tigela, põe pra gelar e é só se deliciar.” [discurso para o documentador] (Inf.L.C.C.,F,I,PP)

## ✓ forma tônica

(56) INF: Eu chamo: “Ôh mainha, faz isso *pra mim*.” [...] Eu faço: “Ôh, painho, faz isso *pra mim*.” [discurso reportado do informante] (Inf.J.C.P.S.,M,II,PC)

## ✓ pronome lexical

(57) DOC: Como funcionam as atividades do grupo?

INF: Tem hidroginástica, tem um bocado de coisa lá. [...] o pessoal da FAN às vez vai pra fazer palestra *com a gente*. Graças a Deus, pra mim, tá ótimo. (Inf.C.,F,III,PP)

(58) INF: Do cara pirar. Pense aí, pirar com.. com, é, pirar comigo. Eu [ri] e eu {falar} pra ele: “Pô, véi, foi mal”. Aí ele: “Que foi mal nada!”. Eu falei: “Então o que eu posso fazer é só lhe pedir desculpa, se você não aceita, qu’eu posso fazer *pra você* ?” [narrando uma situação vivida] (Inf.C.A.A.L.,M,I,PC)

## ✓ objeto nulo

(59) INF: [...] Aí ele  $\emptyset$  perguntou assim: “Cadê seu marido?” “Eu não sei, eu acho que ele tá...tá no...tá no... no campo” Mas não quiseram *me* dizer que ele tava preso né? Ele  $\emptyset$  disse: “Eu vou fazer uma coisa aqui sem orde dele, mas eu vou fazer depois eu acerto com ele.” (Inf.C.,F,III,PP)

A tabela abaixo mostra a distribuição das variantes:

VARIANTES	Clítico	Forma Tônica	Pronome Lexical	Objeto Nulo	TOTAL
Ocorrências	149	34	10	33	226
%	66%	15%	4%	15%	100%

**Tabela 5.** Distribuição geral das variantes de OI de 1ª e 2ª pessoas no *corpus*

O clítico dativo de 1ª e 2ª pessoas é a estratégia mais utilizada, com 66% das ocorrências, seguido da forma tônica e do objeto nulo que foram usados equiparadamente com 15%. O pronome lexical foi a variante menos usada no *corpus*, com 4%. Com esta função de OI, o uso das formas *me*, *te* e *nos* também é mais recorrente no *corpus* pelo mesmo motivo já falado em relação a esses pronomes com a função de OD, ou seja, é devido ao seu caráter dêitico.

Quanto ao número de ocorrências, observei umas aproximações e distanciamentos entre as estratégias no uso dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas nas funções de complemento direto e indireto, comparando no quadro abaixo:

Variante/Função	OD	OI
Clítico	117	149
Forma tônica	----	34
Pronome lexical	27	10
Objeto nulo	10	33
<b>Total</b>	154	226

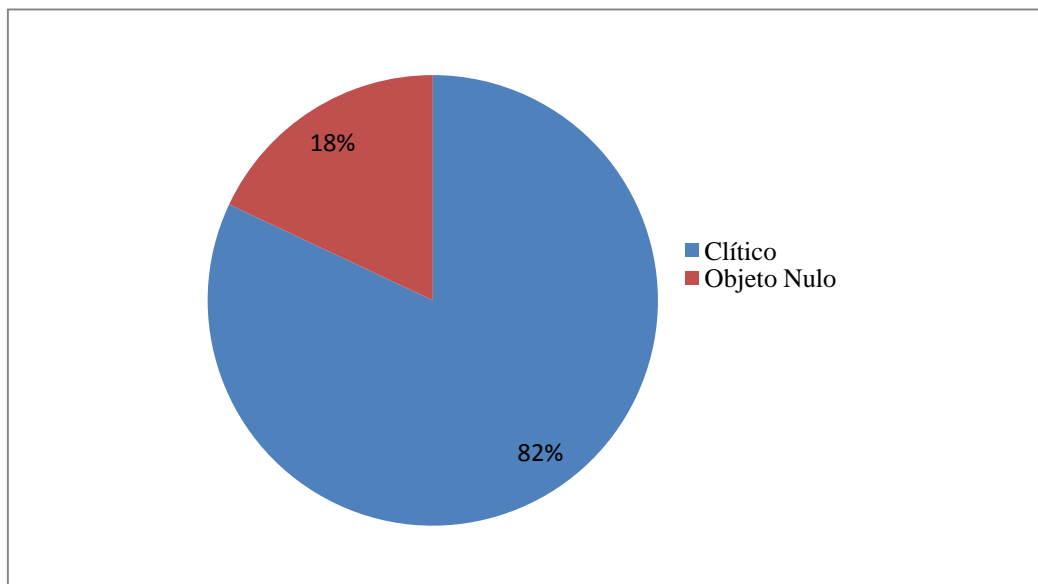
**Quadro 16.** Comparação das ocorrências de OD e OI de 1ª e 2ª pessoas

Foram registradas 117 ocorrências do clítico na função de OD e 149 de OI. A forma tônica que ocorre somente como OI, somou 34 ocorrências. O pronome lexical teve 27 ocorrências como OD e apenas 10 como OI, ocorrendo o inverso com o objeto nulo, cuja soma é de 10 ocorrências para OD e 33 para OI.

Partindo do resultado geral, exposto na Tabela 5, realizei três rodadas binárias para saber o que favorece o uso do clítico dativo em competição com o objeto nulo, a forma tônica e com o pronome lexical, mostradas a seguir.

## CLÍTICO X OBJETO NULO

A fim de averiguar qual variável condicionaria o apagamento do objeto no falar feirense, confrontei as variantes *clítico* e *objeto nulo*. A seguir, apresento o resultado:



**Gráfico 3.** Cômputo geral da rodada clítico x objeto nulo de OI de 1ª e 2ª pessoas

Os clíticos ficaram assim distribuídos:

CLÍTICOS	Ocorrências
<i>me</i>	84
<i>te</i>	24
<i>lhe</i>	29
<i>nos</i>	12
<b>TOTAL</b>	149

**Quadro 17.** Distribuição dos clíticos de OI de 1ª e 2ª pessoas

Registrei 84 ocorrências da forma *me* como OI em sentenças do tipo:

(60) DOC: A gente brincava o dia todo assim quietinha debaixo do pé de pau, brincando de boneca. Fazia a roupinha. Eu aprendi assim a fazer roupa, vestido pa minha filha foi com roupa de boneca, que eu fazia. Pegava os retalhos, que eu conhecia uma mulher que costurava, ela *me* dava uns pedacinho de pano, eu mesmo emendava e ficava olhando ela fazer , e eu fazia uns vestidinho também de boneca, fazia, eu aprendi assim. (Inf.C.,F,III,PP)

Houve 24 ocorrências do *te* como OI. A que destaco aqui se refere ao caso em que o informante se dirige ao documentador.

(61) INF: Eu passei a frequentar, a ir mais pra encontrar amigos e tudo. Mas, geralmente eu vou pra micareta pra ver uma determinada atração, né, como eu *te* disse. [dirigindo-se ao documentador]  
(Inf.W.C.G.,M,I,PC)

Também foram registradas ocorrências do *lhe* como complemento indireto de 2ª pessoa, tanto no português popular quanto no culto. Exemplifico esse uso do *lhe* dativo, referentes à 2ª pessoa, retirados do *corpus* a partir de contextos em que houve uma interação entre o informante e documentador ou discurso reportado:

(62) INF: É uma escritora espanhola, não sei se você conhece?  
DOC: Não, essa eu não conheço!  
INF: Eu já li dela é... A casa da louca. É um livro belíssimo. Sabe quem é a louca?  
DOC: Hum?  
INF: A nossa imaginação. [risos]  
DOC: Ah! [risos] Bem criativo, né?  
INF: Tem também Histórias de mulheres, são biografias de quinze mulheres famosas, como Frida Kahlo, Simone de Beauvoir. Ela é superinteressante essa... essa autora ainda jovem. Assim, ela tem cinquenta e poucos anos. Você não acha ainda jovem?  
DOC: Isso.  
INF: É... um livro que me chamou atenção mesmo foi esse primeiro mesmo que eu *lhe* falei: A casa da louca.  
DOC: Hum! (Inf.M.S.P.C.,F,III,PC)

(63) DOC: A senhora sabe algum... algum acontecimento por conta, por causa do... de dinheiro?  
INF: De dinheiro? Conheci sim muitos caso. Tem um... um vizinho meu que o outro matou mode do dinheiro.  
DOC: Isso tem quanto tempo?  
INF: Dois meses. Devia cinco reais, aí ele foi e matou o rapaz que devia cinco reais. Matou.  
DOC: Mas como foi assim a história?  
INF: A história é que ele devia cinco reais ao outro, o criminoso, mas o cinco reais era pa ele pagar no sábado. No sábado, ele não teve o dinheiro pa pagar, ficou pa o domingo. Quando foi o domingo de noitinha, ele foi atrás pra pegar o dinheiro pra pagar o... o assassino, quando ele foi pegar o dinheiro que ele vei em casa atrás dele, quando

chegou, a esposa dele disse: “Ah , ele foi ali buscar o dinheiro pa *lhe* pagar. “Pra que lado foi que ele foi?” “Foi ali po lado dali.” Aí ele foi atrás, quando chegou lá na frente, achou, aí matou o rapaz. Disse que não queria receber mais cinco reais não, queria era matar ele, porque demorou de pagar. Tem vez que eu acho que a ambição do mundo é só mode o dinheiro mesmo. (Inf.R.S.,F,II,PP)

Quanto à forma *nos* como OI, também foram registradas 12 ocorrências no *corpus*:

(64) INF: Nós temos muita parceria com o SESP. Ele *nos* dá muita cobertura, *nos* dá muito apoio. (Inf.M.S.P.C.,F,III,PC)

Nessa rodada, foram selecionadas como condicionantes no uso do clítico as variáveis *gênero do discurso* e *tipo de verbo* conforme exponho a seguir. A análise da Tabela 5 mostra que o *gênero do discurso* está mais associado ao uso do clítico no *corpus* feirense, como se pode ver:

Gênero do discurso	CLÍTICO N / % / PR
explicação	108/121 / 89% / .63
narrativa	29/49 / 59% / .21
Significância 0, 016	Input 0, 819

**Tabela 6.** Ocorrências do clítico de OI de 1ª e 2ª pessoas em função do gênero do discurso na rodada clítico x objeto nulo

Os pesos relativos da tabela acima mostram que o fator explicação (.63) foi o contexto de maior ocorrência de realização do clítico, conforme demonstram os exemplos:

(65) DOC: Tem quanto tempo mais ou menos que você foi a um show aqui?  
 INF: É como *lhe* falei tem uma faixa de dois ano.  
 DOC: Não, não é São Gonçalo não, é outo.  
 INF: [inint]  
 DOC: É bem pertinho que tem a van do trasnbordo que pega.  
 INF: Hã! Pega a van?  
 DOC: São José.  
 INF: É esse mesmo que tô *lhe* falano. (Inf.C.A.,M,I,PP)

Supus que a realização do clítico ocorresse em momentos em que o falante estivesse mais atento a sua fala, como nessas situações (65) que se procura explicar algum ponto de vista ao entrevistador. Os contextos de apagamento do objeto foram mais frequentes em narrativas porque geralmente é quando o falante está mais preocupado com *o que vai dizer do que com a forma como vai dizer*.

O *tipo de verbo* foi a outra variável selecionada como relevante para a realização dos clíticos de 1ª e 2ª pessoas como OI no falar feirense. Apresento a tabela:

<b>Tipo de Verbo</b>	<b>CLÍTICO N / % / PR</b>
benefativo	56/60 / 93% / .75
<i>dicendi</i>	65/87 / 74% / .34
ação	16/22 / 72% / .41
Significância 0, 016	Input 0, 819

**Tabela 7.** Ocorrências do clítico de OI de 1ª e 2ª pessoas em função do tipo de verbo na rodada clítico x objeto nulo

A hipótese levantada em relação a essa variável foi que o tipo de verbo pudesse condicionar o uso das variantes de acordo com o seu comportamento, acreditando que os verbos benefativos, *dicendi* e *faciendi* mais se destacariam no uso do objeto nulo, seguindo os trabalhos de Berlink (1996) e Dalto (2002). Os verbos de ação, por sua vez, condicionariam o uso dos clíticos. No *corpus* analisado, os resultados mostraram que o tipo de verbo benefativo, ou seja, aquele verbo que implica transferência de algo a outrem (dar, doar, entregar, pagar etc), favorece mais a realização do clítico de 1ª e 2ª pessoas, obtendo o peso relativo de (.75). Exponho os exemplos abaixo:

(66) DOC: E hoje o senhor sente falta?

INF: Não, não sinto não!

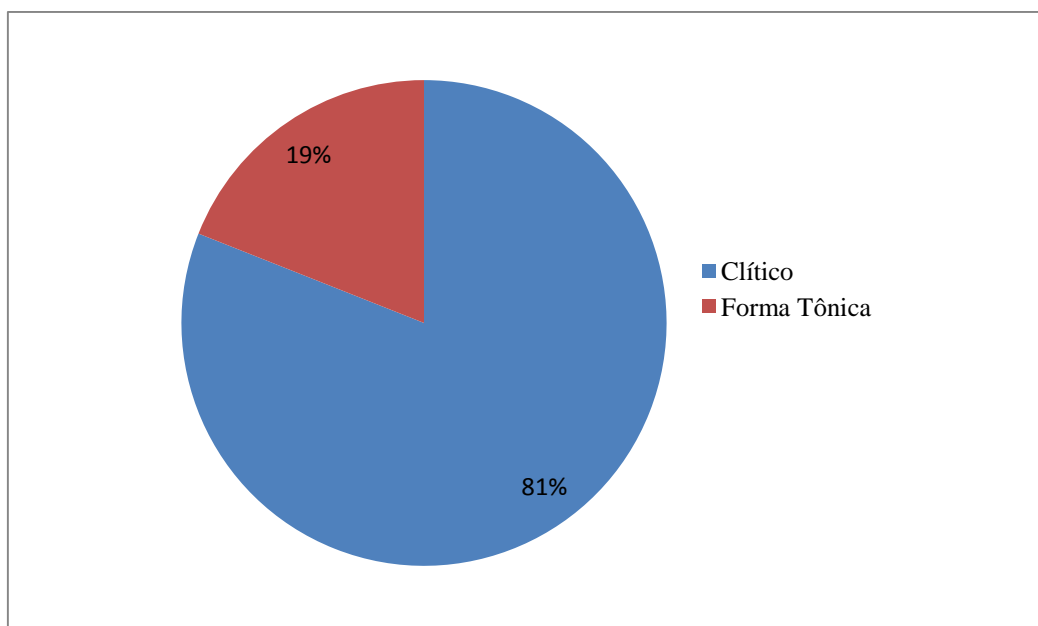
DOC: Não lhe atrapalhou não?

INF: Não me atrapalhou em nada, porque eu sou sabido em tudo. A senhora *me* dê o endereço, num carece em nada, abasta *me* dá o número. Então, pá mim não fez diferença nenhuma. Ah, *me* dê o número! Se *me* dé o número eu vou saber o carro que eu vou pegar. [explicando que sabe pegar ônibus mesmo sendo analfabeto] (Inf.B.,M,III,PP)

Os resultados da rodada clítico *versus* forma tônica serão mostrados a seguir.

## CLÍTICO X FORMA TÔNICA

Confrontei as variantes *clítico* e *forma tônica* com o finalidade de observar qual variável condicionaria o preenchimento do objeto no falar feirense. Evidencio o resultado, abaixo:



**Gráfico 4.** Cômputo geral da rodada clítico x forma tônica de OI de 1ª e 2ª pessoas

Conforme o gráfico acima, os falantes feirenses usaram mais o clítico (81%) que a forma tônica (19%) e a tabela abaixo esquematiza quais formas foram encontradas no *corpus*:

FORMA TÔNICA	Ocorrências
<i>comigo / a mim / pra mim</i>	30
<i>pra nós</i>	1
<b>TOTAL</b>	31

**Quadro 18.** Distribuição das formas tônicas de OI de 1ª e 2ª pessoas

Nessa rodada, as variáveis *tipo de verbo* e *transitividade verbal* foram selecionadas como condicionantes:

<b>Tipo de Verbo</b>	<b>CLÍTICOS N / % / PR</b>
<i>dicendi</i>	65/69 / 94% / <b>.73</b>
ação	16/36 / 44% / .24
<i>faciendi</i>	2/7 /28%/ .06
Significância 0, 000	Input 0, 814

**Tabela 8.** Ocorrências do clítico de OI de 1ª e 2ª pessoas em função do tipo de verbo na rodada clítico x forma tônica

A partir da Tabela 8, percebe-se que os clíticos de 1ª e 2ª pessoas foram bem mais frequentes no *corpus*, obtendo essa variante a porcentagem de 81% na rodada binária. A minha hipótese segundo a qual o verbo de ação influenciaria no uso dos clíticos não foi corroborada e o verbo *dicendi* (dizer, contar, ensinar, explicar etc) se destacou como mais relevante com o peso relativo de (.73), como mostrado em (67).

(67) DOC: E dá pro senhor contar uma história dessa visagem?  
 INF: Dá sim! Ói, eu vou *lhe* contar. Uma vez [...]  
 (Inf.B.,M.III,PP)

<b>Transitividade verbal</b>	<b>CLÍTICO N / % / PR</b>
<i>transitivo direto</i>	143/163 / 30% / .13
bitransitivo	6/20 / 87% / <b>.56</b>
Significância 0, 000	Input 0, 814

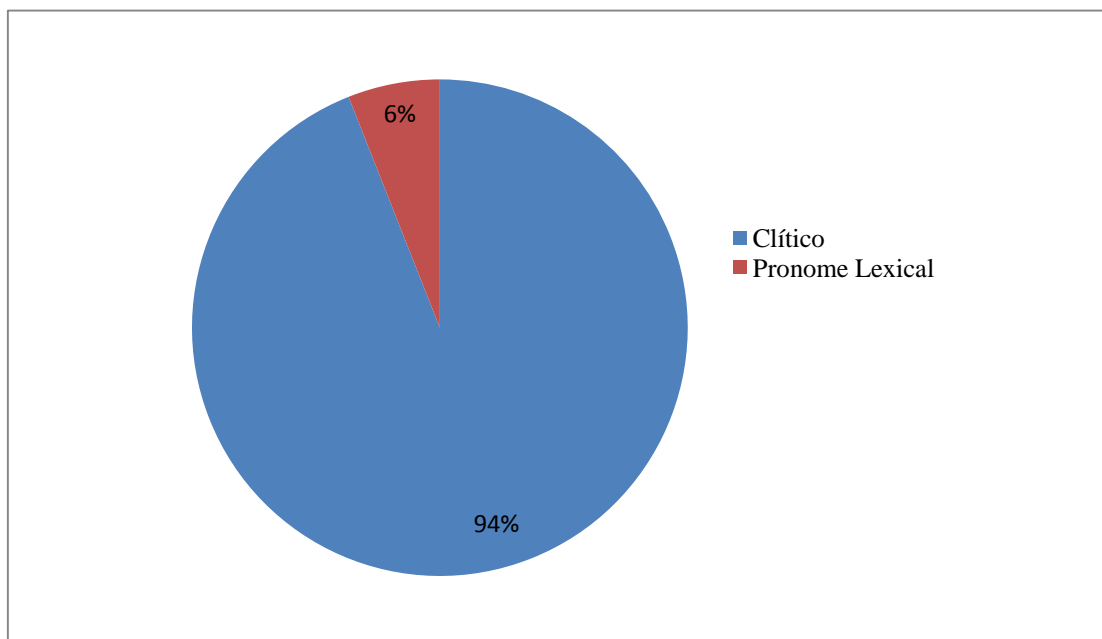
**Tabela 9.** Ocorrências do clítico de OI de 1ª e 2ª pessoas em função da transitividade verbal na rodada clítico x forma tônica

O fator verbo bitransitivo se destacou como condicionante para a realização dos clíticos de 1ª e 2ª pessoas. Supunha que contextos com esses verbos favorecessem tal uso porque na estrutura V + OD + OI o falante optasse pelas formas *me, te, lhe, nos* e isso foi corroborado no *corpus* analisado.

Os resultados da última rodada binária dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas na função de complemento indireto serão mostrados a seguir.

## CLÍTICO X PRONOME LEXICAL

As variantes *clítico* e *pronome lexical* foram confrontadas para que fosse observado qual variável condicionaria o apagamento do objeto no falar feirense. O resultado pode ser visto na sequência:



**Gráfico 5.** Cômputo geral da rodada clítico x pronome lexical de OI de 1ª e 2ª pessoas

Conforme o gráfico acima, os falantes feirenses usaram mais o clítico (94%) que o pronome lexical (6%) e a tabela abaixo esquematiza quais formas foram encontradas no *corpus*:

FORMAS NOMINATIVAS	Ocorrências
<i>mais eu</i>	1
<i>com a gente / pra gente</i>	7
<i>a você / pra você / pra vocês</i>	5
<b>TOTAL</b>	13

**Quadro 19.** Distribuição das formas nominativas de OI de 1ª e 2ª pessoas

Nessa rodada, foram selecionados como condicionantes do clítico as variáveis *tempo e modo verbais e faixa etária*.

A primeira variável selecionada foi tempo e modo verbais. O peso relativo na tabela abaixo mostra que o objeto indireto foi realizado mais como clítico quando opostos a pronome lexical em contextos de verbos no pretérito perfeito do indicativo e no infinitivo,

com (.51) e (.50) respectivamente, valendo ressaltar que esses valores são considerados *pesos neutros*, o que não significa probabilidade de uso.

<b>Tempo de Modo Verbais</b>	<b>CLÍTICO N / % / PR</b>
pretérito perfeito do indicativo	65/71 / 91% / <b>.51</b>
futuro do indicativo	11/12 / 91% / .43
infinitivo	28/31 / 90% / <b>.50</b>
Significância 0, 037	Input 0, 937

**Tabela 10.** Ocorrências do clítico de OI de 1ª e 2ª pessoas em função da transitividade verbal na rodada clítico x pronome lexical

A faixa etária foi selecionada como relevante para a realização do clítico de 1ª e 2ª pessoas e foram os falantes da faixa mediana e os mais velhos que usaram mais esses pronomes, com (.75) e (.91) respectivamente. Assim sendo, vê-se que há uma tendência maior de o falante feirense mais jovem utilizar o pronome lexical, uma estratégia mais inovadora, conforme é mostrado no exemplo (68):

(68) INF: Meu pai chama N., né? Minha mãe, Deus já levou.  
 Mas minha mãe também em vida, os dois era um amor de  
 pessoa. Deu uma boa educação *pr´a gente*.  
 (Inf.P.M.C.,M,I,PP)

<b>Faixa Etária</b>	<b>CLÍTICO N / % / PR</b>
faixa I (de 25 a 35 anos)	65/70 / 92% / .12
faixa II (de 45 a 55 anos)	31/34 / 91% <b>.75</b>
faixa III (a partir de 60 anos)	53/55 96% / <b>.91</b>
Significância 0, 037	Input 0, 937

**Tabela 11.** Ocorrências do clítico de OI de 1ª e 2ª pessoas em função do tipo de verbo na rodada clítico x pronome lexical

Os resultados dessas rodadas feitas com os pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas na função de complemento direto e indireto demonstraram os fatores mais relevantes para o uso

dos clíticos entre os falantes feirenses. Na próxima seção, inicio a análise dos pronomes objetos de 3ª pessoa.

## 4.2.2 Os pronomes-objeto de 3ª pessoa

### 4.2.2.1 Função acusativa

Abaixo, listo as quatro estratégias de uso do OD de 3ª pessoa realizadas pelos feirenses presentes no *corpus*:

✓ clítico

(69) INF: Em todos os filmes nacionais hoje há qualidade, não só qualidade técnica como o conteúdo. Eu vejo o cinema hoje com muita riqueza, hoje eu assisto filme nacional sem indicação de...de...da crítica e todos esses que tenho assistido não me arrependo, voltaria a vê-*los* [...]. (Inf.J.A.R.R.,M,II,PC)

✓ pronome lexical

(70) DOC: Como foi que a senhora conheceu *o esposo* da senhora?  
INF: Conheci *ele* em minha casa, através do pai dele. Conhecia o pai dele, que negociava requieijão, onde hoje é o Mercado de Arte antigamente era o municipal. (Inf.F.O.C.,F,III,PP)

✓ SN anafórico

(71) INF: Ah, o suco de pêssego. Você descasca *o pêssego* com casca, não corta *o pêssego*, fatia ele, é... coloca no liquidificador, adiciona água na consciência que você queira do suco [...]. (Inf.J.A.R.R.,M,II,PC)

## ✓ objeto nulo

(72) INF: Eu tô assim porque quando ia saindo, minha filha: “Ôh mãe, bota isso porque você tá muito basiquinha.” Porque eu não queria colocar *colar* e ela: “Bota  $\emptyset$  que tá muito basiquinha.” Eu falei: “Não minha filha, não.” Mas eu  $\emptyset$  botei e [eu]  $\emptyset$  achei legal, aí [eu]  $\emptyset$  deixei. (Inf.E.S.R.P.,F,II,PC)

A tabela abaixo mostra a distribuição das variantes:

VARIANTES	Clítico	Pronome Lexical	SN anafórico	Objeto Nulo	TOTAL
Ocorrências	12	70	146	352	580
%	2%	12%	25%	61%	100%

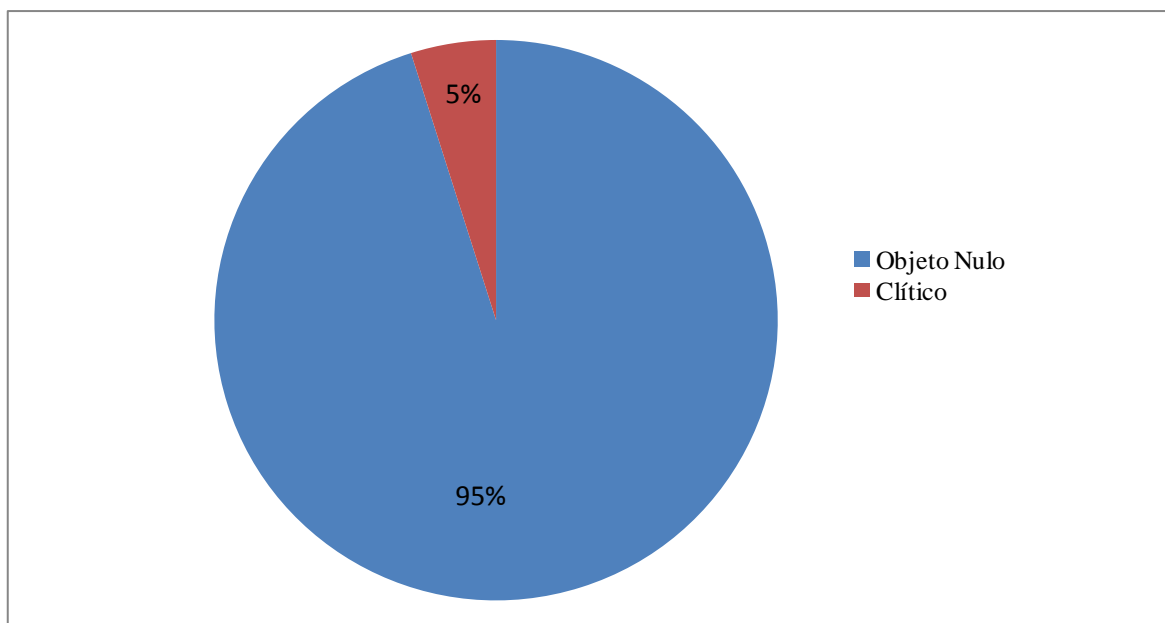
**Tabela 12.** Distribuição geral das variantes de OD de 3ª pessoa no *corpus*

O clítico de 3ª pessoa está sendo pouco habitual no falar feirense, marcando apenas 2% do total do *corpus* analisado, dando espaço para o uso das outras variantes consideradas inovadoras. Dentre essas, destaca-se o objeto nulo, com 61% das realizações, seguido das variantes SN anafórico e pronome lexical, com 25% e 12%, respectivamente.

Tendo esse resultado geral, mostrado nessa tabela acima, realizei três rodadas binárias para saber o que favorece a realização do objeto nulo em concorrência com o clítico acusativo, o pronome lexical e o com SN anafórico.

## OBJETO NULO X CLÍTICO

Confrontei as variantes *objeto nulo* e *clítico* para observar qual variável condicionaria o apagamento do objeto pelos feirenses. A seguir, exibo o resultado:



**Gráfico 6.** Cômputo geral da rodada objeto nulo x clítico de OD de 3ª pessoa

Conforme o gráfico acima, os falantes feirenses usaram mais o objeto nulo (95%) que o clítico acusativo (5%) e o quadro abaixo esquematiza quais formas foram encontradas no *corpus*:

CLÍTICOS	Ocorrências
<i>o</i>	1
<i>os</i>	2
<i>lo</i>	6
<i>los</i>	1
<i>a</i>	1
<i>la</i>	1
<b>TOTAL</b>	12

**Quadro 20.** Distribuição dos clíticos de OD de 3ª pessoa no *corpus*

Nessa rodada, foram selecionados como condicionantes do objeto nulo os grupo de fatores *traço semântico do antecedente, estrutura sintática da frase, tempo e modo verbais e sexo/gênero do informante*.

Confira a tabela:

<b>Traço semântico do antecedente</b> <b>[± animado]</b>	<b>OBJETO NULO</b> <b>N / % / PR</b>
[+ animado]	90/100 / 90% / .06
[- animado]	262/264 / 99% / <b>.73</b>
Significância 0, 022	Input 0, 967

**Tabela 13.** Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa e função do traço semântico do antecedente na rodada objeto nulo x clítico

Levei em consideração o traço [± animado] supondo que o objeto nulo seria a estratégia mais usada para a realização do OD de 3ª pessoa cujos antecedentes tivessem o traço semântico [- animado]. O resultado, com um peso relativo de (.73), confirmou essa hipótese, mostrando que é bem mais recorrente o feirense apagar o objeto por conta desses traços, como no exemplo:

(73) INF: Esse pessoal trazia *toda a sua produção* pra vender  $\emptyset$  aí no comércio [...]. (Inf.S.,M,III,PC)

Assim sendo, quando o antecedente for [+ animado] é bem mais provável que o falante feirense não apague o objeto, utilizando um clítico, ou até mesmo o pronome lexical e SN anafórico, porque provavelmente ele associe o uso de tal variante à ideia de um referente personificado. Esse resultado confirma o que foi referendado por Duarte (1989), Fagundes (1997), Silva (2004), Gomes e Gonçalves (2007), Hora e Baltor (2007), Alves Brito (2010), Souza (2011) e Souza e Silva (s/d).

Quanto à estrutura sintática, mostro os resultados na tabela 14:

<b>Estrutura sintática da frase</b>	<b>OBJETO NULO</b> <b>N / % / PR</b>
V + OD (SN)	230/236 / 97% / <b>.56</b>
V + OD (S)	70/74 / 94% / .45
V + OD (SN) + Predicativo	24/26 / 92% / .05
Significância 0, 022	Input 0, 967

**Tabela 14.** Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função da estrutura sintática da frase na rodada objeto nulo x clítico

O fator tido como o mais favorecedor do objeto nulo no *corpus* foi V + OD (SN), com peso relativo de (.56), ou seja, o apagamento do objeto é favorecido em estruturas mais simples, como em:

(74) INF: [...] a gente percebe falta de interesse mesmo, de motivação pra fazer *as atividades* e desenvolver  $\emptyset$ . (Inf.E.C.,F,II,PC)

(75) INF: [...] fizemos *um projeto* nos anos oitenta pra expor e conversar e... fazer palestras em todas as capitais do nordeste e assim a gente conseguiu fazer  $\emptyset$  [...]. (Inf.J.D.,M,III,PC)

A hipótese lançada para esta variável julgava que o apagamento fosse mais favorável em estruturas complexas, mas, nesta rodada em cruzamento com o clítico, esse não foi resultado esperado; no entanto, o resultado condiz com o que foi encontrado por Silva (2011) e Souza e Silva (s/d). Em outros tipos de estruturas, como V + OD (S), V + OD (SN) + Predicativo, dentre outras estruturas mais complexas, o falante feirense tenderá a utilizar outra variante, preenchendo a posição de objeto. A variável tempo e modo verbais também se mostrou ser relevante e dentre as formas verbais consideradas, o presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo se destacaram para o favorecimento do objeto nulo na rodada, com peso relativo (.73) e (.52), respectivamente. Veja a tabela a seguir:

<b>Tempo e Modo Verbais</b>	<b>OBJETO NULO N / % / PR</b>
presente do indicativo	126/128 / 98% / <b>.73</b>
pretérito perfeito do indicativo	77/90 / 96% / <b>.52</b>
infinitivo	88/95 / 92% / .19
Significância 0, 022	Input 0, 967

**Tabela 15.** Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do tempo e modo verbais na rodada objeto nulo x clítico

Na sequência, as construções (76) e (77) exemplificam esse uso:

(76) DOC: Uma sobremesa assim gostosa que a senhora sabe fazer?  
 INF: Eu pego *o abacaxi*, corto  $\emptyset$  em picadinho, cozinho ele com açúcar e água, [...] misturo creme de leite, mexo  $\emptyset$ , tem a hora certa de fazer isso tudo, certo?  
 DOC: Sim. (Inf.I.,F,I,PP)

(77)INF: No mais é *uma simples cirurgia* e hoje aqui já faz. Na época, não fazia.

DOC: Fez em Salvador?

INF: Em Salvador, fiz  $\emptyset$  em Salvador. (Inf.F.,F,III,PC)

Os resultados da pesquisa de Silva (2004) e Gomes e Gonçalves (2007) também mostraram o pretérito perfeito como relevante para o apagamento do objeto junto com outras formas verbais que não foram relevantes nesta rodada no *corpus* pesquisado. A seguir, a variável social selecionada na rodada, o sexo/gênero do informante.

Para Paiva (2008, p. 36):

No estudo da correlação entre gênero/sexo e a mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de uma forma estigmatizada, que infringe padrões linguísticos vigentes. A distinção entre esses dois tipos de mudança permite definir com maior clareza o papel da variável gênero/sexo nos processos de mudança. Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude mais conservadora e os homens tomam liderança do processo.

Em relação a essa variável, os resultados que encontrei no *corpus* confirmam essa hipótese de que as mulheres conduzem o processo de mudança linguística quando a variante inovadora não sofre estigma.

<b>Sexo/gênero do falante</b>	<b>OBJETO NULO N / % / PR</b>
masculino	162/173 / 93% / .19
feminino	190/191 / 99% / <b>.79</b>
Significância 0, 022	Input 0, 967

**Tabela 16.** Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do sexo/gênero do falante na rodada objeto nulo x clítico

No português urbano feirense, como se pode ver por meio da tabela acima, as mulheres lideram a preferência pelo objeto nulo, com um uso bem representativo, resultando um peso relativo de (.79). Os homens usaram mais as variantes SN anafórico e pronome lexical, mas nesta rodada, especificamente, eles se destacaram no uso dos clíticos. Inclusive, é

importante destacar que das 12 ocorrências do clítico acusativo no *corpus*, 11 foram realizadas por falantes masculinos, como destaco abaixo:

(78) INF: [...] na minha cidade não tem *praia*, então eu só via a praia pela TV. Mas quando eu tive oportunidade de vê-*la* pessoalmente, eu fiquei realmente encantado com a imensidão de água. É muito bonito, muito bonito mesmo. (Inf.J.P.S.,M,II,PP)

(79) DOC: Como o senhor lida com *certos alunos que são mais difíceis?*

INF: Então, o fato de eu me aproximar dele, pra procurar entender aquilo, já consigo ganhar, ganhá-*lo* e tenho meu... meio caminho andado, então, nunca vou de... de embate não. Entender a raiz da... do {problema} que se tem um comportamento estranho, aquilo num é natural. (Inf.J.A.R.R.,M,II,PC)

A única ocorrência de clítico na fala feminina encontrada no *corpus* foi esta:

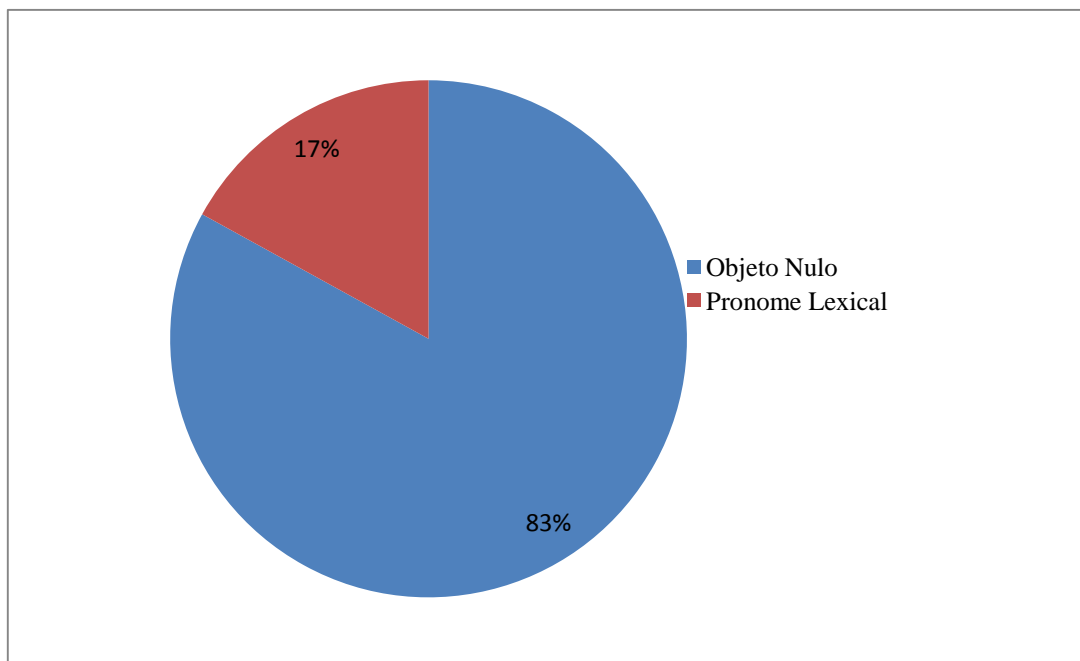
(80) INF: [...] *o motorista de ônibus* do aeroporto para a estação ele queria que eu entregasse o bilhete e eu dizia pra ele em francês que o bilhete estava na mão do meu marido [...] e ele praticamente me derrubou do ônibus, aí eu comecei a xingá-*lo* em português. (Inf.E.S.R.P.,F,II,PC)

Homens e mulheres utilizando a língua dentro da sociedade faz com que usos distintos existam devido aos diferentes papéis sociais que eles exercem. Como já falado anteriormente, as mulheres se mostram mais conservadoras dentro de sua comunidade de fala por serem “sensíveis” à forma de prestígio por exercerem papéis inferiores aos homens e estarem sempre sendo afetadas por padrões que regulam o comportamento social.

Na seleção dessa variável, o fato de serem as mulheres mais inovadoras que os homens quanto ao uso do objeto nulo em relação ao clítico, permite apontar que essa variante não é interpretada como um uso estigmatizado pelas informantes feirenses. Assim, constatei que o apagamento do objeto se destaca entre as mulheres nesta rodada e corrobora a ideia de que elas encabeçam uma mudança linguística quando uma variante inovadora não é estigmatizada socialmente.

## OBJETO NULO X PRONOME LEXICAL

Nesta rodada, confrontei as variantes *objeto nulo* e *pronome lexical* para observar qual variável condicionaria o apagamento do objeto pelos feirenses. O resultado é apresentado a seguir:



**Gráfico 7.** Cômputo geral da rodada objeto nulo x pronome lexical de OD de 3ª pessoa

Conforme o gráfico acima, os falantes feirenses usaram mais o objeto nulo (83%) que a forma tônica (17%) e o quadro abaixo esquematiza quais formas foram encontradas no *corpus*:

FORMAS NOMINATIVAS	Total de ocorrências
<i>ele / ela</i>	70

**Quadro 21.** Distribuição das formas nominativas de OD de 3ª pessoa no *corpus*

Foram selecionadas como condicionantes do objeto nulo as variáveis *traço semântico do antecedente*, *paralelismo formal*, *concretude do antecedente* e *tipo de oração*.

<b>Traço semântico do antecedente</b> <b>[± animado]</b>	<b>OBJETO NULO</b> <b>N / % / PR</b>
[+ animado]	90/146 / 61% / .21
[- animado]	262/276 / 94% / <b>.67</b>
Significância 0, 017	Input 0, 834

**Tabela 17.** Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do traço semântico do antecedente na rodada objeto nulo x pronome lexical

Em se tratando do uso do objeto nulo em relação ao pronome lexical, os dados demonstraram uma preferência dos falantes pelo apagamento quando o antecedente carrega o traço semântico [- animado], corroborando, mais uma vez, a hipótese levantada e confirmando o resultado dos trabalhos consultados. Com o peso relativo de (.67), fica bem evidente essa relação da caracterização semântica do antecedente e a sua realização como uma forma anafórica de OD de 3ª pessoa, como em:

(81) [...] o que ta faltando na... na...no sistema é fiscalização certa porque se nós pagamos *o ônibus* de dois reais, mesmo que seja pa perto, mas nós  $\emptyset$  pagamos. As pessoas que  $\emptyset$  paga pise firme e forte, trabalha pa pegar  $\emptyset$ , pra ficar no ponto esperando não sei quantas horas pra pegar *um transporte* mesmo que seja pa perto, nós tá pagando  $\emptyset$ , e eles [órgãos públicos] não tão ligando pa isso, aí tá horrível. (Inf.C.,F,III,PP)

O paralelismo formal foi selecionado como relevante. Considerei essa variável julgando que a forma anterior utilizada pelo falante influenciaria na escolha da forma seguinte na posição de OD de 3ª pessoa. Abaixo, exponho o resultado na tabela:

<b>Paralelismo Formal</b>	<b>OBJETO NULO</b> <b>N / % / PR</b>
ocorrência isolada	114/157 / 72% / .30
primeira ocorrência de uma série	68/80 / 85% / <b>.50</b>
igual à forma anterior	139/148 / 93% / <b>.72</b>
diferente da forma anterior	31/37 / 83% / .48
Significância 0, 017	Input 0, 834

**Tabela 18.** Ocorrências de objeto nulo de 3ª pessoa em função do paralelismo formal na rodada objeto nulo x pronome lexical

Como resultado, os dados corroboraram a hipótese feita, nos moldes definidos a partir de Scherre (1998), de que zeros levam a zeros, ou seja, quando a forma anterior do objeto direto anafórico já é apagada, a tendência do falante é a de seguir apagando as demais realizações na sequência. Demonstrando um peso relativo de (.72), pude perceber que o apagamento da forma antecedente mais próxima favorece a sua repetição, como em:

(82) O doce de goiaba, você descasca *ela* [a goiaba], tira a semente, pode deixar  $\emptyset$  como uma cuia ou roda. Aí, bota  $\emptyset$  no fogo pra cozinhar até sair a calda, ficar aquela calda grossa e se não for assim, {tem} *ela* [a goiaba] batida no ficador. Bate  $\emptyset$ , cõa  $\emptyset$  e bota  $\emptyset$  no fogo pra cozinhar, mas demora muito. Tem que cozinhar até ela secar e ficar vermelhinha da cor de mesmo de doce de goiaba mesmo.

(Inf.R.S.,F,II,PP)

A primeira ocorrência da série é o complemento ligado ao verbo *descascar*, sob a forma de um pronome lexical. Na sequência, a partir do objeto direto anafórico marcado, a forma preenchida dá espaço ao apagamento nas outras duas realizações de OD de 3ª pessoa. O objeto dos outros dois verbos subsequentes é nulo e a forma do complemento de *botar* é igual à forma anterior do verbo *deixar*, desencadeando, assim um paralelismo. Nesta rodada, o fator *primeira ocorrência de uma série* mesmo apresentando um peso relativo de (.50), ainda bem próximo do ponto neutro, dá indícios que o falante feirense já inicie uma sequência com apagamento não fazendo uma alternância com um pronome lexical (ou SN anafórico), conforme mostrei em (82). Com o exemplo (83), abaixo, fica melhor a demonstração. A forma antecedente é *Fantástico*, referindo-se ao programa semanal de uma emissora de televisão, e dentro da sentença há um primeiro apagamento do objeto e isso favoreceu a sua repetição.

(83) INF: *Fantástico* eu não assisto por que já é tarde. Dia de domingo, eu faço muita coisa, não todos, todos dias, uma vez ou outra, não é todo dia não. Domingo passado mesmo eu não assisti  $\emptyset$ , amanhã não sei ainda se  $\emptyset$  assisto ou não. Às vez, eu tenho precisão de sair, às vez até saio e fico sem assistir  $\emptyset$ .

(Inf.R.S.,F,II,PP)

Outro fator que também resolvi testar e que nesta rodada se mostrou relevante foi a concretude do antecedente. Pretendi verificar a influência da concretude na escolha do objeto

anafórico pelo feirense. Como hipótese, estabeleci que os antecedentes abstratos favorecessem o apagamento do referente enquanto que os antecedentes concretos seriam retomados por um pronome lexical por causa da sua significação. Como se pode notar na tabela, essa variável se mostrou relevante.

Concretude do antecedente	OBJETO NULO N / % / PR
concreto	232/299 / 77% / .39
abstrato	120/123 / 97% / <b>.74</b>
Significância 0, 017	Input0, 834

**Tabela 19.** Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função da concretude do antecedente na rodada objeto nulo x pronome lexical

Pela tabela acima, ficou evidente que o objeto nulo ocorre com mais frequência quando se trata de referente abstrato, com peso relativo (.74). Veja o exemplo abaixo:

(84) INF: [...] porque a gente só sabe *das coisa*, das coisa como é, se praticar  $\emptyset$ , né? Se a gente não praticar  $\emptyset$ , a gente não sabe de nada.  
(Inf.R.S.,F,II,PP)

Quando o antecedente é algo concreto, é mais provável que o falante feirense utilize o pronome lexical, como em:

(85) DOC: O senhor cria algum animal?  
INF: Crio *um cachorro*, o Suat. Suat é um cachorro fila muito bom.  
DOC: O senhor tem coragem, né, por que eu não tenho.  
INF: Mas a gente já tem amizade por que eu crio *ele* desde novo, então, eu já tenho assim amizade com ele. Ele... ele sente até minha falta. Se eu entrar no portão e ele... e não falar com ele, ele chora, ele fica latino, chorano, me chamano, eu tenho que pegar *ele*, brincar com ele, falar alguma coisa com ele. Mas outra pessoa estranha não chega nem perto dele, mas só eu que tenho essa... digamos essa comunhão com ele, amizade.  
(Inf.J.P.S.,M,II,PP)

A última variável a ser selecionada como relevante no uso do objeto nulo *versus* o pronome lexical foi tipo de oração, apresentado na tabela a seguir:

<b>Tipo de Oração</b>	<b>OBJETO NULO N / % / PR</b>
absoluta e primeira coordenada	195/243 / 80% / .43
coordenada não inicial	92/98 / 93% / <b>.74</b>
principal	11/16 / 68% / .28
subordinada	54/65 / 83% / <b>.50</b>
Significância 0, 017	Input 0, 834

**Tabela 20.** Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do tipo de oração na rodada objeto x pronomes lexical

A oração coordenada sindética se mostrou mais favorável para a aplicação da regra de objeto nulo, com peso relativo de (.74). Os dados também evidenciaram que o tipo de oração subordinada também se mostrou favorável como um contexto de apagamento do objeto, mesmo apresentando um peso relativo neutro, com (.50). Assim sendo, em situações nas quais os contextos envolvam essas orações, há uma tendência maior para que ocorra o apagamento do objeto, como nos seguintes exemplos:

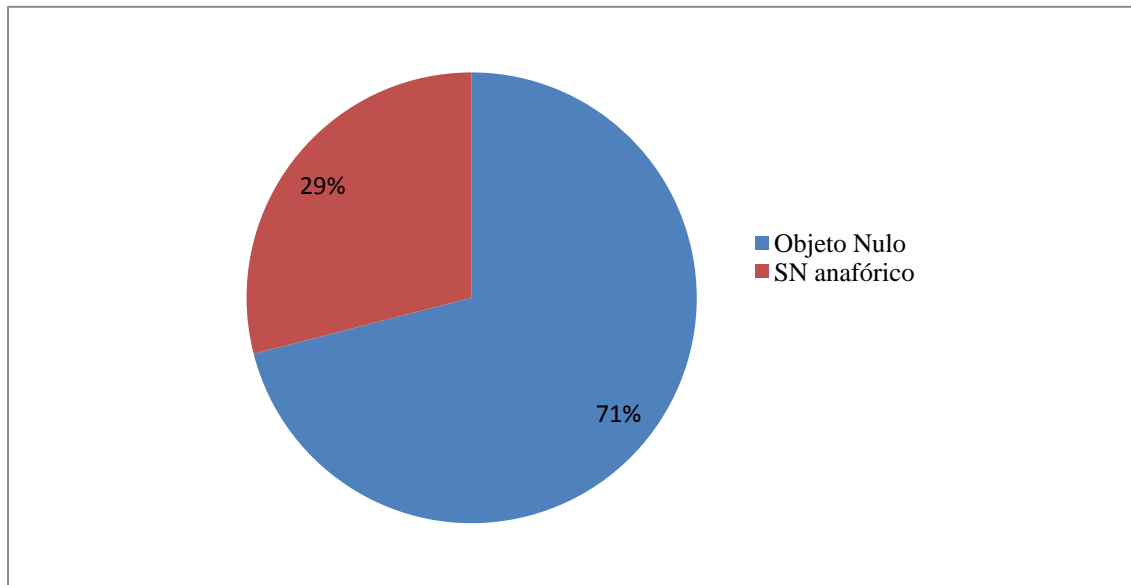
(86) DOC: A senhora assistiu *o filme*? [Os dois filhos de Francisco]  
 INF: Agora, terça-feira não assisti até o fim não que eu  
 cheguei de viagem, tinha viajado... aí fui dormir mais cedo e não  
 assisti  $\emptyset$ . (Inf.R.S.,F,II,PP)

(87) INF: [...] às vezes, eu não gosto nem de pedir favor porque  
 quando as pessoas me faz um favor, eu acho qu'eu não  $\emptyset$  pago nunca.  
 (Inf.J.C.P.S.,M,II,PC)

A partir desses resultados, observei quais variáveis são mais favoráveis no processo de apagamento do complemento direto de 3ª pessoa no falar feirense urbano. A seguir, passo para a análise da última rodada que foi realizada ainda considerando os OD anafóricos.

## OBJETO NULO X SN ANAFÓRICO

Confrontei as variantes *objeto nulo* e *SN anafórico* para averiguar qual variável condicionaria o apagamento do objeto pelos feirenses. Abaixo, exponho o resultado:



**Gráfico 8.** Cômputo geral da rodada objeto nulo x SN anafórico de OD de 3ª pessoa

Nessa rodada, foi selecionado como condicionante do objeto nulo o grupo de fatores linguístico *paralelismo formal, traço semântico do antecedente e tipo de oração*.

<b>Paralelismo Formal</b>	<b>OBJETO NULO N / % / PR</b>
ocorrência isolada	114/185 / 61% / .40
primeira ocorrência de uma série	68/99 / 68% / .48
igual à forma anterior	139/168 / 82% / <b>.65</b>
diferente da forma anterior	31/46 / 67% / .41
Significância 0, 047	Input 0, 707

**Tabela 21.** Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do paralelismo formal na rodada objeto nulo x SN anafórico

Ainda partindo da ideia de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (SCHERRE, 1998, p. 31), ficou bem explícito nessa rodada que essa variável linguística teve relevância no *corpus* analisado, fazendo a análise da variação objeto nulo *versus* SN anafórico. O uso da categoria vazia numa menção condicionou na escolha dessa mesma

variante nas ocorrências posteriores, favorecendo, assim, um paralelismo com o apagamento na realização do objeto anafórico. Do *corpus* analisado, foi retirado este exemplo para ilustrar:

(88) INF: Tem a casa de farinha, onde a gente fazia a mandioca, a farinha. Tinha o lugar que a gente espromia *a massa*, aí pegava *a massa* e peneirava  $\emptyset$ , cessava  $\emptyset$  e botava  $\emptyset$  no forno bem quente e fazia os beijuzinho com a... o de massa ou de goma. Fazia o beijuzinho. (Inf.R.S.,F,II,PP)

Vê-se claramente que a primeira ocorrência da série é o complemento ligado ao verbo *pegar*, sob a forma de um SN anafórico. Na sequência, a partir do objeto direto anafórico marcado, a forma preenchida dá espaço ao apagamento nas outras três realizações de OD de 3ª pessoa. O objeto dos outros dois verbos *cessar* e *botar* é nulo, igual à forma anterior do verbo *peneirar*, ou seja, o zero fonético levou à realização de outros zeros. Outra variável que se mostrou relevante nessa rodada está relacionada ao traço semântico do antecedente. A partir dos trabalhos consultados, como Duarte (1989), Fagundes (1997), Hora e Baltor (2007), dentre outros já citados, pode ser constatado que o uso do objeto nulo está diretamente relacionado com o traço semântico [- animado], e isso foi evidenciado na rodada objeto nulo *versus* pronome lexical. No entanto, o resultado contrariou, de certa forma, o que se esperava, pois o fator mais relevante para o uso do objeto nulo, nesta rodada, foi o traço [+ animado], com peso relativo de (.62). Esperava um maior uso desse traço relacionado aos SNs anafóricos, como em:

(89) INF: *A mãe* dela tirou os dois seios agora no dia 1º de abril e ela está lá. Ela acompanha *a mãe*. (Inf.F.,F,III,PC)

Confira a tabela, abaixo:

Traço semântico do antecedente [± animado]	OBJETO NULO N / % / PR
[+ animado]	90/113 / 79% / .62
[- animado]	262/385 / 68% / .46
Significância 0, 047	Input 0, 707

**Tabela 22.** Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do traço semântico do antecedente na rodada objeto nulo x SN anafórico

Tanto o uso do objeto nulo quanto do SN anafórico estão diretamente relacionados ao traço [- animado] e o que se pode inferir com esse resultado, é que o falante feirense diante dessas duas variantes, tenderia a apagar mais o objeto quando o antecedente é [+ animado], talvez para evitar o uso do pronome lexical, e até mesmo do clítico, ambos estigmatizados a depender do contexto, conforme defende Duarte (1989). Neste caso, ele evitaria essas formas não as relacionando com os antecedentes de traço [+ animado], apagando-as, e repetiria o SN por esta ser também uma variante considerada neutra para os [- animados], revelando, assim, a sua consciência linguística ao fazer essa opção entre as formas, como em:

(100) DOC: E como é assim, como foi que vocês... o primeiro contato de vocês, conversaram?  
 INF: Na verdade *ele* trabalhava na recepção de uma boate e eu sempre ia pra ver  $\emptyset$ .  
 (Inf.W.C.G.,M,I,PC)

(101) DOC: Você já sofreu algum tipo de violência aqui em Feira? Assalto, roubo?.  
 INF: Eu já fui assaltada assim de por meninos de rua, mas não teve assim nenhuma lesão. Só levaram dinheiro.  
 DOC: E como foi? Ele te abordou? Tava aonde?  
 INF: Foi ele tava em uma bicicleta, eu tava indo pra casa vindo do salão andando, perto da minha casa, e ele veio com uma faca numa bicicleta e me pediu dinheiro e eu tava falando no *celular* e ele não levou *o meu celular*.  
 (Inf.T.L.S.M.,F,I,PC)

A última variável a ser selecionada como relevante no uso do objeto nulo *versus* o SN anafórico foi tipo de oração, apresentado na tabela abaixo:

<b>Tipo de Oração</b>	<b>OBJETO NULO N / % / PR</b>
absoluta e primeira coordenada	195/297 / 65% / .44
coordenada não inicial	92/111 / 82% / <b>.65</b>
principal	11/15 / 73% / .47
subordinada	54/75 / 72% / <b>.51</b>
Significância 0, 047	Input 0, 707

**Tabela 23.** Ocorrências de objeto nulo de OD de 3ª pessoa em função do tipo de oração na rodada objeto nulo x SN anafórico

A oração coordenada sindética também se mostrou mais favorável para a aplicação da regra de objeto nulo, com peso relativo de (.65). Além desse fator, os dados evidenciaram que o tipo de oração subordinada também se mostrou favorável como um contexto de apagamento do objeto, mesmo apresentando um peso relativo neutro, com (.51). Como se pode perceber, em situações em que os contextos envolvam essas orações, há uma tendência maior para que ocorra o apagamento do objeto, como nos seguintes exemplos:

(101) DOC: Quer dizer que a senhora não continuou os estudos por toda uma condição, mas a senhora tem consciência que o estudo é importante.

INF: Tenho consciência sim. Pego *uma revista*, pego *um jornal*, não leio muito, entendeu?, mas eu  $\emptyset$  leio. Me alfabetizei porque o estudo antigamente não era como hoje. A alfabetização hoje... hoje em dia, você soletrou ta sabeno ler. Antigamente não, antigamente era mais rígido, a pessoa, a criança que queria estudar se não soubesse não passava de ano, hoje não, você cuspiu passou de ano. Mas eu pretendo continuar leno minha revista, meus jornais, assistir minhas... minhas reportagem pa entender das coisa. (Inf.L.C.C.,F,I,PC)

(103) INF: Os bairros de Feira de Santana tá crescendo, cresce com qualquer coisa. A população hoje tá crescendo muito em Feira de Santana. [...] Cê vê, tem quantos bairro aqui que eu  $\emptyset$  conheço? São...Sitio Novo, Pampalona, Asa Branca, é...como é o nome do bairro ali meu Deus que eu  $\emptyset$  conheço? GEORGE AMÉRICO! Hoje, George Américo hoje tá uma cidade! [...] (Inf.F.A.C.,M,II,PP)

Essas foram as rodadas realizadas com os dados referentes às ocorrências do objeto direto anafórico, considerando sempre como regra de aplicação o objeto nulo. A seguir, faço a análise dos complementos indiretos de 3ª pessoa no falar feirense.

#### 4.2.2.2 Função dativa

A seguir, listo duas estratégias de uso do OI de 3ª pessoa realizadas pelos feirenses que compõem o *corpus*, visto que não foram registradas ocorrências do *lhe* dativo:

##### ✓ SP anafórico

(104) INF: Quando tava com três meses, aí *ele* [o pretendente] cegou lá com aliança, falou que ia levar aliança, chegou lá com aliança, me deu aliança. E disse que daí há dois meses, três já ia pra casar. [...] O véi tinha umas casas, a casa era alugada aí desocupou, entregou essa casa *a ele* pra ele ficar pagando aluguel, morando, trabalhando. (Inf.F.O.C.,F,II,PP)

(105) INF: [...] e aí teve um dia que eu chamei *a Coordenadora Pedagógica e a Diretora* e aí falei *pra elas* a realidade daquela turma, o que nós poderíamos fazer para melhorar aquela realidade [...]. (Inf.E.C.,F,II,PC)

(106) INF: [...] eu tenho um amigo em Salvador que, há dois anos atrás, ele tava na sala de aula né e tinha *um aluno* fazendo baderna, bagunça e ele pediu *pra o menino* manear e tal porque ele queria dar né, é, executar a aula que ele tinha planejado e aí o menino saiu da sala naquele dia, né. Uma semana depois, voltou pra escola armado, enquanto ele tava fazendo a chamada, de costas assim ó [gesticula o corpo], o aluno entrou com a faca e deu um golpe no pescoço dele né, e ainda bem que não foi algo tão profundo né, e esse caso saiu até no Jornal Nacional. Foi gritante e a gente percebe que a violência tem aflorado na escola, né? (Inf.E.C.,F,II,PC)

##### ✓ objeto nulo

(107) INF: [...] No outro dia eu fui pra contar *a minha mãe*, só que eu chorava tanto que eu não conseguia falar.

(Pessoas conversando).

INF: Aí eu já tinha contado a minha vó.

DOC: Hum.

INF: Aí, minha vó viu a situação toda e disse  $\emptyset$ : “Olha, sabe o que é? É porque P. tá grávida, você vai ser avó e eu vou ser bisavó”. (Inf.P.L.O.,F,I,PC)

A tabela abaixo mostra a distribuição das variantes:

VARIANTES	Clítico	SP anafórico	Objeto Nulo	TOTAL
Ocorrências	0	96	55	151
%	0	64%	36%	100%

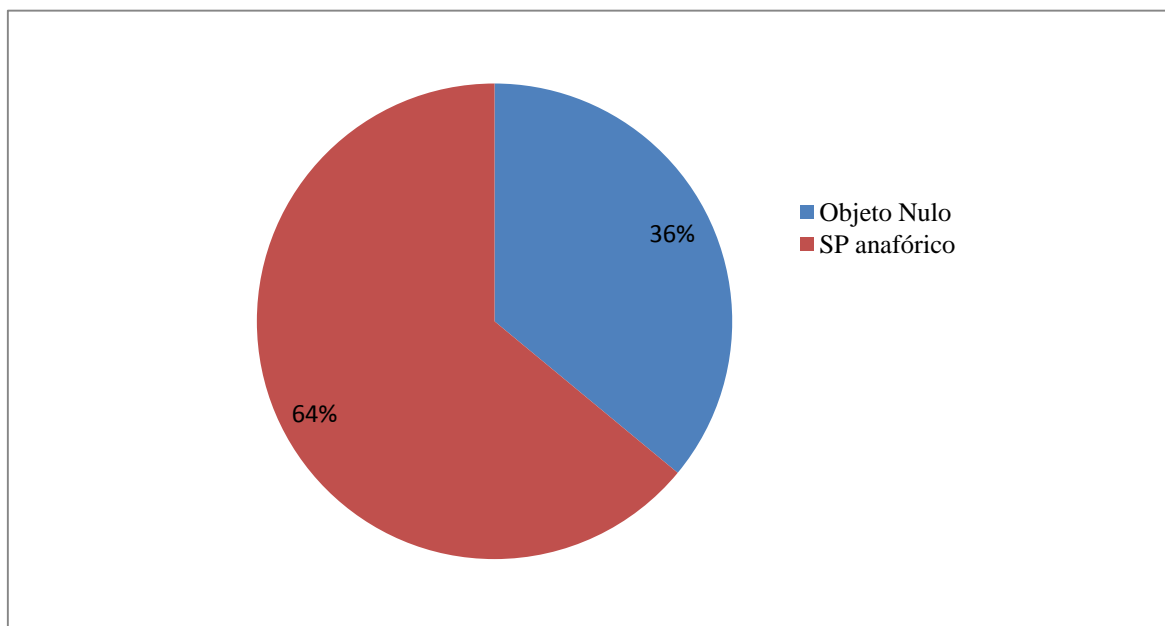
**Tabela 24.** Distribuição geral das variantes de OI de 3ª pessoa no *corpus*

No tocante ao número de ocorrências das outras variantes consideradas neste estudo, pude observar que o SP anafórico se destacou como a variante mais usada no *corpus*, com 64% das ocorrências. O objeto nulo de OI apresentou uma frequência de 36% e não houve registro do *lhe* como referência à 3ª pessoa.

Levando em consideração o cômputo geral das variantes, mostrado na tabela acima, realizei uma rodada binária para saber o que favorece a realização do objeto nulo em concorrência com o SP anafórico.

#### OBJETO NULO X SINTAGMA PREPOSICIONADO

Nesta única rodada realizada, confrontei as variantes *objeto nulo* e *SP anafórico* para observar quais variáveis condicionariam o apagamento do objeto pelos feirenses. O resultado é apresentado a seguir:



**Gráfico 11.** Cômputo geral da rodada objeto nulo x SP anafórico de OI de 3ª pessoa

Conforme o gráfico acima, como foi observado anteriormente, os falantes feirenses usaram mais o SP anafórico (64%) que o objeto nulo (36%) no *corpus* analisado. O quadro abaixo esquematiza quais foram as formas encontradas:

SP anafórico	Total de ocorrências
<i>a ele / a ela</i>	33
<i>para ele / para ela</i> <sup>52</sup>	50
<i>pra meus alunos / pra o menino / pra médica / pra minha mãe etc.</i>	13

**Quadro 22.** Distribuição das formas de SP anafórico no *corpus*

Na rodada, as variáveis *tipo de verbo*, *traço semântico do antecedente*, *tempo e modo verbais* e *sexo/gênero do falante* foram selecionadas como relevantes para o uso do objeto nulo de OI, como mostro a partir da análise da Tabela 25:

<sup>52</sup> Considerando-se também as formas *pra ele / pra ela*.

Tipo de Verbo	OBJETO NULO N / % / PR
benefativo	10/29 / 34% / .39
<i>dicendi</i>	37/80 / 46% / <b>.70</b>
ação	8/36 / 22% / .17
Significância 0, 018	Input 0, 364

**Tabela 25.** Ocorrências de objeto nulo de OI de 3ª pessoa em função do tipo de verbo na rodada objeto nulo x SP anafórico

A partir da análise da tabela acima, é possível notar que o tipo de verbo mais favorável ao apagamento do objeto foi o verbo *dicendi*, com peso relativo (.70), corroborando, desse modo, a hipótese lançada de que essa variável fosse relevante na variação estudada. Como já mencionado anteriormente, o tipo *dicendi* remete a comunicação verbal de um conteúdo a outrem (dizer, falar, comentar, explicar etc), possuindo bitransitividade, como no exemplo (108). Sendo recorrente nos dados levantados, os falantes, na maior parte das vezes, apenas preencherem o OD, apagando, conseqüentemente, o OI<sup>53</sup>.

(108) INF: Eu era uma pessoa que vivia pra ler, é... eu aos quinze anos lia, assim, clássicos, é... da língua portuguesa. É... gostava muito de leituras e lia, assim, condicionada para aprender aqueles termos que eu não conhecia. Então, eu sempre fui chamada daquelas pessoas [inint], que usava termos que ninguém usa [risos]. E, até hoje, onde eu trabalho, que eu trabalho também na FTC, à tarde, na assessoria de comunicação, quando as pessoas querem uma [inint] de alguma coisa, o significado de alguma palavra, perguntam a mim. Eu  $\emptyset$  digo: gente, eu não sei não! Tão precisando de leitura, entendeu?

DOC: Eu entendo.

INF: Que a gente vai absorvendo.

DOC: Mas o certo é... fazer esse exercício de leitura mesmo, porque aí a pessoa vai ampliando...

INF: O vocabulário.

DOC: É! O vocabulário!

INF: Eu sempre tive um vocabulário é... bom, entendeu? É... um vocabulário mais sofisticado. Aí, eu tenho uma colega que diz: S., enquanto todo mundo diz assim, fulana de tal é uma porta fechada, porque é burra, né?

DOC: [risos]

INF: Aí, eu  $\emptyset$  digo assim: Fulana é obtusa.

<sup>53</sup> Talvez, esse frequente apagamento do OI tenha ocorrido devido à estrutura sintática da frase no contexto das ocorrências pelo fato de o verbo transitivo direto e indireto reger uma estrutura mais complexa com dois complementos a ele relacionados (V + OI (SP) + OD (SN); V + OD (S) + OI (SP); V + OD (SN) + OI (SP)). Também testei a estrutura da frase como uma variável, mas não foi selecionada como relevante em nenhuma rodada com os OI de 3ª pessoa.

DOC: [risos]  
 INF: [risos]  
 DOC: Saber encaixar as palavras no lugar...  
 INF: É! Sem ofender!  
 DOC: Sem ofender! (Inf.M.S.P.C.,F,III,PC)

O traço semântico [ $\pm$  animado] foi a segunda variável selecionada como relevante para o uso do objeto nulo, como exponho na tabela a seguir:

Traço semântico do antecedente [ $\pm$ animado]	OBJETO NULO N / % / PR
[+ animado]	50/141 / 35% / .44
[- animado]	5/10 / 50% / .96
Significância 0, 018	Input 0, 364

**Tabela 26.** Ocorrências de objeto nulo de OI de 3ª pessoa em função do traço semântico do antecedente na rodada objeto nulo x SP anafórico

Os dados evidenciaram que o apagamento do objeto em função do traço semântico foi mais favorável quando os antecedentes eram [- animados], representando um peso relativo de (.96). A seleção dessa variável confirmou a hipótese de que os antecedentes inanimados propiciariam uma maior frequência quanto à aplicação da regra de objeto nulo. Destaco uma ocorrência encontrada no *corpus*:

(109) DOC: A senhora assiste *televisão*?  
 INF: Eu  $\emptyset$  dou pouca atenção e durmo mais do que assisto.  
 (Inf.C.,F,III,PP)

A terceira variável linguística que se mostrou favorável ao apagamento foi o tempo e modo verbais, conforme apresento na tabela a seguir:

Tempo e Modo Verbais	OBJETO NULO N / % / PR
presente do indicativo	7/26 / 26% / .25
pretérito perfeito do indicativo	28/59 / 47% / <b>.67</b>
pretérito imperfeito do indicativo	5/18 / 27% / .40
futuro do pretérito do indicativo	2/13 / 15% / .22
infinitivo	12/27 / 44% / <b>.64</b>
gerúndio	1/7 / 14% / .34
Significância 0, 018	Input 0, 364

**Tabela 27.** Ocorrências de objeto nulo de OI de 3ª pessoa em função do tempo e modo verbais na rodada objeto nulo x SP anafórico

Com o peso relativo (.67), ficou evidente que os contextos linguísticos com o pretérito perfeito do indicativo propiciaram o apagamento do objeto no *corpus* analisado, destacando-se mais que os outros fatores testados. Suponho que a relevância dessa forma verbal se deve ao fato de nas entrevistas os informantes foram mais estimulados a contar fatos e narrar eventos que acontecem com eles, tornando, assim, mais frequente o uso dessa forma verbal, como no exemplo (110). Os verbos no infinitivo também se mostraram favoráveis quanto ao uso do objeto nulo, com peso relativo de (.64), como em (111).

(110) DOC: É assim, o senhor já passou por um momento assim da sua vida que... viu a morte de perto? Algum perigo de vida?  
 INF: Tem um ano agora em dezembro, um ano. Infarto! [...]  
 DOC: Foi mesmo?  
 [...]  
 INF: É tanto que *o médico que me atendeu* pediu que eu classificasse a dor, que eu tava sentindo, de zero a dez, eu  $\emptyset$  disse quatro.  
 (Inf.J.A.R.R.,M,II,PC)

(111) DOC: E aí pra contar aos *seus pais*?  
 INF: E aí eu liguei pra ele [o namorado], ele tava lá em Salvador, eu liguei pra ele...aí ele me falou que...independente de qualquer coisa, que ele estaria do meu lado. E então ele me pediu pr'eu deixar pra  $\emptyset$  contar...eu descobri numa segunda-feira, olha. Aí ele me pediu pra eu deixar pra contar a meus pais no final de semana que ele estaria aqui.  
 (Inf.P.L.O.,F,I,PC)

A seguir, mostro a única variável social que foi selecionada na rodada de OI de 3ª pessoa. Em relação ao uso do objeto nulo em confronto com o SP anafórico no *corpus*, a

variável sexo/gênero do falante se mostrou mais favorável ao apagamento, sendo o fator ‘feminino’ o que mais se destacou quanto ao uso do objeto nulo, conforme apresento na tabela abaixo:

<b>Sexo/gênero do falante</b>	<b>OBJETO NULO N / % / PR</b>
masculino	27/87 / 31% / .38
feminino	28/64 / 43% / <b>.66</b>
Significância 0, 018	Input 0, 364

**Tabela 28.** Ocorrências de objeto nulo de OI de 3ª pessoa em função do sexo/gênero do falante na rodada objeto nulo x SP anafórico

Seguindo as ideias de Labov (2008 [1972]), quando a forma linguística é socialmente prestigiada, há uma tendência maior de as mulheres assumirem a liderança da mudança linguística. Quando se trata de uma forma socialmente desprestigiada, geralmente são os homens que lideram o processo, sendo que as mulheres assumem uma atitude mais conservadora. No *corpus* analisado, com peso relativo de (.66), o fato do fator ‘feminino’ ser mais relevante em relação a essa variável corrobora a hipótese de que as mulheres conduzem o processo de mudança linguística quando a variante inovadora não sofre estigma, no caso deste estudo, o objeto nulo.

Em suma, as rodadas estatísticas apresentados nesta seção trazem aspectos significantes quanto ao uso do complemento verbal utilizados pelos falantes do português urbano feirense. Ficou evidenciado no *corpus* que as formas pronominais de 1ª, 2ª e 3ª pessoas estão em competição com o objeto nulo no falar feirense, seja em pequena ou larga escala, e que a variação foi motivada mais por fatores linguísticos que sociais. A seguir, teço algumas considerações sobre esses resultados.

#### 4.2 “VOU-ME EMBORA”: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Como se pode observar, os resultados apresentados trazem aspectos significantes para o entendimento quanto ao uso do complemento verbal no português urbano de Feira de Santana, numa comparação do português popular (PP) com o português culto (PC).

Com a inserção das formas *você* e *a gente*, a partir do século XIX<sup>54</sup>, na classe dos pronomes, houve uma reestruturação do sistema pronominal do português ocasionando assimetrias porque essas formas agregaram propriedades, valores e funções sintáticas distintas no atual quadro dos pronomes pessoais. Considerando esse aspecto, foi visto que os pronomes-objeto estão em competição com os pronomes-sujeito. Verifiquei que os clíticos de 1ª e 2ª pessoas são os que mais ocorrem no *corpus*. A 1ª pessoa do singular, ainda não foi “abalada”, conforme diz Monteiro (1994, p. 152), existindo um paradigma bem delimitado com as formas *me / mim / comigo*, mas registrei ocorrências do tipo “Zé molhou eu”, entretanto, sendo bem mais frequente na fala popular. Como enfatiza Galves (2001, p. 103), “a forma *eu* em posição de objeto, possível em certos dialetos, é extremamente estigmatizada na norma culta”, mas foi possível encontrar entre falantes de nível superior o *eu* como OD em estruturas do tipo “Zé deixou eu entrar”, evidenciando que esse uso é possível nas duas variedades.

Considerando a 1ª pessoa do plural, o paradigma apresenta modificações, iniciando-se pelo intenso uso variável das formas *nós* e *a gente* na posição de sujeito, sendo refletido na função de objeto como em “Zé nos acordou ~ Zé acordou a gente / Zé saiu conosco ~ Zé saiu com a gente”. Esse uso variável foi constatado nas variedades popular e culta do português urbano feirense, no entanto, o uso do *a gente* como OD teve mais vitalidade na fala dos menos escolarizados. Quanto às formas de 2ª pessoa, nessa reestruturação do sistema pronominal, o *você* disputa espaço com o pronome *tu* na posição de sujeito e já substituiu a forma canônica *vós*<sup>55</sup>. Essa forma também vem diminuindo o uso de *te / ti / contigo* em estruturas do tipo “Zé te viu ~ Zé viu você / Zé disse isso para ti? ~ Zé disse isso pra você? / Zé bebeu contigo ~ Zé bebeu com você”. Além dessas formas inovadoras estarem presentes nas variedades

<sup>54</sup> A esse respeito, sugiro a leitura de FARACO (1996) e LOPES (2003).

<sup>55</sup> Segundo Menon (1995), essa forma se introduziu no quadro dos pronomes pessoais como segunda pessoa do plural (*vocês*), concorrendo com a forma canônica *vós*, e, posteriormente, passou a ser também forma da segunda pessoa do singular, com a supressão do morfema *-s*.

analisadas, também faz parte do repertório linguístico do feirense o uso do *tu* como OD, como em “Zé viu tu no ônibus”.

Também por conta dessa reestruturação dos pronomes pessoais, “reconhece-se, há algum tempo, um declínio acentuado no uso do pronome objeto de 3ª pessoa no português brasileiro” (MENON, 1995, p, 98). Nota-se a escassez dos clíticos *o(os) / a(as)* em ambas as variedades linguísticas estudadas, evidenciando o seu desuso no português brasileiro, como também já sinalizou Cyrino (1996). Essas formas vêm sendo substituídas pelo pronome *ele / ela* na função de complemento direto em construções como “Zé o viu ~ Zé viu ele” e, pelas ocorrências encontradas no *corpus*, esse uso não se restringe apenas aos falantes com baixa escolaridade, mas também entre os falantes com escolaridade mais elevada, de acordo com o que destaca Câmara Jr. (2004 [1972]) e Menon (1995). Outras formas também foram legitimadas para o uso de OD de 3ª pessoa, como salienta Duarte (1989), tendo-se o uso de um SN anafórico ou o objeto nulo, como em: “Zé viu o livro / Zé viu Ø”.

Na análise realizada neste estudo, verificou-se que o uso dessas duas formas se destacou no falar feirense, seguido da forma pronominal do nominativo e, por último, do clítico. Para Berlink (1996), essa pouca frequência do clítico de 3ª pessoa e o aumento do uso do pronome lexical e do objeto nulo para expressar o OD ocasionaram também mudanças na realização do objeto indireto. A forma *lhe(s)* concorre com as formas *a ele / para ele*, como em: “Zé lhe entregou o presente ~ Zé entregou o presente a ela / Zé entregou o presente para ela”, mas o seu uso se estendeu como referência à segunda pessoa do discurso, como apontou Nascentes (1960), e esse uso foi categórico no *corpus* analisado, tanto na fala popular quanto na culta, em construções do tipo “Zé lhe entregou o presente ~ Zé te entregou o presente”. De acordo com Menon (1995, p.100), o pronome *lhe* “passou por um processo de regularização de formas, à semelhança dos seus companheiros de paradigma *me/te*”, ou seja, criou-se uma simetria com esses pronomes que, inclusive, são formas homônimas que já exercem as duas funções, tanto como OD quanto como OI.

Como se constata, vários foram os efeitos da inserção do *você* e do *a gente* no paradigma dos pronomes no português brasileiro e, como foi observado no *corpus*, essas modificações estão presentes no português urbano falado em Feira de Santana. O quadro abaixo esquematiza uma distribuição dos pronomes pessoais englobando as formas encontradas nas variedades popular e culta da cidade estudada. Saliento que também incluo o objeto nulo como possibilidade de uso no paradigma pronominal feirense de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do discurso dentre as formas marcadas, não somente pelo fato de também ser o foco

desta pesquisa, mas por ser a forma mais utilizada, no caso dos pronomes de 3ª pessoa, e já se apresentar como uma possível estratégia em contextos de 1ª e 2ª pessoas. A saber:

<b>PRONOMES PESSOAIS</b>			
<b>PESSOAS</b>	<b>PRONOMES-SUJEITO</b>	<b>PRONOMES-OBJETO</b>	
		<b>OBJETO DIRETO</b>	<b>OBJETO INDIRETO</b>
1ª p. singular	eu	me/eu/Ø	me/eu (prep.) + mim/ (prep.) + eu/ comigo/Ø
2ª p. singular	tu/você	te/tu /você/lhe/Ø	te/lhe (prep.) + você/Ø
3ª p. singular	ele/ela	o/a/ele/ela/SN/Ø	(prep.) + ele/ (prep.) + ela/(prep.) + SN/Ø
1ª p. plural	nós/a gente	nos/a gente/nós/Ø	nos/ (prep.) + nós/ (prep.) + a gente/Ø
2ª p. plural	vocês	vocês/Ø	(prep.) + vocês/Ø
3ª p. plural	eles/elas	os/as/eles/elas/SN/Ø	(prep.) + eles/ (prep.) + elas/(prep.) + SN/Ø

**Quadro 23.** Sistema pronominal em uso no português urbano falado em Feira de Santana-Ba

Como já mencionado, esse quadro foi estabelecido a partir do levantamento das formas encontradas em função de complemento verbal no *corpus* analisado<sup>56</sup>. A sua leitura permite dizer que tais formas não se limitam ao paradigma pronominal apresentado pela gramática normativa, sendo que o seu uso “não pode e não deve ser considerado erro; há que se analisar em que condições ocorrem as utilizações [...] pois elas não são aleatórias. Há várias possibilidades de combinação dos pronomes, atualmente” (MENON, 1995, p. 100). Com base no quadro acima, posso afirmar que a composição atual dos pronomes pessoais usados pelos feirenses, principalmente no tocante à função de complemento direto e indireto, corresponde à realidade pronominal de algumas variedades do português brasileiro. A seguir, faço as considerações finais deste estudo.

---

<sup>56</sup> Mesmo que as formas *tu* e *você* como complemento direto, no português popular e culto, e *eu* como complemento indireto no português popular não tenham sido registradas no *corpus*, é percebido que essas formas ocorrem frequentemente na comunidade de fala, por isso, foram também inseridas.

## CONCLUINDO A VIAGEM E EM BUSCA DE OUTROS CAMINHOS

O principal objetivo desta dissertação foi desenvolver uma análise sobre o uso dos pronomes-objeto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas na função de complemento direto e indireto no português urbano falado em Feira de Santana, cidade de grande destaque na Bahia e em todo norte-nordeste brasileiro. Para tanto, adotei os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e utilizei amostras de fala popular e culta feirenses.

Do total de 24 entrevistas, o *corpus* analisado possui 1111 dados. Na análise, considerei a variante *clítico* como regra de aplicação para os pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas e o objeto nulo, que é a ausência de preenchimento na posição de objeto, como regra de aplicação para a 3ª pessoa. Procurei verificar quais os fatores linguísticos e sociais que condicionam o seu uso na comunidade de fala. No geral, foi quantificado 42% de objeto nulo e 58% de preenchimento do objeto (somando as ocorrências de clíticos, formas tônicas, pronomes lexicais, SNs/SPs anafóricos), considerando-se um resultado equilibrado.

Após uma exaustiva análise dos dados referentes à realização de objeto direto e indireto de 1ª, 2ª, e 3ª pessoas, pude perceber como se configura o uso dos pronomes-objeto, ou seja, os contextos que favorecem e/ou inibem, os contextos de resistência em relação ao comportamento das outras variantes. Desse modo, constatei que na variedade feirense do português brasileiro evidenciam-se processos de variação e mudança linguística nos fatos sintáticos considerados.

Sobre o objeto direto de 1ª e 2ª pessoas, ficou evidente que os clíticos são a forma mais utilizada pelos falantes feirenses (76%), seguidos do pronome lexical (18%) e do objeto nulo (6%). Nas rodadas binárias, para confirmar ou refutar as hipóteses sobre os condicionantes linguísticos e sociais, constatei que, devido a pouca quantidade de objeto nulo não houve variável selecionada na variação clítico  $\times$  objeto nulo e na variação clítico  $\times$  pronome lexical se destacaram as variáveis *faixa etária*, *escolaridade* e *sexo/gênero do falante*.

Em relação ao objeto direto de 3ª pessoa, o resultado foi: clítico (2%), o que corroborou a ideia de desaparecimento dessa variante na variedade falada do português brasileiro; pronome lexical (12%); SN anafórico (25%) e o uso maciço do objeto nulo (61%). As variáveis selecionadas na variação objeto nulo  $\times$  clítico foram: *traço semântico do antecedente*, *estrutura sintática da frase*, *tempo e modo verbais* e *sexo/gênero do falante* (destacando-se as mulheres como inovadoras). Na variação objeto nulo  $\times$  pronome lexical,

destacaram-se *traço semântico do antecedente*, *paralelismo linguístico*, *concretude do antecedente* e *tipo de oração*. Quando se considerou a variação objeto nulo x SN anafórico, foram selecionadas as variáveis: *paralelismo linguístico*, *traço semântico do antecedente* e *tipo de oração*.

Considerando os objetos indiretos de 1ª e 2ª pessoas, a sequência de uso constatada foi: clítico (66%); forma tônica (15%); pronome lexical (4%) e objeto nulo (15%). As variáveis indicadas como relevantes nas rodadas listam-se da seguinte maneira: clítico x objeto nulo: *gênero do discurso* e *tipo de verbo*; clítico x forma tônica: *tipo de verbo* e *transitividade verbal*; clítico x pronome lexical: *tempo e modo verbais* e faixa etária.

E, por fim, descrevendo as realizações de objeto indireto de 3ª pessoa, os resultados foram: clítico (0%), por causa do uso categórico do *lhe* como acusativo e dativo referente à 2ª pessoa; SP anafórico (64%) e o objeto nulo com (36%). As variáveis selecionadas na rodada binária em que se contrapôs o SP e objeto nulo foram: *tipo de verbo*, *traço semântico do antecedente*, *tempo e modo verbais* e *sexo/gênero do falante*. As variáveis linguísticas foram as que mais se destacaram como condicionantes do uso dos pronomes-objeto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas no *corpus* representativo do falar feirense.

Ao longo desta dissertação, procurei mostrar que o português brasileiro está passando por um processo de variação em relação ao uso dos objetos direto e indireto. Por meio da análise do português popular e culto da comunidade de fala estudada, pude perceber que os pronomes referentes à 1ª e 2ª pessoas demonstraram estar em variação quanto ao uso do objeto nulo. Em contrapartida, a variação existente na 3ª pessoa já indica mudança linguística. Evidentemente, o tratamento do tema não foi esgotado e ainda serão realizadas mais investigações dando continuidade à análise quanto às estratégias de realização de objeto direto e indireto de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, estendendo-me a outros dialetos, contribuindo para a caracterização de um melhor perfil linguístico dessas formas.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Emanuelle Camila Moraes de Melo; SANTOS, Renata Livia de Araújo; SALGADO, Solyany Soares. **A variação entre os pronomes “mim/eu” na posição de complemento verbal na fala em Alagoas: uma análise sociolinguística variacionista.** Relatório de Iniciação Científica. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2006.
- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística.** 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.
- ALMEIDA, Gilce de Souza. **Quem te viu quem *lhe* vê: a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador.** 193 f. 2009. Dissertação de mestrado em linguística. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa.** 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1961.
- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. **Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado em três comunidades rurais da Bahia.** 235f. 2005. Tese. (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- ALMEIDA, Oscar Damião de. **Dicionário personativo, histórico e geográfico de Feira de Santana.** 2ª ed. Feira de Santana: s/e, 2000.
- ALVES BRITO, Juvanete Ferreira. **O objeto direto (ana)férico no falar rural baiano: um estudo sociolinguístico.** Dissertação de Mestrado. 123f. 2010. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira.** São Paulo: Casa Editora do Livro, 1920.
- ANDRADE, Celeste Maria Pacheco. **Origens do povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial.** 1990. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA. vol. 3, 2012. Feira de Santana: CDL, 2012.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: citação em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, ABNT, 2002. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/10520-Citas.pdf>>. Acesso: 10 fev. 2014.
- \_\_\_\_\_. **NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, ABNT, 2002. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/10520-Citas.pdf>>. Acesso: 10 fev. 2014.
- \_\_\_\_\_. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, ABNT, 2002. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/10520-Citas.pdf>>. Acesso: 10 fev. 2014.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?**: um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 19ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1995.

BERGE, Damião. **ARS latina**: curso básico de língua latina. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

BERLINK, Rosane Andrade. **A expressão do objeto indireto no português do Brasil**. Comunicação apresentada no X Encontro do CELLIP (centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná), 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil**. Comunicação apresentada no II Encontro do Celsul (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), 1997.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem**: memórias de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. **Poesia**. Salvador: Fundação das Artes, 1990.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1994. p. 156-183.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A língua portuguesa no Brasil. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemo na escola, e agora?**: sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005a. p. 31-38.

\_\_\_\_\_. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemo na escola, e agora?**: sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005b. p. 91-102.

\_\_\_\_\_. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolingüística. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: FONSECA, Maria; NEVES, Moema (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-23.

CALDAS, Gessiene Oliveira. **Espaços urbanos**: uma produção popular – uma qualificação e requalificação do bairro George Américo em Feira de Santana-BA. Dissertação (Mestrado em Arquitetura em Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 51-84.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

\_\_\_\_\_. 26ª ed. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997 [1970].

\_\_\_\_\_. *Ele* como um acusativo no português do Brasil. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004 [1972].

CAMPOS, Mari. **Pequeno livro de viagem**: guia para toda hora. Campinas, SP: Verus, 2012.

CARMO, René Becker Almeida. **Urbanização e os assentamentos subnormais de Feira de Santana**. 2009. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 22ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1981.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: (?), 2009, p. 141-155.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1970.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 163- 184.

DALTO, Cristiane Dias de Lima. **Estudo sociolinguístico dos pronomes-objetos de primeira e segunda pessoas nas três capitais do Sul do Brasil**. 129f. 2002. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2002.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (Orgs.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas, SP: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 19-34.

FAGUNDES, Edson Domingos. **Ocorrências de objeto direto e indireto nas três capitais do Sul do Brasil**: clíticos, pronomes lexicais e ausência de preenchimento. 91f. 1997. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade federal do Paraná, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **O tratamento você em português**: uma abordagem histórica. Fragmenta, Curitiba, n.13, 1996, p. 51-82.

FIGUEREDO FILHO, Godofredo Rebello de. **Poema da Feira de Sant'Anna**. Salvador: EGBA, 1977.

FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização em Feira de Santana**: influências da industrialização (1970-1996). 1998. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

GALVÃO, Renato Galvão de Andrade (Mons<sup>o</sup>.) Povoadores da região de Feira de Santana. **Sitientibus**: Revista da UEFS. Feira de Santana, 1 (1): 25-31, jul./dez. 1982

GALVES, Charlotte. **Ensaio sobre a gramática do português**. Campinas, SP: UNICAMP, 2001.

GAMA, Raimundo (Org.). **Feira de Santana e Ruy Barbosa**: o pousar da Águia na “terra formosa e bendita”. Feira de Santana, s/e, 2002.

\_\_\_\_\_. **Feira de Santana em postais**. Feira de Santana: s/e, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOMES, Isabel dos Santos Magalhães; GONÇALVES, Elisângela. O emprego do pronome lexical como objeto direto. In: Pacheco, V.; Sampaio, N.F.S. (Orgs.). **Pesquisa em estudo da linguagem VI**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 227-240.

GOMES, Christina Abreu. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs.). **Contra Capa**: Rio de Janeiro, 2003. p. 81-96.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HORA, Dermeval da.; BALTOR, Cristiane da Silva. Estudo variacionista do objeto direto anafórico no falar pessoense. In: CASTILHO, Ataliba et al. **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Fapesp/Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 49-59.

ILARI, Rodolfo et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba; BASILIO, Margarida (Orgs.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. p. 79-166.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Informação e documentação de Feira de Santana**. Feira de Santana: IBGE, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Marta Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIMA, Zélia Jesus de. A memória do município. **Sitientibus**: Revista da UEFS. Feira de Santana, n.12, p. 201-209, 1994.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174.

\_\_\_\_\_. O quadro dos pronomes pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs.). **Morfossintaxe e ensino de português**: reflexões e propostas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004. p. 151-178.

LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In: CASTILHO, Ataliba et al. **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Fapesp/Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 419-435.

LÓPEZ MORALES, Humberto. Hacia un concepto de la sociolingüística. In: ALVAR et al. **Lecturas de sociolingüística**. Madrid: EDAF, 1977. p. 101-124.

\_\_\_\_\_. **Sociolingüística**. 2ª ed. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

LUCCHESI, Dante. A constituição do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROAE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus (Orgs.). **Substandard e mudança no português do Brasil**. Frankfurt: TFM, 1998, v.6. p. 73-99.

\_\_\_\_\_. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001.

\_\_\_\_\_. Norma lingüística e realidade social. In.: BAGNO, Marcos (Org.). **A lingüística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 63-92.

\_\_\_\_\_. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro. **Revista da Abralin**, v. 5, n. 1, e 2, p. 83-112, dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Africanos, crioulos e a língua portuguesa. **Revista Cores, marcas e falas**: histórias e sentidos da mestiçagem no Brasil. 2008. Disponível em: <<http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/10122008232732.pdf>>. Acesso: 13 jan. 2014.

MACHADO, Josué. O lugar do pronome. **Revista Língua Portuguesa**. Ano 4, n. 52, fevereiro de 2010. p. 24-27.

MAGALHÃES, Antônio Ferreira de; OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes; SILVA, Aldo José Moraes. **História nas lentes**: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

MAGNE, Augusto. **Grammatica latina**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Drummond, 1919.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste**: Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Nacional, 1934.

MARTINS, Daiane Dantas. Da Feira à Cidade: a história de Feira de Santana revisitada a partir da edição semidiplomática de escrituras de arrendamento. **Scripta Philologica**, n. 2, 2006, p.103-113.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. [s.l.]: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Bahia no século XIX**: uma província no império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MENDES, Elisângela dos Passos. **A variação na flexão de caso dos pronomes pessoais no português popular do interior do Estado da Bahia**. 127f. 2009. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n.44, 1995, p.91-106.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

\_\_\_\_\_. A relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 27-31.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Metodologia sociolingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. **Emília no país da gramática**. São Paulo: Brasiliense, 1952.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais**: subsídios para uma gramática do português do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de. **Sant'Anna dos Olhos d'Água**: resgate da memória cultural e literária de Feira de Santana, 1890-1930. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

\_\_\_\_\_. **Conhecendo Feira:** olhares sobre a cidade. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004.

MOREIRA, Vicente Deocleciano. A feira agonizante (Projeto Memória da Feira Livre, primeira fase, texto n.1). **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, 2(4): 132-138, jan./jun. 1984.

\_\_\_\_\_. A feira está morta. Viva a feira! (Projeto Memória da Feira Livre, primeira fase, texto n.2). **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, 3(5): 171-176, jan./jun. 1986a.

\_\_\_\_\_. Os dez mandamentos culturais de Feira de Santana (Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, primeira fase, texto n.3). **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, 3(6): 112-115, jul./dez. 1986b.

\_\_\_\_\_. A escravidão em Feira de Santana: primeira parte (Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, primeira fase, texto n. 4). **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, 5(8): 131-133. 1988.

\_\_\_\_\_. A escravidão em Feira de Santana: segunda parte (Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, primeira fase, texto n.5). **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, 6(9): 159-161, jan./jun. 1992a.

\_\_\_\_\_. Caminhos históricos da feira de Feira de Santana: origens e secularidades (Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, primeira fase, texto n.6). **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, n.10, p. 185-198, jul./dez. 1992b.

\_\_\_\_\_. Outras palavras: primeira parte (Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, segunda fase, texto n.1). **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, n.12, p.193-200, 1994.

\_\_\_\_\_. Outras palavras: segunda parte (Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, segunda fase, texto n.2). **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, n.14, p.205-215, 1996.

\_\_\_\_\_. Outras palavras: terceira parte (Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, segunda fase, texto n.3). **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, n.17, p.305-335, jul./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. Outras palavras: quarta parte (Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, segunda fase, texto n.4). **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, n.18, p.167-196, jan./jun. 1998.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamentos estatísticos. *In:* MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

\_\_\_\_\_. Lheísmo no português do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n.11, 1960, p. 108-113.

NEVES, Ana Rita de Almeida. **Conhecendo Feira de Santana**. Feira de Santana: Movimento Editorial Alternativo, s/d.

NUNES, Jairo M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p.207-222.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**. 128f. 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

\_\_\_\_\_. Ruas retas, lugares esquecidos: Eurico Alves e a urbanização de Feira de Santana (1920-1932). In: SILVA, Aldo José Morais (Org.). **História, poesia e sertão: explorando a obra de Eurico Alves Boaventura**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

OLIVEIRA, Hélio. **Os nomes de Feira de Santana**. Disponível em: <<http://memoriadefeirasa.blogspot.com.br/2012/11/os-nomes-de-feira-de-santana-trecho-da.html>>. Acesso: 1º nov. 2013

ORLANDI, Eni. **O que é lingüística**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PACHECO, Larissa Penelu Bitencourt. Notas sobre Eurico Alves e a leitura da Feira de Santana em transformação. In: SILVA, Aldo José Morais (Org.). **História, poesia e sertão: explorando a obra de Eurico Alves Boaventura**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

PAGOTTO, Emílio G. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p.185-206.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 33-42.

PINTO, Raymundo A. C. **Pequena História de Feira de Santana**. Feira de Santana: SICLA, 1971.

PITTA, Carlos (compositor e intérprete). **Todos os caminhos levam a Feira de Santana**. Disponível em: <http://letras.mus.br/carlos-pitta/todos-os-caminhos-levam-a-feira-de-santana/>. Acesso: 1º nov. 2013.

PONTES, Eunice. **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

POSSENTI, Sírio. **Mas os pronomes substituem os nomes?** Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/blogdosirio/blog/2008/04/17/mas-pronomes-substituem-nomes/>>. Acesso: 22 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. **Mas os pronomes substituem os nomes? (Parte II)** Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/blogdosirio/blog/2008/04/24/mas-os-pronomes-substituem-os-nomes-parte-ii/>>. Acesso: 22 jan. 2014

\_\_\_\_\_. **Duas notas sobre pronomes**, 08/2002, Prima Página. Disponível em: <<http://209.85.165.104/search?q=cache:hNXVeFC1kEwJ:www.osletradosunip.hpg.ig.com.br/Possenti.htm+%22Duas+notas+sobre+pronomes%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=3&gl=br>>. Acesso: 31 jul. 2013.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã Bahia, 1968.

RIBEIRO, Maristela. **Memorial de Feira de Santana**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, s/d.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.

RYAN, Maria Aparecida. **Conjugação dos verbos em português**. São Paulo: Ática, 2001.

SAID ALI, Manuel. **Gramática elementar da língua portuguesa**. 8ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1985.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p. 29-59, jul./dez. 1998.

SANTANA, Jan Carlos Dias de. **As estratégias de realização dos objetos direto e indireto anafóricos em uma comunidade quilombola do interior da Bahia**. 2010. 62f. Monografia (Especialização em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010.

SANTANA, Pilar Costa de. **Memórias e curiosidades de Feira de Santana**. Feira de Santana: Grantinont Editora Gráfica, s/d.

SANTOS, Volnyr; MOTTA, Adir de Souza. **Português contemporâneo: gramática, redação e interpretação de textos**. Porto Alegre: Sagra, 1982.

SANTOS, Grazyelle Reis dos. **Literatura e cultura em Feira de Santana: práticas, usos e tendências em impressos da Folha do Norte, 1951-1969**. 2008. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2008.

\_\_\_\_\_. Lugares de memória em Feira e Santana: notas sobre Eurico Alves. In: SILVA, Aldo José Morais (Org.). **História, poesia e sertão: explorando a obra de Eurico Alves Boaventura**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehary. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. **Iniciación a la sociolingüística**. Trad. de José Rubio Sáez. Madrid: Editorial Gredos, 1977 [1958].

SILVA, Hugo Navarro da. **Memória fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: s/e, 2004.

SILVA, Maria Cristina Vieira de Figueiredo. **Objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SOBRAL, João Jonas Veiga. Os reservas dos nomes. **Revista Língua Portuguesa**. Ano 4, n. 49, novembro de 2009. p. 14-16.

SOUSA, Ione Celeste de. **Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana (1925-1945)**. São Paulo: EDUC, 2001.

SOUZA, Jacilene da Silva. **O objeto direto anafórico no português de Angola**. Relatório de Iniciação Científica. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011.

SOUZA, Kennedy Jamestony de Carvalho; SILVA, Cláudia Roberta Tavares. **Estratégias de pronominalização do objeto direto de terceira pessoa no sertão pernambucano**. Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0877-1.pdf>>. Acesso: 31 jul 2012.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 69-105.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. **Era uma vez você**. 167f. 2002. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R.; BERLINK, Rosane A. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. LOBO, Tânia *et al.* **Para a história do português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 73-105.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. O ensino da colocação pronominal: prescrição e uso. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs.). **Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004. p. 179-206.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

# APÊNDICE

## APÊNDICE A - “A CIDADE ONTEM E HOJE: RUAS, PRAÇAS, ESTRADAS, BECOS E AVENIDAS”

**Figura 1** – Suposto núcleo original da fazenda Santana dos Olhos d’Água, construído no século XVIII, em ruínas devido às ações do tempo



Fonte: RIBEIRO (s/d)

**Figura 2** – Casarão reformado no século XXI



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 3** – Igreja de Nossa Senhora de Santana (século XIX)



Fonte: SILVA (2004)

**Figura 4** – Igreja de Nossa Senhora de Santana (início do século XX)



Fonte: GAMA (2009)

**Figura 5** – Igreja de Nossa Senhora de Santana (século XXI)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 6** – A feira livre na extensão da Avenida Getúlio Vargas (1972)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 7** – A feira livre na esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Sales Barbosa (1972)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 8** – Barracas e aglomeração de feirantes e consumidores na feira livre (1972)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 9** – Gentes e mercadorias na feira livre (início do século XX)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 10** – Gentes e mercadorias na feira livre (1977)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 11** – Registro da última feira livre realizada no centro da cidade feirense (11 de janeiro de 1977)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 12** – Rua Senhor dos Passos (1920)



Fonte: GAMA (2009)

**Figura 13** – Avenida Senhor dos Passos, como passou a ser denominada após o “embelezamento” (1938)



Fonte: GAMA (2009)

**Figura 14** – Avenida Senhor dos Passos na década de 1970



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 15** – Atual vista da Avenida Senhor dos Passos (2014)



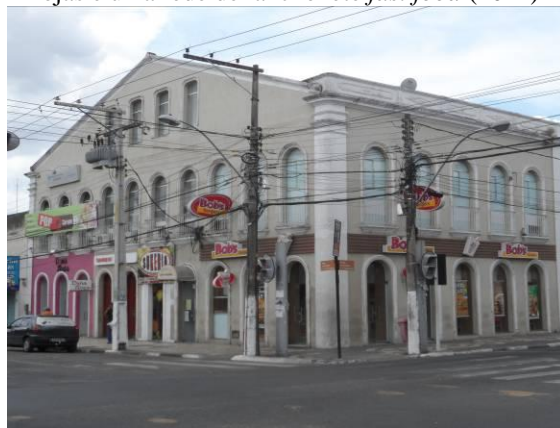
Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 16** – Biblioteca Municipal, localizada na esquina da Avenida Senhor dos Passos (início do século XX)



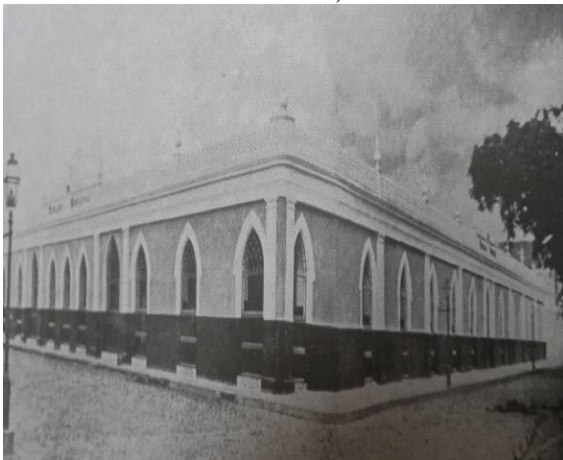
Fonte: GAMA (2002)

**Figura 17** – O prédio já foi Prefeitura, Correios e Fórum. Passou por reforma e atualmente agrega lojas e uma rede de lanchonete *fast food* (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 18** – Mercado Municipal, localizado na Rua Sales Barbosa com a Praça João Pedreira (início do século XX)



Fonte: GAMA (2002)

**Figura 19** – O prédio virou Mercado de Arte Popular e a Rua Sales Barbosa reúne vendedores autônomos com suas barracas de roupas, CDs e DVDs (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 20** – Santa Casa de Misericórdia, situado na Praça Carlos Bahia (início do século XX)



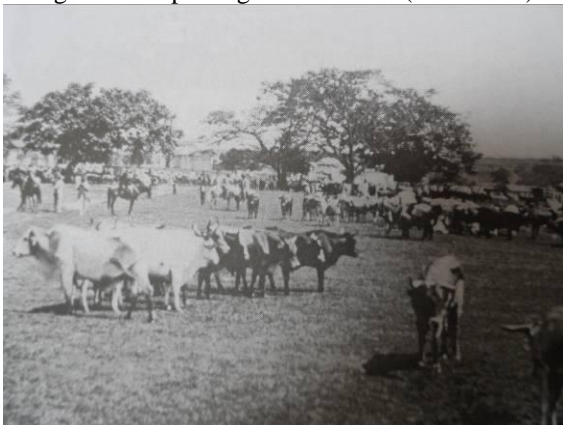
Fonte: GAMA (2002)

**Figura 21** – O prédio já foi Hospital, Quartel da Polícia Militar e abrigo para menores. Hoje é conhecido como Palácio do Menor e está abandonado (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 22** – Largo da Gameleira, onde se situava o segundo campo de gado na cidade (século XX)



Fonte: GAMA (2002)

**Figura 23** – Atualmente é a Praça D. Pedro II, mas popularmente é conhecida como Praça do Nordeste (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 24** – Escola Municipal, localizada na Avenida Senhor dos Passos (início do século XX)



Fonte: GAMA (2002)

**Figura 25** – O prédio atualmente cedia o Arquivo Público Municipal (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 26** – Teatro Sant 'Anna, na Rua Conselheiro Franco (século XX)



Fonte: GAMA (2002)

**Figura 27** – O prédio foi demolido e atualmente funciona um estacionamento privado (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 28** – Residência que era conhecida como Vila Áurea (início do século XX)



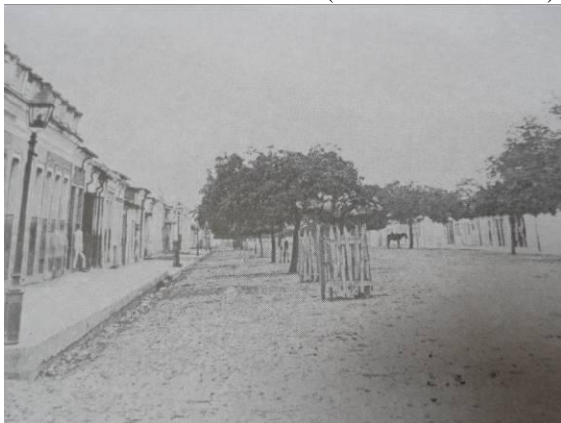
Fonte: GAMA (2002)

**Figura 29** – O prédio residencial também sediou do Orfanato Evangélico, mas foi demolido e atualmente é a Praça da República (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 30** – Vista da Rua Marechal Deodoro, antiga Rua Manoel Vitorino e que também já foi denominada de Rua do Meio (início do século XX)



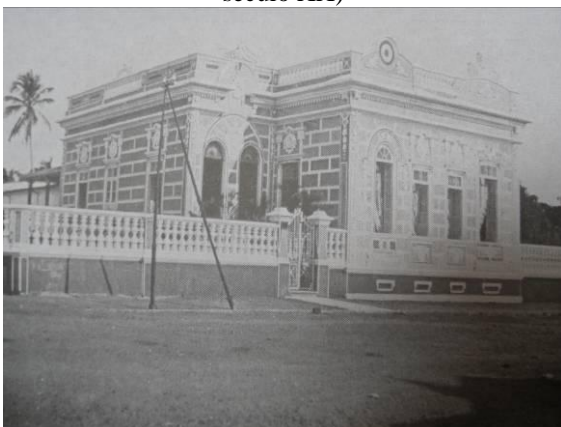
Fonte: GAMA (2002)

**Figura 31** – Vista atual da Rua Marechal Deodoro (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 32** – Residência que era conhecida como Vila Sampaio, situada na Avenida Senhor dos Passos, esquina com a Avenida Sampaio (início do século XX)



Fonte: GAMA (2002)

**Figura 33** – O prédio residencial foi demolido e atualmente funciona uma repartição pública da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 34** – Residência nobre situada na Avenida Senhor dos Passos (início do século XX)



Fonte: GAMA (2002)

**Figura 35** – O prédio residencial foi transformando no Hotel Santana, depois Hotel Solar e atualmente foi demolido para a construção de um novo empreendimento (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 36** – Praça Dr. Remédios Monteiro com a Igreja Nossa Senhora dos Remédios ao fundo e a Rua Monsenhor Tertuliano Carneiro à esquerda (início do século XX)



Fonte: GAMA (2002)

**Figura 37** – A praça foi transformada em rua e as residências em casas comerciais. A Igreja dos Remédios foi preservada, passando por diversas reformas (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 38** – Conjunto de residências situadas na lateral da Igreja dos Remédios, na Rua Monsenhor Tertuliano Carneiro (início do século XX)



Fonte: GAMA (2009)

**Figura 39** – Atualmente as residências foram demolidas, dando lugar a diversas lojas e a uma casa bancária (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 40** – O paço Municipal Maria Quitéria, inaugurado em 03 de abril de 1926



Fonte: GAMA (2009)

**Figura 41** – Vista atual da Prefeitura, que ainda preserva a arquitetura original (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 42** – Trecho da Rua Conselheiro Franco sem pavimentação, mas já com várias residências e iluminação elétrica (1920)



Fonte: GAMA (2009)

**Figura 43** – Vista atual dessa rua que possui apenas casas comerciais e bancos (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 44** – Os Correios, na Av. Getúlio Vargas, inaugurado em 13 de maio de 1937



Fonte: GAMA (2009)

**Figura 45** – O prédio ficou fechado por um longo período, atualmente foi reformado e voltou a ser a central dos Correios (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 46** – Estação Ferroviária, inaugurada na Praça Monsenhor Renato de Andrade Galvão (início do século XX)



Fonte: GAMA (2009)

**Figura 47** – O prédio foi demolido e hoje está localizado o “Feiraguay” (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 48** – Rua Conselheiro Franco, nas imediações do CUCA, trecho com muitas residências e poucas casas comerciais. Ainda sem urbanização e luz elétrica (1920)



Fonte: GAMA (2009)

**Figura 49** – Vista atual da rua que reúne muitas casas comerciais e pequenas pousadas (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 50** – Escola Normal, na Rua Cons. Franco, inaugurado em 1916



Fonte: GAMA (2009)

**Figura 51** – O prédio atualmente é o Centro Universitário de Cultura e Arte da UEFS. Foi ampliado, mas ainda preserva boa parte da arquitetura original (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 52** – Residência de Eduardo Fróes da Mota, construída no início do século XX (1975)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 53** – Vista atual da residência que passou por uma reforma, mas ainda se preserva boa parte da arquitetura original (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 54** – Residência de João Marinho Falcão, na esquina da Rua Senhor dos Passos com a Praça Bernardino Bahia, construída no início do século XX (1970)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 55** – Vista atual da antiga residência. O casarão foi transformado em várias lojas comerciais e de repartição (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 56** – Residência do Coronel José Pinto, na Rua Senhor dos Passos, construída no início do século XX (2005)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 57** – Vista atual da residência que foi demolida para a construção de um supermercado popular (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 58** – Vista do terminal de ônibus urbano, localizado na Avenida Getúlio Vargas (1979)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 59** – Reorganização das vias, depois da retirada do terminal de ônibus urbano do centro da cidade, para melhoria do trânsito na Avenida Getúlio Vargas (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 60** – Vista do terminal de ônibus urbano na Avenida Getúlio Vargas (1979)



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 61** – Antigo terminal de ônibus deu espaço a uma praça de alimentação (2014)



Fonte: Autor desta dissertação

**Figura 62** – Vista da Avenida Getúlio Vargas em 1975



Fonte: MAGALHÃES, SILVA e OLIVEIRA (2009)

**Figura 63** – Vista atual da Avenida Getúlio Vargas (2014)



Fonte: OLIVEIRA (s/d)

# **ANEXOS**

## **ANEXO A - CARACTERIZAÇÃO TERRITORIAL**

**LOCALIZAÇÃO** - Pela importância de sua localização geo-econômica, Feira de Santana é um dos maiores entroncamentos rodoviários do interior do país cortado por três rodovias federais: BRs 101, 116 e 324, e quatro rodovias estaduais: BAs 052, 502, 503 e 504, favorecendo, assim uma grande concentração de fluxo de população, mercadoria e dinheiro, num entreposto que liga o Nordeste ao Centro-Sul do Brasil, na fronteira da capital Salvador com o sertão, do recôncavo aos tabuleiros do semiárido da Bahia. Está o município situado no “Polígono das Secas”, excluindo-se apenas a área do Distrito de Humildes. Está em direção N. N. O da capital do Estado, de que dista em linha reta, 90Km. As coordenadas geográficas são 12° 14’21” de latitude Sul e 38° 58’47” de longitude Greenwich, fuso horário de menos de 3 horas.

**LIMITES** – Ao Norte Candéal, Tanquinho e Santa Bárbara. Ao Sul São Gonçalo dos Campos. Ao Leste Santanópolis, Coração de Maria, Conceição do Jacuípe e Santo Amaro. Oeste Antônio Cardoso, Ipecaetá, Anguera e Serra Preta.

**ALTITUDE** - Sua altitude é de 234 metros, conforme assinala a placa à direita da porta principal da Igreja Senhor dos Passos, na avenida do mesmo nome.

**ÁREA** - A área do município é de 1.337.988 Km<sup>2</sup>, representando 0,235 Km<sup>2</sup> da área do Estado da Bahia.

**ACIDENTES GEOGRÁFICOS** - A hidrografia municipal é pobre, sem rios perenes. Os principais rios Jacuípe, Pojuca, Calandro e Salgado são afluentes da bacia do Paraguaçu. O rio Subaé que nasce no município, deságua no oceano no município de Saubara. Os acidentes geográficos não estão incluídos em nenhum dos grandes sistemas brasileiros; as serras têm elevações máximas de 200 a 300 metros. As principais são a Serra das Agulhas, dos Cágados, de Tanquinho e a Serra Grande.

**CLIMA** - Seco a sub-úmido e semiárido, a temperatura média anual é de 23,5°C, média máxima de 28,2°C e a média mínima 19,6°C. As chuvas de inverno normalmente ocorrem de maio a agosto. Pluviosidade média anual máxima 1.595 mm e a mínima de 444 mm.

**RIQUEZAS NATURAIS** - O município não sendo rico em minerais, possui, entretanto minas de enxofre e manganês inexplorados. Há exploração de pedras para construção e de argila em abundância.

**ANEXO B - DIVISÃO GEO-ECONÔMICA DE FEIRA DE SANTANA****MICROREGIÃO:**

FEIRA DE SANTANA - POPULAÇÃO: 990.038 (Censo Demográfico 2010)

ÁGUA FRIA  
ANGUERA  
ANTÔNIO CARDOSO  
CONCEIÇÃO DA FEIRA  
CONCEIÇÃO DO JACUÍPE  
CORAÇÃO DE MARIA  
ELISIO MEDRADO  
FEIRA DE SANTANA  
IPECAETÁ  
IPIRÁ  
IRARÁ  
ITATIM  
OURIÇANGAS  
PEDRÃO  
RAFAEL JAMBEIRO  
SANTA BÁRBARA  
SANTANÓPOLIS  
SANTA TEREZINHA  
SANTO ESTEVÃO  
SÃO GONÇALO DOS CAMPOS  
SERRA PRETA  
TANQUINHO  
TEODORO SAMPAIO

**MESORREGIÃO:**

CENTRO NORTE BAIANO - POPULAÇÃO: 2.226.300 (Censo Demográfico 2010)

SENHOR DO BONFIM  
IRECÊ  
JACOBINA  
ITABERABA  
FEIRA DE SANTANA

**ANEXO C - REGIÃO METROPOLITANA DE FEIRA DE SANTANA POPULAÇÃO:  
673.639**

(Censo Demográfico 2010)

<b>MUNICÍPIOS</b>	<b>POPULAÇÃO</b>
FEIRA DE SANTANA	556.642
AMÉLIA RODRIGUES	25.190
CONCEIÇÃO DA FEIRA	20.391
CONCEIÇÃO DO JACUÍPE	30.125
SÃO GONÇALO DOS CAMPOS	33.283
TANQUINHO	8.008

**Nota: Publicado no Diário Oficial, na formade Lei Complementar nº35 de 6 de Julho de 2011, assinada pelogovernador Jaques Wagner.**

**ANEXO D - POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO DA MANGABEIRA POR BAIROS, SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(continua...)

SUBDISTRITOS, BAIROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	Total	FAIXA ETÁRIA							
		0 a 4	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos
<b>SUBDISTRITO MANGABEIRA <sup>(1)</sup></b>	<b>82.548</b>	6.443	6.938	7.370	7.304	8.043	8.750	7.961	6.687
HOMENS	<b>39.708</b>	3.305	3.564	3.749	3.684	3.801	4.199	3.828	3.104
MULHERES	<b>42.840</b>	3.138	3.374	3.621	3.620	4.242	4.551	4.133	3.583
<b>BAIROS</b>									
<b>CIDADE NOVA</b>	<b>9.974</b>	578	639	708	791	862	889	913	829
HOMENS	<b>4.571</b>	301	337	358	392	398	424	407	381
MULHERES	<b>5.403</b>	277	302	350	399	464	465	506	448
<b>MANGABEIRA</b>	<b>20.819</b>	1.646	1.788	1.746	1.869	2.140	2.170	1.993	1.619
HOMENS	<b>9.994</b>	857	919	868	931	1.043	1.042	975	758
MULHERES	<b>10.825</b>	789	869	878	938	1.097	1.128	1.018	861
<b>CONCEIÇÃO</b>	<b>21.694</b>	1.820	2.009	2.095	1.965	2.110	2.434	2.099	1.793
HOMENS	<b>10.564</b>	930	1.007	1.101	993	978	1.188	1.011	826
MULHERES	<b>11.130</b>	890	1.002	994	972	1.132	1.246	1.088	967
<b>STO° ANT° DOS PRAZERES</b>	<b>5.566</b>	485	511	550	525	567	555	547	430
HOMENS	<b>2.722</b>	248	267	291	266	271	255	254	194
MULHERES	<b>2.844</b>	237	244	259	259	296	300	293	236
<b>PARQUE IPÊ</b>	<b>16.469</b>	1.202	1.238	1.429	1.390	1.526	1.791	1.686	1.446
HOMENS	<b>7.837</b>	603	648	693	724	691	816	799	662
MULHERES	<b>8.632</b>	599	590	736	666	835	975	887	784
<b>PAPAGAIO</b>	<b>6.657</b>	605	646	699	636	687	776	621	488
HOMENS	<b>3.336</b>	314	325	365	315	347	401	331	241
MULHERES	<b>3.321</b>	291	321	334	321	340	375	290	247
<b>AEROPORTO</b>	<b>648</b>	58	48	70	60	61	73	45	43
HOMENS	<b>322</b>	29	28	36	30	27	38	22	22
MULHERES	<b>326</b>	29	20	34	30	34	35	23	21
<b>ZONA RURAL</b> (Subdistrito Mangabeira)	<b>721</b>	49	59	73	68	90	62	57	39
HOMENS	<b>362</b>	23	33	37	33	46	35	29	20
MULHERES	<b>359</b>	26	26	36	35	44	27	28	19

**POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO DA MANGABEIRA POR BAIRROS, SEXO  
E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(conclusão)

SUBDISTRITOS, BAIRROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	FAIXA ETÁRIA								
	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	75 a 79 anos	80 ou mais
<b>SUBDISTRITO MANGABEIRA <sup>(1)</sup></b>	<b>5.679</b>	4.603	3.541	2.801	2.213	1.599	1.073	693	850
HOMENS	<b>2.694</b>	2.191	1.610	1.294	958	695	467	279	286
MULHERES	<b>2.985</b>	2.412	1.931	1.507	1.255	904	606	414	564
<b>BAIRROS</b>									
<b>CIDADE NOVA</b>	<b>751</b>	648	489	417	466	317	254	196	227
HOMENS	<b>347</b>	295	205	171	186	129	98	72	70
MULHERES	<b>404</b>	353	284	246	280	188	156	124	157
<b>MANGABEIRA</b>	<b>1.416</b>	1.206	974	774	532	383	248	130	185
HOMENS	<b>668</b>	562	417	360	235	151	105	55	48
MULHERES	<b>748</b>	644	557	414	297	232	143	75	137
<b>CONCEIÇÃO</b>	<b>1.444</b>	1.173	864	626	462	314	212	114	160
HOMENS	<b>686</b>	574	420	299	205	145	93	46	62
MULHERES	<b>758</b>	599	444	327	257	169	119	68	98
<b>STO° ANT° DOS PRAZERES</b>	<b>362</b>	267	237	184	114	96	52	38	46
HOMENS	<b>174</b>	132	113	94	53	49	28	17	16
MULHERES	<b>188</b>	135	124	90	61	47	24	21	30
<b>PARQUE IPÊ</b>	<b>1.193</b>	907	681	579	471	379	226	151	174
HOMENS	<b>581</b>	437	323	261	198	173	107	59	62
MULHERES	<b>612</b>	470	358	318	273	206	119	92	112
<b>PAPAGAIO</b>	<b>437</b>	335	232	167	118	84	52	37	37
HOMENS	<b>200</b>	161	106	83	53	34	26	16	18
MULHERES	<b>237</b>	174	126	84	65	50	26	21	19
<b>AEROPORTO</b>	<b>33</b>	30	33	28	18	13	14	11	10
HOMENS	<b>18</b>	14	14	12	9	7	6	5	5
MULHERES	<b>15</b>	16	19	16	9	6	8	6	5
<b>ZONA RURAL (Subdistrito Mangabeira)</b>	<b>43</b>	37	31	26	32	13	15	16	11
HOMENS	<b>20</b>	16	12	14	19	7	4	9	5
MULHERES	<b>23</b>	21	19	12	13	6	11	7	6

**FONTE: IBGE**

NOTA: (1) Compreende o subdistrito de Mangabeira composto por 08 bairros (Cidade Nova, Mangabeira, Conceição, Sto. Ant° dos Prazeres, Parque Ipê, Papagaio, Aeroporto, Zona Rural)

NOTA: (2) Compreende apenas o bairro da Mangabeira

**ANEXO E - POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO PAMPALONA POR BAIROS,  
SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(continua...)

SUBDISTRITOS, BAIROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	Total	FAIXA ETÁRIA							
		0 a 4	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos
<b>SUBDISTRITO PAMPALONA <sup>(1)</sup></b>	<b>72.634</b>	6.805	7.375	8.061	8.060	8.697	8.906	7.902	6.696
HOMENS	<b>34.953</b>	3.468	3.812	4.047	3.983	4.209	4.261	3.755	3.192
MULHERES	<b>37.681</b>	3.337	3.563	4.014	4.077	4.488	4.645	4.147	3.504
<b>BAIROS</b>									
<b>NOVA ESPERANÇA</b>	<b>1.797</b>	163	193	235	177	159	168	167	151
HOMENS	<b>895</b>	76	99	119	85	79	87	80	77
MULHERES	<b>902</b>	87	94	116	92	80	81	87	74
<b>GABRIELA</b>	<b>17.618</b>	1.410	1.555	1.761	1.568	1.696	1.792	1.714	1.576
HOMENS	<b>8.494</b>	708	807	891	790	823	810	823	781
MULHERES	<b>9.124</b>	702	748	870	778	873	982	891	795
<b>PAMPALONA</b>	<b>6.002</b>	459	503	492	521	612	629	603	509
HOMENS	<b>2.884</b>	236	251	249	261	304	304	294	254
MULHERES	<b>3.118</b>	223	252	243	260	308	325	309	255
<b>CAMPO LIMPO</b>	<b>47.060</b>	3.715	3.968	4.272	4.497	5.022	5.103	4.360	3.546
HOMENS	<b>22.398</b>	1.919	2.048	2.127	2.163	2.409	2.463	2.059	1.621
MULHERES	<b>24.662</b>	1.796	1.920	2.145	2.334	2.613	2.640	2.301	1.925
<b>CAMPO DO GADO NOVO</b>	<b>2.471</b>	227	252	278	293	240	238	187	154
HOMENS	<b>1.253</b>	115	132	154	158	120	121	92	83
MULHERES	<b>1.218</b>	112	120	124	135	120	117	95	71
<b>ASA BRANCA</b>	<b>5.354</b>	434	464	490	517	527	523	483	423
HOMENS	<b>2.612</b>	219	245	234	280	240	259	229	202
MULHERES	<b>2.742</b>	215	219	256	237	287	264	254	221
<b>NOVO HORIZONTE</b>	<b>3.333</b>	300	323	388	345	304	337	277	255
HOMENS	<b>1.616</b>	153	166	197	169	159	158	123	133
MULHERES	<b>1.717</b>	147	157	191	176	145	179	154	122
<b>ZONA RURAL (Subdistrito Mangabeira)</b>	<b>1.376</b>	97	117	145	142	137	116	111	82
HOMENS	<b>698</b>	42	64	76	77	75	59	55	41
MULHERES	<b>678</b>	55	53	69	65	62	57	56	41

**POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO PAMPALONA POR BAIROS, SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA - 2010**

(conclusão)

SUBDISTRITOS, BAIROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	FAIXA ETÁRIA								
	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	75 a 79 anos	80 ou mais
<b>SUBDISTRITO PAMPALONA <sup>(1)</sup></b>	5.628	4.503	3.680	2.665	2.011	1.560	1.052	669	741
HOMENS	<b>2.608</b>	2.099	1.688	1.169	910	658	456	256	279
MULHERES	<b>3.020</b>	2.404	1.992	1.496	1.101	902	596	413	462
<b>BAIROS</b>									
<b>NOVA ESPERANÇA</b>	<b>108</b>	68	57	44	37	28	21	6	15
HOMENS	<b>57</b>	36	26	22	16	16	8	4	8
MULHERES	<b>51</b>	32	31	22	21	12	13	2	7
<b>GABRIELA</b>	<b>1335</b>	990	725	485	369	229	181	107	125
HOMENS	<b>627</b>	455	341	214	170	98	75	31	50
MULHERES	<b>708</b>	535	384	271	199	131	106	76	75
<b>PAMPALONA</b>	<b>372</b>	301	295	220	152	114	82	61	77
HOMENS	<b>169</b>	140	129	98	67	52	32	18	26
MULHERES	<b>203</b>	161	166	122	85	62	50	43	51
<b>CAMPO LIMPO</b>	<b>3.010</b>	2.507	2.062	1.506	1.182	932	592	387	399
HOMENS	<b>1.376</b>	1.169	940	635	524	380	265	147	153
MULHERES	<b>1.634</b>	1.338	1.122	871	658	552	327	240	246
<b>CAMPO DO GADO NOVO</b>	<b>139</b>	131	111	74	37	42	35	16	17
HOMENS	<b>64</b>	58	56	33	20	19	18	6	4
MULHERES	<b>75</b>	73	55	41	17	23	17	10	13
<b>ASA BRANCA</b>	<b>371</b>	294	242	182	129	108	66	45	56
HOMENS	<b>179</b>	148	102	93	63	46	28	22	23
MULHERES	<b>192</b>	146	140	89	66	62	38	23	33
<b>NOVO HORIZONTE</b>	<b>210</b>	141	122	100	65	58	48	27	33
HOMENS	<b>96</b>	59	66	42	32	23	19	12	9
MULHERES	<b>114</b>	82	56	58	33	35	29	15	24
<b>ZONA RURAL <sup>(Subdistrito Mangabeira)</sup></b>	<b>83</b>	71	66	54	40	49	27	20	19
HOMENS	<b>40</b>	34	28	32	18	24	11	16	6
MULHERES	<b>43</b>	37	38	22	22	25	16	4	13

**FONTE: IBGE**

NOTA: (1) Compreende o subdistrito de Pampalona composto por 08 bairros ( Nova Esperança, Gabriela, Pampalona, Campo Limpo, campo do Gado, Asa Branca, Novo Horizonte, Zona Rural)

NOTA: (2) Compreende apenas o bairro da Pampalona

**ANEXO F - POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO SANTANA, POR BAIRROS, SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(continua...)

SUBDISTRITOS, BAIRROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	Total	FAIXA ETÁRIA							
		0 a 4	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos
<b>SUBDISTRITO SANTANA <sup>(1)</sup></b>	<b>108.705</b>	11.156	12.139	13.060	14.160	16.204	17.400	15.320	12.705
HOMENS	<b>52.493</b>	5.652	6.256	6.537	6.997	7.709	8.175	7.175	5.929
MULHERES	<b>56.212</b>	5.504	5.883	6.523	7.163	8.495	9.225	8.145	6.776
<b>BAIRROS</b>									
<b>CENTRO</b>	<b>8.360</b>	574	649	756	992	1.186	1.107	883	726
HOMENS	<b>2.149</b>	313	340	387	466	573	546	406	326
MULHERES	<b>6.211</b>	261	309	369	526	613	561	477	400
<b>OLHOS D'ÁGUA</b>	<b>3.807</b>	342	349	419	427	483	611	556	480
HOMENS	<b>752</b>	186	192	210	199	216	278	250	221
MULHERES	<b>3.055</b>	156	157	209	228	267	333	306	259
<b>BARAUNAS</b>	<b>8.093</b>	599	593	660	678	788	898	829	639
HOMENS	<b>3.854</b>	318	281	338	357	385	398	397	325
MULHERES	<b>4.239</b>	281	312	322	321	403	500	432	314
<b>CHÁCARA SÃO COSME</b>	<b>4.330</b>	269	295	301	356	412	486	441	295
HOMENS	<b>2.025</b>	133	149	152	182	206	230	230	149
MULHERES	<b>2.305</b>	136	146	149	174	206	256	211	146
<b>JARDIM ACÁCIA</b>	<b>9.009</b>	682	722	620	633	835	1.017	977	715
HOMENS	<b>4.229</b>	354	410	309	316	382	457	467	333
MULHERES	<b>4.780</b>	328	312	311	317	453	560	510	382
<b>TOMBA</b>	<b>55.007</b>	4.228	4.647	5.062	4.815	5.393	5.785	5.245	4.543
HOMENS	<b>26.316</b>	2.183	2.373	2.585	2.323	2.603	2.762	2.493	2.163
MULHERES	<b>28.691</b>	2.045	2.274	2.477	2.492	2.790	3.023	2.752	2.380
<b>JARDIM CRUZEIRO</b>	<b>14.694</b>	978	999	1.096	1.181	1.444	1.549	1.311	1.174
HOMENS	<b>6.843</b>	503	502	561	594	698	716	595	546
MULHERES	<b>7.851</b>	475	497	535	587	746	833	716	628

**POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO SANTANA, POR BAIRROS, SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010** (continua...)

SUBDISTRITOS, BAIRROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	Total	FAIXA ETÁRIA							
		0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos
<b>SERRARIA BRASIL</b>	<b>8.368</b>	383	423	519	656	784	774	708	573
HOMENS	<b>3.685</b>	193	228	268	348	352	346	330	250
MULHERES	<b>4.683</b>	190	195	251	308	432	428	378	323
<b>CRUZEIRO</b>	<b>3.104</b>	187	245	214	248	311	330	302	234
HOMENS	<b>1.445</b>	98	120	102	137	136	156	143	103
MULHERES	<b>1.659</b>	89	125	112	111	175	174	159	131
<b>SOBRADINHO</b>	<b>4.579</b>	265	284	287	383	438	452	381	340
HOMENS	<b>2.068</b>	130	144	133	183	189	217	186	156
MULHERES	<b>2.511</b>	135	140	154	200	249	235	195	184
<b>MUCHILA</b>	<b>22.496</b>	1.395	1.610	1.737	2.065	2.470	2.354	1.827	1.551
HOMENS	<b>10.509</b>	715	824	865	1.004	1.178	1.133	844	693
MULHERES	<b>11.987</b>	680	786	872	1.061	2.292	1.221	983	858
<b>QUEIMADINHA</b>	<b>19.203</b>	1.330	1.462	1.593	1.763	1.839	2.033	1.767	1.524
HOMENS	<b>8.844</b>	626	711	797	864	874	950	815	716
MULHERES	<b>10.359</b>	704	751	796	899	965	1.083	952	808
<b>PEDRA DO DESCANSO</b>	<b>11.156</b>	903	886	881	916	1.054	1.434	1.358	997
HOMENS	<b>5.271</b>	439	452	429	460	476	639	652	491
MULHERES	<b>5.885</b>	464	434	452	456	578	795	706	506
<b>CALUMBI</b>	<b>19.858</b>	1.478	1.710	1.998	1.907	1.897	1.945	1.858	1.748
HOMENS	<b>9.406</b>	752	923	1.000	936	905	925	867	783
MULHERES	<b>10.452</b>	726	787	998	971	992	1.020	991	965
<b>RUA NOVA</b>	<b>13.078</b>	1.021	1.124	1.197	1.229	1.335	1.339	1.190	958
HOMENS	<b>6.203</b>	501	574	589	615	679	666	557	464
MULHERES	<b>6.875</b>	520	550	608	614	656	673	633	494

**POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO SANTANA, POR BAIRROS, SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(continua...)

SUBDISTRITOS, BAIRROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	FAIXA ETÁRIA								
	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	75 a 79 anos	80 ou mais
<b>SUBDISTRITO SANTANA <sup>(1)</sup></b>	<b>11.597</b>	10.297	8.623	6.286	4.724	3.496	2.703	1.908	2.259
HOMENS	<b>5.066</b>	4.594	3.884	2.711	1.964	1.367	994	679	722
MULHERES	<b>6.531</b>	5.703	4.739	3.575	2.760	2.129	1.709	1.229	1.537
<b>BAIRROS</b>									
<b>CENTRO</b>	<b>807</b>	789	638	550	432	360	313	257	363
HOMENS	<b>335</b>	352	287	234	167	131	99	88	121
MULHERES	<b>472</b>	437	351	316	265	229	214	169	242
<b>OLHOS D'ÁGUA</b>	<b>403</b>	348	285	194	211	142	104	83	122
HOMENS	<b>189</b>	145	118	79	84	48	33	28	28
MULHERES	<b>214</b>	203	167	115	127	94	71	55	94
<b>BARAUNAS</b>	<b>548</b>	498	401	295	228	159	115	85	80
HOMENS	<b>229</b>	252	204	122	101	56	34	29	28
MULHERES	<b>319</b>	246	197	173	127	103	81	56	52
<b>CHÁCARA SÃO COSME</b>	<b>277</b>	295	230	168	156	99	93	63	94
HOMENS	<b>122</b>	121	98	70	60	36	34	24	29
MULHERES	<b>155</b>	174	132	98	96	63	59	39	65
<b>JARDIM ACÁCIA</b>	<b>621</b>	549	436	382	277	203	145	87	108
HOMENS	<b>270</b>	252	197	168	105	84	61	34	30
MULHERES	<b>351</b>	297	239	214	172	119	84	53	78
<b>TOMBA</b>	<b>4.079</b>	3.282	2.556	1.790	1.220	892	557	393	520
HOMENS	<b>1.886</b>	1.479	1.192	814	539	406	203	144	168
MULHERES	<b>2.193</b>	1.803	1.364	976	681	486	354	249	352
<b>JARDIM CRUZEIRO</b>	<b>1.015</b>	843	745	616	567	443	279	212	242
HOMENS	<b>461</b>	372	328	260	244	187	109	82	85
MULHERES	<b>554</b>	471	417	356	323	256	170	130	157

**POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO SANTANA, POR BAIRROS, SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(conclusão)

SUBDISTRITOS, BAIRROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	FAIXA ETÁRIA								
	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	75 a 79 anos	80 ou mais
<b>SERRARIA BRASIL</b>	<b>591</b>	567	568	455	385	294	247	206	235
HOMENS	<b>229</b>	241	227	177	161	110	88	66	71
MULHERES	<b>362</b>	326	341	278	224	184	159	140	164
<b>CRUZEIRO</b>	<b>183</b>	188	186	129	105	84	72	39	47
HOMENS	<b>83</b>	82	86	53	41	39	34	13	19
MULHERES	<b>100</b>	106	100	76	64	45	38	26	28
<b>SOBRADINHO</b>	<b>351</b>	304	283	217	153	126	114	97	104
HOMENS	<b>145</b>	138	120	98	61	57	35	39	37
MULHERES	<b>206</b>	166	163	119	92	69	79	58	67
<b>MUCHILA</b>	<b>1.779</b>	1.883	1.489	861	495	329	274	177	200
HOMENS	<b>741</b>	833	717	382	214	127	111	67	61
MULHERES	<b>1.038</b>	1.050	772	479	281	202	163	110	139
<b>QUEIMADINHA</b>	<b>1.320</b>	1.068	931	734	598	458	356	214	213
HOMENS	<b>588</b>	460	419	312	252	169	150	75	66
MULHERES	<b>732</b>	608	512	422	346	289	206	139	147
<b>PEDRA DO DESCANSO</b>	<b>770</b>	614	442	297	221	142	105	71	65
HOMENS	<b>358</b>	289	210	135	101	50	37	33	20
MULHERES	<b>412</b>	325	232	162	120	92	68	38	45
<b>CALUMBI</b>	<b>1.543</b>	1.230	966	636	334	239	150	102	117
HOMENS	<b>701</b>	531	429	290	145	101	46	31	41
MULHERES	<b>842</b>	699	537	346	189	138	104	71	76
<b>RUA NOVA</b>	<b>786</b>	628	605	460	373	243	235	162	193
HOMENS	<b>355</b>	300	248	196	152	97	89	56	65
MULHERES	<b>431</b>	328	357	264	221	146	146	106	128

FONTE: IBGE

NOTA: (1) Compreende o subdistrito de Santana composto por 15 bairros (Centro, Olhos d' água, Baraúnas, Chácara São Cosme, Jardim Acácia, Tomba, Jardim Cruzeiro, Serraria Brasil, Cruzeiro, Sobradinho, Muchila, Queimadinha, Pedra do Descanso, Calumbi, Rua Nova)

**ANEXO G - POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO SANTO ANTONIO POR BAIROS, SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA - 2010**

(continua...)

SUBDISTRITOS, BAIROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	Total	FAIXA ETÁRIA							
		0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos
<b>SUBDISTRITO SANTO ANTONIO <sup>(1)</sup></b>	<b>74.044</b>	5.374	5.682	6.524	7.036	8.223	8.890	7.869	6.888
HOMENS	<b>33.828</b>	2.638	2.844	3.329	3.303	3.784	4.205	3.582	3.075
MULHERES	<b>40.216</b>	2.736	2.838	3.195	3.733	4.439	4.685	4.287	3.813
<b>BAIROS</b>									
<b>CAMPO DO GADO VELHO <sup>(3)</sup></b>	<b>10.239</b>	587	611	717	888	1.033	1.105	860	771
HOMENS	<b>4.565</b>	281	303	370	397	454	485	387	329
MULHERES	<b>5.674</b>	306	308	347	491	579	520	473	442
<b>CASEB</b>	<b>10.982</b>	692	716	852	885	1.090	1.199	1.036	978
HOMENS	<b>4.795</b>	332	359	445	400	468	550	485	449
MULHERES	<b>6.007</b>	360	357	407	485	622	649	551	529
<b>PONTO CENTRAL</b>	<b>7.221</b>	357	386	445	594	717	674	590	511
HOMENS	<b>3.118</b>	175	198	211	277	291	294	256	210
MULHERES	<b>4.103</b>	182	188	234	317	426	380	334	301
<b>LAGOA GRANDE</b>	<b>12.229</b>	1.033	1.100	1.285	1.117	1.144	1.277	1.228	1.037
HOMENS	<b>5.851</b>	515	541	666	556	561	642	569	499
MULHERES	<b>6.378</b>	518	559	619	561	583	635	659	538
<b>PARQUE GETÚLIO VARGAS</b>	<b>3.023</b>	188	195	220	249	279	305	230	241
HOMENS	<b>1.422</b>	96	106	112	124	129	159	102	107
MULHERES	<b>1.601</b>	92	89	108	125	150	146	128	134
<b>CAPUCHINHOS</b>	<b>3.216</b>	149	170	195	230	238	275	238	229
HOMENS	<b>1.429</b>	74	81	99	129	113	130	100	98
MULHERES	<b>1.787</b>	75	89	96	101	125	145	138	131
<b>SANTA MÔNICA</b>	<b>11.617</b>	718	730	832	921	1.056	1.157	1.068	889
HOMENS	<b>5.830</b>	361	357	429	439	491	554	469	387
MULHERES	<b>6.237</b>	357	373	403	482	565	603	599	502
<b>BRASÍLIA</b>	<b>21.168</b>	1.241	1.323	1.497	1.609	1.954	2.235	1.961	1.695
HOMENS	<b>9.635</b>	587	674	750	746	942	1.018	919	753
MULHERES	<b>11.533</b>	654	649	747	863	1.012	1.217	1.042	942
<b>TOMBA</b>	<b>55.007</b>	4.228	4.647	5.062	4.815	5.393	5.785	5.245	4.543
HOMENS	<b>26.316</b>	2.183	2.373	2.585	2.323	2.603	2.762	2.493	2.163
MULHERES	<b>28.691</b>	2.045	2.274	2.477	2.492	2.790	3.023	2.752	2.380

**POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO SANTO ANTONIO POR BAIRROS, SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA - 2010**

(conclusão)

SUBDISTRITOS, BAIRROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	FAIXA ETÁRIA								
	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	75 a 79 anos	80 ou mais
<b>SUBDISTRITO SANTO ANTONIO <sup>(1)</sup></b>	<b>6.428</b>	5.647	4.666	3.853	3.057	2.403	1.751	1.220	1.422
<b>HOMENS</b>	<b>2.884</b>	2.492	2.073	1.628	1.271	967	678	459	473
<b>MULHERES</b>	<b>4.544</b>	3.155	2.593	2.225	1.786	1.436	1.073	761	949
<b>BAIRROS</b>									
<b>CAMPO DO GADO VELHO <sup>(3)</sup></b>	<b>740</b>	719	579	472	367	309	220	168	193
<b>HOMENS</b>	<b>325</b>	306	267	173	148	113	88	63	76
<b>MULHERES</b>	<b>415</b>	413	312	299	219	196	132	105	117
<b>CASEB</b>	<b>833</b>	665	550	411	339	260	212	139	125
<b>HOMENS</b>	<b>371</b>	305	242	166	126	107	80	44	46
<b>MULHERES</b>	<b>462</b>	360	308	245	213	153	132	95	79
<b>PONTO CENTRAL</b>	<b>529</b>	498	435	377	290	250	208	162	198
<b>HOMENS</b>	<b>234</b>	217	196	167	119	87	68	61	57
<b>MULHERES</b>	<b>295</b>	281	239	210	171	163	140	101	141
<b>LAGOA GRANDE</b>	<b>873</b>	624	439	345	267	185	127	77	71
<b>HOMENS</b>	<b>397</b>	288	188	148	112	78	42	31	18
<b>MULHERES</b>	<b>476</b>	336	251	197	155	107	85	46	53
<b>PARQUE GETÚLIO VARGAS</b>	<b>252</b>	200	175	122	109	94	65	48	51
<b>HOMENS</b>	<b>117</b>	96	77	51	43	40	32	14	17
<b>MULHERES</b>	<b>135</b>	104	98	71	66	54	33	34	34
<b>CAPUCHINHOS</b>	<b>262</b>	254	199	172	169	138	111	75	112
<b>HOMENS</b>	<b>112</b>	98	93	78	61	56	34	33	40
<b>MULHERES</b>	<b>150</b>	156	106	94	108	82	77	42	72
<b>SANTA MÔNICA</b>	<b>880</b>	759	670	549	455	364	233	155	181
<b>HOMENS</b>	<b>377</b>	359	300	244	215	168	110	59	61
<b>MULHERES</b>	<b>503</b>	400	370	305	240	196	123	96	120
<b>BRASÍLIA</b>	<b>1.578</b>	1.404	1.170	1.013	793	607	454	299	335
<b>HOMENS</b>	<b>727</b>	614	508	446	320	228	185	117	101
<b>MULHERES</b>	<b>851</b>	790	662	567	473	379	269	182	234
<b>TOMBA</b>	<b>4.079</b>	3.282	2.556	1.790	1.220	892	557	393	520
<b>HOMENS</b>	<b>1.886</b>	1.479	1.192	814	539	406	203	144	168
<b>MULHERES</b>	<b>2.193</b>	1.803	1.364	976	681	486	354	249	352

FONTE: IBGE

NOTA: (1) Compreende o subdistrito de Santo Antonio composto por 09 bairros (Campo do Gado Velho, caseb, Ponto Central, Lagoa Grande, Parque Getúlio Vargas, Capuchinhos, Santa Mônica, Brasília, Tomba)

NOTA: (2) Compreende apenas o bairro da Santo Antonio NOTA: (3) Atual Bairro São João

**ANEXO H - POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO SUBAÉ POR BAIRROS, SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(continua...)

SUBDISTRITOS, BAIRROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	Total	FAIXA ETÁRIA							
		0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos
<b>SUBAÉSUBDISTRITO <sup>(1)</sup></b>	<b>81.143</b>	6.780	7.334	7.980	7.714	8.109	8.313	7.717	6.580
HOMENS	<b>39.490</b>	3.442	3.713	4.079	3.840	3.965	4.049	3.722	3.122
MULHERES	<b>41.653</b>	3.338	3.621	3.901	3.874	4.144	4.264	3.995	3.458
<b>BAIRROS</b>									
<b>SANTA MÔNICA</b>	<b>11.617</b>	718	730	832	921	1.056	1.157	1.068	889
HOMENS	<b>5.380</b>	361	357	429	439	491	554	469	387
MULHERES	<b>6.237</b>	357	373	403	482	565	603	599	502
<b>TOMBA</b>	<b>55.007</b>	4.228	4.647	5.062	4.815	5.393	5.785	5.245	4.543
HOMENS	<b>26.316</b>	2.183	2.373	2.585	2.323	2.603	2.762	2.493	2.163
MULHERES	<b>28.691</b>	2.045	2.274	2.477	2.492	2.790	3.023	2.752	2.380
<b>SIM</b>	<b>2.700</b>	223	203	237	264	264	231	251	215
HOMENS	<b>1.320</b>	106	100	124	154	131	112	99	98
MULHERES	<b>1.380</b>	117	103	113	110	133	119	152	117
<b>LAGOA SALGADA</b>	<b>5.624</b>	466	500	513	490	514	565	585	489
HOMENS	<b>2.726</b>	242	248	279	236	229	263	284	217
MULHERES	<b>2.898</b>	224	252	234	254	285	302	301	272
<b>35° BI</b>	<b>5.746</b>	487	451	471	548	587	545	629	511
HOMENS	<b>2.777</b>	230	245	229	264	280	270	276	251
MULHERES	<b>2.969</b>	257	206	242	284	307	275	353	260
<b>CIS</b>	<b>7.887</b>	694	806	963	896	806	705	680	583
HOMENS	<b>3.925</b>	357	417	485	477	422	359	320	271
MULHERES	<b>3.962</b>	337	389	478	419	384	346	360	312
<b>AVIÁRIO</b>	<b>11.912</b>	1.083	1.140	1.193	1.096	1.308	1.382	1.154	889
HOMENS	<b>5.849</b>	518	543	598	528	673	716	617	439
MULHERES	<b>6.063</b>	565	597	595	568	635	666	537	460
<b>LIMOEIRO</b>	<b>3.393</b>	293	300	273	354	362	369	285	247
HOMENS	<b>1.685</b>	155	163	142	174	161	198	146	120
MULHERES	<b>1.708</b>	138	137	131	180	201	171	139	127
<b>SUBAÉ</b>	<b>3.677</b>	347	382	383	361	363	381	390	262
HOMENS	<b>1.827</b>	196	187	203	175	191	182	191	129
MULHERES	<b>1.850</b>	151	195	180	186	172	199	199	133
<b>SUBAÉ</b>	<b>1.610</b>	118	144	148	159	152	184	135	119
HOMENS	<b>776</b>	63	68	78	80	70	78	74	50
MULHERES	<b>834</b>	55	76	70	79	82	106	61	69

**POPULAÇÃO RESIDENTE DO SUBDISTRITO SUBAÉ POR BAIRROS, SEXO E FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(conclusão)

SUBDISTRITOS, BAIRROS E SEXO	POPULAÇÃO RESIDENTE								
	FAIXA ETÁRIA								
	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	75 a 79 anos	80 ou mais
<b>SUBAÉ</b> <sup>(1)</sup>	<b>5.871</b>	4.486	3.389	2.265	1.610	1.136	737	529	593
HOMENS	<b>2.759</b>	2.122	1.623	1.074	715	523	319	208	215
MULHERES	<b>3.112</b>	2.364	1.766	1.191	895	613	418	321	378
<b>BAIRROS</b>									
<b>SANTA MÔNICA</b>	<b>880</b>	759	670	549	455	364	233	155	181
HOMENS	<b>377</b>	359	300	244	215	168	110	59	61
MULHERES	<b>503</b>	400	370	305	240	196	123	96	120
<b>TOMBA</b>	<b>4.079</b>	3.282	2.556	1.790	1.220	892	557	393	520
HOMENS	<b>1.886</b>	1.479	1.192	814	539	406	203	144	168
MULHERES	<b>2.193</b>	1.803	1.364	976	681	486	354	249	352
<b>SIM</b>	<b>177</b>	183	159	103	66	46	31	22	25
HOMENS	<b>81</b>	100	75	55	28	22	18	7	10
MULHERES	<b>96</b>	83	84	48	38	24	13	15	15
<b>LAGOA SALGADA</b>	<b>446</b>	292	229	162	127	88	54	51	53
HOMENS	<b>217</b>	148	116	83	63	35	25	22	19
MULHERES	<b>229</b>	144	113	79	64	53	29	29	34
<b>35° BI</b>	<b>406</b>	308	257	170	127	109	65	39	36
HOMENS	<b>200</b>	157	127	77	59	48	33	18	13
MULHERES	<b>206</b>	151	130	93	68	61	32	21	23
<b>CIS</b>	<b>590</b>	432	277	146	111	87	41	34	36
HOMENS	<b>266</b>	204	135	67	54	41	20	13	17
MULHERES	<b>324</b>	228	142	79	57	46	21	21	19
<b>AVIÁRIO</b>	<b>717</b>	543	439	323	224	154	112	69	76
HOMENS	<b>340</b>	244	221	135	97	77	49	24	30
MULHERES	<b>377</b>	299	218	188	127	77	63	45	46
<b>LIMOEIRO</b>	<b>220</b>	198	146	114	82	51	46	25	28
HOMENS	<b>97</b>	93	74	62	37	20	21	12	10
MULHERES	<b>123</b>	105	72	52	45	31	25	13	18
<b>SUBAÉ</b>	<b>219</b>	182	125	90	72	46	27	24	23
HOMENS	<b>108</b>	91	54	38	28	24	6	11	13
MULHERES	<b>111</b>	91	71	52	44	22	21	13	10
<b>SUBAÉ</b>	<b>101</b>	83	68	51	38	34	26	22	28
HOMENS	<b>48</b>	41	27	33	13	15	17	8	13
MULHERES	<b>53</b>	42	41	18	25	19	9	14	15

FONTE: IBGE

NOTA: <sup>(1)</sup> Compreende o subdistrito de Santo Antonio composto por 10 bairros (Santa Mônica, Tomba, SIM, Lagoa Salgada, 35° BI, Cis, Aviário, Limoeiro, Subaé, Zona Rural)

NOTA: <sup>(2)</sup> Compreende apenas o bairro da Subaé

**ANEXO I - POPULAÇÃO, ÁREA, DENSIDADE DEMOGRÁFICA E TAXA DE  
CRESCIMENTO ANUAL POR BAIRROS NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA,  
BAHIA 2000 / 2010**

BAIRROS	ÁREA (M <sup>2</sup> )	POPULAÇÃO				TAXA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL 2000/2010
		TOTAL	2000	TOTAL	2010	
			DENSIDADE DEMOGRÁFICA (HAB/M <sup>2</sup> )		DENSIDADE DEMOGRÁFICA (HAB/M <sup>2</sup> )	
AEROPORTO	5.600	3.280	0,59	648	0,12	-8,0
ASA BRANCA	4.701	3.984	0,8	5.354	1,14	3,4
AVIÁRIO	7.588	8.030	1,1	11.912	1,57	4,8
BARAÚNAS	1.327	7.125	5,4	8.093	6,10	1,4
BRASÍLIA	3.185	20.122	6,3	21.168	6,65	0,5
CALUMBI	1.579	15.175	9,6	19.858	12,58	3,1
CAMPO DO GADO VELHO	1.444	11.198	7,8	10.239	7,09	-0,9
CAMPO DO GADO NOVO	2.034	2.394	1,2	2.471	1,21	0,3
CAMPO LIMPO	8.012	40.564	5,1	47.060	5,87	1,6
CAPUCHINHOS	628	3.594	5,7	3.216	5,12	-1,1
CASEB	842	11.062	131,4	10.982	13,05	-0,1
CENTRO	2.997	12.905	43,1	8.360	2,79	-3,5
CHÁCARA SÃO COSME	241	4.408	182,6	4.330	17,94	-0,2
CIDADE NOVA	1.488	9.189	61,7	9.974	6,70	0,9
CIS	14.429	7.264	5,0	7.887	0,55	0,9
CONCEIÇÃO	7.559	13.409	17,7	21.694	2,87	6,2
CRUZEIRO	354	2.898	81,8	3.104	8,76	0,7
GABRIELA	7.276	13.569	18,6	17.618	2,42	3,0
JARDIM ACÁCIA	866	5.805	67,1	9.009	10,41	5,5
JARDIM CRUZEIRO	1.386	14.864	107,3	14.694	10,60	-0,1
LAGOA GRANDE	1.187	9.538	80,4	12.229	10,31	2,8
LAGOA SALGADA	6.997	2.859	4,1	5.624	0,80	9,7
LIMOEIRO	3.522	2.853	8,1	3.393	0,96	1,9
MANGABEIRA	8.606	14.262	16,6	20.819	2,42	4,6
MUCHILA	2.327	20.971	90,1	22.496	9,67	0,7
NOVA ESPERANÇA	5.738	1.416	2,5	1.797	0,31	2,7
NOVO HORIZONTE	2.827	3.211	11,4	3.333	1,18	0,4
OLHOS D'ÁGUA	537	5.109	95,2	3.807	7,09	-2,5
PAMPALONA	888	4.967	55,9	6.002	6,76	2,1
PAPAGAIO	8.824	3.788	4,3	6.657	0,75	7,6
PARQUE GETÚLIO VARGAS	462	2.791	60,4	3.023	6,55	0,8
PARQUE IPÊ	2.545	12.527	49,2	16.469	6,47	3,1
PEDRA DO DESCANÇO	2.001	5.226	26,1	11.156	5,57	11,3
PONTO CENTRAL	827	6.570	79,5	7.221	8,74	1,0
QUEIMADINHA	2.065	17.524	84,9	19.203	9,30	1,0
RUA NOVA	695	13.995	201,4	13.078	18,82	-0,7
SANTA MÔNICA	2.910	10.339	35,5	11.617	3,99	1,2
SERRARIA BRASIL	904	9.101	100,7	8.368	9,25	-0,8
SIM	3.074	1.974	6,4	2.700	0,88	3,7
SOBRADINHO	687	4.331	63,1	4.579	6,67	0,6
STO°. ANT°. DOS PRAZERES	5.061	4.179	8,3	5.566	1,10	3,3
SUBAÉ	8.471	2.374	2,8	3.677	0,43	5,5
TOMBA	6.939	45.034	64,9	55.007	7,93	2,2
35 BI	3.169	4.051	12,8	5.746	1,81	4,2

FONTE: PMFS / IBGE

Divisão do distrito-sede por bairros - Lei Complementar Nº 18 de 08 de Julho de 2004

## ANEXO J - ESTATÍSTICAS POPULACIONAIS

CRESCIMENTO ABSOLUTO E RELATIVO DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL  
RESIDENTE NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA 1940 – 2010

ANOS	POPULAÇÃO RESIDENTE					
	TOTAL	(%) <sup>(1)</sup>	URBANA	(%) <sup>(1)</sup>	RURAL	(%) <sup>(1)</sup>
1940	<b>83.268</b>	-	19.660	-	63.608	-
1950	<b>107.205</b>	28,75	34.227	74,35	72.928	14,65
1960	<b>141.757</b>	32,23	69.884	103,88	71.873	-1,44
1970	<b>187.290</b>	32,12	131.720	88,48	71.873	-22,68
1980	<b>291.504</b>	55,65	233.905	88,48	57.599	3,65
1991	<b>406.447</b>	39,43	348.973	49,20	56.875	-1,26
2000	<b>480.949</b>	18,33	431.730	23,71	49.219	-13,46
2010	<b>556.642</b>	15,74	510.637	18,28	46.007	-6,53

FONTE: IBGE - CENSOS DEMOGRÁFICOS.

(1) Variação percentual com o período imediatamente anterior.

CRESCIMENTO ABSOLUTO E RELATIVO DA POPULAÇÃO RESIDENTE, POR  
SEXO NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA 1960 – 2010

ANOS	POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO				
	TOTAL	HOMENS	(%)	MULHERES	(%)
1960	<b>139.747</b>	67.902	48,59	71.845	51,41
1970	<b>187.290</b>	89.040	47,54	98.259	52,46
1980	<b>291.504</b>	139.628	47,90	151.876	52,10
1991	<b>406.447</b>	193.895	47,71	212.552	52,29
2000	<b>480.949</b>	229.656	47,75	251.293	52,25
2010	<b>556.642</b>	263.999	47,43	292.643	52,57

FONTE: IBGE - CENSOS DEMOGRÁFICOS.

**ANEXO K - POPULAÇÃO RESIDENTE POR FAIXA ETÁRIA E SEXO SEGUNDO OS DISTRITOS NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA - 2010**

(continua...)

MUNICÍPIOS E DISTRITOS	TOTAL	FAIXA ETÁRIA				
		0 A 4 ANOS	5 A 9 ANOS	10 A 14 ANOS	15 A 19 ANOS	20 A 24 ANOS
<b>FEIRA DE SANTANA <sup>(1)</sup></b>	<b>499.672</b>	36.558	39.468	42.995	44.274	49.276
HOMENS	<b>236.144</b>	18.505	20.189	21.741	21.807	23.468
MULHERES	<b>263.528</b>	18.053	19.279	21.254	22.467	25.808

(continua...)

MUNICÍPIOS E DISTRITOS	FAIXA ETÁRIA					
	25 A 29 ANOS	30 A 34 ANOS	35 A 39 ANOS	40 A 44 ANOS	45 A 49 ANOS	50 A 54 ANOS
<b>FEIRA DE SANTANA <sup>(1)</sup></b>	<b>52.259</b>	46.769	39.556	35.203	29.536	23.899
HOMENS	<b>24.889</b>	22.062	18.422	16.011	13.498	10.878
MULHERES	<b>27.370</b>	24.707	21.134	10.192	16.038	13.021

(conclusão)

MUNICÍPIOS E DISTRITOS	FAIXA ETÁRIA					
	55 A 59 ANOS	60 A 64 ANOS	65 A 69 ANOS	70 A 74 ANOS	75 A 79 ANOS	80 ANOS OU MAIS
<b>FEIRA DE SANTANA <sup>(1)</sup></b>	<b>17.870</b>	13.615	10.194	7.316	5.019	5.865
HOMENS	<b>7.876</b>	5.818	4.210	2.914	1.881	1.975
MULHERES	<b>9.994</b>	7.797	5.984	4.402	3.138	3.890

FONTE: IBGE - CENSOS DEMOGRÁFICOS

(1) Distrito-sede

**ANEXO L - POPULAÇÃO RESIDENTE, POR DESLOCAMENTO PARA TRABALHO OU ESTUDO NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2000**

DESLOCAMENTO PARA TRABALHO OU ESTUDO	TOTAL	FAIXA ETÁRIA			
		0 A 14 ANOS	15 A 24 ANOS	25 A 64 ANOS	65 ANOS OU MAIS
TRABALHAVAM OU ESTUDAVAM NO MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA	<b>326.274</b>	105.393	85.533	131.991	3.357
NÃO TRABALHAVAM NEM ESTUDAVAM	<b>146.466</b>	39.685	21.682	66.643	18.456
TRABALHAVAM OU ESTUDAVAM EM OUTRO MUNICÍPIO DA UNIDADE DA FEDERAÇÃO	<b>7.229</b>	470	1.629	4.992	138
TRABALHAVAM OU ESTUDAVAM EM OUTRA UNIDADE DA FEDERAÇÃO	<b>902</b>	5	367	530	-
TRABALHAVAM OU ESTUDAVAM EM PAÍS ESTRANGEIRO	<b>39</b>	-	39	-	-

**FONTE: IBGE - CENSO DEMOGRÁFICO 2000**

**ANEXO M - POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO, COR E RAÇA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA 1980 - 2010**

ANOS	TOTAL GERAL	BRANCA			PRETA		
		TOTAL	H	M	TOTAL	H	M
1980	<b>499.672</b>	54.129	24.778	29.351	49.201	23.901	25.300
1991	<b>236.144</b>	71.860	32.798	39.062	57.261	28.280	28.981
2000	<b>263.528</b>	112.302	52.466	59.836	75.168	37.422	37.746
2010	<b>556.642</b>	110.870	51.573	59.297	128.440	63.130	65.310

ANOS	TOTAL GERAL	AMARELA			PARDA		
		TOTAL	H	M	TOTAL	H	M
1980	<b>291.504</b>	147	48	99	185.634	89.791	95.843
1991	<b>406.446</b>	359	179	180	275.212	131.703	143.509
2000	<b>480.948</b>	467	175	292	288.739	137.706	151.033
2010	<b>556.642</b>	5.358	2.330	3.028	310.851	146.468	164.383

ANOS	TOTAL GERAL	SEM DECLARAÇÃO			INDÍGENA		
		TOTAL	H	M	TOTAL	H	M
1980	<b>291.504</b>	2.393	1.137	1.256	-	-	-
1991	<b>406.446</b>	1.376	685	691	378	250	128
2000	<b>480.948</b>	2.121	991	1.130	2.151	896	1.255
2010	<b>556.642</b>	5	2	3	1.118	496	622

FONTE: IBGE - CENSOS DEMOGRÁFICOS

**ANEXO N - EMIGRANTES INTERNACIONAIS, POR SEXO, SEGUNDO OS PAÍSES  
ESTRANGEIROS DE DESTINO NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(continua...)

PAÍSES ESTRANGEIROS DE DESTINO	EMIGRANTES (PESSOAS)
<b>TOTAL</b>	
<b>ÁFRICA</b>	<b>49</b>
HOMENS	34
MULHERES	15
ÁFRICA DO SUL	9
HOMENS	5
MULHERES	4
ANGOLA	30
HOMENS	22
MULHERES	8
OUTROS PAÍSES DA ÁFRICA	10
HOMENS	7
MULHERES	3
<b>AMÉRICA CENTRAL</b>	<b>8</b>
HOMENS	4
MULHERES	4
<b>AMÉRICA DO NORTE</b>	<b>169</b>
HOMENS	51
MULHERES	118
CANADÁ	16
HOMENS	7
MULHERES	9
ESTADOS UNIDOS	151
HOMENS	44
MULHERES	107
MÉXICO	2
HOMENS	-
MULHERES	2
<b>AMÉRICA DO SUL</b>	<b>70</b>
HOMENS	29
MULHERES	41

**EMIGRANTES INTERNACIONAIS, POR SEXO, SEGUNDO OS PAÍSES ESTRANGEIROS DE DESTINO NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(continua...)

<b>PAÍSES ESTRANGEIROS DE DESTINO</b>	<b>EMIGRANTES (PESSOAS)</b>
<b>ARGENTINA</b>	<b>28</b>
HOMENS	15
MULHERES	13
<b>BOLÍVIA</b>	<b>23</b>
HOMENS	8
MULHERES	15
<b>CHILE</b>	<b>6</b>
HOMENS	1
MULHERES	5
<b>PARAGUAI</b>	<b>8</b>
HOMENS	2
MULHERES	6
<b>VENEZUELA</b>	<b>2</b>
HOMENS	2
MULHERES	-
<b>OUTROS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL</b>	<b>3</b>
HOMENS	1
MULHERES	2
<b>ÁSIA</b>	<b>31</b>
HOMENS	17
MULHERES	14
<b>CHINA</b>	<b>1</b>
HOMENS	-
MULHERES	1
<b>JAPÃO</b>	<b>27</b>
HOMENS	16
MULHERES	11
<b>OUTROS PAÍSES DA ÁSIA</b>	<b>3</b>
HOMENS	1
MULHERES	2

**EMIGRANTES INTERNACIONAIS, POR SEXO, SEGUNDO OS PAÍSES ESTRANGEIROS DE DESTINO NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(continua...)

PAÍSES ESTRANGEIROS DE DESTINO	EMIGRANTES (PESSOAS)
<b>EUROPA</b>	<b>603</b>
HOMENS	159
MULHERES	444
ALEMANHA	53
HOMENS	9
MULHERES	44
ÁUSTRIA	6
HOMENS	1
MULHERES	5
BÉLGICA	1
HOMENS	1
MULHERES	-
ESPANHA	120
HOMENS	28
MULHERES	92
FRANÇA	<b>31</b>
HOMENS	14
MULHERES	17
HOLANDA	4
HOMENS	1
MULHERES	3
IRLANDA	12
HOMENS	5
MULHERES	7
ITÁLIA	199
HOMENS	47
MULHERES	152
NORUEGA	2
HOMENS	1
MULHERES	1

**EMIGRANTES INTERNACIONAIS, POR SEXO, SEGUNDO OS PAÍSES ESTRANGEIROS DE DESTINO NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2010**

(conclusão)

PAÍSES ESTRANGEIROS DE DESTINO	EMIGRANTES (PESSOAS)
PORTUGAL	81
HOMENS	29
MULHERES	52
REINO UNIDO	32
HOMENS	11
MULHERES	21
SUÉCIA	9
HOMENS	2
MULHERES	7
SUÍÇA	44
HOMENS	8
MULHERES	36
OUTROS PAÍSES DA EUROPA	9
HOMENS	2
MULHERES	7
<b>OCEANIA</b>	<b>14</b>
HOMENS	9
MULHERES	5
AUSTRÁLIA	9
HOMENS	7
MULHERES	2
NOVA ZELÂNDIA	5
HOMENS	2
MULHERES	3
SEM DECLARAÇÃO	1
HOMENS	-
MULHERES	1

**FONTE: IBGE - CENSO DEMOGRÁFICO.**

**ANEXO O - POPULAÇÃO RESIDENTE, POR LUGAR DE NASCIMENTO E SEXO NO  
MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA 1970/ 2000**

(continua...)

NATURALIDADE E SEXO	ANOS			
	1970	1980	1991	2000
<b>ACRE</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>-</b>
HOMENS	1	4	9	-
MULHERES	1	-	-	-
<b>AMAZONAS</b>	<b>8</b>	<b>28</b>	<b>33</b>	<b>48</b>
HOMENS	1	12	9	36
MULHERES	7	16	24	12
<b>AMAPÁ</b>	<b>2</b>	<b>9</b>	<b>13</b>	<b>19</b>
HOMENS	1	5	13	9
MULHERES	1	4	-	10
<b>ALAGOAS</b>	<b>505</b>	<b>966</b>	<b>1.250</b>	<b>1.153</b>
HOMENS	245	435	559	569
MULHERES	260	531	691	584
<b>BAHIA</b>	<b>176.334</b>	<b>271.218</b>	<b>379.689</b>	<b>451.937</b>
HOMENS	83.429	129.451	180.600	215.311
MULHERES	92.905	141.767	199.089	236.626
<b>CEARÁ</b>	<b>1.265</b>	<b>1.987</b>	<b>2.797</b>	<b>2.860</b>
HOMENS	659	1.013	1.493	1.250
MULHERES	606	974	1.304	1.610
<b>DISTRITO FEDERAL</b>	<b>16</b>	<b>78</b>	<b>128</b>	<b>201</b>
HOMENS	8	43	87	102
MULHERES	8	35	41	99
<b>ESPÍRITO SANTO</b>	<b>27</b>	<b>130</b>	<b>354</b>	<b>184</b>
HOMENS	14	73	178	98
MULHERES	13	57	176	86
<b>FERNANDO DE NORONHA</b>	<b>4</b>	<b>14</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
HOMENS	2	14	-	-
MULHERES	2	-	-	-
<b>GOIÁS</b>	<b>41</b>	<b>145</b>	<b>161</b>	<b>380</b>
HOMENS	23	87	94	208
MULHERES	18	58	67	172

**POPULAÇÃO RESIDENTE, POR LUGAR DE NASCIMENTO E SEXO NO MUNICÍPIO DE  
FEIRA DE SANTANA, BAHIA 1970/ 2000**

(continua...)

NATURALIDADE E SEXO	ANOS			
	1970	1980	1991	2000
<b>MATO GROSSO</b>	<b>35</b>	<b>95</b>	<b>23</b>	<b>51</b>
HOMENS	13	42	14	16
MULHERES	22	53	9	35
<b>MATO G. DO SUL</b>	<b>-</b>	<b>23</b>	<b>25</b>	<b>83</b>
HOMENS	-	4	25	31
MULHERES	-	19	-	52
<b>MINAS GERAIS</b>	<b>424</b>	<b>959</b>	<b>1.060</b>	<b>1.307</b>
HOMENS	172	427	490	647
MULHERES	252	532	570	660
<b>MARANHÃO</b>	<b>70</b>	<b>173</b>	<b>486</b>	<b>536</b>
HOMENS	33	82	253	193
MULHERES	37	91	233	343
<b>PERNAMBUCO</b>	<b>3.621</b>	<b>5.988</b>	<b>7.465</b>	<b>7.645</b>
HOMENS	1.886	3.109	3.571	3.697
MULHERES	1.735	2.879	3.894	3.948
<b>PARANÁ</b>	<b>80</b>	<b>221</b>	<b>192</b>	<b>336</b>
HOMENS	40	104	96	180
MULHERES	40	117	96	156
<b>PARÁ</b>	<b>25</b>	<b>65</b>	<b>279</b>	<b>194</b>
HOMENS	9	31	111	51
MULHERES	16	34	168	143
<b>PIAUI</b>	<b>104</b>	<b>308</b>	<b>759</b>	<b>783</b>
HOMENS	54	132	410	328
MULHERES	50	176	349	455
<b>PARAÍBA</b>	<b>1.913</b>	<b>2.648</b>	<b>3.014</b>	<b>2.624</b>
HOMENS	1.015	1.359	1.499	1167
MULHERES	898	1.289	1.515	1457
<b>SÃO PAULO</b>	<b>420</b>	<b>1.711</b>	<b>3.587</b>	<b>4.867</b>
HOMENS	206	818	1.686	2742
MULHERES	214	893	1.901	2125
<b>SERGIPE</b>	<b>1.558</b>	<b>2.261</b>	<b>2.546</b>	<b>2.706</b>
HOMENS	768	1.105	1.241	1.349
MULHERES	790	1.146	1.305	1357

**POPULAÇÃO RESIDENTE, POR LUGAR DE NASCIMENTO E SEXO NO MUNICÍPIO DE  
FEIRA DE SANTANA, BAHIA 1970/ 2000**

(conclusão)

NATURALIDADE E SEXO	ANOS			
	1970	1980	1991	2000
<b>SANTA CATARINA</b>	<b>7</b>	<b>51</b>	<b>55</b>	<b>129</b>
HOMENS	6	34	31	69
MULHERES	1	17	24	60
<b>RORAIMA</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	-	-
HOMENS	-	4	-	-
MULHERES	3	-	-	-
<b>RIO G. DO NORTE</b>	<b>291</b>	<b>707</b>	<b>565</b>	<b>872</b>
HOMENS	156	355	321	437
MULHERES	135	352	244	435
<b>RIO DE JANEIRO</b>	<b>251</b>	<b>724</b>	<b>999</b>	<b>1.293</b>
HOMENS	127	361	610	711
MULHERES	124	363	389	582
<b>RONDÔNIA</b>	-	<b>8</b>	<b>14</b>	<b>10</b>
HOMENS	-	4	14	10
MULHERES	-	4	-	-
<b>RIO G. DO SUL</b>	<b>92</b>	<b>260</b>	<b>273</b>	<b>397</b>
HOMENS	42	148	112	261
MULHERES	50	112	161	136
<b>TOCANTINS</b>	-	-	<b>0</b>	<b>60</b>
HOMENS	-	-	-	32
MULHERES	-	-	-	28
<b>SEM ESPECIFICAÇÃO</b>	-	<b>396</b>	<b>523</b>	-
HOMENS	-	245	256	-
MULHERES	-	151	267	-
<b>BRASILEIROS NATURALIZADOS</b>	-	-	<b>26</b>	-
HOMENS	-	-	20	-
MULHERES	-	-	6	-
<b>ESTRANGEIROS</b>	-	-	<b>123</b>	<b>274</b>
HOMENS	-	-	94	151
MULHERES	-	-	29	123

**FONTE: IBGE - CENSOS DEMOGRÁFICOS.**

**ANEXO P - POPULAÇÃO RESIDENTE ALFABETIZADA E NÃO ALFABETIZADA,  
SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2000**

FAIXA ETÁRIA	ANOS		
	ALFABETIZADA	NÃO ALFABETIZADA	TOTAL
<b>TOTAL</b>	<b>365.737</b>	<b>120.212</b>	<b>485.949</b>
MENOS DE 1 ANO	-	<b>9.431</b>	<b>9.431</b>
1 A 4	-	37.519	37.519
5 A 9	<b>25.059</b>	<b>22.494</b>	<b>47.553</b>
10 A 14	46.332	4.484	50.816
15 A 19	59.111	3.189	62.300
20 A 29	88.148	6.767	94.915
30 A 39	64.522	7.194	71.716
40 A 49	41.417	7.431	48.848
50 A 59	22.482	7.908	30.390
60 A 69	11.474	6.795	18.269
70 A 79	5.320	4.440	9.760
80 E MAIS	1.872	2.560	4.432

**FONTE: IBGE - CENSO DEMOGRÁFICO**

NOTA: Os dados referentes ao Censo Demográfico 2010 até Agosto de 2012 não estavam disponíveis.

**POPULAÇÃO RESIDENTE POR LOCALIZAÇÃO ALFABETIZADA E NÃO  
ALFABETIZADA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2000**

POPULAÇÃO	ALFABETIZADA		NÃO ALFABETIZADA	
	ABSOLUTA	(%)	ABSOLUTA	(%)
<b>TOTAL</b>	<b>365.737</b>	<b>100</b>	<b>120.212</b>	<b>100</b>
URBANA	337.884	92,38	<b>98.846</b>	<b>82,33</b>
RURAL	<b>27.853</b>	<b>7,62</b>	21.366	17,77

**FONTE: IBGE - CENSO DEMOGRÁFICO**

NOTA: Os dados referentes ao Censo Demográfico 2010 até Agosto de 2012 não estavam disponíveis.

**ANEXO Q - MATRÍCULA INICIAL POR SÉRIE NO ENSINO DO PRÉ - ESCOLAR, ENSINO FUNDAMENTAL, ENSINO MÉDIO, EDUCAÇÃO ESPECIAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SEGUNDO A DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA – 2006**

DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	PRÉ-ESCOLAR	ENSINO FUNDAMENTAL 1ª A 4ª SÉRIE	ENSINO FUNDAMENTAL 5ª A 8ª SÉRIE	ENSINO MÉDIO	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL (NÍVEL TÉCNICO)
TOTAL	14.043	48.025	40.412	21.827	2.776
ESTADUAL	104	6.860	27.475	18.729	1.833
MUNICIPAL	7.063	25.096	6.129	-	-
PRIVADA	6.876	14.069	6.808	3.098	943

DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (PRESENCIAL) FUNDAMENTAL	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (PRESENCIAL) MÉDIO	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (SEMI- PRESENCIAL) FUNDAMENTAL	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (SEMI- PRESENCIAL) MÉDIO	Educação especial (alunos de escolas especiais, classes especiais e incluídos)
TOTAL	14.234	8.198	90	-	1.234
ESTADUAL	8.091	8.198	-	-	147
MUNICIPAL	6.143	-	90	-	623
PRIVADA	-	-	-	-	464

FONTE: MEC/ INEP

**MATRÍCULAS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS, POR SEXO, TURNO E CATEGORIA ADMINISTRATIVA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA 2004 – 2010**

CATEGORIA ADMINISTRATIVA SEXO E TURNO	ANOS						
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
<b>ESTADUAL</b>	6.003	6.754	7.080	7.320	7.039	6.502	6.729
<b>SEXO</b>							
MASCULINO	2.769	3.232	3.193	4.043	4.036	3.646	3.912
FEMININO	3.214	3.522	3.887	3.277	3.003	2.856	2.817
<b>TURNO</b>							
DIURNO	4.542	4.977	5.279	5.516	5.429	...	5.164
NOTURNO	1.641	1.777	1.801	1804	1.610	...	1.565
<b>PARTICULAR</b>	3.524	4.327	5.396	6.937	7.715	8.849	10.123
<b>SEXO</b>							
MASCULINO	1.599	1.811	2.259	4.297	4.917	5.622	6.548
FEMININO	1.925	2.516	3.137	2.640	2.798	3.227	3.575
<b>TURNO</b>							
DIURNO	347	949	1.412	2.131	2.673	...	3.495
NOTURNO	3.177	3.378	3.984	4.806	5.042	...	6.628

FONTE: MEC/ INEP

**CONCLUINTEES DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS, POR SEXO, TURNO E CATEGORIA ADMINISTRATIVA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA 2004 – 2010**

CATEGORIA ADMINISTRATIVA SEXO E TURNO	ANOS						
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
<b>ESTADUAL</b>	1.022	962	1.086	1.619	1.707	481	289
<b>SEXO</b>							
MASCULINO	370	350	363	1.151	1.292	248	198
FEMININO	652	612	723	468	415	233	91
<b>TURNO</b>							
DIURNO	743	743	830	1.183	1.364	...	279
NOTURNO	279	219	256	436	343	...	10
<b>PARTICULAR</b>	71	666	835	666	575	2.306	1.020
<b>SEXO</b>							
MASCULINO	16	274	425	396	382	1.507	730
FEMININO	55	392	410	270	193	799	290
<b>TURNO</b>							
DIURNO	15	34	23	28	217	...	526
NOTURNO	56	632	812	638	358	...	494

FONTE: MEC/ INEP.

**INDICADORES EDUCACIONAIS DE COBERTURA E PRODUTIVIDADE NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA 2006 - 2010**

ANO	ENSINO FUNDAMENTAL			ENSINO MÉDIO		
	APROVAÇÃO	REPROVAÇÃO	ABANDONO	APROVAÇÃO	REPROVAÇÃO	ABANDONO
2006	70,9	20,6	8,5	64	13,9	22,1
2007	68,9	21,3	9,8	61,4	17,8	20,8
2008	70,5	21,8	7,7	62,6	18,9	18,5
2009	72,7	20,8	6,5	66,2	18,2	15,6
2010	75,8	18,7	5,5	66,9	18,9	14,2

FONTE: MEC/ INEP